

BRASILIANA

5.ª SERIE DA

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SOB A DIRECÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

VOLUMES PUBLICADOS:

- 1 — Baptista Pereira: *Figuras do Imperio e outros ensaios* — 2.ª edição.
- 2 — Pandiá Calogeras: *O Marquez de Barbacena* — 2.ª edição.
- 3 — Alcides Gentil: *As Idéas de Alberto Torres* (synthese com indice remissivo).
- 4 — Oliveira Vianna: *Raça e Assimilação* — 3.ª edição (augmentada).
- 5 — Augusto de Saint-Hilaire: *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a S. Paulo (1822)* — Trad. e pref. de Affonso de E. Taunay.
- 6 — Baptista Pereira: *Vultos e episodios do Brasil*.
- 7 — Baptista Pereira: *Directrizes de Ruy Barbosa* — (segundo textos recolhidos).
- 8 — Oliveira Vianna: *Populações Meridionaes do Brasil* — 3.ª edição.
- 9 — Nina Rodrigues: *Os Africanos no Brasil* — (Revisão e prefacio de Homero Pires). Profusamente illustrado — 2.ª edição.
- 10 — Oliveira Vianna: *Evolução do Povo Brasileiro* — 2.ª edição (illustrada).
- 11 — Luiz da Camara Cascudo: *O Conde d'Eu* — Vol. illustrado.
- 12 — Wanderley Pinho: *Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe* — Vol. illustrado.
- 13 — Vicente Licínio Cardoso: *A' margem da Historia do Brasil*.
- 14 — Pedro Calmon: *Historia da Civilização Brasileira* — 2.ª edição.
- 15 — Pandiá Calogeras: *Da Regencia á queda de Rozas* — 3.º volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").
- 16 — Alberto Torres: *A Organização Nacional*.
- 17 — Alberto Torres: *O Problema Nacional Brasileiro*.
- 18 — Visconde de Taunay: *Pedro II*.
- 19 — Affonso de E. Taunay: *Visitantes do Brasil Colonial* (Sec. XVI-XVIII).
- 20 — Alberto de Faria: *Mauá* (com tres illustrações fóra do texto).
- 21 — Baptista Pereira: *Pelo Brasil Maior*.
- 22 — E. Roquette-Pinto: *Ensaio de Anthropologia Brasileira*.
- 23 — Evaristo de Moraes: *A escravidão africana no Brasil*.
- 24 — Pandiá Calogeras: *Problemas de Administração*.
- 25 — Mario Marroquim: *A lingua do Nordeste*.
- 26 — Alberto Rangel: *Rumos e Perspectivas*.
- 27 — Alfredo Ellis Junior: *Populações Paulistas*.
- 28 — General Couto de Magalhães: *Viagem ao Araguaya* — 3.ª edição.
- 29 — Josué de Castro: *O problema da alimentação no Brasil* — Prefacio do prof. Pedro Escudero.
- 30 — Cap. Frederico A. Rondon: *Pelo Brasil Central* — Ed. illustrada.
- 31 — Azevedo Amaral: *O Brasil na crise actual*.
- 32 — C. de Mello-Leitão: *Visitantes do Primeiro Imperio* — Ed. illustrada (com 19 figuras).
- 33 — J. de Sampaio Ferraz: *Meteorologia Brasileira*.
- 34 — Angyone Costa: *Introdução á Archologia Brasileira* — Ed. illustrada.
- 35 — A. J. Sampaio: *Phytogeographia do Brasil* — Ed. illustrada.
- 36 — Alfredo Ellis Junior: *O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano* — 2.ª edição.
- 37 — J. F. de Almeida Prado: *Primeiros Povoadores do Brasil* — (Ed. illustrada).
- 38 — Ruy Barbosa: *Mocidade e Exilio* (Cartas ineditas. Prefaciadas e annotadas por Americo Jacobina Lacombe) — Ed. illustrada.
- 39 — E. Roquette-Pinto: *Rondonia* — 3.ª edição (augmentada e illustrada).
- 40 — Pedro Calmon: *Espirito da Sociedade Colonial* — Ed. illustrada (com 13 gravuras).
- 41 — José-Maria Bello: *A intelligência do Brasil*.

- 42 — Pandiá Calogeras: **Formação Histórica do Brasil** — 2.^a edição (com 3 mappas fóra do texto).
- 43 — A. Sabola Lima: **Alberto Torres e sua obra.**
- 44 — Estevão Pinto: **Os indigenas do Nordeste** (com 15 gravuras e mappas) — 1.^o volume.
- 45 — Basilio de Magalhães: **Expansão Geographica do Brasil Colonial.**
- 46 — Renatto Mendonça: **A influencia africana no portuguez do Brasil** — Ed. illustrada.
- 47 — Mandel Bomfim: **O Brasil** — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.
- 48 — Urbino Vianna: **Bandeiras e sertanistas bahianos.**
- 49 — Gustavo Barroso: **Historia Militar do Brasil** — Ed. illustrada (com 50 gravuras e mappas).
- 50 — Mario Travassos: **Projecção Continental do Brasil** — Prefacio de Pandiá Calogeras — 2.^a edição ampliada.
- 51 — Octavio de Freitas: **Doenças africanas no Brasil.**
- 52 — General Couto de Magalhães: **O selvagem** — 3.^a edição completa, com parte original Tupy-guarany.
- 53 — A. J. de Sampaio: **Biogeographia dinamica.**
- 54 — Antonio Gontijo de Carvalho — **Calogeras.**
- 55 — Hildebrando Accioly: **O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.**
- 56 — Charles Expilly: **Mulheres e Costumes do Brasil** — Traducção, prefacio e notas de Gastão Penalva.
- 57 — Plausino Rodrigues Valle: **Elementos do Folk-lore musical Brasileiro.**
- 58 — Augusto de Saint-Hilaire: **Viagem á Provincia de Santa Catharina (1820)** — Traducção de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — Alfredo Ellis Junior: **Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.**
- 60 — Emilio Rivasseau: **A vida dos Indios Guaycurús** — Edição illustrada.
- 61 — Conde d'Eu: **Viagem Militar ao Rio Grande do Sul** (Prefacio e 19 cartas do Principe d'Orleans, commentadas por Max Fleiuss) — Edição illustrada.
- 62 — Agenor Augusto de Miranda: **O Rio São Francisco** — Edição illustrada.
- 63 — Raymundo Moraes: **Na Planície Amazonica** — 4.^a edição.
- 64 — Gilberto Freyre: **Sobrados e Mucambos** — Decadencia patriarcal rural do Brasil — Edição illustrada.
- 65 — João Dornas Filho: **Silva Jardim.**
- 66 — Primitivo Moacyr: **A Instrucção e o Imperio** (Subsidios para a historia de educação no Brasil) — 1823 1853 — 1.^o volume.
- 67 — Pandiá Calogeras: **Problemas de Governo** — 2.^a edição.
- 68 — Augusto de Saint-Hilaire: **Viagem ás Nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz** — 1.^o tomo — Traducção e notas de Clado Ribeiro Lessa.
- 69 — Prado Maia: **Através da Historia Naval Brasileira.**
- 70 — Affonso Arinos de Mello Franco: **Conceito de Civilisação Brasileira.**
- 71 — F. C. Hoehne — **Botanica e Agricultura no Brasil no Seculo XVI** — (Pesquisas e contribuições).
- 72 — Augusto de Saint-Hilaire — **Segunda viagem ao interior do Brasil** — "Espirito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.
- 73 — Lucia Miguel-Pereira — **Machado de Assis** — (Estudo Critico-Bibliographico) — Edição illustrada.
- 74 — Pandiá Calogeras — **Estudos Historicos e Politicos** — (Res Nostra...) — 2.^a edição.
- 75 — Affonso A. de Freitas: **Vocabulario Nheengatú** (vernaculizado pelo portuguez falado em S. Paulo) — Lingua Tupy-guarany — Com tres illustrações fóra do texto.
- 76 — Gustavo Barroso: **Historia secreta do Brasil** — 1.^a parte: "Do descobrimento a abdicação de Pedro I" — Edição illustrada.
- 77 — C. de Mello-Leitão: **Zoologia do Brasil** — Edição illustrada.
- 78 — Augusto de Saint-Hilaire: **Viagem ás nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz** — 2.^o tomo — Traducção e notas de Clado Ribeiro Lessa.
- 79 — Craveiro Costa: **O Visconde de Sinimbu** — Sua Vida e sua actuação na politica nacional — 1840-1889.
- 80 — Oswaldo R. Cabral: **Santa Catharina** — Edição illustrada.

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118/140 — São Paulo

SANTA CATHARINA

1976

SERIE 5.^a — BRASILIANA — VOL. 80
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

OSWALDO R. CABRAL

SANTA
CATHARINA

(Historia — Evolução)

EDIÇÃO ILLUSTRADA



1937
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo

INDICE

PRIMEIRA PARTE

A CONQUISTA

I — Terra catharinense	11
II — Navegantes e exploradores.	28
III — Fundadores e bandeirantes	44
IV — Governos coloniaes — povoamento	74

SEGUNDA PARTE

A COLONIZAÇÃO

I — Pequena propriedade — primeiras fundações coloniaes	109
II — Os valles do Itajahy e do Tubarão	127
III — Joinville e São Bento — Jaraguá e Hansa	152
IV — Colonias no caminho de Lages e colonias disseminadas pelo litoral	168
V — O planalto	181

TERCEIRA PARTE

A EVOLUÇÃO

I — Retrospecto	199
II — Da independencia á republica	220
III — Dias de guerra e de sangue	248
IV — A republica juliana	264
V — O periodo republicano	288

VI — A revolução de 93	309
VII — A questão de limites.	345
VIII — A guerra dos fanaticos	376
IX — A guerra dos fanaticos (continuação).	407
X — Últimas campanhas	427
Consultas e referencias.	440

PRIMEIRA PARTE

A C O N Q U I S T A

1. — TERRA CATHARINENSE
2. — NAVEGANTES E EXPLORADORES
3. — FUNDADORES E BANDEIRANTES
4. — GOVERNOS COLONIAES. POVOAMENTO.

TERRA CATHARINENSE

Acompanhando a costa sul do Brasil, ora mergulhando no Atlantico as escarpas das suas ramificações, ora penetrando terra a dentro, baptizada por denominação diversa de trecho em trecho, alongando-se em systemas secundarios ou contrahindo-se em formações gigantescas, estende-se a Serra do Mar.

Depois dos contrafortes do. Cubatão e do macisso formidavel do Marumby, vem ella 'espelhar-se nas aguas azues e profundas da Bahia de São Francisco (Babitonga).

Dahi foge á orla sinuosa e doirada das praias, interna-se pela terra, perdendo-se, azul, no azul do horizonte. Não mais a successão rapida dos picos compactos, a quebrada ingreme dos contrafortes, as grotas profundas e os alcantis agrestes, nem os riachos tortuosos e espumarentos, murmurando, de quéda em quéda, no fundo angustioso dos valles.

Alonga-se o scenario.

As curvas são mais macias, as fraldas mais extensas, os valles mais amplos, os precipicios menos vertiginosos. Do fundo das grotas o céu é maior, do alto dos picos o horizonte é mais largo.

Aqui, onde a Serra do Mar inflecte para o occidente, onde ella se afasta da costa, aqui começa Santa Catharina.

Mais para o sul, a meio caminho, torna a aproximar-se do litoral, depois de emittir para a costa três ramificações que lhe são principaes, denominadas Seras do Itajahy, das Tijucas e da Boa-Vista. Ahi vae encontrar então, vinda do centro, da conjunção das Seras do Espigão e do Mirador, a Serra Geral e com este nome desce para o sul, ganhando as fronteiras do Rio Grande do Sul, já agora novamente procurando a proximidade da costa.

Para o oriente limita este systema, que divide o Estado em toda a sua extensão, uma estreita faixa, de 50 a 100 kilometros, que vae das praias aos primeiros contrafortes: — é a zona do litoral.

Os rios correm, aqui, rapidos, cheios de curvas e repletos de quédas, para o Atlantico, e as ramificações da cadeia montanhosa limitam valles coloridos e fertéis. Si bem que estreita, esta zona é, alem de mais extensa, a mais importante, a mais rica e a mais populosa do Estado.

Nella se localizam os seus mais densos centros de população, nos seus valles florescem as colonias, verdadeiras cellulas de trabalho intenso e productivo, nos seus portos é mais activo o commercio, nas suas cidades mais variada a vida.

Para o occidente o Estado ganha em profundidade o que perde em extensão. Apertado entre o Iguassú e o Uruguay, attinge os confins da Republica, limitando com a Republica Argentina.

Os rios são caudalosos e caminham para o centro, profundos, lentos e majestosos. Toda a região é elevada, descendo lentamente, quanto mais se afasta da Serra. E' o planalto catharinense, a zona do in-

terior, a zona serrana, que se prolonga numa largura de cerca de 400 kilometros, até o Pepery-guassú.

A zona do litoral é quente e humida. Os valles são cobertos de intensa vegetação e as encostas das serranias cobertas de florestas ricas em as mais variadas especies da flora sub-tropical. Abundam na região as mais procuradas madeiras de lei e arvores fructiferas das especies mais exoticas. Os cereaes cobrem as glebas extensas trabalhadas pela mão do homem e as flores repontam em toda a parte, colorindo alegremente a paisagem.

São frequentes as grandes chuvas, acompanhadas de trovoadas. Perto do mar, principalmente no re-concavo das bahias e nas embocaduras dos rios, devido á obstrucção dos riachos e á diminuta altura do terreno, não são raros os terrenos alagadiços cobertos de mangue. As praias se extendem de norte a sul, longas e selvagens. As pontas e as enseadas se succedem, dando á costa um contorno irregular. Os portos são magnificos, seguros e profundos. Os ventos, principalmente os do quadrante sul, temperam os grandes calores e a proximidade do mar modera os frios intensos.

A zona do planalto é a região dos grandes campos, das extensas pastagens, dos capões densos, dos pinheiraes infinitos e dos hervaes.

O terreno é ondulado, formando suaves e extensas collinas. O horizonte é longinquo. Os rigores da temperatura são conhecidos. Epocas do anno castiga-a forte calor durante o dia, tornado agradavel á noite, e não raros invernos se fazem acompanhar de intensas geadas e nevadas abundantes. Geographicamente diferentes, estas zonas, embora as populações se confundam numa identica origem, tiveram um destino historico, social e economico tambem diverso.

Emquanto a zona do litoral ia sendo, nos primeiros seculos, palmilhada e explorada, enquanto se iam levantando nella as primeiras fundações, o planalto permanecia desconhecido, era apenas o sertão selvagem, atravessado de longe em longe, apenas, pela ousadia dos bravos.

Desde o primeiro seculo é a costa percorrida e explorada. No segundo surgem as fundações: São Francisco, Desterro, Laguna. E só na segunda metade do terceiro seculo é que se levanta a primeira povoação no planalto. São Francisco é de 1658. Desterro, de 1675. Laguna, de 1676.

Lages data apenas de 1766.

A Serra do Mar impedia o avanço para o sertão, contribuindo para que a expansão para o sul se fizesse, com prejuizo da propagação para oéste. Vencida a barreira natural, iniciadas as fundações no sertão, permaneceram ellas longo tempo isoladas. As vias de communição eram poucas e difficil o seu percurso. Deste modo, enquanto o litoreano tinha a seu favor o mar, larga estrada que lhe garantia o intercambio com outras populações, favorecido pela segurança e abundancia de portos, o serrano permanecia segregado, luctando sósinho, procurando vencer a Natureza, contando apenas com a sua bravura num meio em que tudo eram hostilidades.

O homem do litoral dedicou-se á agricultura e ao commercio. As terras proprias para a lavoura conduziram para a zona grande numero de novos habitantes e por fim a immigração estrangeira. A agricultura abriu as portas ao commercio e deu origem á industria.

O homem do planalto fez-se pastor. As condições do meio favoreceram o desenvolvimento da industria pastoril e o pastoreio tornou-se a maior occupação do

serrano. Só mais tarde se encaminharam as actividades para a extracção da *ilex* e da *araucaria*.

Assim, accentuaram-se, tornando-se mais sensíveis e profundas, as diferenças entre as populações do litoral e do planalto.

Historicamente, as paginas escriptas pelos litoreanos são mais longas e mais brilhantes. Integradas mais cedo na vida commum da Patria, mais antigas e mais expostas, muito logo estas populações do litoral tiveram que travar luctas em pról da conservação do dominio constantemente ameaçado pela cubiça espanhola. A sua primeira guerra foi a da defesa da terra e da propriedade. Mais tarde, as campanhas do sul estenderam-se pelo litoral catharinense, dando ensejo a que as suas populações tomassem parte igualmente nas luctas politicas.

A historia do homem do sertão é a historia silenciosa da lucta contra a hostilidade da Natureza. A sua guerra foi a da conquista, da conquista do sólo, na ampliação do dominio, levando adeante as fronteiras da nação. A sua bravura empregou-a, vencendo o meio hostil, bandeirando. A sua historia é mais curta, mas não é menos penosa, não tem tanto brilho, mas tem muito sacrificio. O isolamento a que o obrigava a configuração da terra impedio que muita vez viesse tomar parte na peleja travada no litoral, mas não impedio que servisse a seu modo á sua Patria, desbravando o hinterland, levando alem a sua bandeira.

*

A costa de Santa Catharina se alonga do pequeno rio Sahy, que limita o Municipio de São Francisco do de Guaratuba, no Paraná, á foz do Mampituba.

Apresentando uma sensível convexidade, proeminam nella innumeradas pontas, limitando longas e formosas praias, enseadas e bahias, algumas notaveis pela sua profundidade, segurança e belleza. As pontas mais notaveis são as penhas de Itapocoroy e as de Porto Bello. As enseadas de Porto Bello e de Tijucas são as principaes. Ao sul, depois da barra de Laguna, perde a costa esta convexidade e se estende em praias bravias, até os confins do Estado, perdendo assim o seu irregular contorno. Lõgo de inicio, nas proximidades de Laguna, avultam os cabos de Santa Martha, grande e pequeno.

As ilhas são numerosas na metade norte do Estado, reunindo-se em dois grupos principaes: o grupo de São Francisco, bem ao norte, e o de Santa Catharina, a meia altura da costa. O primeiro conta como principal a ilha de São Francisco, com 33 e 23 kilometros de longo e de maior largura, respectivamente, e se juxtapõe a uma reintrancia da costa, limitando a bahia Babitonga, profunda e abrigada. O canal norte dá entrada a navios de grande tonelagem e o sul, estreito e baixo, era até bem pouco aproveitado por embarcações de pequeno calado, estando, no momento, aterrado, na altura de uma ilhota denominada do Linguado, transformando-se assim a ilha em península. O porto de São Francisco é o mais importante de Santa Catharina. Em torno da ilha principal se encontram outras, de menor importancia.

O segundo grupo tem como principal a ilha de Santa Catharina, antiga dos Patos, á qual baptisou Sebastião Caboto no dia daquella Santa, nome que posteriormente passou a todo o Estado. Tem ella 60 por 20 kilometros e limita com o continente duas optimas bahias, a do Norte e a do Sul, de pouca profundidade mas de muita segurança para navios de pequeno

calado. Possuem estas bahias bellas praias, quer no continente quer na ilha, e o costão desta e as praias de fóra são de grande e impressionante belleza.

Sobre esta ilha está assentada Florianopolis, antiga Desterro, Capital do Estado, e grande numero de povoados se espalham por ella, junto da costa ou no seu interior. No continente, dentro das bahias, se contam innumerados povoados, a villa de Biguassú e as cidades de São José e Palhoça. As historicas enseadas de Brito e Massiambú ahi se localizam, igualmente. Em torno da Ilha de Santa Catharina se agrupam numerosas outras, das quaes a mais importante é a do Arvoredo, ao norte. Estas ilhotas tomam o nome generico de Molèques do Norte e do Sul, de accordo com a localização. Além destes grupos ainda se encontram outras, espalhadas por toda a costa.

Os rios principaes que desaguam no Atlantico são: o Cachoeira, barrento, sujeito á influencia das marés até quasi ás suas cabeceiras e cuja importancia resulta da existencia em sua margem direita da cidade de Joinville; o Itapocú, correntoso e encachoeirado; o caudaloso Itajahy, o maior rio do litoral catharinense, largo e profundo; o Tijucas; o Tubarão e o Araranguá.

Conta o litoral as cidades mais importantes do Estado: São Francisco, na ilha deste nome; Joinville, sobre o Cachoeira; Itajahy e Tijucas nos portos dos rios destes nomes; Blumenau sobre o Itajahy-assú; Brusque sobre o Itajahy-mirim; São José é Palhoça, na bahia do sul de Santa Catharina; Laguna sobre a maior lagôa existente ao sul do Estado; Tubarão, sobre este rio; Araranguá, sobre o rio deste nome.

As villas existentes nesta região são numerosas e se localizam ás margens dos rios menores, no fundo das enseadas, nos valles e ao longo das estradas que

procuram o planalto. As principaes são: Jaraguá, Paraty, Camboriú, Porto Bello, Nova Trento, Biguassú, Imbituba, Imaruhy, Orleães, Urussanga, Cresciuma e outras. Os povoados se disseminam por toda a extensão da costa, das estradas e dos rios e riachos. Numerosas estradas de rodagem, das quaes a grande maioria em optimo estado, percorrem o Estado e tres estradas de ferro alinham na zona do litoral os seus trilhos.

Ao sul se encontram algumas lagôas: Laguna, Sombrio e Caverá são as maiores.

Finalmente, sobre a praia núa e doirada, bem ao sul, perdidos na costa, os rochedos de Torres marcam o limite meridional das terras de Santa Catharina.

*

Á beira-mar o homem é pescador e faz da pesca a sua maior occupação. Raros têm ao lado da casa uma pequena plantação, sendo frequente, ao fundo do terreiro, a capoeira das gallinhas. A pesca dá para o sustento e para mercar. Pequenas são as suas economias. Veste pobremente e o calçado usa nos dias festivos. A sua casa é pobre, mas quasi sempre limpa. Não conhece, todavia, os confortos da hygiene. Ao fundo, a touceira de bananeiras ou o cerrado cafezal lhe serve para lugar de despejo. A' frente da casa, na praia, sobre estacas, estende as suas rêdes de pesca e puxa as canôas em que se aventura pelo mar bravio. Em certas aguas e em certas epochas a pesca é verdadeiramente milagrosa. Os lances de cincoenta a cento e eincoenta mil peixes são frequentes. Prepara então o peixe secco para exportar.

Vivendo assim, livre e despreoccupado, leva a vida contente. E' valente sem ser provocante. Não

teme o mar, nem foge ao perigo. Quando está seguro do seu direito, não transige. E' hospitaleiro e possui uma elevada noção da solidariedade humana. Não hesita em ajudar o companheiro em perigo, embora tenha de compartilhar delle.

Optimos marinheiros se fazem nesta costa. As embarcações de pequena tonelagem, conhecidas por hiates, percorrem-na toda, aventurando-se até Santos e Rio, e mais de uma vez até Pernambuco, conduzindo productos de lavoura. As maiores frotas são originarias de Laguna, Tijucas, Porto Bello e Itajahy.

Outro typo de habitante do litoral é o colono. Simples, economico, trabalhador, moureja na terra, de sol a sol. Os productos do seu trabalho traz em sua pequena carroça colonial ás cidades, onde compradores certos lhe esperam em epocas certas. Habita os valles e a sua casa é limpa e confortavel, quasi sempre, embora o seu mobiliario seja bastante simples. A' noite o chefe da familia lê á familia reunida em torno, versiculos da Biblia e jornaes na lingua nativa. As mulheres cosem e bordam em redor. Pelas paredes, retratos de parentes no dia do casamento, uma ou outra paisagem e algumas vezes os retratos dos soberanos dos seus paizes de origem. Quartos bem confortaveis, camas separadas para o casal e amplas cobertas de pennas. Cosinha limpa e pannejando nas paredes maximas sobre o asseio. Terreiro limpo. Criação de vaccas, porcos e gallinhas. Ao fundo da casa e a ella ligado, o rancho amplo lhe serve de deposito de lenha, do carro e contém o tanque de lavar a roupa e o pequeno forno onde assa o pão. A' frente da casa, o jardim. E' pacifico, não provoca desordens, obediante e cumpridor das leis. Educa os filhos com carinho, mandando-os á escola, ás vezes distante. Gosta

de bailes, que são a sua diversão e aos domingos frequente com regularidade os cultos divinos. Ao sul, o seu carro é puxado por bois, do mesmo modo que o carro do caboclo da terra.

O homem das cidades é alegre, hospitaleiro, de intelligencia vivaz, ordeiro e simples. E' amigo do conforto, aseado e o seu lar reflecte estes gostos. Procura educar-se, estar em dia com os acontecimentos e é amigo das boas palestras. Gosta de politica. Educa os filhos com carinho, encaminhando-os conforme as posses, para as profissões liberaes, para a carreira das armas, para a burocracia e para o commercio. Apprecia grandemente o desporto. E' apreciador dos cine-mas, dos bailes e dos jornaes e está sempre procurando o que lhe possa tornar a vida mais variada.

A mulher catharinense não fôge á regra geral da mulher brasileira: é bondosa, mãe carinhosa, esposa fiel. Alegre, trabalha cantando, o que aliás é habito commum em quasi todas as populações da costa. Meiga e simples, bastante religiosa, é dedicada companheira do marido, nas alegrias e nas tristezas.

*

Para alem da Serra do Mar é o planalto, longo, infinito, apresentando um suave declive para o occidente. O terreno é ondulado, formando amplas collinas. De longe em longe, os capões quebram a monotonia da paisagem, dos campos sem limites. Serras poucas, em ligação com os ramos principaes da Serra do Mar: a da Farofa, a da Pedra Branca, a do Taquaral Verde, a da Anta. Os rios são longos e vagarosos. Deslizam lentos e silenciosos, rumo do poente, recebendo as aguas de inumeros tributarios, que por sua vez as têm engrossadas pelas de centena-

res de afluentes menores. Os que correm para o norte vão dar ao Iguassú; os que descem para o sul são tributários do Uruguay. Dos primeiros o Negro e o Timbó são os principaes. Dos ultimos, o Pelotas, o Canôas, o do Peixe e o Chapecó são os maiores. Pinheiraes cerrados e heruaes fartos caracterizam a flora de vulto da região. Nesta extensa zona se encontram os Municipios de maior area do Estado: Chapecó, Lages, Curitybanos, Campos Novos e outros.

Pequena densidade de população, raras estradas, longos caminhôs de tropas e de cargueiros, pousos longinquos e sem conforto.

Os seus habitantes são simples, valentes e desconfiados. A sua fala é lenta e pausada, marcando as syllabas com nitidez e dando á voz uma entoação bem differente da do homem do litoral, que fala cantando. Seus passatempos predilectos são os bailes, as corridas de cavallos e o jogo da cachola. Tem affeições sinceras e profundas. Põe tanto affecto no querer quanto é implacavel o seu ódio. A honra familiar é o mais sagrado sentimento que cultiva. A vida é bem secundario. Nestes sentimentos educa os filhos e fal-os desde cedo experimentar a vida aspera e dura do pastoreio. Nutre grande amizade pelos animaes em cujo trato se desenrola toda a sua vida, do berço ao tumulo. Gosta de bellos cavallos, admira e extasia-se ante a belleza dos arreios cobertos de prata, da agilidade dos ginetes, da silhueta da montaria bem cuidada.

Os seus sentimentos não conhecem meios termos. Extrema-se na adoração e no rancor. A politica, porisso, não raro o leva a excessos, pois faz do sertanejo, sempre, um apaixonado sincero e intransigente. Sua vida obedece ao mesmo typo da vida gaucha, adquirindo e adoptando-lhe os habitos. Tem orgulho do

torrão natal, da sua liberdade, da sua coragem, do seu desamor á vida.

A mulher é exemplo de honestidade, de valentia e de prestimosidade.

As populações são hospitaleiras e acolhedoras. O sertanejo reparte com o extranho o pão que tem, abre-lhe a casa para o pouso e o coração para a amizade, sem nada indagar e sem interesse de lucro. Mas não tolera jamais da parte de quem quer que seja o menor gesto de descortezia. A sua desconfiança é immensa e não tolera o menosprezo. Não leva afrontas para casa e os casos de honra lava-os com sangue.

*

Lages é a capital do planalto, a sua mais antiga e maior cidade, o centro de maior importancia economica e social da região. Outras cidades importantes pelo seu papel economico são Porto-União e Mafra, ambas á margem da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, ramal de São Francisco, a primeira sobre o Iguassú e a segunda sobre o Rio Negro. Canoinhas, nas proximidades da mesma linha, é outra cidade planaltina. As villas de Curitybanos, Campos Novos, São Joaquim, Itayopolis, Cruzeiro e Bom Retiro são cabeças de Municipios. As povoações e os povoados são em menor numero do que os da costa e se localizam sobre o trajecto das estradas de rodagem e ás margens dos principaes rios. Os pousos dão abrigo aos viajantes fatigados das longas caminhadas do dia. As alimarias se abrigam em torno, proximas das fogueiras, emquanto o caminhante encosta, sob um tecto de palha, a cabeça sobre a sella que montou durante a jornada.

Parte maior desta extensa zona só muito recentemente passou para a administração catharinense. A questão de limites com o Paraná, resolvida pelo Acordo entre as partes litigantes, trouxe para o dominio do Estado cerca de 30 mil kilometros quadrados de terras.

Esta questão de limites, da qual nos occuparemos detidamente em capitulo especial, permaneceu insolúvel por mais de um seculo, retardando o dominio catharinense sobre esta área, a que se julgavam com direito os Estados do Paraná e de Santa Catharina, contestando-se mutuamente nas suas pretensões. Dahi o nome de Contestado, pelo qual até hoje é conhecido o pedaço de terra por tantos annos disputado.

Com effeito, os catharinenses sempre se julgaram com indiscutíveis direitos sobre o territorio situado abaixo do Iguassú, questionando ao tempo com os dirigentes da Capitania de São Paulo que determinaram varias fundações nos sertões da Capitania de Santa Catharina. A disputa foi herdada posteriormente pela Quinta Comarca de São Paulo, que em 1853 se fez Estado do Paraná, "para a qual se transferio com todos os inconvenientes do rancor já existente" (1).

Finalmente, o Accordo de 1916, promovido pelo Presidente Wenceslau Braz e assignado pelos Presidentes Felipe Schmidt e Affonso Camargo, respectivamente de Santa Catharina e do Paraná, poz fim á pendencia, estabelecendo a linha divisoria entre os dois Estados de maneira definitiva. Pela mesma, passaram para a jurisdicção barriga-verde parte das terras até então sob a administração paranaense, comprehendidas entre o Iguassú e o Uruguay. Foram os seguintes os limites estabelecidos pelo Accordo:

(1) Crispim Mira — Confraternização Republicana.

Rio Sahy, da sua fóz ás suas cabeceiras; uma linha recta até encontrar o Rio Negro e por este ao Iguassú; pelo talweg deste rio até encontrar a ponte da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, em União da Victoria; pela dita ponte e pela linha da dita estrada até encontrar a estrada de rodagem que vae de Porto-União a Palmas; pela mesma estrada até encontrar o Rio Jangada e por este até ás suas cabeceiras; dahi, pelo divisor das aguas do Chapecó e do Chopim, até á Republica Argentina.

São estes os limites septentrionaes de Santa Catharina.

Os limites meridionaes de Santa Catharina, com o Estado do Rio Grande do Sul são os seguintes: o rio Mampituba, a Serra Geral, o rio das Contas, o rio Pelotas e o rio Uruguay. Com a Republica Argentina, a oeste, a linha divisoria corre pelo Pepery-Guassú.

Assim limitado, o Estado passou a possuir uma superficie de 96.652 kilometros quadrados.

A entrega do territorio contestado ao governo catharinense, no entanto, provocou uma tentativa de rebellião em pról da emancipação de toda a zona, por parte de reduzidos elementos nella residentes, havendo a presumpção de se fundar o Estado das Missões, ou do Iguassú, com toda a area da zona litigiosa. Não logrou maior vulto a pretendida emancipação e mesmo não chegou a enthusiasmar as populações, apesar do temperamento ardente e impetuoso do serrano. As populações passaram para a administração de Santa Catharina sem maiores difficuldades e uma solida amizade e reciproca admiração substituiu o antigo odio existente entre os dois Estados, a tal ponto de, hoje, forte corrente pretender a fusão dos mesmos para a organização de um grande Estado, unidade de valor

politico, social e economico, já que os interesses paranaenses e catharinenses são quasi identicos.

Historicamente diferenciadas, como já vimos, as populações do litoral e do planalto, a sua evolução social soffreu influencias diversas, accentuando ainda mais as já existentes differenças.

O litoral esteve sempre aberto a todas as influencias, soffrendo o contacto mais frequente de outros costumes e de outras usanças e adoptando muitos dos trazidos pelos colonos que lhe povoaram as terras.

O sertão, isolado, pertenceu á influencia gaúcha e tem, como esta, muito dos usos e costumes dos pampas argentinos.

Costumes novos e habitos novos adquiria diariamente o homem do litoral, tornando a sua vida mais confortavel, mais facil, mais moderna e adquirindo o desembaraço dos povos que vivem em constante contacto com elementos extranhos. Amigo da tradição, sem se deixar influenciar por ella, conserva-a pelo respeito ao passado e pelo pitoresco que ella lhe proporciona. O proprio caboclo da beira-praia adoptou novos habitos.

O sertanejo, sem ser retrogrado, sem ser inimigo do progresso, é um grande amigo da tradição. Os seus habitos são sempre os mesmos, passando atravez de gerações e gerações sem a minima alteração. E' amigo da commodidade, custando a adquirir habitos differentes dos dos seus antepassados.

Nas cidades do planalto, todavia, foram os seus habitantes introduzindo novas usanças, á semelhança das populações do litoral, e já se vae a vida complicando de novidades e modernismos, embora conservem elles muitos costumes de antanho.

As pequenas populações do sertão, as fazendas principalmente, conservam o mesmo aspecto que deve-

riam ter apresentado as póvoas dos seus antepassados.

Economicamente, maiores foram as diferenças entre as duas zonas.

Numa, predomina o regimen da pequena propriedade, do pequeno chão do colono, com a sua casa e a sua lavoura. Noutra, é o grande dominio que se encontra, com a casa da fazenda, vetusta e do mesmo estylo simples do passado, com os seus ranchos, os seus curraes e o seu gado.

No litoral, além da agricultura, desenvolveu-se a industria fabril, produzindo Santa Catharina innumeros artigos de procura geral.

A pesca, os lacticinios, a banha e innumeras outras industrias requerem actividades nesta zona.

No planalto é a criação do gado a principal occupação, só se tendo mais tarde desenvolvido as industrias extractivas do pinheiro, com as suas serrarias, e da herva matte, com os seus carijos e os seus engenhos, e mui recentemente a agricultura, com a instalação de varias colonias.

Pelas estradas que do planalto ganham o litoral, descem as tropas, as boiadas e os cargueiros, á procura dos mercados da zona maritima. A viagem é penosa e demorada e as estradas ainda são poucas. Ao longo do planalto predominam os caminhos de tropas e não contam os Municipios entre si estradas melhores, pelas quaes se possam pôr em contacto. A *São Paulo-Rio Grande* passa por Porto-União e ahí dá origem ao ramal de São Francisco, que desce a Serra do Mar. O tronco principal da ferrovia desce para o sul, margeando o rio do Peixe, até o Uruguay, onde penetra em territorio gaúcho. E' a principal via de communicação de que dispõe o planalto. Ao sul projectou-se uma

outra estrada de ferro, ligando a Capital a Lages, infelizmente até hoje sem solução. Resente-se assim, ainda hoje, o planalto, da falta de communicações, de transportes rapidos e baratos, por onde possa ter escoamento a sua produção. Actualmente, os productos das recentes colonias fundadas no planalto encontram sahida pelo Rio Grande do Sul e pelo Paraná.

Com tal escassez de vias de communicação, a sua evolução economica se tem retardado e o seu progresso entravado. De Mafra para cima a vida das populações se prendia até bem pouco á Curityba. Lages, São Joaquim, Curitybanos, Campos Novos e outros Municipios têm sido subsidiarios de Porto-Alegre. Florianopolis fica isolada, capital que é apenas da zona do litoral.

A colonização, neste momento, se vae extendendo no planalto. Em futuro proximo, talvez, com amplas e boas estradas, o interior mais se integrará na vida catharinense, cujo rythmo é marcado pelas palpitações que agitam a vida das populações do litoral.

Esta é a terra que ao gentio conquistou a Civilização.

Esta é Santa Catharina.

II

NAVEGANTES E EXPLORADORES

E' o dia da Paschoá de 1504.

A bahia tranquilla reflecte em suas aguas os primeiros tons doirados do sol da manhã.

De bordo de um pequeno navio de reduzida tonelagem, destes em que a audacia humana se atirava pelo Atlantico, em busca de ouro, de terras e de glórias, desce a procissão.

Os officiaes de bordo, com o proprio commandante á frente, vestem os gibões coloridos das grandes solemnidades, com punhos e peitilhos de rendas, e trazem, pendentes das cintas, as pesadas espadas, cujo aço rebrilha á luz da manhã.

Manda a piedade que desçam á terra descalços, e assim estão todos, carregando, deitada, uma pesada cruz de madeira.

Varios naturaes do paiz, de pelle bronzeada e lustrosa, de musculos salientes e rijos, empenham-se em auxiliar os brancos estrangeiros e, dentre elles, um velho forte, meão de altura, algo obeso, em quem se reconhece o chefe do aldeamento proximo, pelas plumas de uma só côr que traz á cabeça, como adorno,

gravemente, como aquelles forasteiros, impunha-se á tarefa piedosa.

Chegada a uma ponta de terra, de face para a bahia, detem-se a procissão e levanta-se então a Cruz, ao ribombo dos canhões de bordo e aos disparos dos mosquetes da tripulação, cujo écho se repete, ao longe, pelas quebradas dos montes.

Estava erguido sobre o sólo de Santa Catharina, pela primeira vez, o symbolo da christandade, o marco da civilização.

*

Binnot Paulmier de Gonneville foi talvez o primeiro homem branco que aportou a terras de Santa Catharina. Tendo partido da França, em junho de 1503, a bordo do *Espoir*, chegou ás costas do Brasil nos primeiros dias do mez de janeiro de 1504, depois de haver escalado nas Canarias, e fundeado na bahia que mais tarde veio a chamar-se Babitonga. (2)

Era o *Espoir* um barco de 120 toneladas, tripulado por sessenta homens, dentre os quaes se contavam dois portuguezes, Sebastião de Moura e Diogo do Couto.

Entrando em contacto com os naturaes, obtiveram os tripulantes bôa acolhida e procuraram abastecer o navio, trocando com aquelles, por quinquilharias e bugangas, productos da terra.

Durante o longo periodo em que estiveram ancorados, desceram os homens da tripulação a explorar

(2) Babitonga, ou outro nome parecido, do qual Babitonga venha a ser a corruptela, era o nome que á bahia existente entre a Ilha de São Francisco e o continente davam os Carijós. Sobre o seu significado ha varias opiniões. Vide Carlos da Costa Pereira, "Um Capitulo da Expansão Bandeirante".

a região proxima, favorecidos pelas boas relações entabuladas com os indigenas.

Na Paschoa de 1504, levantaram, na ponta conhecida até hoje pelo nome de Ponta da Cruz, uma cruz de madeira, em que gravaram, de um lado, o nome do Papa, do Rei de França, do Almirante, do Capitão e dos homens da tripulação e do outro um distico latino de autoria de Nicolau Lefébre, o letrado de bordo.

Era cacique dos naturaes um tal AROSCA, homem mais ou menos de 60 annos, viuvo, pae de meia duzia de filhos, gravibundo, gordo e bondoso. Vivia em boa harmonia com os chefes dos aldeamentos vizinhos e a estes se reunia para guerrear outras tribus do hinterland.

Os seus dominios tinham a extensão de "um dia de marcha" e compunham-se de varias aldeias de meia centena de choças cada uma.

Recebeu cordialmente a Binnot e seus homens, mercou com elles, honrou-se com a amizade do Capitão francez e, á partida do *Espoir*, consentio que o seu proprio filho, Içá-mirim, acompanhasse os christãos, em busca de conhecimentos que, á sua volta, o fariam um chefe temido, vencedor dos inimigos e admirado dos irmãos.

A 3 de julho de 1504, velejou o *Espoir* para a Europa. Namôa, outro aborigene que a Içá-mirim déra Arosca por companheiro, homem de uns quarenta annos, morre em viagem e, antes do termino desta, tendo enfermado gravemente, Içá-mirim recebe o baptismo, entrando para a christandade com o nome de Binnot. Restabelece-se depois o joven indigena e chega finalmente á França.

Decorreram as vinte luas promettidas ao velho pae e morubixaba para lhe trazerem de volta o filho

em quem depunha tantas esperanças. Não voltou, e nunca mais deveriam os olhos deste contemplar as terras longinquas e selvagens da sua patria. Casou-se em França, na familia do proprio Capitão Gonneville, e morreu aos 96 annos de idade.

Estava escripta a primeira pagina da historia de Santa Catharina (3).

*

Em abril de 1516, voltavam do Rio da Prata os homens que haviam feito parte da mallograda expedição de João Dias de Solis (4).

Ainda perdurava na memoria daquelles ousados marinheiros a lembrança dos tragicos dias que se succederam á morte do chefe da expedição, trucidado

(3) Henrique Boiteux — S. Francisco em 1504, in Revista Catharinense, Vol. II, ns. 1, 2, 3 e 4. Carlos Pereira, em seu trabalho "Um Capitulo da Expansão Bandeirante", estuda demoradamente esta viagem de Binnot Paulmier de Gonneville, concluindo pela incerteza da sua permanencia em S. Francisco, afirmando que a mesma *continúa a ser uma questão aberta e difficilima de resolver*. Aceitam-na, todavia, como verdadeira, Candido Mendes, Tristão de Alencar Araripe, Henrique, José e Lucas Boiteux. J. F. de Almeida Prado refere-se em "Primeiros Povoadores do Brasil" á viagem de Gonneville, não informando quanto ao lugar em que julga ter o mesmo arribado, na costa sul brasileira.

(4) Em 1515 passára para o sul, visitando os pontos da costa, a dita expedição, tendo fundeado numa bahia a que chamou de Perdidos e que Paulo José Miguel de Brito "Memoria Politica sobre a Capitania de Santa Catharina", (1816) procura identificar como sendo a da actual Ilha de Santa Catharina, pela posição geographica da mesma. Almeida Prado "Primeiros Povoadores do Brasil" tambem é de opinião que a Bahia dos Perdidos é a da referida Ilha, denominada por Solis em sua viagem para o sul.

com outros companheiros numa emboçada a que foram attrahidos pelos aborigenes.

Buseavam novamente as aguas de Espanha, já com animo e forças consumidos na tragica viagem, quando uma das caravellas, desarvorada por violento temporal, procura abrigar-se, ganhando o estreito canal existente entre a ponta sul da Ilha dos Patos (Ilha de Santa Catharina) e o continente (5).

Todavia, o mar, agitado, joga a fragil embarcação de encontro aos rochedos da Ilha, donde o nome de Ponta dos Naufragados, despedaçando-a, antes que pudesse ganhar a tranquillidade da bahia tambem chamada dos Patos.

Jogam-se os quinze homens da sua reduzida tripulação ao mar, pretendendo chegar á costa a nado. Quatro perecem e os restantes attingem finalmente a terra proxima. Acolhidos pelos selvicolas, estabelecem-se entre elles, casam-se mais tarde com as filhas da tribu e os seus descendentes, de epiderme clara, são tidos depois, embora sem fundamento, como paes dos Carijós, os indigenas de pelle alva que povoaram a terra circumvizinha.

Guardou a historia o nome de cinco destes naufragos: Henrique Montez, Melchior Ramirez, Francisco Pacheco, Aleixo Garcia e Francisco Fernandez.

(5) Crê o historiador catharinense Lucas A. Boiteux que o nome Ilha dos Patos, dado á actual Ilha de Santa Catharina, o tenha sido pela expedição de Nuno Manoel e Christovam de Haro, que visitou a costa catharinense, rapidamente em 1514. Atribue ainda aquelle historiador a esta expedição o nome de bahia de São Francisco, dado á Babi-tonga. Carlos da Costa Pereira não acceta esta versão, attribuindo ao nome São Francisco uma origem espanhola, possivelmente de João Dias de Solís, ou algum companheiro seu.

Dez annos mais tarde ainda se encontram em lugar proximo ao naufragio os dois primeiros.

Arribando a um porto que se suppõe tenha sido Laguna, Imbituba, Garopaba, ou mesmo a bahia do Pantano do Sul, na Ilha de Santa Catharina, que teria sido, porisso, chamada bahia de D. Rodrigo, o galeão *São Gabriel*, commandado por D. Rodrigo de Acuña, que fazia parte da expedição que sob o commando de D. Francisco Garcia de Loaysa se dirigia ás Molucas, foram aquelles dois naufragos, sobreviventes da viagem de Solis, quem lhe favoreceram o aprovisionamento do barco. Desfeita nos mares do sul aquella expedição, pelos temporaes reinantes, o galeão de D. Rodrigo velejára para o norte, indo dar a um daquelles portos. Restavam então quatro dos onze primitivos naufragos, tendo D. Rodrigo obtido informação de que os mais andavam á guerra, juntamente com os naturaes do paiz.

Refeito o navio, dispunha-se D. Rodrigo de Acuña a alcançar o resto da expedição quando uma barca, que voltava para bordo carregada, adorna, perdendo neste desastre nada menos de quinze homens. Outros 17 já haviam resolvido ficar em terra, seduzidos pelos antigos naufragos de Solis e compartilhando da sorte delles, tendo abandonado D. Rodrigo que, desfalcado tão profundamente, resolve deixar de se reunir aos companheiros e voltar á Espanha, onde todavia não chegou, naufragando na costa norte do Brasil.

*

Não estão de accordo os historiadores a respeito da data em que Christovam Jacques se tenha feito de

velas para o Brasil, a mando do governo de Portugal. (6). E' certo, entretanto, que tivesse tocado em Santa Catharina, onde encontrou varios sobreviventes de Solis e desertores de D. Rodrigo. O nosso conhecido Melchior Ramirez servio-lhe mesmo de pratico e interprete em sua viagem até o Rio da Prata (7).

*

De todos os navegadores que por essa época aportaram a Santa Catharina, Sebastião Caboto foi o que mais se demorou em suas aguas.

A serviço da Espanha, em 1526, encetou viagem com destino ás Molucas. Sabedor das riquezas existentes no Prata e de que na Ilha dos Patos havia quem lhe pudesse servir de pratico naquellas paragens, noticia que em Pernambuco lhe foi dada, por sua propria iniciativa desistio de attingir o primitivo destino, fazendo-se de viagem para Santa Catharina, onde veio a chegar em outubro daquelle anno.

Francisco Rojas, da sua frota, exprobrou-lhe o procedimento, achando que as ordens reaes eram para attingir as Molucas e que deveriam ser cumpridas. Mas Caboto proseguio para Santa Catharina, apesar de tudo.

(6) Para Candido Mendes de Almeida, ella se teria realizado em 1525; para Varnhagen em 1526 ou 1527; Zeferino Candido, 1526; Oliveira Martins, 1503; Capistrano de Abreu, 1516 ou 1521; Galanti, 1521; Boiteux, 1521 — Carlos Pereira, "As Viagens de Christovam Jacques", A RAZÃO, de São Francisco, abril de 1922.

(7) Lucas A. Boiteux — Os patriarchas dos Carijós, in Revista Trimestral do Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina, Vol. VI; Pe R. Galanti, Historia do Brasil, Vol. I.

Ahi foram ainda Melchior Ramirez e Henrique Montez os europeus que na ponta sul da ilha compareceram a bordo da capitanea *Santa Maria de la Concepcion*, e por elles teve Caboto noticia das riquezas daquelle sólo e do desastre occorrido com o batel de D. Rodrigo de Acuña, que virára com seus homens ao regressar para bordo carregado de mais de duas arrobas de ouro e prata, que a fidelidade mandára offerecessem elles ao seu Rei. Como tivesse perdido num temporal o batel da capitanea, informado ainda das boas madeiras existentes na ilha, resolveu o navegante fundear e construir outro batel. Foi, todavia, infeliz, pois ao se aproximar da costa, a nau capitanea *Santa Maria de la Concepcion* subio a um banco existente, naufragando, tendo o commandante cobardemente se posto a salvo, num escalér, antes que qualquer outro tripulante o fizesse.

Fundeiam finalmente na tranquilla bahia do sul os navios restantes e Caboto determinou a construcção de cabanas em terra para o pessoal de bordo e tratou de dar inicio á construcção de uma galeota de pequena envergadura, destinada ás explorações que pretendia levar a effeito no Rio da Prata.

Estabelecendo relações com os naturaes, por intermedio de Henrique Montez, attrahio-os para o local da construcção da galeota, tendo vindo grande numero delles, de boa vontade, do continente proximo. Para a subsistencia de toda aquella gente, Montez providenciou e conseguiu grande copia de viveres, contando-se 277 veados, 398 gallinhas, 2 antas, 80 patos, 6 porcos montezez, 200 perdizes grandes, 200 mãos de milho, 40 cestos de inhame, 50 cabaças de mel, 26 cargas de ostras, 300 de mandioca, 2 de peixe moido, 5 cabaças de manteiga preparada pelos aborigenes com gordura de peixe, palmitos e muita coisa mais. Con-

seguio ainda uma canôa, dez cargas de carvão, 90 *iguacabas* de fio para calafeto, cêra, etc... (8).

Quasi quatro mezes se demorou Caboto na Ilha dos Patos, nada lhe tendo faltado, graças á diligencia de Melchior Ramirez, si bem que uma epidemia, que se suppõe tenha sido de malária, se houvesse declarado entre os seus homens, victimando alguns delles.

Aproveitou Caboto a occasião e baptisou de Santa Catharina a ilha e o porto dos Patos, conforme seu proprio depoimento, e de seus companheiros, dando tambem este nome á galeota que acabára de construir (9).

(8) Lucas A. Boiteux — Sebastião Caboto, in Rev. do I. Hist. e Geogr. de Sta. Catharina, Vol. V.

(9) Muito já se tem discutido sobre a quem se deva attribuir o nome de Santa Catharina dado á Ilha dos Patos. Lucas Boiteux (Sebastião Caboto, in Rev. do I. H. G. de Sta. Catharina, Vol. V) baseado no depoimento do proprio Caboto e de seus companheiros Gregorio Caro, Gaspar Cazaña, Nicolau de Venecia, e em Medina, attribue-o áquelle navegante, o mesmo fazendo Luiz Gualberto, em exhaustivo estudo, na Revista Catharinense, de José Johanny, Vol. I, ns. 3 e 4. O Visconde de São Leopoldo em seu "Resumo Historico da Provincia de Santa Catharina" e Almeida Coelho, em sua "Memoria Historica", dão paternidade do nome a Dias Velho, que o teria dado em homenagem a uma das filhas. Paulo J. M. de Brito attribue-o a Martim Affonso; Varnhagen aos espanhóes da armada de Loaysa, primeiramente, e depois a Caboto. Ainda são desta opinião Candido Mendes, Almeida Prado e Carlos Pereira. Actualmente, trata-se e conjectura-se a respeito das razões que teriam levado Caboto a baptisar assim a Ilha dos Patos. Segundo uns, por tel-o feito a 25 de novembro, dia consagrado pela Igreja a Santa Catharina; segundo outros, aliás em maioria, em lembrança de sua mulher, Catharina Medrano, com quem casára em segundas nupcias. Si bem que opinião esposada pela maioria dos historiadores, parece pouco provavel... É sávido que Caboto não fôra feliz neste segundo matrimonio. Era frequentemente maltratado pela esposa, soffren-

Finalmente, em fevereiro de 1527, zarpou para o Prata com a sua esquadra, levando definitivamente destas terras Henrique Montez, Melchior Ramirez, com os respectivos filhos e treze ou quatorze dos desertores de D. Rodrigo. Apenas Francisco Pacheco preferio ficar na terra, juntamente com alguns outros desertores do galeão *São Gabriel*, e outros mais que fugiam a Caboto (10). Na ilha deixava ainda este deshumano navegador, por doentes, o fidalgo Francisco Rojas, com quem altercára anteriormente e contra quem nutria surdo rancor, o piloto Miguel de Rodas e o tenente Martim Mendes, estes veteranos da viagem de circumnavegação de Fernão de Magalhães (11). Apiedado, Melchior Ramirez recommendou como seus parentes, ao morubixaba local, os infelizes abandonados, dos quaes apenas um logrou mais tarde volver á patria.

De volta do Rio da Prata, em 1530, não se preocupou Caboto com a sorte dos seus antigos companheiros e só a fome o obrigou a escalar novamente em terras catharinenses, desta vez, ao que se diz, na bahia das Tijucas, á qual chamou de São Sebastião.

Novamente em contacto com os naturaes, a quem tanto devia já, Caboto, após obter as provisões de que necessitava a sua armada, prevaleceu-se de futil pre-

do, segundo se diz, horrores e sujeitando-se aos mais ridiculos papeis. (Lucas A. Boiteux-Sebastião Caboto). Assim não parece viavel que se fosse lembrar justamente della, da esposa iracunda que lhe amargurava os dias da vida, para dar o seu nome á terra que tão gentilmente o acolhia...

(10) Lucas A. Boiteux — Os Patriarchas dos Carijós, in Revista Trimestral do Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina, Vol. VI.

(11) Idem, idem.

texto para arrebatat quatro infelizes indigenas, filhos de chefes locais, levando-os para a Espanha.

Em troca, augmentára a população branca da terra com a deserção de dois homens da esquadra, um dos quaes o padre Francisco Garcia, que preferiram o convívio dos naturaes bondosos e pacíficos ao do capitão deshumano e turbulento.

Diego Garcia, que pouco depois tocava tambem por estas plagas, impressionado com a natural affabilidade dos naturaes e com a noticia dos auxilios que sempre haviam de boa vontade prestado aos europeus, verberou o procedimento indigno de Caboto, nas paginas de suas Memorias.

*

Em 1532, tocou a Martim Affonso, que a mando d'El Rei de Portugal se fizera pelo sul do Brasil, perder um bergantim da sua esquadra, nas costas de Santa Catharina.

*

Dois annos mais tarde, procedente do Prata, onde seu tio Pedro de Mendoza fundára Bueños-Ayres, chega ás costas catharinenses Gonzalo de Mendoza, com o intuito de obter viveres com que pudesse socorrer seus companheiros de expedição.

Pedro de Mendoza, segundo as chronicas, fôra de uma imprevidencia não de esperar dos seus conhecimentos de navegante e descobridor.

Chegado ao Rio da Prata e fundada a povoação, não tratou de obrigar a sua gente a lavrar a terra e a que se dispuzesse a cuidar da propria subsistencia, confiando nos naturaes do paiz que a principio lhe forneceram os viveres necessarios. Mas, logo cessou a boa vontade dos selvicolas e, um certo dia, debalde es-

perou Mendoza pelos mantimentos.. E como se recusassem os mesmos a continuar a sustentar toda a sua gente, em vez de agradal-os e de, por meio de boas maneiras, demovel-os da sua decisão, bem ao contrario, entrou em lucta com elles, provocando represalias terribéis. Mandou então seu sobrinho Gonzalo que se fizesse de velas para a ilha dos Patos, em busca de provisões. Enquanto este foi e voltou, passaram-se scenas tremendas no Prata. Vencidos os naturaes, em represalia deitaram fogo ás choças construidas pelos espanhóes. Perseguidos pela gente enfurecida de D. Pedro, embrenharam-se os selvicolas pelo interior, devastando tudo o que encontravam, ateando fogo ás plantações, inutilizando as lavouras e destruindo os aldeamentos. A fome tornou-se negra e a miseria completa. Conta-se que, tendo sido enforcados dois homens, que haviam furtado um cavallo com cuja carne pretendiam matar a fome, pela manhã, na forca, não se encontraram os membros inferiores dos cadaveres, arrancados pelos companheiros, para lhes servir de alimento.

Finalmente, chegou ao Prata Gonzalo de Mendoza e os viveres para os desgraçados companheiros de D. Pedro, levou-os de Santa Catharina.

Foi elle na ilha recebido com a costumeira bôa vontade pelos naturaes, á qual, como Sebastião Caboto, não soube ser agradecido, pois, á sua volta, obrigou a todos os espanhóes residentes na Ilha, e que entre os naturaes vinham sendo os fiadores daquella amizade sempre havida entre estes e os conquistadores, e que iniciavam uma obra de colonização proveitosa a todos os que se faziam por aquellas paragens, a seguirem-no ao Prata, sendo, segundo a historia, poucos os que se lhe escaparam.

Ruy Moschero, também das armas de Castella, em 1536, sendo repellido de Cananéa pelos portuguezes, visitou Santa Catharina.

*

Em 1537, Alonso Cabrera, que tardiamente viéra em soccorro do Adelantado D. Pedro de Mendoza, tocou na Ilha de Santa Catharina, deixando aqui os padres Alonso Lebron e Bernardo Armenta, que deviam iniciar a obra da catechese entre os selvicolas.

Foi mal succedida esta primeira tentativa de chamar os Carijós á christandade. Não tardou a que se desaviessem os padres com os naturaes, mandando aquelles incendiar algumas cabanas destes. Despertaram-lhes, assim, a ira e andaram os padres mal tranquillos até 1541, quando Cabeza de Vaca, que chegara á Ilha naquelle anno, procurou reconcilia-los.

Tão temerosos andavam, no entanto, os catechistas, das represalias que, ao se pôr aquelle conquistador a caminho do Paraguay, fizeram questão de acompanhá-lo, julgando-se mais seguros em sua companhia, apesar dos incertos dias de uma viagem longa por terras desconhecidas.

*

Cabeza de Vaca (D. Alvar Nuñez) fôra nomeado pelo Rei de Espanha, que se tinha também por senhor das terras de Santa Catharina, governador da mesma e veio do Reino trazendo cerca de quatrocentos homens e muitos cavallos. Chegou á ilha em março de 1541, fundeando na bahia do nôrte, á qual chamou de bahia de Ramos.

De inicio tomou a iniciativa de mudar para o continente a povoação existente na ilha, localizando-a no ponto mais proximo della, no lugar hoje denominado Estreito.

Demorou-se D. Alvar Nuñez ahi algum tempo, tendo desembarcado seus homens e, com rara habilidade, conquistado a amizade dos naturaes, entabulando com elles bôas relações. Mas, tendo tido, pouco depois, noticia das grandes riquezas do sertão e do fabuloso Paraguay, decidio-se attingil-o por terra e, deixando 140 homens na ilha, com os restantes companheiros e grande numero de naturaes que espontaneamente se offereceram para acompanhal-o, além dos dois padres já referidos, entrou pelo Itapocú, subio a Serra do Mar e, abrindo picadas pelas mattas, numa viagem feliz, chegou ao Iguassú. Dahi passou para o territorio do actual Estado do Panará, alcançando, sertão a dentro, o Tibagy, de onde despedio os aborigenes catharinenses, cumulando-os de presentes.

De Alvar Nuñez Cabeza de Vaca sabe-se que chegou a attingir Assumpção, em março de 1542, e que não mais tornou a Santa Catharina.



Decorreria ainda um seculo, antes que uma fundação duradoura e estavel se erguesse na costa de Santa Catharina.

Os primeiros exploradores e navegantes que por aqui passaram não souberam comprehender, evidentemente, as vantagens que aufeririam com o estabelecimento de uma colonia neste litoral que tantas vezes visitavam e cujos portos tantas vezes lhes haviam sido refugio seguro.

Longe de incrementar o desenvolvimento de uma fundação que lhes fosse sempre um posto certo de abastecimento e de reparos, como aliás vinha sendo, apesar dos seus poucos recursos, na sua incompreensão tudo fizeram para destruir o pouco que então existia.

Caboto, com a sua crueldade, comprometteu bastante a amizade existente entre naturaes e europeus. Longe de recebê-los hostilmente, até então os selvicolas se haviam posto sempre ao seu serviço, ajudando-os nos seus mistéres, tomando parte no concerto das avarias consequentes ás longas viagens e contribuindo para o reabastecimento de todos os navios.

Aos naufragos de Solis se deve tambem, em grande parte, a persistencia destas boas relações que vinham sendo tão proveitosas aos aventureiros que se lançavam por estes mares. Da indole dos povos nativos desta terra basta dizer que, tendo tido aquelles naufragos, por mais de uma vez, oportunidade de voltar á patria, ou de se lançar em novas aventuras, preferiram, no entanto, ficar no meio delles e até contribuíram para que do galeão de D. Rodrigo desertassem outros homens para com elles compartilhar a vida que levavam.

Gonzalo de Mendoza proseguio na obra que Caboto iniciára, retirando os ultimos homens brancos já aqui radicados, deixando abandonada a incipiente colonia.

Só Cabeza de Vaca pareceu comprehender, sinão as vantagens de um posto de abastecimento, uma colonia capaz de arcar com as responsabilidades de prover ás expedições que demandavam o sul do continente, pelo menos a de manter e conservar amistosas relações com os selvicolas, pelos auxilios que poderiam elles sempre prestar.

Portugal, afóra concessões e privilegios, nada fizera para tomar effectivamente posse da terra. Nem Christovam Jacques, nem Martim Affonso tiveram qualquer iniciativa mais pratica neste sentido, não passando da de deitar marcos com as armas do Reino, ao longo da costa. Espanha, ao contrario, tentou-o. Mas os seus navegadores sonhavam com riquezas mais faceis e mais rapidas, com grandes presas e formidaveis thesouros. Nem um só dos que tocaram em Santa Catharina deixou de pensar no ouro fabuloso do Paraguay e do Perú, nos thesouros immensos do Rio da Prata.

O proprio Cabeza de Vaca, primeiro governador destas terras, não hesitou enfrentar os rigores de uma viagem pelo sertão a dentro para attingir a Assumpção das riquezas lendarias, deixando sem a sua assistencia as terras do seu governo.

Tal era a fascinação que exerciam sobre os exploradores as lendas de enormes riquezas em mãos de povos do hinterland que Cabeza de Vaca, antes de partir para a sua viagem, deixou instrucções para que o resto da sua gente, os cento e quarenta homens que deixava em Santa Catharina, tão logo pudesse, iniciasse viagem para Bucños-Ayres e de lá para o Paraguay ambicionado.

III

FUNDADORES E BANDEIRANTES

Em 1658, o portuguez Manoel Lourenço de Andrade, que era pessoa de destaque na Capitania de São Paulo, lançava os fundamentos de uma povoação que mais tarde viria a ser a cidade de São Francisco (12).

*

Como já ficou dito, muito pouco fizera Portugal para tomar effectiva posse das terras que constituem actualmente o Estado de Santa Catharina.

A maior parte destas estava incluída na Capitania de Santo Amaro e Terras de Santanna, de que fôra primeiro donatario Pero Lopes de Souza, cujas tentativas de colonização, levadas a effeito mais ao nôrte, não lograram o menor exito, abandonando-as após trementas luctas com os aborigenes. Morto Pero Lopes, os seus herdeiros e successores jamais cuidaram de visitar as suas possessões, ficando assim as terras entregues ao mais completo abandono.

(12) 1658, data provavel da fundação, segundo Carlos da Costa Pereira, Um Capitulo da Expansão Bandeirante, in Annaes do Museu Paulista, Tomo IV.

Tambem já foi dito que Christovam Jacques e Martim Affonso nada mais fizeram nas terras do sul do que lançar marcos com as armas lusitanas, não se demorando siquer nestas paragens.

Bem ao contrario, Espánha muito procurou fazer para incorporal-as ao seu dominio. Os seus navegadores conheciam a costa catharinense, visitavam-na de passagem para os mares do sul e aproveitaram-se da sua optima situação como ponto de reabastecimento e de aguada.

Entre os naturaes, que foram de começo doceis e serviçaes, estabeleceram-se os marinheiros de Solis e de Rodrigo de Acuña. Entre o gentio casaram e se tornaram até, para certos historiadores, tronco da grande familia Carijó. Ao seu Rei mandaram os productos da terra, em prova de submissão e vassalagem. E este, que sempre se houve por dono e senhor destas terras, por mais de uma vez tentou installar na costa catharinense estabelecimentos que lhe garantissem a posse effectiva das mesmas e que lhe pudessem servir ás expedições que ao sul enviava.

Mallograram as tentativas de Castella porque o Prata e o Paraguay tentavam os exploradores e navegantes com o esplendor das suas riquezas imaginarias. Assim foi que, depois de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, ainda Espanha fez nova tentativa.

Em julho de 1547, Carlos V contractava Juan de Sanabria para governar o Paraguay e tambem para iniciar o povoamento de São Francisco, na costa sul do Brasil.

Coube a Diego de Sanabria, por ter fallecido aquelle, de quem era filho, iniciar o que ao pae fôra confiado e a Juan Salazar y Espinosa foi entregue o commando da primeira expedição áquelles empreendimentos destinada.

Dos três navios com que de Espanha se fizera, dois, após accidentada viagem, chegaram á bahia sul da Ilha de Santa Catharina, em novembro de 1549, justamente no dia consagrado á Santa deste nome.

Estabelecido ali encontraram a Juan Hernandez, que do Paraguay o haviam mandado para incentivar entre os nativos o cultivo da mandioca, afim de abastecer os que para as terras meridionaes se dirigiam.

Espinoza tratou logo de carregar dos viveres necessarios os seus navios e, promptos estes, levantou ferros. Teve, no entanto, a má sorte de perder a maior das suas naus com todo o carregamento, ficando então a sua gente em terra e dois annos ali passou, hostilizada pelos aborigenes já agora sem a primitiva boa vontade para com os forasteiros, tão mal recompensados haviam sido pelos que a Espinoza antecederam.

Até de ratos se vio o expedicionario obrigado a alimentar a sua gente e, ao cabo de tantas privações, achou que preferivel seria arrostar com os perigos da longa e fatigante viagem para o Paraguay, do que em tão inhospita região permanecer.

Dividio então a sua gente em dois grupos, o maior dos quaes procuraria alcançar Assumpção por terra, seguindo o caminho pisado por Cabeza de Vaca, enquanto o outro se prepararia para attingir o mesmo ponto, por mar, a bordo do pequeno navio que lhes restava.

O primeiro grupo, seguindo o itinerario demarcado, alcançou São Francisco e, detido por novos contratempos, permaneceu por outros dois duros annos, de 1553 a 1555, hostilizados sempre pelos naturaes, ás margens da Babitonga. Ao cabo desse tempo, decide-se a reiniciar a viagem interrompida, levando então, na expedição que se ia internar pela matta, mais um

membro, o pequenino Fernando Trejo y Sanabria, que viria a ser um dia Bispo de Tucuman e fundador da Universidade de Cordoba, na Republica Argentina, sendo, no dizer do historiador catharinense Lucas A. Boiteux, o numero um dos filhos illustres de Santa Catharina.

Os remanescentes da expedição, que deveriam procurar alcançar Assumpção por mar, não o fizeram e parte delles velejou para o norte, na esperança de atingir São Vicente, não o logrando, todavia, tendo sossobrado o pequeno barco que a levava. Chegou todavia a Itanhaem e dentre os que figuravam neste reduzido grupo contava-se o famoso Hans Staden, cujas aventuras se tornaram bastante conhecidas. O restante do grupo mais tarde conseguiu ser trazido para São Vicente, pela mão do jesuita Leonardo Nunes, que visitára em missão de catechese a Ilha de Santa Catharina.

*

Manoel Lourenço de Andrade trazia procuração do Marquez de Cascaes, herdeiro de Pero Lopes, para instalar um estabelecimento em São Francisco e fez-se, para isto, acompanhar de vicentistas e portuguezes.

E' provavel que da permanencia anterior dos varios exploradores tivesse restado alguma coisa, tanto assim que, em 1642, fôra feita a Antonio Fernandes a concessão de uma sesmaria para ir povoar São Francisco do Sul, onde já havia uma capella de N. S. da Graça (13).

(13) Carlos da Costa Pereira, Um Capitulo da Expansão Bandeirante — Basilio Magalhães — Os bandeirantes em Santa Catharina, in Rev. do Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina, Vol. VII e Basilio de Magalhães — Expansão Geographica do Brasil Colonial.

Esta tentativa, todavia, não foi certamente adiante, tanto assim que Manoel Lourenço de Andrade foi posteriormente incumbido da referida missão.

Os fundamentos da nova povoação foram lançados ás margens do rio Paraty, nas proximidades do morro do Paranaguá-mirim, nome pelo qual até hoje é conhecido o lugar, determinando o bandeirante os limites da povoação.

Duas vezes, no entanto, se viu obrigado Andrade a mudar de local, julgando impróprios os primeiros, até se fixar no lugar em que hoje se encontra a cidade de São Francisco.

Entre os portuguezes e vicentistas que acompanharam a Manoel Lourenço de Andrade contava-se o abastado Luiz Rodrigues Cavallinho, seu genro, e o fundador, usando dos poderes que lhe haviam sido outorgados pelo Marquez de Cascaes, tratou logo de ir localizando as familias que trouxéra, dando início, assim, á primeira fundação duradoura em terras catharinenses. A Antonio Francisco Francisque concedeu terras no Sahy, local fronteiro á ilha; Francisco Alves Marinho estabeleceu-se no Paraty; a Vicente Ariolos coube a Ilha do Mêl; a Francisco Fernandes Ortunho, os Pinheiros, na entrada sul da barra, hoje póvoa do Araquary; a João Dias de Arzão o Acarahy, alem de outros (14).

Neste periodo tratou o fundador de desenvolver a agricultura e os sesmeiros, aos quaes tinham sido feitas as concessões, procuraram tirar das terras todos os beneficios possiveis. Em pouco tempo surgiam as plantações de canna de assucar, de mandioca, de al-

(14) Luiz Gualberto — Contribuição para a Historia do Estado de Santa Catharina, citado por Carlos da Costa Pereira, op. cit.

godão e muito logo se iniciou a industria da cordoaria, a primeira de que se tem noticia em terras de Santa Catharina. Não descuraram ainda os posseiros da pesca farta e proveitosa, da exploração das minas e do estabelecimento de outras industrias. Não tardou que surgissem os engenhos de canna e de farinha, prosperando assim a região ao trabalho paciente e racional destes primeiros colonos.

Com a sua elevação aos fóros de villa, em 1660, recebeu São Francisco o seu primeiro Capitão-mór, recebendo a nomeação, muito naturalmente, na pessoa do seu valente fundador. Todavia, apenas em 1668, Gabriel de Lara, que tambem já foi apontado como fundador de São Francisco, e que havia oito annos governava a Capitania de N. S. do Rosario de Paranaguá, e cuja jurisdicção se extendia quarenta leguas para o sul, esteve na fundação de Lourenço de Andrade, erigindo então o pelourinho, installando assim a justiça d'El Rei e ratificando a creação da villa.

Já não existia, nesse tempo, Manoel Lourenço de Andrade, que fallecera em 1665, no mesmo anno em que a freguezia, cujos fundamentos lançára, se fazia parochia.

Fôra nomeado Capitão-mór, em sua substituição, Domingos Francisco Francisque, conhecido pela alcunha de "**Cabecinha**" e sob cujo governo continuou a villa prosperando, tendo o seu predomínio se extendido por toda a zona comprehendida entre Guaratuba e Massiambú.

Foi, entretanto, um homem despotico e mau, sendo-lhe attribuida uma serie enorme de arbitrariedades e de actos de crueldade que o fizeram temido pelo povo.

De certa feita, registram as chronicas, desaveio-se o Capitão-mór com o vigario da parochia, o beneditino Frei Fernando, por ter querido inhumar o cadaver de seu filho para dentro do cruzeiro da igreja, lugar interdicto pelo frade. Como nada o demovesse, nem mesmo as allegações de Domingos Francisco Francisque de haver prestado innumerados serviços na construcção da igreja, estomagou-se este e, fazendo embarcar o pobre beneditino numa velha canôa, dando-lhe algum peixe secco e um pouco dagua, mandou soltar-o barra a fóra.

Pereceu o infortunado clerigo em alto mar, não sem ter, segundo a lenda, lançado terrivel praga sobre a villa, por tão deshumano trato que lhe fôra imposto.

Ainda hoje é recordada a lenda, sempre que algum melhoramento iniciado na vetusta cidade não encontra andamento.

D'outra vez, Francisco Francisque interveio, tambem lamentavelmente, num caso de amor havido na villa e do qual se guarda ainda memoria.

Empenhavam-se João Mór Vieira e Miguel Francisco Francisque, este irmão e aquelle aparentado do terrivel Capitão-mór, ambos juizes ordinarios da Parochia, na conquista de Anna Lamin, jovem e bella, casada e apartada do primeiro delles. Em duello de morte, em que disputavam a mulher, matam-se mutuamente. Cabecinha, sabedor do facto, que armara escandalo, resolve castigar severamente a jovem, antes que a sua belleza fizesse perder a cabeça a outros homens. Arma-se elle proprio e com certo tiro de arcabuz prostra por terra a infeliz Anna Lamin.

Á vista de tantos desatinos e do seu despotismo, por tantos annos supportado, houve quem se dirigisse ao Rei, queixando-se de Domingos Francisco Francisque. Demittido e processado, esconde-se o famigerado Ca-

pitão-mór numa furna, escapando á justiça d'El Rei, mas não á morte que ali o foi colher, pondo fim a tantos erros (15).

Em 1847, a 15 de abril, a antiga povoação de Manoel Lourenço de Andrade vio-se elevada á categoria de cidade, devido ao seu desenvolvimento sempre crescente.

*

Não poderemos deixar de lembrar, nesta parte consagrada ás fundações e ás bandeiras, o aspecto da expansão colonial neste periodo a que Oliveira Viana chama de "*cyclo do ouro de lavagem*", em que ella se estende exclusivamente pelo litoral sul do Brasil.

A Serra do Mar era a muralha que dificultava a natural expansão para o interior e contribuia para que o derrame paulista, nessa época, se fizesse ao longo da costa, na estreita faixa de terra entre a orla das praias e a serra. Nella se foram fundando as colonias estabelecendo os latifundios, demarcando os curraes, pois a zona agricola foi de inicio pastoril, e assim se foram ampliando os dominios da Corôa.

A Serra do Mar, "negando profundidade, dava extensão á conquista" (16) e, sob a protecção official foram sendo installados na faixa agricola do litoral os nucleos de população. Assim, nesta onda que se extendia pelo sul do paiz, a Paranaguá seguir-se-ia necessariamente São Francisco, como a esta seguir-se-ia a Ilha de Santa Catharina e como a esta, Laguna e finalmente depois desta as populações que se foram creando no Rio Grande do Sul. Preponderava certamente a iniciativa official. Porque não era a sêde de

(15) Idem.

(16) Pedro Calmon — Historia da Civilização Brasileira.

ouro ou a caça do aborigene que obrigava a esta dispersão, em que se movimentava todo o dominio. Era a plethora que se verificava nos latifundios paulistas, a replição dos dominios ruraes, regorgitantes de escravos e aggregados, que obrigava o governo á iniciativa colonizadora, tendente a descongestionar aquella Capitania. Assim, o governo de São Paulo procurava convencer abastados latifundiarios a que fossem estabelecer suas fazendas noutras terras.

Porisso é que vemos na dispersão paulista para o sul predominar o typo da bandeira colonizadora (17), cuja organização era bem diversa daquellas de guerra e que se caracterizavam pelo espirito bellicoso e aventureiro com que se atiravam pelos sertões, á caça dos indios e á cata de ouro e de esmeraldas. A bandeira colonizadora desloca para outras paragens toda a organização social do dominio, do senhor ao escravo, do capellão ao soldado (18) e leva para as novas terras todos os bens, armas, bagagens, instrumental agricola e criação de todo o tamanho. Move-se á propria custa, animada apenas pelas promessas e pelos rogos do elemento official. Uma vez installada, levantava as cabanas, fineava os marcos, limitava os curraes e pedia depois concessão das terras (quando não já amparada pelas concessões de sesmarias, como succedeu á de Lourenço de Andrade) allegando os gastos havidos.

Em torno do senhor, do bandeirante que se animava a ir povoar outras zonas, seguiam outros elementos, menos afortunados, ás vezes. Mas a prodiga-

(17) Oliveira Vianna — Populações Meridionaes do Brasil.

(18) Idem, idem.

lidade official era grande e os latifundios iam sendo concedidos, as sesmarias doadas, embora se condemnassem a uma posterior decadencia.

Foi uma destas bandeiras colonizadoras que se fixou em São Francisco; outra, muito lógo iria fixar-se na ilha de Santa Catharina, lançando os alicerces da villa do Desterro.



Francisco Dias Velho, a respeito de quem muito se diseutio se devêra ou não ser Monteiro, conheceu a Ilha de Santa Catharina andando com seu pae, Francisco Dias, “que era opulento em arcos, cujos indios conquistou com armas no sertão dos Patos, Rio São Francisco, para o sul até o Rio Grande de São Pedro” (19), á caça de aborigenes.

A instancias de Salvador Correia de Sá e Benevides (20), que desde 1657 pleiteava junto á Corôa a concessão de uma Capitania de 100 leguas na costa sul do paiz, nella incluída a Ilha de Santa Catharina (21), resolvera Dias Velho vir povoar estas paragens.

Embora grande numero de historiadores considere o anno de 1651 como o do seu estabelecimento na

(19) Pedro Taques — Nobiliarchia Paulista, citada por Lucas A. Boiteux, in Paulistas em Santa Catharina Seiscen-tista, Annaes do Museu Paulista, Tomo IV.

(20) Arcypreste Joaquim Gomes d'Oliveira Paiva — No-ticia Geral da Provincia de Santa Catharina, 1873.

(21) José Arthur Boiteux — Notas Historicas, Infor-mações sobre a Pretensão de Salvador Correia de Sá e Be-nevides, requerendo a doação de uma Capitania de 100 le-guas em Santa Catharina, in Revista Catharinense de José Johanny, Anno III, N.º 3.

ilha (22), nenhum documento existe que o comprove, sendo certo que de 1653 a 1672 viveu todo o tempo em São Paulo, donde se afastou mui raramente e em ausências de curta demora (23).

Em 1673, segundo Pedro Taques, mandou elle a um irmão, José Dias Velho, com uma centena de homens, afim de fazer povoação no melhor sitio que encontrasse ao sul e este localizou-se então na Ilha de Santa Catharina.

Dias Velho em 1675 esteve na ilha, demorando-se tres annos ali, sendo que em 1678 encontrava-se novamente em São Paulo, quando se organizava a bandeira de Jorge Soares de Macedo, que se destinava á descoberta de minas de prata pelo sertão, até o rio de Bueños-Ayres (24), figurando entre os seus componentes.

Não foi feliz a dita bandeira na sua empreitada, soffrendo serio castigo dos temporaes, frequentes na

(22) Milliet Saint Adolphe diz ter sido fundada a povoação de Dias Velho em 1650; Mons. Pizarro, 1651; Paulo José Miguel de Brito, 1651; o Visconde de São Leopoldo, 1651; Almeida Coelho, 1651; Saint-Hilaire, 1650; João Ribeiro, 1651; o Arcypreste Paiva, 1651; Fonseca Galvão, depois de 1660; Azevedo Marques, 1662; Pedro Taques, 1681. Para Lucas A. Boiteux, de quem extrahimos estas datas, os que acreditam no anno de 1651 como o da fundação, baseavam-se apenas num cruzeiro existente ainda em 1721 fronteiriço á pequena igreja do Desterro, cruzeiro que trazia aquella data. O mesmo autor, estudando os diversos documentos que dão noticia da estada do fundador em São Paulo posteriormente áquella data, acredita que tenha sido tomado por um 5 o 8 da data indicada por Taques. Lucas A. Boiteux — Paulistas em Santa Catharina Seiscentista.

(23) Lucas A. Boiteux — Paulistas em Santa Catharina Seiscentista.

(24) Idem, idem.

costa, tendo chegado a Santa Catharina para recompor-se, vindo encontrar nella a gente de José Dias Velho.

Ainda em 1678, Dias Velho (Francisco) permanece em São Paulo, solicitando ao Governador da Capitania duas leguas de terras em quadro na ilha de Santa Catharina, onde já tinha igreja de N. S. do Desterro, mais meia legua nas mesmas condições na Lagôa, onde já possuía cultura, mais duas em terra firme, defronte á ilha, onde igualmente já possuía uma feitoria e mais duas em Araçatuba (25), favores que lhe foram concedidos em consideração aos serviços que vinha prestando, dispondo-se a povoar a nova fundação. Achava-se, portanto, Francisco Dias Velho desligado daquela bandeira de Jorge Soares de Macedo, que só a 10 de março de 1679, segundo Taques, deixou Santos. Veio então o povoador localizar-se finalmente nos latifúndios que lhe haviam sido concedidos, atirando-se ao arduo labor de lavrar a terra com coragem e energia, tanto mais que as suas finanças não se encontravam em situação de folga.

Para a ilha já havia trasladado familia, aggregados e escravos, talvez em 1675, época em que teria dado inicio á pequenina igreja que collocára sob a protecção de N. S. do Desterro, que deveria assistil-o naquelle duro e voluntario exilio.

A terra agradou ao paulista audaz, pela sua belleza e fertilidade e pouco depois escreveu a um cunhado dizendo: "A terra é bôa, quem disser o contrario mente." Para ella se trasladára com a familia, mulher, dois filhos e duas filhas, dois sacerdotes, va-

(25) Idem, idem e Basilio de Magalhães — Os bandeirantes em Santa Catharina, in Rev. cit. e Expansão G. do Brasil Colonial.

rios aggregados, entre os quaes José Tinoco, com sua familia, e cerca de quinhentos indios (26) e estava certo de que a sua obra seria abençoada, trazendo-lhe a felicidade e a abastança.

Levantou-se o povoado, em torno da ermida, construindo-se as cabanas dos povoadores, marcando-se os limites das terras de cada um. Em lugar pittoresco e abrigado, na pequena collina dominada pela ermida de N. S. do Desterro, estava lançada a semente da segunda fundação paulista no litoral catharinense. E a Francisco Dias Velho deveu a Corôa terem perdido os espanhóes a ilha de Santa Catharina, si bem que não .as esperanças de recuperal-a, como será visto opportunamente (27).

*

As derradeiras tentativas de Espanha para se estabelecer em Santa Catharina, anteriores á vinda de Dias Velho, datavam de 1557 e 1572.

Naquella primeira data, firmava o Rei de Espanha um contracto com D. Jayme de Rasquim (28) para estabelecer na costa do Brasil, ao sul, quatro cidades, duas das quaes seriam localizadas em São Fran-

(26) Visconde de São Leopoldo — Resumo Historico da Provincia de Santa Catharina; Cons. Manoel da Silva Mafra — Exposição Historico-Juridica; Paulo José Miguel de Brito — Memoria Politica sobre a Capitania de Santa Catharina; Lucas Boiteux acha ponto discutivel a ida destes 500 escravos. Vide Paulistas em Santa Catharina Seiscen-tista.

(27) Pedro Calmon — Historia da Civilização Brasileira.

(28) Lucas A. Boiteux — Pequena Historia Cathari-nense.

cisco e na Ilha de Santa Catharina. Ante as reclamações portuguezas não foi levada a effeito a empresa.

Em 1572, coube ao Adelantado D. Pedro Ortiz de Zárate occupar a Ilha com o pessoal da sua esquadra. Arribando naquelle porto, quando de viagem para o sul, necessitou reabastecer os seus navios. Homem brutal e deshumano, começou atacando o aldeamento indigena e tantas foram as crueldades que mandou praticar que os naturaes, apezar da sua indole pacifica, passaram a hostilizar forte e valentemente os indesejaveis visitantes.

A consequencia natural de tudo foi a fome, que se installou com todo o seu cortejo de horrores, repetindo-se na ilha as mesmas scenas passadas no Prata, annos atraz, com D. Pedro de Mendoza.

Um rapaz que servia de tambor da armada de Zárate, quando a fome o apertava, empenhava o seu par de orelhas aos companheiros, em troca de algum alimento. E estas, tinha-as mandado cortar Zárate, pouco antes, por tentativa de roubo de viveres, mandando-as pendurar á porta da cabana em que habitava o joven (29).

As deserções começaram então. Os maus tratos e os soffrimentos obrigavam os infelizes soldados do cruel Capitão a procurar refugio na floresta proxima, fugindo do aldeamento. E levantou-se a forca. Por ordem de D. Ortiz de Zárate construiu-se o terrivel instrumento para punição dos desertores e por mais de uma vez a carne dos executados foi furtada á forca, pelos proprios companheiros, para com ella matarem a fome.

(29) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

Afinal, ao cabo de tres mezes, com o que lhe so-
brava, pôz-se novamente o Adelantado a caminho do
Prata, deixando abandonados na ilha muitos dos seus
homens, inclusive mulheres e creanças, mais tarde re-
colhidos por Ruy Melgarejo.

Peor sorte tiveram, todavia, os que ao feroz Ca-
pitão acompanharam, pois tendo elle fallecido no
Prata, succedeu-lhe no commando da expedição Diego
Mandieta, seu sobrinho, cuja crueldade de muito ex-
cedeu á de seu tio, a tal ponto que as populações se
revoltaram e o depuzeram, devolvendo-o a Espanha.
Um piloto amigo favoreceu-lhe todavia o desembarque
no Rio de Janeiro, onde lhe aconselharam que vol-
tasse a recuperar o mando. Assim fez, procurando re-
tornar ao Prata. Mas foi obrigado a tocar nova-
mente em Santa Catharina, onde aconteceu ter man-
dado executar um soldado, cortando-o ao meio. Tal
pavor causou entre a tripulação este seu gesto que
esta o abandonou e retornou a Espanha.

Mandieta ficou assim em Santa Catharina, com
sete companheiros, onde todos vieram a encontrar a
morte, trucidados pelos selvicolas commandados por
um mameluco de quem D. Diego havia furtado a mu-
lher (30).

*

A colonia de Francisco Dias Velho prosperou, de-
dicando-se a sua gente ao cultivo da mandioca, da
canna de assucar, á industria da pesca e á exploração
das minas, tendo-se dedicado a este ultimo mistér o
irmão do colonizador. Vivia em boa paz com os sel-

(30) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Ca-
tharinense.

vicolas, dos quaes soubéra captar a sympathia, tratando-os com doçura.

Desgraçadamente os dias do fundador estavam contados e não tardou que o seu sangue, barbaramente derramado, viesse manchar as paredes da ermida por elle erguida na colonia que fundára.

Na enseada das Cannasvieiras, um bello dia amanhece, arribado, carecendo de serios reparos no casco avariado, um navio (1687)-(31).

Dão-no os chronistas como inglez, commandado por Robert Lewis, ou por Thomas Frins, e outros como hollandez, (32) sendo incerta a verdadeira nacionalidade do referido barco (33).

Dias Velho, sabedor do facto e ainda de que o navio se dedicava á piratagem, com a sua gente prendeu a tripulação do mesmo e se apoderou do carregamento que levava, enviando tudo para São Vicente. Ao que parece os piratas foram soltos e o carregamento foi parar á Fazenda Real, elogiando-se a Dias Velho pelo feito (34).

Annos mais tarde, (1689) voltaram os piratas sequiosos por uma desforra. Dias Velho, avisado de São Francisco, onde aquelles haviam tomado pratico para a viagem á ilha, arma seus homens para impedir o desembarque dos piratas. Mas estes operam o des-

(31) Pedro Taques — Nobiliarchia Paulista, cit. por Lucas A. Boiteux.

(32) Paulo José Miguel de Brito, Mons. Pizarro, Visc. de São Leopoldo.

(33) Almeida Coelho, Azevedo Marques, Lucas A. Boiteux acham incerta a nacionalidade do referido barco. Dizem: inglez ou hollandez.

(34) Pedro Taques, op. cit.,

embarque na bahia do norte e pela madrugada, tendo aberto uma picada, sem que tivessem sido presentidos, caem sobre o povoado, sedentos de sangue.

Preso o fundador, levam-no os piratas á ermida e ahí morre em desespero, vendo polluidas pela mari-nhagem luxuriosa as suas proprias filhas.

Ao tentar apropriar-se de um xifaróte, para defender a honra das filhas, recebe um tiro entre os olhos que o deixa morto.

Quando chegaram reforços do continente, já os piratas se haviam posto fóra do aleance dos que vieram, não sem terem tentado levar para bordo as pessoas da familia do infortunado bandeirante, só o não fazendo devido á supplica dos padres e aos viveres com que compraram a liberdade dos prisioneiros.

Ao continente mandaram chamar o irmão de Dias Velho que andava mineirando pelo Tayó e pouco tempo depois abalava a familia de Dias Velho para São Paulo, deixando no abandono a povoação do Desterro e levando no coração a memoria pungente daquelles dias trágicos.

Em terra catharinense ficou apenas, em Laguna, um filho de Dias Velho, José Pires Monteiro.



Laguna é a terceira fundação vicientista da costa de Santa Catharina. Em 1616, quando por ali passaram os jesuitas João Fernandes e João de Almeida, era apenas o local um aldeamento de selvicolas, donde quatro annos mais tarde foram retirados muitos delles para servirem nos fortes de Santos.

Em 1676, Domingos de Brito Peixoto aprestou-se em Santos, com sua gente, para vir localizar nas ter-

ras do sul mais uma bandeira colonizadora que se desprendia de São Vicente (35)

Era Domingos de Brito Peixoto afazendado ali, possuidor de regular fortuna (36) e á sua propria custa promoveu a mudança de sua gente e de seus haveres para estas plagas.

A sua bandeira compunha-se de duas fracções que deveriam ganhar as paragens sulinas por terra, uma, e por mar, outra. Da primeira faziam parte o bandeirante, seus dois filhos, Sebastião de Brito Guerra, que era capitão das ordenanças em Santos, e Francisco de Brito Peixoto, mais dez homens brancos e

(35) Basilio de Magalhães — *Expansão Geographica do Brasil Colonial e Os Bandeirantes em Santa Catharina* — deixa o anno de 1684, acceto pela maioria dos chronistas e historiadores, baseando-se em documentos fidedignos que encontrou no Archivo Nacional, para esposar a opinião de que tenha Brito Peixoto abalado de Santos em 1676. Fonseca Galvão, *Notas Geographicas e Historicas sobre a Laguna*; Almeida Coelho, *Memoria Historica*; Cons. Silva Mafra, *Exposição historico-juridica*; Lucas A. Boiteux, *Notas para a Historia Catharinense*, accitam a data de 1684. O Arcy-preste Oliveira Paiva dá a chegada de Brito Peixoto como se tendo verificado pouco antes da morte de Dias Velho; Paulo José Miguel de Brito, em nota á pag. 15 da sua *Memoria*, diz constar que a fundação de Laguna datava de 1653, ao tempo em que Gabriel de Lara fundava Paranaguá e em nota á pag. 18, o que parece ser mais acertado, informa que Domingos de Brito Peixoto veio para Santa Catharina ao mesmo tempo que Dias Velho, isto é, de 1675 a 1678; o Visconde de São Leopoldo diz que Laguna “a todas ellas (fundações catharinenses) vence em antiguidade e por algum tempo até em primazia”. Aurelio Porto acceta o anno de 1676 (*Laguna* — Conferencia, 1932). Os que accitam a data de 1684 dizem que Brito Peixoto fôra convidado por uma carta regia de 1682 para vir povoar os sertões do sul.

(36) Oliveira Vianna — *Populações Meridionaes do Brasil*.

cineocenta escravos; da segunda mais alguma gente, conduzindo viveres e ferramentas.

Depois de quatro mezes de penosa viagem, attingio, no continente fronteiro á ponta sul da ilha de Santa Catharina, a enseada que até hoje conserva o nome de Brito, em sua lembrança. Ou porque se não agradasse do local, ou porque seus indios entrassem em lueta com os da ilha (37), pouco se demorou ahi e seguiu viagem para o sul, attingindo a laguna dos Patos, nome dado então á laguna sobre a qual se assenta hoje a cidade deste nome. Ahi chegado, installou a povoação, tendo-a collocado sob a protecção de S. Antonio dos Anjos, de quem era particularmente devoto.

A segunda fracção, que deveria ganhar por mar o mesmo ponto da costa, foi jogada pelos ventos, para o norte, naufragando na altura do Espirito Santo, perdendo no desastre o bandeirante parte de seus haveres.

A bandeira de Domingos de Brito Peixoto, ao que consta, teria encontrado em Laguna a um tal Pedro da Silva Chaves, fugitivo das autoridades, (38) facto pouco provavel, pois antes de lançar fundamento á póvoa teve de sustentar lueta com os naturaes do eaque *Taiaranha*, o que certamente não aconteceria si algum braneo já assistisse nestas paragens.

Nesta lueta perdeu Brito Peixoto alguns homens da sua bandeira, brancos e escravos, até que poude afinal vencer os guerreiros selvieolas. (39) Conta a

(37) Almeida Coelho — Memoria Historica da Provincia de Santa Catharina.

(38) Oliveira Vianna — Populações Meridionaes do Brasil.

(39) Manoel do N. da Fonseca Galvão — Notas Geographicas e historicas sobre a Laguna, 1881.

lenda que foi achada milagrosamente na praia uma imagem de Santo Antonio e até que fôra a mesma que levava o patacho naufragado do povoador. E, por mais que a enxugassem da agua do mar, os pés da imagem conservavam-se permanentemente molhados (40). Em 1696, levantaram-lhe os moradores da póvoa a primeira igreja que lhe foi dedicada (41).

Depois de installado em Laguna começaram os trabalhos de Brito Peixoto tendentes a estender os seus dominios para o sul. Seguindo sempre o litoral, alcançou elle terras hoje pertencentes ao Estado do Rio Grande do Sul, onde andou caçando o gado nativo e deu combate aos naturaes, levando vida aventureira, até que, entrado em annos, alquebrado e doente, succumbio. O chão da pequenina capella, junto ao altar mór, recebeu o seu corpo, depositado para sempre aos pés de Santo Antonio dos Anjos da sua devoção (42).

Francisco de Brito Peixoto, temperamento de bandeirante, audaz como o pae e como elle emprehendedor, substitue-o por sua morte. Sebastião de Brito Guerra, o outro filho, levado pelo mesmo temperamento, encontra tambem a morte, frechado pelos indigenas quando se internava para o sul, em busca dos campos da Vaccaria.

Continuando os trabalhos paternos, Francisco de Brito procurou desenvolver a fundação sulina. Man-

(40) Aurelio Porto — Laguna, Conferencia, 1932 — Existe em Laguna uma cabeça de Santo Antonio que, reza a tradição, dizem ter pertencido á primeira imagem do thaumaturgo que existio em Laguna. Será a do Santo a que se refere a lenda?

(41) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

(42) Aurelio Porto — Laguna.

dou buscar mais casaes a São Vicente e a Cananéa, cuidou de que se não descurasse a população da agricultura.

Em 1700, illudido pela noticia que lhe trouxéra um indigena, abala-se com reduzido grupo de companheiros para o centro sul, em busca de imaginarias minas de prata e, comquanto não encontrasse o ambicionado metal, deixou aberta a picada para os campos, onde o irmão encontrára a morte.

Quatorze annos mais tarde, para mais de cinquenta casaes habitavam Laguna e o filho do fundador retirara-se para Santos a descansar o resto de seus dias (43).

Mas, El Rei necessita ainda de seus serviços de bandeirante e, em 1715, Francisco de Tavora, governador de São Paulo, vae busca-lo para que volte á Laguna, afim de que examine e abra caminho para o Rio Grande de São Pedro. Acode Brito Peixoto ao chamado d'El Rei e, como lhe não permittisse a saúde ir em pessoa dar conta da incumbencia, mandou a gente de sua familia e, do que vio e fez ella, deu conta áquelle Governador e ao proprio Rei, sem que nunca lhe fivessem dado resposta.

Em 1720 ia a povoação em franco desenvolvimento, contando já meia centena de casas de pau a pique, cobertas de palha e a sua população era calculada em trezentos christãos. Já tinha a sua producção de farinha de mandioca, peixe secco, carne salgada e cordas de cipó imbé (44).

(43) Visc. de São Leopoldo — Resumo Historico. Documentos Historicos, Rev Catharinense, José Johanny, Vol. I, n.º 2.

(44) Fonseca Galvão — Op. cit.

Nesse anno, recebeu a visita de Raphael Pires Pardiniho, que andava em correição e, embora tivesse sido elevada á categoria de villa, por Francisco de Tavora, em 1714, só nessa época foi a mesma instalada por aquelle Ouvidor, que lhe demarcou os limites com a villa de São Francisco, extendendo-se a sua jurisdição até a ponta das Garoupas, comprehendida a ilha de Santa Catharina (45).

Neste mesmo anno de 1720, apezar dos serviços que prestára á Corôa, foi Brito Peixoto preso á ordem do Governador do Rio de Janeiro, ao que supunha elle, devido ás intrigas de Manoel Manso de Avelar, velho morador da póvoa do Desterro e com quem andava elle, Brito Peixoto, ás turras. Pouco depois voltou á sua villa, rehabilitado (46).

Da correição do Ouvidor Pires Pardiniho resultaram grandes beneficios para a póvoa fundada por Domingos de Brito. Providenciou elle sobre o arruamento da villa e sobre o modo pelo qual deveriam ser feitas as construcções, demarcou a area do rocio da villa, prohibio o captiveiro dos Carijós, instituiu os livros da Camara (47) e, ao que consta, solicitou dos Vereadores, que então foram eleitos, não comparecessem ás sessões da Camara apenas de capote e de tamancos (48).

Um anno mais tarde recebia Francisco de Brito Peixoto a sua nomeação para o cargo de Capitão-mór

(45) Fonseca Galvão — Op. cit.

(46) Henrique Fontes — Manoel Manso de Avelar, in Rev. Trimestral do Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina — Vol. III.

(47) Fonseca Galvão, Op. cit.

(48) Lucas A. Boiteux — Pequena Historia Catharinense.

da villa de Laguna, com jurisdicção sobre a póvoa do Desterro que, como se disse, vivia em grande abandono desde o tragico fim do seu fundador. A patente respectiva fôra passada em 1.º de fevereiro de 1721, attendendo á sua actividade, á fundação da povoação de Laguna, ao ter convocado para ella, á sua custa, caçacs, á exploração da campanha do Rio Grande, o que tudo fizêra sem acceitar coisa alguma, dispendendo da sua propria fazenda, ficando-lhe concedida a dita patente por tres annos e tendo por districto não só Laguna mas tambem a ilha de Santa Catharina e o Rio Grande de São Pedro (49).

Em 1725, para nova commissão o designava o Rei, mandando que passasse ao Rio Grande e fosse lá tambem fundar povoação. Brito Peixoto, embora velho e trabalhado pela doença, procurou obedecer. Apromptou-se e á sua gente, para partir, o que deveria fazer justamente no dia da festa do Rosario dos Pretos e que coincidia com a eleição dos vereadores da villa. Quiz o povo impedir a sua partida, mas obstinou-se o velho Capitão-mór em fazel-a, allegando ter de cumprir os encargos com que lhe honrara El Rei. Fez-lhe ver o povo que governal-o tambem era prestar serviço ao Rei (50), mas nem mesmo assim conseguiu dissuadir o teimoso Capitão da sua viagem. Não tendo outro recurso, então, o povo que não desejava ver seguir o seu governador, já velho e fatigado pelos trabalhos que prestara, leva-lhe a ultima intimação: ou desiste ou então os moradores ver-se-ão obrigados a prendel-o a ferros.

(49) Documentos Historicos — Revista Catharinense, José Johanny, Vol. I, n.º 2.

(50) Aurelio Porto — Laguna, Conferencia.

Só assim se resigna o velho bandeirante a ficar, com os olhos cheios de lagrimas pela prova de amizade de seu povo.

Parte então, em seu lugar, o seu genro, João de Magalhães, com 31 companheiros, (51) a conquistar o pampa e semear com a semente lagunense aquella terra sulina. Cabia a este, que deixou o seu nome eternamente ligado a um bairro de Laguna, ir trilhar a campina dantes palmilhada por Brito Peixoto, quando mais moço se deixava ir á aventura, buscando prata e arrebanhando o gado extraviado das missões jesuiticas, que se criava livre e selvagem nas campinas gaúchas.

*

Em 1732, empobrecido, gasto, velho e enfermo, bate Brito Peixoto ás portas d'El Rei a pedir-lhe alguma paga em recompensa de tantos serviços: uns campos e terras no Tramandahy, que elle conquistára, com a sua bravura, para os dominios da Corôa. Já anteriormente, em 1720, solicitára uma donataria de 50 leguas, de Garopaba ao mesmo Tramandahy, uma tença e o habito de Christo. D. João V achára, certamente, excessivo o pedido e, como lhe custassem menos os elogios enviou-lh'os, com a patente de Capitão-mór de Laguna (52).

Ainda desta vez a gratidão real seria surda aos dolorosos appellos de um velho cheio de serviços pres-

(51) Gal. Borges Fortes — A frota de João de Magalhães, in Rev. do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul, Vol. XIV, 1. Trim.

(52) Documentos Historicos, Rev. Catharinense, José Johanny, Vol. I n. 2 e Bazilio de Magalhães, Expansão Geographica do Brasil Colonial.

tados á Corôa, e não impedio que morresse o lutador na maior indigencia, no anno de 1735.

*

Mas a sua póvoa, a que fundára com seu pae, Santo Antonio dos Anjos da Laguna, crescêra e os seus habitantes, na expansão natural do seu temperamento, trazendo em si o sangue dos bravos bandeirantes de São Vicente, ganhavam agora os campos do Rio Grande. Dava a pequenina villa origem a uma grande Capitania, seriam os seus homens os patriarchas de um grande povo. A emigração que se iniciára em 1733 continuou e as familias lagunenses partiram para fundar as primeiras estancias gaúchas (53).

Para ellas se trasladaram as melhores familias da terra, abandonando os areaes doirados, onde fôra achado milagrosamente o Santo padroeiro, pelas campinas infinitas. O sul attrahia e se povoava com gente de sangue lagunense. O Rio Grande “despertava para a vida e para a civilização, á sombra do glorioso pavilhão das quinas, ali erguido pelos braços robustos dos homens de Laguna” (54).

Sebastião Rodrigues de Bragança, em 1735, substituiu a Francisco de Brito Peixoto no cargo de Capitão-mór.

*

Lages tem a sua fundação effectuada no “grande cyclo do ouro” que se iniciára, em 1693, com a bandeira de Fernão Dias.

(53) Gal. Borges Fortes — A Frota de João de Magalhães.

(54) Gal. Borges Fortes — Povoamento inicial do Rio Grande, in Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul, Anno XIV, 3 Trim.

A barreira da Serra do Mar continuava ainda, no sul, a dificultar a penetração para o sertão, continuando o homem do litoral na sua conquista ao longo da costa, sem procurar subir o planalto para conquistá-lo.

Como a conquista do planalto paranaense, o desbravamento do sertão de Santa Catharina desceu de São Paulo, irradiando-se as bandeiras até as coxilhas riograndenses, na mais completa independência do movimento que se fazia no litoral.

Ganhava agora o dominio a profundidade de que dantes carecêra, num movimento de penetração que fazia recuar as fronteiras do paiz para o centro, sem sombra de ligação com aquelle que no litoral lhe dava extensão, levando as divisas mais para o sul.

São ainda as bandeiras colonizadoras que se deslocam, movimentando-se com todos os seus elementos e onerando o senhor da conquista em sommas respeitáveis. De Correia Pinto, que deitou fundamentos a Lages, dizia mais tarde o Morgado de Matheos não existirem mais homens como elle, dispostos a gastar para mais de quarenta mil cruzados para se desterrar no sertão desconhecido e prestar o serviço de povoal-o (55).

*

Antonio Correia Pinto fôra convidado para povoar os sertões de Curityba pelo Morgado de Matheos, a quem estavam entregues os negocios da Capitania de São Paulo em 1765, devendo elle mudar-se com toda a familia e haveres, fazendo as despezas á propria cus-

(55) Oliveira Vianna — Populações Meridionaes do Brasil.

ta, em troca de uma patente de Capitão-mór Regente e de uma commenda da Ordem de Christo (56).

Não foi sem hesitação que o abastado paulista aceitou a incumbencia e só depois de paciente trabalho conseguiu o Governador convencel-o. Vencidas as relutancias, movimentou-se a bandeira, já de posse Correia Pinto da patente promettida. Pouco depois recebeu elle instrucções para ir fundar uma povoação nas proximidades de Lages, onde, tinha tido noticia o Governador, havia terras abundantes.

Havia nesse lugar, ou nas suas proximidades, uma ermida levantada por alguns tropeiros que por ali haviam passado, e o proprio Correia Pinto era possuidor de latifundios naquellas paragens, que lhe não eram desconhecidas (57). Tinha, assim, a bandeira que sahia de São Paulo, um caracter nitidamente colonizador, embora excedesse o Morgado de Matheos nas suas attribuições, pois Santa Catharina já não fazia parte da Capitania de São Paulo e os sertões de Lages ficavam em territorio catharinense.

Não se poderá confundir a expedição de Correia Pinto com as simples entradas para o sertão, partidas da costa, sem outro fito do que a procura do ouro ou a caça do aborigene.

As expedições de Cabeza de Vaca e dos remanescentes do grupo de Sanabria não tiveram outro intuito que o de attingir o Paraguay, e nenhuma fundação haviam deixado no planalto. Aliás, na ordem chronologica, a primeira entrada deve ser, segundo as chronicas, attribuida a Aleixo Garcia, um dos naufr-

(56) Lucas Alexandre Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

(57) Cons. Manoel da Silva Mafra — Exposição historico-juridica.

gos da nau de Solis, que, entre 1521 e 1526, com mais cinco companheiros a organizou, mettendo-se pelo interior, em busca de ouro, tendo atravessado o sertão paulista, goyano e mattogrossense (58), e de quem se conta ter attingido o Perú, e, mais tarde, ter sido trucidado pelos naturaes, quando atravessava de volta o Paraguay, carregado de ricos despojos (59)

As attribuições de Correia Pinto eram outras. Partira para povoar o planalto paranaense e depois recebeu ordem para fundar uma povoação nos campos de Lages, povoação de que fosse não só o fundador mas ainda o seu director e administrador. (60) Dos direitos que lhe assistiam constavam os de poder obrigar os forros carijós a trabalhar na povoação e os de aproveitar na mesma os desoccupados que enchiam a Capitania. (61)

Era, novamente, a plethora existente em São Paulo que obrigava a esta tentativa de desafogo e que armava uma nova bandeira colonizadora.

Com estas instrucções abala o Capitão para as paragens determinadas, com familia, escravos e criação, chegando a 22 de novembro de 1766, e já em janeiro do anno seguinte dava inicio á erecção de uma igreja dedicada a N. S. dos Prazeres, cuja imagem havia trazido de São Paulo, presenteada que lhe fôra pelo Governador da Capitania. Aliás, como pensava o Morgado de Matheos "*que sem missa não se governam os povos*", fez acompanhar a Correia Pinto dois frades. (62)

(58) Roquette Pinto — Rondonia.

(59) Lucas A. Boiteux — A primeira entrada, chronica, Fpolis, 29-8-920.

(60) Cons. M. Silva Mafra — Op. cit.

(61) Oliveira Vianna — Op. Cit.

(62). Cons. Silva Mafra — Op. Cit.

Pouco depois a Camara do Viamão tentou embaçar a obra de Correia Pinto, mas o Vice-Rei mandou que não procurasse ella crear difficuldades ao bandeirante, embora suggerisse ao Morgado de Matheos a conveniencia da mudança do povoado para o valle do Itajahy. O Morgado, no entanto, mesmo contra a vontade do Conde da Cunha, Vice-Rei, prestigiava a acção de Correia Pinto, auxiliando-o de tal modo que de nada valeram os protestos dos vereadores de Viamão que reivindicavam para a nova Capitania do Rio Grande (creada em 1760) as terras até o rio Canôas.

Em 1768, já era freguezia e tres annos mais tarde recebia Correia Pinto a incumbencia de erigil-a em Villa, o que a 22 de maio executou, procedendo como era de costume na época: levantou o pelourinho, escolheu os locaes para a Camara e para a cadeia, demarcou o rocio e nomeou os juizes. Contava então a nova villa de Lages cerca de quatrocentos christãos e ficava annexa á Camara de Paranaguá. Desenvolvia-se rapidamente a industria pastoril, favorecida pelas grandes pastagens e extensos campos que a circumdavam.

*

Correia Pinto alliava á sua tenacidade e grande capacidade de trabalho uma grande integridade moral. A sua severidade era por vezes excessiva e conta uma lenda que, estando installado em Lages, uma filha deixou-se seduzir por um peão da fazenda e concebeu. O peão desaparece em circumstancias mysteriosas e a filha é levada acorrentada para um rancho de palha, onde colloca no mundo o fructo do seu amor.

Um viajante, passando tempos depois pela fazenda do bandeirante, consegue, não sem custo, avistar a desgraçada moça e penaliza-se do seu estado. Cor-

reia Pinto, no entanto, resiste a toda solicitação de clemencia que lhe faz o apiedado forasteiro, acabando por agastar-se ante a sua insistencia.

Fortemente impressionado, vendo que não obtem o perdão paterno para a joven, num gesto de compaixão, pede ao Capitão-mór que lhe conceda a filha por esposa.

Correia Pinto silencia e com os olhos transbordantes de lagrimas entrega ao nobre viajante a chave do cadeado que prendia a filha e diz: — “Ahi está a chave do cadeado. Faça-a sua mulher e leve-a para onde os meus olhos não tornem a vel-a.” (63)

*

Em 1783 volta o bandeirante a São Paulo e pouco depois, já velho, morre sem ter recebido o ambicionado habito de Christo.

IV

GOVERNOS COLONIAES — POVOAMENTO

As populações do litoral catharinense, neste período da nossa vida colonial, que vaé dos começos do século XVIII á independéncia, prosperaram lentamente.

Não possuíam ellas, para attrahir grandes levas de aventureiros e ambiciosos, que determinaram noutras paragens um florescimento exagerado, o ouro de todos cubigado.

As suas minas eram poucas e pobres, e insignificantes lucros não chegavam como compensação aos trabalhos da exploração.

Viviam assim estas populações da faixa marítima de Santa Catharina a vida mais ou menos tranquilla dos agricultores, soffrendo o esquecimento dos governos, mas gozando, em compensação, as vantagens de uma existencia sem preocupações e sem fadigas. Só mais tarde se verificará um maior desenvolvimento das póvoas do litoral e os productos da sua agricultura excederiam ao consumo local, iniciando-se então o intercambio com outras populações e centros, cuja produção não bastava para a mantença propria, sobrecarregadas como viviam de elementos extranhos,

na maioria ineptos para o trabalho agrícola e que viviam á sombra das grandes propriedades, na exploração das minas ou se dedicando á caça do aborigene. Santa Catharina exportaria, então, para estes centros, cereacs, carnes salgadas, peixe secco, farinha. Nos primeiros tempos, em todas as póvoas, o amanho da terra dadivosa consistia a principal occupação dos habitantes, e só mais tarde seria o trabalho agrícola relegado á actividade do braço servil. O gado, que fornecia as grandes mantas de carne, criava-se em Laguna e nas terras do sul.

Laguna e São Francisco eram as populações mais prosperas, embora vivessem isoladas, sem maior amparo do meio official e sem a minima parcella de meio circulante. Desterro, ainda mais que as outras villas, achava-se entregue aos proprios recursos, luctando com os selvícolas do continente, vivendo os seus cento e quarenta habitantes, em 1712, na maior pobreza, sem possuir quasi o que vestir. A indumentaria adoptada era apenas camisas e ceroulas, indo os mais remediados um pouco além, usando uma ou outra peça mais e chapéo. Raros possuíam sapatos e meias. .

Todavia, eram felizes na sua quasi indigencia.

Nenhum tributo pagavam e só de quando em vez, em occasiões festivas, o vigario de Laguna lhes cobrava o dizimo. Alimentavam-se dos productos da caça, da pesca e das pequenas lavouras, fornecendo-lhes a floresta proxima o mais: carnes variadas, sendo a do macaco a mais apreciada, e fructos saborosos. Assim nos relata a vida catharinense, naquelle anno, Frezier, que então permaneceu uma dezena de dias entre a bôa gente da Ilha de Santa Catharina (64). As

(64) Affonso de E. Taunay — Santa Catharina nos annos primevos — in Annaes do Museu Paulista, Tomo IV.

aguas eram ricas de saborosos peixes, as ostras grandes e magnificas e as lavouras suppriam o ilhéo de mandioca, milho, favas e batatas. As laranjas, as goiabas, os limões, as bananas, eram incomparaveis.

Dinheiro não representava ali o menor valor, sendo que os portuguezes que habitavam a ilha preferiam trocar os seus productos, com os navegantes, por algum panno com que fizessem roupa.

Chegou a fazer inveja áquelle navegador o modo de vida dos pobres catharinenses, pela felicidade que desfructavam. (65)

Manoel Manso de Avelar era o Sargento-mór que administrava a villa e não lhe dava, como nas outras coisas, maior trabalho, a saúde dos habitantes, que desfructavam as delicias de um clima saluberrimo. Apenas, de quando em vez, o *mal de bicho* — doença que se caracterizava por colicas, tenesmos e dores de cabeça — castigava a população. Mas esta já lhe conhecia o especifico: — um limão feito suppositorio, ou um clyster de polvora, resolvia a situação. Medicação heroica, si bem, como se vê, algo contundente... A tranquillidade destes dias felizes foi quebrada em 1719, quando, de 2 de julho a 19 de agosto, permaneceu em aguas catharinenses o *Speedwel*, barco do corsario Shelvoeke. Um official seu, de nome Hatley, rebelde e perverso, e que lhe vinha custando grandes desgostos e trabalhos, tornou-se o flagello dos humildes ilhéos, pondo fogo ás suas casas, tentando raptar-lhes as mulheres e commettendo outros desatinos. Shelvoeke era impotente para conter o seu subordinado, que contava com a sympathia da maioria da tripulação, e nada resolvia contra elle, embora frequen-

(65) Idem, idem.

tes fossem as reclamações dos catharinenses. Como proseguissem as correrias, estes acabaram por perder a paciência e, resoluta e fortemente, atacaram a alguns homens do *Speedwel* que andavam pela ilha em captura de desertores. Tres homens foram feridos a tiros e, tendo o corsario inglez obrigado o seu official causador de tudo a ir apresentar explicações ao Sr. de La Rivière, commandante de um navio portuguez, o *São Francisco Xavier* (40 canhões e 300 homens de equipagem) que a 3 de agosto aportára por sua vez a Santa Catharina, já lá encontrou a Manso de Avelar queixando-se do trato reeebido. Hatley regressou para bordo do seu navio a eusto, pois a tripulação do barco portuguez pretendeu lynchal-o, para desagravar a honra conjugal do Sargento-mór, offendida pela má lingua do pirata. Não escapou, todavia, de levar "alguns bons pescoções, sopapos e murraças". O *Speedwel* já havia sido fornecido de 21 bovinos, alguns porcos, 200 peixes salgados (méros), 150 alqueires de farinha de pau e 160 outros de favas. Assim abastecido, livraram-se os catharinenses da sua importuna visita. (66)

Assim corria a vida na póvoa de Dias Velho e, tão esquecida e abandonada, não é de extranhar que Pires Pardino, em 1720, só contasse 27 casas na ilha e no continente que lhe era fronteiro. Aliás, em 1717, Sebastião da Veiga Cabral requerêra a doação da Ilha, dando-a como deserta e inhabitada...

Em 1726, Laynes Peixoto, Ouvidor de Paranaguá, e que desde a criação daquella Ouvidoria tinha jurisdicção sobre as populações do litoral de Santa Catharina, separou a póvoa de Dias Velho da villa de Laguna, dando a Desterro os fóros de villa e mandou

(66) Idem, idem.

proceder ás eleições do costume. O primeiro Capitão-mór que recebeu a nova villa foi Sebastião Rodrigues de Bragança, Mestre de Campo honorario, e que viria a ser mais tarde, por morte de Brito Peixoto, Capitão-mór de Laguna (1735). Dois annos mais tarde cogitou-se dar á ilha o seu primeiro destacamento militar, tendo a ordem emanado de Antonio Caldeira Pimentel, Governador da Capitania de São Paulo.

Para o sertão, projectára-se a Estrada dos Conventos, que, partindo de Araranguá, ao sul de Laguna, attingiria o planalto curitybano, e já em 1730 estava ella concluida, após dois annos de intensos trabalhos e luctas sem conta, afóra as difficuldades que surgiram entre Brito Peixoto e Francisco de Souza Faria, a quem tinha sido comettido o encargo de realisar aquella empreitada. Um anno mais tarde já subia a serra, demandando os sertões de Curityba, a primeira tropa, conduzida por Christovam Pereira de Abreu. Levaram treze mezes a chegar ao seu destino as oitocentas cabeças de gado deste conductor, e de volta trouxe elle para o litoral nada menos de mil cavallos, conduzidos por cento e trinta homens.

Cinco annos mais tarde determinava-se a abertura de novas vias de communicacão, entre São Francisco e Desterro e de Laguna a Viamão, iniciando-se assim um maior intercambio entre as populações do litoral, extendendo-se pelas tres mais importantes fundações os caminhos referidos. Apezar destes melhoramentos, seguiu-se na chronica historica de Santa Catharina um periodo de declinio no desenvolvimento das populações do litoral, durando até o inicio do governo do Brigadeiro José da Silva Paes. Motivou-o a incomprehensão das autoridades superiores da Capitania que iniciaram o recrutamento militar nas pe-

quenas villas existentes, com evidente prejuizo para a lavoura incipiente, ao mesmo tempo que se registrava o exodo das familias lagunenses para o Rio Grande de São Pedro.

Em 1732, já se desviava para o serviço das armas regular quantidade de braços que se occupavam na agricultura. Era a primeira vez que se fazia o recrutamento nesta zona e a medida não foi, está visto, recebida a contento. Pouco depois, sitiavam os espanhóis a Colonia do Sacramento e Francisco Pinto Bandeira chegou á sua terra, Laguna, com a noticia do facto.

Em 1736, soccorria a villa de Brito Peixoto áquella colonia, não só enviando os productos da terra como ainda cavallhada de que necessitava o Brigadeiro Silva Paes, que fôra enviado em soccorro daquella fundação sulina. Vio-se tambem a população de Laguna novamente ás voltas com o severo recrutamento, feito á ordem daquelle Brigadeiro, por Christovam Pereira de Abreu.

De tal maneira se conduzio este recrutador que na pequena villa só ficaram os homens incapazes para o serviço das armas e que se viram "obrigados a fazer peixe e farinha para o abastecimento da villa". (67)

Com a passagem de novas forças enviadas para o sul, tendo de supprir a todos, a situação tornou-se de tal modo angustiosa que parecia ter sido ella mesma, Laguna, sitiada. Tal era a falta de braços que Francisco Pinto Bandeira não encontrou homens solteiros para auxiliarem-no na captura de indios e desertores, tarefa que lhe cõfiára Silva Paes, e casados não lh'os

(67) Manoel N. dá Fonseca Galvão — Notas Geographicas e historicas sobre a Laguna.

poude a Camara tambem fornecer, porque eram igualmente raros. (68)

Terminada a guerra no sul, continuaram as populações a soffrer os effeitos da campanha, e mui principalmente ainda Laguna, que continuava a ser a mais importante villa catharinense, agora devido aos elementos perturbadores que a ella chegavam, de regresso. Na póvoa de Brito Peixoto os roubos, os assaltos ás fazendas dos arredores e aos proprios moradores tornaram-se frequentes e a pacifica villa achou-se ás voltas com a calamidade oriunda dos acampamentos militares, representada por individuos que nelles haviam perdido o habito do trabalho e que passaram a levar a vida ociosa dos desoccupados. A essa malta, para maior mal, veio juntar-se parte da tripulação de um navio espanhol naufragado no cabo de Santa Martha.

Ante o clamor da população, a Camara conseguiu a renuncia de Sebastião Rodrigues de Bragança, que já era Capitão daquella villa, e que por velho e cansado se tornara incapaz de uma áttitude energica que a situação anormal exigia. (1742)

João de Tavora, que já antes déra mostras de coragem e iniciativa, foi escolhido successor daquelle Capitão e pouco depois confirmado no posto. Este João de Tavora estava na Ilha, em 1737, quando alguns desertores de uma nau espanhola, que arribara ás Cannasvieiras, tentaram desembarcar na villa do Desterro, fugindo á pesada disciplina de bordo. A população se enche de temor e os sinos tocam a rebate, para a reunião dos habitantes. João de Tavora assume o commando dos mesmos e marcha ao encontro

(68) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

dos desertores, tomados por piratas, recebendo-os a tiros. Demonstram aquelles os seus intuitos não bellicosos e, entendendo-se todos, acceitam os espauhões permanecerem na ilha como colonos.

Levados estes factos ao conhecimento das autoridades superiores, lembraram-se estas então da anterior provisão de Caldeira Pimentel, que mandára guarnecer a ilha militarmente, e ahí foi determinada a partida de Santos da primeira tropa regular, commandada por um capitão.

Trazia ella expressa ordem de não hostilizar os colonos e recommendação de impedir que quem quer que fosse se atrevesse a molestal-os.

Acompanhando a tropa transferiram para Desterro as suas residencias varias familias portuguezas.

Neste mesmo anno de 1737, installava-se a Provedoria de Fazenda na ilha. No anno seguinte passava a mesma, seguindo-se Laguna em 1742, e demais póvoas do litoral posteriormente a subordinar-se directamente ao Governo do Rio de Janeiro, separando-se do da Capitania de São Paulo, tendo-se assim o anno de 1738 como o da creação da Capitania subalterna de Santa Catharina. (69)

Governava o Brasil o Conde de Bobadella, Gomes Freire de Andrade, que com o Brigadeiro José da Silva Paes, por questões de vaidade melindrada (70), não se avinha muito bem e, sempre que podia, afas-

(69) Só em 1747, todavia, a Carta Regia de 9 de agosto fixou os limites do Governo civil de Santa Catharina, desde São Francisco ao Rio Grande. (Cons. Manoel da Silva Mafra — Exposição historico-juridica).

(70) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense; Gal. Borges Fortes — O Brigadeiro Silva Paes e a fundação do Rio Grande, in Rev. do Inst. Hist. e Geographico do Rio Grande do Sul, Anno XIII, 3. Trim.

tava-o do Rio de Janeiro, embora (ou talvez porisso mesmo) fosse este o seu natural substituto. Ao que parece, não teve outro intuito, que este de afastal-o, a missão que lhe destinou Gomes Freire em Santa Catharina, em 1739, entregando-lhe o Governo militar da mesma. Aliás, desde a sua volta do sul, Silva Paes vinha interferindo na vida catharinense, notadamente em Laguna e Desterro, onde dava ordens e determinava providencias de todo o character.

Silva Paes era um homem de rara capacidade, energico, progressista e que, alem de ser um dos mais brilhantes officiaes do exercito portuguez, era ainda um engenheiro intelligente e culto. O seu governo foi dos mais proveitosos para Santa Catharina, dando inicio a uma serie de melhoramentos notaveis para o tempo e imprimindo á vida da colonia uma nova feição. De volta do Rio, já com poderes definidos, procurou installar a nova praça de guerra ou presidio, como se chamava no tempo, transformando completamente o ambiente que viéra encontrar. Mudou a Séde do Governo, installando-o na Ilha, creou as repartições civis, deu inicio á construcção da Matriz, da Casa do Governador, fomentou o desenvolvimento da agricultura e atacou a construcção de quatro fortalezas que julgou imprescindiveis para a defesa da ilha, localizando-as na ilha de Anhato-mirim, na do Raton Grande, na Ponta Grossa e na ponta dos Naufragados.



A historia de Santa Catharina registra paginas de glorias e sacrificios escriptas por um regimento que teve origem num batalhão creado por Silva Paes, no mesmo anno da sua chegada a Santa Catharina, com elementos que do Rio trouxéra e outros que já exis-

tiam na ilha: — o Regimento Barriga-Verde, assim alcunhado devido ao peitilho verde do uniforme.

Este Regimento “enche um seculo da nossa historia militar com paginas de heroismo, resignação, disciplina e galhardia”. (71)

Com effeito, já em 1753 iniciava a sua longa e gloriosa folha de serviços, seguindo para o Rio Grande, sob o commando do Capitão Antonio Gonçalves, tomando, d’ali, rumo para Rio Pardo e Missões. Como parte integrante do exercito de Gomes Freire de Andrade, passou os tres annos seguintes actuando nas campanhas do sul, recebendo então o seu baptismo de sangue.

Tendo regressado a Santa Catharina, com o rompimento da guerra entre Portugal e Espanha, em 1762, parte novamente para aquella Capitania de São Pedro. Foi para Viamão e dali, engrossando as tropas que partiram a dar combate a Zeballos, mais uma vez para o Rio Pardo e outras localidades. Mal refeito destas campanhas, em 1767 contribuia com uma centena de praças para a reconquista daquella Capitania, tendo a maior parte desta gente cahido valorosamente nos campos de batalha. Dois annos depois, uma companhia commandada por Manoel Gonçalves Leão, á qual se ajuntára alguma artilharia, faz inteiramente a pé o longo trajecto de Desterro a Viamão. Novo appello feito á lavoura, no governo de Francisco de Souza Menezes, em 1768, recrutou cerca de 400 homens para o serviço militar. Tinha então, por esta epoca, a organização de Regimento e o seu commandante, Cel. Fernando da Gama Lobo Coelho D’Eça,

(71) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

tornou-o de tal modo efficiente e disciplinado que causava admiração a quantos visitavam a terra catharinense. Mais um contingente de cem praças, em 1774, partio para reforçar as tropas do Gal. De Bohn, que actuavam no Rio Grande e, em 1777, encontrava-se o Regimento na ilha, por occasião da sua tomada pelos espanhães, facto que será tratado opportunamente. Dispersado nessa epoca, só um anno depois consegue reorganizar-se.

Apezar dos inestimaveis serviços que vinha prestando, do saliente papel que tivera em todas as campanhas, contando os annos de dedicação e lealdade pelos da sua existencia, esta parecia ser ignorada pelo Governo do Rio de Janeiro. Em 1791, contavam-se oito annos que as suas praças e officiaes não recebiam a minima parcella do soldo que lhes era devido. Os Governadores da Capitania não tinham agora a ousadia que tivera Silva Paes, que não hesitou, certa vez, em se apoderar de numerario que o commandante de um navio conduzia para as tropas do Rio Grande, afim de pagar com elle o seu batalhão, dando recibo da importancia ao dito e communicando ao Governo central o que fizera. (72) Por mais de uma vez ver-se-ia assim em atrazo quanto aos vencimentos o pessoal do Regimento, só mantido dentro da decencia por serem soldados e officiaes filhos da terra e ajudarem-nos as respectivas familias a se vestirem melhor.

Manoel Soares de Coimbra, governador da Capitania, deu-lhe o quartel do Campo do Manejo, onde até hoje aquartelam as unidades do Exercito que se-diam na Capital.

(72) José A. Boiteux — Santa Catharina nos tempos d'El Rey, Nosso Senhor.

O anno de 1801 assignala uma nova organização dada ao Regimento, que passou a ter dez companhias, sendo oito de fuzileiros, uma de granadeiros e uma de caçadores, sendo o seu effectivo elevado para mil e seiscentos homens.

As paginas mais brilhantes da sua existencia escreveria então nas campanhas de 1811-1813 e de 1816-1820.

Continuavam os constantes atrazos de soldo e de fardamento, vendo-se Teixeira Omen, que governava a Capitania, obrigado a informar ás autoridades superiores a precaria situação em que se achava o Regimento, sendo que os seus officiaes se viam obrigados a pescar para poderem comer, e não tardaria, daquelle geito, a que se vissem obrigados a fazel-o para vender o pescado e comprar vestimentas. Não tinham mais o que cmpenhar, a não ser o uniforme e as camisas... (73)

Mesmo assim acudio de boa vontade ao chamado que lhe fez o governo, em 1811, e partio novamente para o sul, theatro das suas épicas façanhas. Mantendo a rigorosa disciplina em que fôra instruido, supportou longas e extenuantes marchas, soffrendo, alem de tudo, fome e frio. Os seus soldados chegaram a andar quasi nús, descalços e de tal modo maltratados que pareciam espectros. Apezar de todos estes trabalhos e soffrimentos, de se ter visto reduzido pelo cholera e pela variola, ao mandar o Commandante General do Exercito que os officiaes que se julgassem incapazes de arrostar com o restante da campanha pedissem reforma, nem um só do glorioso Regimento abandonou as fileiras.

(73) Idem, idem.

Maldonado, Paysandú, Cunhaperú, Bagé, Jaguarão, S. Miguel, S. Thereza, Rio Grande foram visitados nesta campanha pelo valente regimento.

Maior mal do que as fadigas da guerra e as epidemias causou-lhe o Tte. Cel. Manoel José Soares Barbosa Dantas Brandão, alcunhado o *Quebra*, que lhe foi dado por commandante quando falleceu, em 1813, o Brigadeiro José da Gama Lobo D'Eça. Relaxou o *Quebra* a disciplina, fomentou intrigas, estimulou a delação e favoreceu as denuncias anonymas contra os officiaes do Regimento, locupletou-se com os dinheiros do cofre do Regimento e anarchisou completamente a obra dos seus antecessores. (74) Os officiaes chegaram até a tramar a sua morte, afim de livrar o Regimento do commandante anarchisador, mas o Governo o transferio, á vista das continuas partes que recebia contra o malsinado tenente coronel.

Na campanha de 1816-1820 fez o Regimento parte das forças do General Carlos Frederico Lecór, o primeiro Barão da Laguna, marchando para Bagé ao tempo em que lhe deviam novamente 16 mezes de soldo. Parte delle se destacou (a sua companhia de granadeiros) e foi mandada para a Missão de São Francisco de Borja, cobrindo, em marcha forçada, 15 leguas, afim de se incorporar ali ás forças do Gal. Joaquim Xavier Curado. Dos seus 111 homens, apenas 85 chegaram ao destino. Artigas sitia a praça, então commandada pelo Brigadeiro Francisco Chagas Santos, e em repetidos ataques pretende tomal-a aos portuguezes.

(74) ...“Entretanto que ordenou que todas as novidades acontecidas durante a noite lhe fossem por escripto introduzidas por baixo da porta”. — Manoel Joaquim de Almeida Coelho — Memoria Historica do Extincto Regimento d'Infantaria de linha da Provincia de Santa Catharina.

A bravura dos granadeiros catharinenses torna-se notada, elogiando-os o commandante da Praça. Liberta finalmente esta pela intervenção do Tte. Cel. José de Abreu, que chegou com reforços de oitocentos homens, puderam ter os valentes soldados rapido descanso. (75)

Entretanto o resto do Regimento, sob o commando do Cel. Pedro da Silva Gomes se achava em Bagé, donde seguiu para Lageado, com ordem de se reunir á tropa de Xavier Curado, passando então a fazer explorações na campanha até Paipasso, Nhanduty e batendo-se a 19 de outubro sob o commando do Brigadeiro João de Deus Menna Barreto no combate de Iboracy. Findo este, no qual se portou com valor, recebeu ordem de marchar para as Missões, onde chegou em novembro, reunindo-se aos valentes granadeiros que, á parte, haviam tambem cobrado os seus louros.

Continuou o denodado Regimento, em 1817 e 1818, a sua acção, tomando parte nas varias incursões ás Missões do Uruguay e, "para a sua honra, seus soldados não mancharam as mãos nos saques e incendios" que ahi se verificaram. (76)

Sucedem-se depois os ataques a São Nicolau, afim de expulsar André Artigas, a batalha de Taqua-

(75) De um granadeiro, José Dias de Arzão, natural de São Francisco, conta-se que *tinha as canellas muito fracas* (sic). No combate de 28 de setembro de 1816, uma bala furou-lhe a pantorrilha direita e em São Carlos, um anno e meio depois, outra trespassou-lhe a esquerda. — "Com effeito", — disse-lhe o cabo Pedro Fernandes — "parece que o inimigo te procura as pernas para que não fujas!" — "Enganas-te", lhe respondeu Arzão, "o inimigo procura-me as pernas para que o não procure..." — M. J. Almeida Coelho — Op. cit.

(76) Manoel Joaquim de Almeida Coelho — Op. cit. retro.

rembó (22-1-820), e demais encontros, figurando em todos o soldado catharinense do Regimento de Linha fundado por Silva Paes. Já quasi nos fins da campanha recolheram-se os seus remanescentes a Porto Alegre (143 praças) ás quaes eram devidos nada menos de 25 mezes de soldo.

A Santa Catharina regressaram, dos 780 homens que haviam partido, apenas 91 soldados, ficando alguns poucos nos destacamentos sulinos.

Tomando o numero 8.^o e depois o 7.^o, com a denominação de Batalhão de Caçadores, permaneceu em Santa Catharina até 1826, epoca em que partio novamente para o sul, donde voltou passados dois annos.

Em 1832, com quasi um seculo de existencia, que representava outro tanto de gloria e sacrificio, foi o lendario batalhão, que deu a honrosa alcunha de *Barriça-Vcrde* a todo o povo catharinense, dissolvido (77).

*

Sob o esclarecido governo de Silva Paes, como já se disse, passaram a ilha de Santa Catharina e a villa do Desterro por transformações taes que muito logo as tornaram centro da vida catharinense.

Não era mais a antiga póvoa de Dias Velho o valhaouto de desertores e de piratas, mas uma villa com as suas repartições funcionando, uma praça de guerra fortificada, com a sua guarnição bem posta e cuidada, havendo já, assim, um vestigio de vida of-

(77) Todas as notas relativas ao lendario Regimento foram extrahidas da Memoria Historica do Extincto Regimento d'Infantaria de linha da Provincia de Santa Catharina, de M. J. de Almeida Coelho.

ficial. O seu governador não era mais um Capitão coberto de andrajos, rude, simples, mas um fidalgo intelligente e perspicaz, um official competente e digno.

Pela manhã, uma tenue nevoa encobria a curva macia das praias e o relevo do casario. Aos primeiros raios do sol, abria-se o panorama, rasgava-se o véo acinzentado da cerração e a póvoa surgia sobre o fundo verde da floresta (78). Contava para mais de quatro mil habitantes a ilha e as plantações produziam com abundancia, extendendo-se as lavouras em meio da matta tropical, perfumada e sussurrante. Já se cogitava explorar a pesca da baleia em aguas da Capitania.

Effectivamente, após varios contractos e concessões, começou a ser explorada esta pesca que deveria determinar pingues lucros para as empresas que a iniciaram. No continente fronteiro á ilha, na ponta norte, elevou-se o primeiro estabelecimento destinado á industria baleeira, a Armação da Piedade, em 1746, devendo-se a Thomé Gomes Moreira e a sete compa-
nheiros, todos lisboetas, a iniciativa de levantá-la. Cinco annos antes haviam obtido estes socios a respectiva concessão pelo prazo de doze annos. (79) Thomé Gomes Moreira foi succedido na exploração da pesca, finda a sua concessão, por João da Costa Pereira, tambem alliado a outros socios reinóes. Mal succedida foi entretanto esta empresa, não tendo lo-

(78) A Ilha de Santa Catharina julgada e descripta pelos antigos navegadores, in Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de Santa Catharina, Vol. VIII, 1.º a 4.º Trim. — Refere-se á viagem da esquadra ingleza commandada por G. Anson, que assim descreveu a ilha de S. Catharina em 1740.

(79) Lucas A. Boiteux — A Pesca da Baleia, in Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. de Santa Catharina, Vol. III, 1 e 2. Trim.

grado o menor exito, devido á má administração. Em 1765, Ignacio Pedro Quintella e varios companheiros arremataram o contracto por 10.000 cruzados, tendo a Armação da Piedade recolhido num só anno cerca de 520 baleias.

A esta Armação seguio-se a da Lagoinha, dedicada a Sant'Anna, fundada em 1772 no costão da ilha, ainda por Pedro Quintella. Obteve a empreza, nos annos da sua concessão, um lucro de 4 milhões de cruzados. Abandonada a industria durante a occupação espanhola, resurgio em 1778, fundando-se ao norte da barra do Itajahy uma nova Armação, a de São João Baptista de Itapocoroy. Por esse tempo, o contracto assignado com o Governo, reformando a concessão por mais doze annos, rendeu-lhe a importancia de cem mil cruzados e annos houve em que os lucros da companhia se contaram para mais de um milhão. Em alguns delles para mais de mil baleias foram pescadas em aguas de Santa Catharina. (80)

Embora não trouxesse um lucro maior e mais directo para as populações, esta pesca, na costa se foram fundando as armações e creando póvoas cujos habitantes viviam a ella dedicados. Em 1795 e 1796, respectivamente, fundaram-se mais duas Armações, a de São Joaquim da Garopaba e a de Santanna de Imbituba. Em 1801, passaram as Armações a ser administradas pela Corôa, por não terem apparecido concorrentes á sua arrematação, datando de então a decadencia da industria.

Em 1816, já se verificava, devido ás más administrações, a quasi extincção da pesca da baleia (81) e

(80) José A. Boiteux — Sta. Catharina nos Tempos d'El Rey, Nosso Senhor.

(81) Paulo José Miguel de Brito — Memoria Politica sobre a Capitania de Santa Catharina.

pouco depois só restavam os edificios das antigas armações e as ossadas espalhadas pelas proximidades. Tentativas posteriores de reerguimento da industria falharam completamente. (82)

•

Em 1749, installava-se a Ouvidoria de Santa Catharina, separada que fôra da de Paranaguá, e fundava-se com 130 açorianos, no continente fronteiro á ilha, a póvoa de São José. Um anno depois, São Francisco, que contava já para mais de mil habitantes passava a fazer parte do governo da ilha. Desterro ia assim absorvendo a direcção administrativa, jurisdiccioneando as diversas populações da costa.

A futura provincia ia tomando fórma. Ao sul já se contava como limite entre Laguna e São Pedro, o Tramandahy e ao norte os limites existentes entre São Francisco e Guaratuba, mais tarde modificados e definidos para os que até hoje servem aos Estados de Santa Catharina e Paraná.

Além dos serviços já enumerados de que dotou Silva Paes a Capitania, um, bem maior que todos elles, iniciou: o da colonização.

A este benemerito governo se deve o primeiro trabalho de povoamento das antigas póvoas do litoral, promovendo a colonização da ilha e das terras da orla maritima, com o fito de intensificar a producção, aproveitando a fertilidade de seu solo privilegiado.

•

Em 1746, o Governo da Metropole affixava editaes nos Açores e na Ilha da Madeira, attendendo ao pedido de seus habitantes que, vivendo então na

(82) Lucas A. Boiteux — A pesca da baleia.

mais completa miseria, pela superpopulação existente nas referidas ilhas, pediam ser enviados para o Brasil. Concedia o Governo vantagens aos que desejassem habitar a ilha de Santa Catharina, facilitando o transporte dos que se resolvessem a emigrar e attendendo os casaes com uma ajuda de custo. Promettia-se uma espingarda, duas enxadas, uma enxó, um martelo, um facão, duas facas, duas tesouras, duas verrumas, uma serra, uma lima, e dois alqueires de sementes, além de duas vaccas, uma egua e farinha para um anno. (83)

Rezam as chronicas que já em 1692 250 açorianos haviam acompanhado a João Felix Antunes que viera para Santa Catharina, e que em 1723, mais gente daquellas ilhas viera localizar-se na Capitania sulina. (84)

Reiniciava-se, pois, assim, um serviço já tentado, desta vez em maior escala. Não precisaria, talvez, tanto prometter por parte do Governo, para que se alistasse grande numero de açoritas, pois a vida nas ilhas era dura e sem esperanças. Com ellas, não era de extranhar que maior quantidade se apresentasse e excedesse mesmo á esperada. No anno seguinte já se contractava com Feliciano Velho Oldemberg o transporte dos colonos que se haviam decidido a atravessar o Atlantico e a Silva Paes se davam instrucções para recebê-los.

Havia ainda a promessa, que depois não se cumpriu, de isentar os homens do serviço militar e de não

(83) Jacintho A. de Mattos — Colonização do Estado de Santa Catharina.

(84) M. J. de Almeida Coelho — Memoria Historica do Extincto Regimento d'Infantaria de linha da Provincia de Santa Catharina.

onerar com impostos as terras que lhes fossem concedidas para as culturas.

Destinavam-se os immigrants ás terras que se extendem de São Francisco ao Rio Grande de São Pedro, devendo o Governador de Santa Catharina localizar os casaes que aqui ficassem em lugares proprios á fundação de novas povoações, reunidos em grupos de sessenta, recebendo cada um delles um quarto de legua em quadro, de accordo com a promessa do edital.

Ao Brigadeiro Silva Paes instrua a Provisão Regia de 9 de agosto de 1747 que fizesse preparar ranchos para o alojamento dos primeiros casaes e que, os que fossem chegando, tivessem igual trabalho para com os que haveriam de chegar; que tivesse promptos o peixe e a farinha para a alimentação dos colonos e que cumprisse á risca a letra do edital. Tomava a mesma Provisão as providencias necessarias para que áquelle Governador fosse remettido o dinheiro destinado ao pagamento da ajuda de custo promettida. (85)

Não esquecia o Governo a assistencia espiritual e mandava ao Bispo de São Paulo que fornecesse ás colonias os padres necessarios.

Em 1748, iniciava-se o transporte dos colonos, contando a primeira remessa cerca de 460 pessôas. A viagem fazia-se de accordo com instrucções emanadas do poder central. Não é de admirar que muita gente viesse a morrer; como de facto acontecia, nestas longas viagens que duravam cerca de dois mezes, pelo desconforto e pela promiscuidade com que eram feitas.

(85) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

Das instruções para a viagem constavam exigências interessantes. Dois homens, escolhidos entre os que maior capacidade revelassem, seriam indicados para governar a viagem. As mulheres eram obrigadas a viajar em compartimentos fechados á chave, com sentinelas armadas ás portas dos ditos compartimentos, recebendo as rações das mãos de dois outros homens apontados dentre os casados e fieis. Não podiam receber outros homens, além destes, no compartimento, a não ser o medico e o padre. Aos maridos se lhes consentia que falassem ás esposas, os filhos ás mães, os irmãos, ás irmãs, atravez de um estreito postigo, sempre na presença do Capitão do navio. Sabiam as mulheres de tão extranha custodia nos dias santificados, á hora da missa, ficando localizadas na proximidade do altar que se armava no convez, separadas dos homens por um pelotão armado. Mal terminava o officio divino, recolhiam-se novamente ás cabines.

O homem que dirigisse a palavra a qualquer delias, sem que as immuniidades do parentesco o permitissem, soffria variadas penas, da diminuição de ração á prisão a ferros.

No Natal de 1749, chegou á ilha a segunda leva de immigrants, composta de 1.066 pessoas, embora houvessem embarcado 1.300, em tres navios, occupando-se do transporte, agora, o assentista Franciseo de Souza Fagundes, por ter sido rescindido o contracto do assentista anterior.

Com a vinda destes novos colonos achou-se a ilha em falta de viveres, tendo o Governador Manoel Escudeiro, que nesse anno succedera a Silva Paes, mandado buscar viveres a Santos e Rio. Valeu isto uma reprimenda de Bobadela ao Governador da Capitania do Rio Grande, por não ter cumprido a ordem de en-

viar seiscentas cabeças de gado para a alimentação de toda essa gente. Em 1752 e no seguinte, chegaram as duas ultimas remessas, excedendo de quatro mil o numero de pessoas transportadas para Santa Catharina. Muitos destes colonos se destinavam ao Rio Grande, mas, demorando os transportes, ás vezes, estabeleciam-se na Ilha e se negavam depois a seguir viagem. Pretendeu-se embarcal-os a força, mas a Metropole censurou os que assim queriam contrariar a vontade dos immigrants.

Concluido o transporte desta primeira corrente colonizadora que attingio Santa Catharina, foram os açoritas distribuidos ao longo da costa, de São Francisco á Laguna, nas povoações existentes e em outras que se foram fundando.



Pareceu, de começo, com a vinda destes elementos colonizadores, tonificar-se a vida da colonia. Armavam-se as choupanas, lavrava-se a terra, notava-se por toda a parte uma verdadeira febre de trabalho. As sementeiras surgiram, a matta foi sendo derrubada, os engenhos de assucar se levantavam ao lado dos de farinha e os teares appareceram pela primeira vez na Ilha.

Infelizmente, pouco durou a illusão. A colonização açorita não apresentou o esperado resultado e a multiplos factores se deveu a sua completa fallencia.

Em primeiro plano, a incapacidade dos colonos para a agricultura. Não eram elles, em verdade, lavradores, acostumados no trato diario da terra. Eram mais fugitivos ás misérias das ilhas em que nasceram do que propriamente homens aptos para o trabalho agricola, dedicados a elle e d'elle conhecedores.

Em segundo, toda a especie de trabalho braçal repugnava a essa gente. “Acostumados a relegar ao braço escravo toda a sorte de serviço manual, os mais aquinhoados, de então, olhavam para o trabalho, do qual dependesse o menor esforço material, como occupação bastarda e humilhante”. (86)

Os menos aquinhoados, certamente, seguiam o exemplo dos outros, pois, homens livres, não se queriam humilhar trabalhando como qualquer escravo. A principal industria era a do preparo da farinha de mandioca, que se fazia então abundantemente. Ao lado, a praia piscosa. Nada de admirar que as populações procurassem evitar o trabalho, dedicando-se a uma vida de ocio, sob o clima ameno da ilha, ainda mais que o preconceito era grande contra aquelle. Bastavam-lhe o peixe e a farinha para alimento, não contando com o que lhes garantia a caça e a floresta com seus fructos, poupando-se assim qualquer esforço maior para um maior desenvolvimento. Aliás o phenomeno não era apenas local. Em outras partes do Brasil o mesmo se repetia e D. Luiz Vahia Monteiro, que foi Governador do Rio de Janeiro, dizia que os “brancos e reinões, ainda que sejam criados com a enxada na mão, em pondo os pés no Brasil, nenhum quer trabalhar”. (87)

Era o preconceito. Não faltaria certamente este em Santa Catharina, tanto mais que era uma terra de relativa fartura em pescado, caça, fructos e farinha; e os colonos, gente que até então não havia conhecido sinão privações e miseria.

Ao que se referio, ajuntava-se a contribuição do Governo para este desanimo, para esta falta de von-

(86) Jacintho A. de Mattos — Op. cit.

(87) Oliveira Vianna — Populações Meridionaes do Brasil.

tade para produzir, pois era o primeiro a não pagar o que requisitava dos poucos que trabalhavam. Evidentemente, os que assistiam a isto, ao descaso do Governo deixando de pagar as suas dividas para com os que se dedicavam ao trabalho, apesar de lhes requisitar os productos, não se dispunham a produzir, pois para viver sem o justo premio do seu esforço melhor e mais facil seria evitar as canseiras do trabalho. Apesar de mau pagador, o Governo ainda procurava cotar os productos a infimo preço, retirando assim todo o estímulo dos que ainda persistiam naquelle intento e o Tte. Cel. João Alberto Miranda Ribeiro, Governador da Capitania, por se metter a defender os colonos, nesse particular, ainda teve de passar pelo desgosto de receber severa reprehensão do Vice-Rei. Não era tudo. Ainda outro factor contribuiço para a decadencia das populações açorianas e madeirenses e este foi o recrutamento militar feito nestas populações, muito embora houvesse promettido o Governo isenção do dito serviço aos colonos. No governo Cardoso de Menezes este recrutamento foi feito em massa, desviando-se um sem numero de colonos para a caserna e para o serviço nas fortalezas, colonos que tiveram de abandonar as suas pequenas lavouras. Outros governos procederam de forma identica, aggravando ainda mais a situação dos pobres açoritas.

Si as promessas dos editaes affixados nas ilhas não foram cumpridas no ponto relativo á dispensa do serviço das armas, as que se referiam á cobrança de impostos tambem foram burladas e as Camaras acharam meios de cobral-os, embora contribuissem ainda mais para o desanimo das populações. Não é, pois, de admirar que tivesse falhado lamentavelmente, por todos estes factores, a tentativa de colonização e,

como a produção se tornasse escassa, continuando o Governo a requisitar e a não pagar, chegou a tal ponto o estado de penuria que, em 1836, já se considerava a ilha de Santa Catharina superlotada.

*

Em 1749, quando ainda não havia chegado a segunda remessa de imigrantes, deixava o Brigadeiro José da Silva Paes o governo de Santa Catharina.

Longa é a lista dos que se seguiram a este benemerito governo.

Manoel Escudeiro Ferreira de Souza foi o seu primeiro successor, (1749-1753) e coube-lhe receber as três ultteriores remessas de colonos. Quiz mudar para o continente fronteiro a Séde do Governo, mas não obteve a approvação do Governo Central, por já existirem na ilha edificios para as repartições. Seguiram-se-lhe : D. José de Mello Manoel (1753-1760); João Antonio de Souza Falcão (1760); Francisco Antonio Cardoso Menezes e Souza (1760-1765); Francisco de Souza Menezes (1765-1775); Pedro Antonio da Gama Freitas (1775-1777); Francisco Antonio da Veiga Cabral (1778-1779); Teixeira Omem (1779-1786); José Pereira Pinto (1786-1791); Manoel Soares Coimbra (1791-1793); João Alberto Miranda Ribeiro (1793-1800); um triumvirato composto de José da Gama Lobo Coelho D'Eça, Aleixo Maria Caetano e José Pereira da Cunha (1800); Joaquim Xavier Curado (1800-1805); Luiz Mauricio da Silveira (1805-1817); João Vieira Tovar de Albuquerque (1817-1821); e Thomaz Joaquim Pereira Valente (1821).

Em dois periodos se pode dividir o espaço que vae de Silva Paes á Independencia: o primeiro delles dura até á tomada da ilha pelos espanhões e, exceptuando o primeiro governo, daquelle Brigadeiro, se caracte-

riza pela decadencia progressiva da colonia; o segundo, que se inaugura com a brilhante administração de Veiga Cabral, encerra épocas de reflorescimento e vae até a emancipação politica do paiz.

No governo de Mello Manoel, do primeiro periodo, separa-se o Rio Grande, até então subordinado ao governo de Santa Catharina, para formar Capitania á parte (1760).

João Antonio de Souza Falcão não chegou a assumir o governo, fallecendo em viagem para Santa Catharina.

O governo de Cardoso de Menezes tornou-se celebre, si assim se pôde chamal-o, pelo despotismo que o caracterizou. Conta-se que obrigava os colonos a trabalhar na construcção dos predios publicos e das fortalezas, debaixo de chicote. A situação de miseria da Capitania chegou ao auge nesse governo. Em compensação, a bajulação cresceu assustadoramente, tornando-se repugnante aos proprios visitantes. Officiaes portuguezes, que serviam no destacamento militar, disputavam a honra de servir de copeiros ao governador. Este parecia reproduzir em Santa Catharina os costumes da Côrte, criando della uma ridicula miniatura. Os officiaes que não serviam á mesa assistiam ao jantar de Cardoso de Menezes, de pé, como si fôra elle o Rei.

Desterro era então uma villa de pouco mais de 150 casas, quasi todas de um só pavimento. A população branca não se dedicava a qualquer trabalho, todo elle entregue ao braço escravo. Havia ainda pobreza de vestuario, usando-se apenas calça e camisa e apenas o Governador, os officiaes e funcionarios trajavam á franceza, embora feita a roupa de panno grosso. Alguns habitantes, mais abastados, usavam

enormes cartolas, de grandes abas horizontaes de 10 pollegadas, outros apenas um capuz de panno.

As mulheres eram affaveis, desembaraçadas e gentis, de pelle bastante alva. Os escravos andavam pouco menos que nós. (88)

O resto da Capitania não era melhor.

Todavia, para o centro, a dispersão paulista, mixto de bravura e de cubiça, continuava palmilhando os sertões desconhecidos e Antonio da Silveira Peixoto, em 1769, lançava os fundamentos de uma povoação, sobre o Iguassú, collocando-a sob a protecção de N. S. da Victoria.

Em 1771, alcançava-se Lages, por uma estrada partida de Tubarão.

Souza Menezes persistio nos methodos de seu antecessor.

Com Gama Freitas cae a ilha em poder dos espanhóes de D. Pedro de Zeballos, aggravando-se então, sobremaneira, a penuria da população que se vio obrigada em grande parte a fugir para o continente.

No segundo periodo surgem os governos reconstructores. Inicia-se com Veiga Cabral que chegou a Desterro pouco depois da paz com Espanha, recebeu a ilha das mãos dos espanhóes e tratou de reorganizar a vida da Capitania. Chamando os colonos que haviam fugido da villa do Desterro, procurou incrementar a agricultura, reconduzindo-os ás lavouras abandonadas. Reparou os predios publicos, deu inicio ao reparo das fortalezas e arregimentou os batalhões para a defesa da ilha. Tornou-se estimadissimo das populações. Infelizmente não durou muito o governo deste militar.

(88) Affonso de E. Taunay — Santa Catharina nos tempos primevos.

Teixeira Omem, embora fosse um excentrico, foi o continuador capaz da obra reconstructora de Veiga Cabral. O povo appellidou-o de *Sete Carapuças*, porque costumava queixar-se de sentir um intenso frio na cabeça, não poupando agasalhos para ella, ao mesmo tempo que andava descalço, em casa, porque o calor que lhe faltava no craneo sobrava-lhe nos pés (89).

O seu longo governo foi util á Capitania, trazendo-lhe grandes beneficios, embora continuassem as mesmas difficuldades quanto aos pagamentos que o Governo não encontrava maneira de fazel-os.

Terminou Teixeira Omem a construcção da Casa da Camara e proseguio no reparo já iniciado dos predios publicos. Incentivou a plantaçõ da canna de assucar, do anil, do trigo e do linho. Surgiram as primeiras casas de commercio em Desterro nesta época. (90)

Durante o seu governo recebeu Santa Catharina a visita do famoso e infortunado navegador La Perouse, cujos navios *Bussole* e *Astrolabe*, em novembro de 1785, fundearam na bahia do norte do porto do Desterro.

O notavel marinheiro, que desapparecia pouco depois no Pacifico, deixou-se impressionar pela grande belleza do lugar, pelo perfume que embalsamava o ambiente e tambem pela pobreza existente, fructo da inepcia dos governos superiores. A maioria dos habitantes resentia-se da falta de innumerous artigos e vivia em extrema penuria. Eram, entretanto, acolhedo-

(89) José A. Boiteux — Arcas de um barriga verde; Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

(90) Lucas A. Boiteux — Pequena Historia Catharinense.

res e gentis. La Perouse abasteceu seus barcos com grande copia de viveres e seguiu viagem pouco depois. (91)

Percira Pinto foi outro amigo da agricultura, tentando obter novamente fructos da colonização. Promoveu o desenvolvimento de varias culturas e iniciou outras. Deve-se-lhe a manutenção dos teares catharienses, mandados extinguir, como todos os do Brasil, pelo Alvará de janeiro de 1785. (92)

Manoel Soares de Coimbra, que o substituiu, deu inicio á construcção de um quartel, sendo nella empregados os proprios soldados do valoroso Regimento de Linha da Capitania, lucrando assim os cofres do governo que dispenderam com a construcção apenas seiscentos mil réis.

Ao mesmo tempo que se iam succedendo estes bons governos, iam melhorando as condições de vida na Capitania e o seu povo aprimorando as maneiras, cultivando a musica e a dansa, melhorando o aspecto das casas.

Durante o governo de Miranda Ribeiro abriram-se duas novas ruas. Contava Santa Catharina então quasi vinte e cinco mil habitantes e possuia a Capital 3 engenhos de assucar, 192 de moer canna, 4 de pilar arroz, 297 moinhos e atafonas, 884 boladeiras de mandioca e 32 cortumes. (93)

Cultivava-se o café, o arroz, a mandioca, o milho, o feijão e cebolas.

(91) Affonso de E. Taunay — Op. cit.

(92) José A. Boiteux — Santa Catharina nos Tempos d'El Rey, Nosso Senhor.

(93) Provincia de Santa Catharina (1817 — Da Co-rographia Brazilica do Pe. Ayres Casal, in Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. de Santa Catharina, Vol. VII, 1.º Trim.

Xavier Curado continuou a série dos bons governos ficando a dever-lhe a Capitania nova cópia de melhoramentos.

Apezar da lentidão de seu progresso, deve-se a estes administradores o aspecto agradável que ia aos poucos tomando a villa do Desterro, já agora a mais importante da Capitania.

A população era calculada, em 1808, em 5 a 6 mil habitantes ali na velha póvoa de Dias Velho; já havia escolas, boas igrejas, bellas vivendas de dois e três pisos; hospital, quartel e ruas bastante regulares. (94)

Mas, a continuidade dos bons governos foi afinal quebrada.

A Xavier Curado succedeu Luiz Mauricio da Silveira, de quem se guarda lembrança como muito esperto e pouco escrupuloso. Fidalgo e pobre, por mais de uma vez se viu obrigado a lançar mão de expedientes para obter dinheiro. (95)

(94) R. Southey — Historia do Brasil.

(95) Conta-se a respeito deste fidalgo que, de certa feita, vendo expostas á porta de um negociante umas lindas cebolas, mandou um soldado falar ao proprietario da loja, em seu nome, pedindo que lh'as vendesse, pois tinha justamente uma encommenda neste sentido de um amigo da Côrte. Pouco depois recebia de presente as mais lindas resteas, offertadas pelo negociante. Qual não é, porém, o espanto deste, quando, na manhã seguinte, encontra as suas lindas cebolas expostas na barraquinha de uma quitandeira muito chegada e protegida do Governador! Não desejando que outro commerciante possuísse aquelas cebolas e lhe fizesse concorrência, comprou-as. Horas depois apresenta-se novamente a ordenança, com novo pedido do Governador, de mais cebolas, para completar o tal pedido do amigo da Côrte. O vendeiro temeu melindrar com a sua recusa tão alto personagem e viu-se obrigado a offerecer ao esperto fidalgo, outra vez, as já famosas cebolas, certo de que, no dia se-

Conta-se mesmo que só á custa delles vivia o solerte fidalgo lusitano, pois, para se conservar no cargo, pagava a certo funcionario da Côrte todo o ordenado que vencia.

Foi durante o seu governo que Santa Catharina passou a ficar subordinada á do Rio Grande que nesse anno (1807) fôra elevada a Capitania Geral.

Dois annos mais tarde, Diogo Pinto de Azevedo Portugal explorava os campos de Palmas.

Em 1810, elevara-se o numero de habitantes da Capitania a 30.339 almas, sendo a população branca computada em 23.680 individuos. Existiam na Capital um professor de latim e varias escolas primarias. As festas religiosas se realizavam com grande pompa, bem assim como os baptizados, os casamentos e os enterros. Moral do povo, boa. Gente caridosa, hospitaleira, pacifica e laboriosa. Os seus prazeres eram a caça, a pesca, a musica, o canto e a dansa. As mulheres, prendadas e fecundas. (96)

Tovar de Albuquerque, substituto de D. Luiz Mauricio, era ignorante e atrabiliario, tendo a população catharinense soffrido grandes vexames durante o seu governo. (97) Dos trabalhos que executou guarda-se

guinte, iria novamente encontral-as á casa da quitandeira amiga. Com effeito, lá estavam ellas no dia seguinte, mas desta vez evitou o commerciante recompral-as, pois outra coisa não vinha fazendo sinão favorecer o inescrupuloso commercio de D. Luiz... — Lucas A. Boiteux — As cebolas do merceiro; José A. Boiteux — Arcaz de um barriga-verde.

(96) Paulo José Miguel de Brito — Memoria Política.

(97) Memoria Historica — (Papeis legados ao Cpm. de Corveta Luiz Noronha pelo Almirante Marques Guimarães, in Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Catharina.

memoria da construcção de uma estrada de São Francisco ao Araquary e o estabelecimento das Caldas do Cubatão. Ainda durante o seu governo, Lages passou para o governo de Santa Catharina, desligando-se do de São Paulo (1820). No litoral contavam-se, além das três villas de Laguna, Desterro e S. Francisco, sete freguezias, São José, S. Miguel, N. S. do Rosario e Sant'Anna, no continente e N. S. da Conceição, N. S. da Lapa e N. S. das Necessidades, na ilha. (98)

Nova tentativa de colonização se verificou em 1818, localizando-se outros immigrants portuguezes na enseada das Garoupas, local onde hoje se assenta a villa de Porto Bello, e que, um seculo antes, em 1703, (conforme documentos descobertos por Bazilio Magalhães), Domingos de Oliveira Rosa pretendia povoar. Ficou a colonia, que tomou o nome de Nova Ericeira, sob a direcção do intendente de Marinha Mello e Alvim, pessoa que suppria a falta de luzes do Governador e que viria a ser, no Imperio, Presidente da Provincia. Os primeiros colonos chegaram em 1819, perfazendo um total de 101 pessoas. Ainda desta vez fracassou a tentativa. Os colonos não se dedicaram ao trabalho agricola, tornando-se na maioria mascates e taverneiros, e acabaram por vender a infimo preço as proprias terras. (99)

Em 1821, governava a Capitania Pereira Valente, de cuja escolha para o cargo se disse não ter podido ser piór. Era nullo, simplesmente. Não ficou por muito tempo á frente do governo.

(98) Santa Catharina em 1817 — Corographia Brazili-
ca de Ayres Casal, in Rev. Cit.

(99) M. J. de Almeida Coelho — Memoria Historica da
Prov. de Santa Catharina.

Neste mesmo anno Santa Catharina elegia o Padre Lourenço Rodrigues de Andrade seu primeiro Deputado ás Côrtes de Lisboa. (100)

Estava-se ás vespervas da independencia.

(100) O Pe. Lourenço de Andrade, em signal de protesto ao Alvará de 1785 que mandara fechar os teares brasileiros para que se não fabricassem no paiz tecidos finos, usava, mesmo no Parlamento, vestes feitas de tecidos grosseiros, fabricados na Ilha, para os negros, os unicos que se podiam fabricar na Capitania. — Santa Catharina no Parlamento — O Pe. Lourenço Rodrigues de Andrade, de Henrique Boiteux, in Rev. Trim., do Inst. Hist. e Geogr. de Santa Catharina, Vol. V.

SEGUNDA PARTE

A COLONIZAÇÃO

1. — PEQUENA PROPRIEDADE, PRIMEIRAS FUNDAÇÕES COLONIAES.
2. — OS VALLES DO ITAJAHY E DO TUBARÃO.
3. — JOINVILLE E SÃO BENTO. JARAGUÁ E HANSA.
4. — COLONIAS NO CAMINHO DE LAGES E COLONIAS DISSEMINADAS PELO LITORAL.
5. — O PLANALTO.

I

PEQUENA PROPRIEDADE — PRIMEIRAS FUNDACÕES COLONIAES

Não predominou para as terras de Santa Catharina aquelle criterio que vinha empregando a Metropole em outras regiões, no que se prendia ás concessões de sesmarias, e que consistia na preferencia em favor dos que, além de condições de fidalguia, tivessem dado provas de uma situação financeira prospera, assegurando assim o desenvolvimento posterior da propriedade. Os pedintes de terras, de então, faziam questão de declarar que não eram desprovidos de meios, que possuíam recursos capazes de arcar com as despezas decorrentes da installação dos latifundios (101).

Em Santa Catharina não se verifica esta preferencia. Havia, como foi dito, interesse em descongestionar os dominios paulistas, superlotados, povoando com os elementos excedentes as terras do sul. E tal interesse determinou que, ao lado da sesmaria concedida ao Capitão, que o governo do centro habilmente

(101) Oliveira Vianna — Populações Meridionaes do Brasil.

convencia, á custa de promessas, mudar-se para estas terras, se concedesse tambem outras, ás familias que o acompanhavam, dispondo-se ao exilio nestas paragens.

Assim, verifica-se que nem todos os sesmeiros aqui são da linhagem financeira á que pertenciam Brito Peixoto, Cavallinho e Correia Pinto, que já eram, em São Vicente e São Paulo, abastados possuidores de grandes propriedades. A maioria dos que recebiam os favores das concessões não contava com situação economica prospera, e só o desejo de attingil-a a trazia para as terras catharinenses, acompanhando os fundadores.

Si estes, como Dias Velho, Manoel Lourenço, Brito Peixoto e Correia Pinto movimentam todo o dominio colonial, no typo da bandeira colonizadora, abalando com familia, escravidão e alguns aggregados, para as novas terras, os demais pouco traziam além da propria familia.

Mesmo assim eram-lhes concedidas as sesmarias. Os fundadores traziam autorização e procuração para distribuir terras e latifundios aos que os acompanhavam.

A installação dos grandes dominios e a formação das grandes culturas, entretanto, exigiam o dispendio de capitaes respeitaveis para a época, (102) não estando porisso na possibilidade destes as realizações agricolas que floresceram em outras regiões. Assim, não se encontra, si bem que genuinamente vicentistas as populações do litoral, a existencia daquelles dominios que se installavam alhures e que deram origem áquella nobreza fundada no poder territorial. Embora concedidos os latifundios nas mesmas medidas,

(102) Oliveira Vianna -- Evolução do povo brasileiro.

não se pôde encontrar aqui o grande dominio, florecente e productivo, absorvendo toda a vida em torno, produzindo em larga escala, empregando um consideravel numero de braços e subsidiando a horda dos aggregados.

Sem os recursos capazes de manter o dominio, com todos os seus factores, que caracterizaram a sociedade colonial, senhor, escravaria e aggregados, os sesmeiros condemnavam-se á ruina. Foi o que aconteceu em Santa Catharina. Nenhum dominio se encontra, então, da mesma categoria daquelles latifundios cafeeiros e assucareiros existentes mais ao nôrte, nenhuma producção em larga escala, nenhum trabalho intensivo a exigir o maior emprego do braço escravo em larga escala e a obrigar a caça ao selvicola para o seu internamento e aproveitamento no latifundio.

Por sua vez, este não se organizava nos ataques á propriedade e as suas hostilidades não traziam as apprehensões serias que noutras regiões se tornaram frequentes. Os aggregados, que viviam á sombra do dominio (103) defendendo-o quando preciso, não encontravam aqui terreno propicio á actividade.

Deste modo, á falta de recursos pecuniarios, não se encontra em Santa Catharina a existencia do grande dominio rural. Não existindo este, não se verificam as batidas pela terra a dentro á caça do gentio, a existencia de grande numero de escravos, nem se encontram os elementos extranhos desenvolvendo-se ás ilhargas dos latifundios.

Condemnados de antemão á ruina, verifica-se o inevitavel. Dias Velho succumbe á falta de quem lhe

(103) Oliveira Vianna — Populações Meridionaes do Brasil.

defenda a propriedade e a vida. Brito Peixoto morre na indigência. E a turba dos sesmeiros que se instalara em torno das fundações desaparece, abandonados os latifúndios, arruinadas as concessões e empobrecidas quasi todas as que persistiram.

Não conheceu a terra catharinense a sociedade colonial que viveu noutras paragens, o senhor de engenho abastado e poderoso, as senzalas repletas de escravos, a mestiçagem palpitante em redor.

O latifúndio não se fez grande domínio e entrou assim em decadência.

Muito cedo iniciou-se então o regimen da pequena propriedade e logo surgiu o trabalho livre, com todas as vantagens que apresenta.

Sem a existencia do latifúndio, no litoral catharinense, absorvendo pelo seu exclusivismo a vida da região, como se notou em outras partes, não foi difficil a installação do regimen da pequena gleba colonial, iniciada com a colonização açorita. Multiplos factores, já referidos, contribuíram para que esta immigração portugueza, unica permittida na época, não apresentasse fructos vantajosos, mallogrando lamentavelmente a iniciativa e indo os seus remanescentes se ajuntar aos das sesmarias na formação das pequenas e pobres populações existentes na orla litoranea de Santa Catharina.

Vê-se então que, aos descendentes daquella brava gente vicentista e dos colonos açorianos, se reservaram diversos destinos.

Uns fixaram-se nas villas maiores e mais prosperas, ou a ellas foram ter posteriormente; outros conservaram-se nas minusculas póvoas do litoral. Incapazes para a vida agricola, como os seus maiores, os herdeiros daquella gente valorosa que palmilhára ser-

tões desconhecidos e povoára terras conquistadas ao gentio, demonstraram aptidão para outras actividades.

Muitos dos que permaneceram nos centros maiores, iniciaram-se no commercio, atiraram-se á vida maritima, tomaram a farda do glorioso regimento de linha da sua terra. Formaram a fina flor da mentalidade catharinense, tornaram-se poetas e musicos, escriptores e politicos, marinheiros e soldados illustres. Encheram de orgulho a terra dos seus avoengos e, fugindo muita vez ao acanhado meio provinciano, foram brilhar fóra, na Côrte, elevando-se, pela intelligencia, pelo patriotismo, pela lealdade e altivez com que serviam á sua Patria.

Outros não conseguiram fugir á prisão dos pequeninos villarejos. Venceu-os a pobreza do meio, o isolamento a que os condemnaram.

Guardando as mesmas qualidades de valor, de intelligencia e de bondade, conservando a mesma tradicional hospitalidade e o mesmo conhecido despreendimento, repetem-se nas populações a que deram origem e que se disseminam, pequenas, insignificantes, decadentes, á beira-mar. Vivem estas como outróra viveram as póvoas paternas: sem estímulo, abandonadas, guardando a mesma primitiva organização, mantendo-se precariamente da pesca diaria, da pequena lavoura e da industria da farinha preparada em pequena escala. Os habitantes parecem esperar do Céu favores e desgraças, num fatalismo mahometano, recebendo-os a ambos com a indifferença dos vencidos. Palpita no emtanto nelles um coração robusto, encerrando todas as boas qualidades dos seus antepassados e nutrindo forte sentimento de brasilidade.



Não haviam desanimado, com o fracasso da colonização açorita, todavia, os que se encontraram á frente do governo de Santa Catharina-Colônia, nos seus propositos. Cêdo se havia comprehendido que esta região uberrima pôderia vir a ser o celleiro do sul do paiz, capaz de abastecer os estabelecimentos que não produziam o sufficiente para a propria manutenção, devido ás continuas luctas com os confinantes. A fertilidade da terra garantia uma abastança em dias proximos e não era de se temer o gentio.

Ao mesmo tempo os portos seguros e profundos da costa favoreceram o commercio com outras populações.

Miranda Ribeiro (João Alberto Miranda Ribeiro), que já muito fizera pela immigração açoriana, era dos que acreditavam nas vantagens de uma politica de colonização. Homem de rara energia, espirito dotado de iniciativa e coragem, á frente do governo de Santa Catharina soube conduzir-se com uma firmeza digna de referencia. Quando a indiferença do governo central entravava os negocios da Capitania, o Cel. João Alberto Miranda Ribeiro sabia erguer a voz e reclamar o que devido era, embora lhe valesse da parte daquelle, quando a sua insistencia era demasiada, uma ou outra reprimenda.

A sua insistencia junto ao Governo do Rio de Janeiro pela criação de duas colonias, que elle queria localizar no caminho de Lages, foi notavel, chegando mesmo a mandar executar um orçamento para que fossem discriminados os gastos possiveis com a fundação destas colonias.

Infelizmente não logrou elle a attenção do Governo, embora os gastos orçados para a criação das ditas colonias não excedessem a 4:116\$000 para cada

uma (104). Morreu sem ter visto fundados os nucleos que com tanto carinho planejara installar no sertão.

O plano de Miranda Ribeiro era, com a natural preocupação da época, inicialmente, de finalidade militar. As duas fundações que idealizára no caminho dos campos de Lages, tinham o objectivo de hostilizar e destruir inimigos, naturalmente os espanhões vizinhos, completando o abrasileiramento do sertão iniciado com a abertura da estrada dos Conventos.

O objectivo colonizador vinha em segundo plano. Mas este se reconhecia como imprescindível, para garantir a subsistencia das tropas e propria, servindo de base a qualquer incursão para aquellas regiões do planalto. Baldadas foram as tentativas deste Governador e o Vice-Reinado não pareceu ter dado maior importancia á idéia que aquelle defendia com tanta insistencia.

Com a fundação do Imperio é provavel que o plano do antigo Governador tivesse sido lembrado, pois em 1828, no governo de Francisco de Albuquerque Mello, Santa Catharina recebia a sua primeira léva de immigrants, destinados justamente á formação de dois nucleos coloniaes na estrada que se abria para Lages. Esta determinação do Governo Imperial pa-

(104) Manoel Soares de Coimbra tambem pretendia fundar, no caminho de Lages, duas freguezias (Castello Melhor e Rezende) que seriam habitadas por soldados casados. Foi, ao que parece, a primeira idéa havida de localizar naquelle caminho colonias militares. Coimbra chegou mesmo a apromptar-se para ir habitar "no sertão da terra firme". Não chegou a fazel-o, chamado que foi á Côte, para justificar-se da accusação que lhe fôra feita, de defraudador da Fazenda Real. — M. J. de Almeida Coelho — Memoria Historica da Provincia de Santa Catharina.

rece orientada pela primitiva idéa de Miranda Ribeiro e para a sua effectivação enviavam-se para a Provincia 166 familias allemãs, oriundas de Bremen, formando um total de 523 pessoas.

Foi este o primeiro grupo de colonos estrangeiros que chegou á Santa Catharina, ao qual, inadvertidamente se lhe ajuntou, para a formação dos nucleos referidos, pouco mais de um cento de soldados, que haviam sido excluidos das tropas da Capital do Imperio e da propria Provincia. (105)

Embarcados em dois bergantins, o *Luiza* e o *Marquez de Vianna*, aportaram ao Desterro, com pequena differença um do outro, em fins de 1828, os primeiros colonos.

Hospedou-os o Governo nos quartéis da Capital, apenas isolando na antiga Armação da Lagoinha, por doentes, os chegados no *Luiza*, emquanto o Sargento-mór de S. José, Silvestre José dos Passos, ultimava os preparativos para a localização dos mesmos.

Este Silvestre José dos Passos veio a ser o primeiro director da colonia e, por ser tido como conhecedor do sertão, lhe fôra então entregue a escolha do local para a fundação dos nucleos.

Em março de 1829 já os colonos faziam a derrubada das mattas proximas para a installação do primeiro delles, contando em maio já com trinta e seis ranchos para habitação dos colonos. Estes venciam, durante o primeiro anno, emquanto a propria lavoura não garantisse a subsistencia, a diaria de 160 reis.

Escolheu Silvestre dos Passos, a cinco leguas da villa de São José, á margem esquerda do rio Imaruhy, justamente sobre o caminho que levava a Lages, em

(105) M. J. de Almeida Coelho — Memoria Historica da Provincia de Santa Catharina.

local ao abrigo das incursões dos indigenas, o ponto para a localização da primeira colonia, tal como lhe fôra mandado. Albuquerque Mello, em homenagem á Imperial Familia, deu então a este primeiro nucleo o nome de São Pedro de Alcantara.

Não era, entretanto, dos mais proprios o local, por montanhoso e accidentado, embora de terras férteis e ao desconhecimento daquellas condições encobertas pela floresta densa, se attribue a má escolha de Silvestre dos Passos. Devido a isto não tardaram as reclamações dos colonos, que solicitaram do Governo da Provincia terras nas Caldas do norte, em troca das de São Pedro. Não os attendeu, todavia, este, allegando estarem os reclamantes justamente nas terras que lhes haviam sido promettidas, sobre o caminho de Lages, enquanto que as solicitadas, sobre serem de propriedade particular, afastavam-se daquella estrada. Tanto bastou para que se alterasse a ordem na Colonia. Grupos bastante turbulentos entraram a provocar desavenças entre os colonos, mui principalmente os elementos oriundos das tropas, sendo necessaria a intervenção da força armada para fazer voltar a Colonia á primitiva calma.

Alguns immigrants, posteriormente, abandonaram as terras, indo, uns, para as margens do Biguassú, onde levantaram mais tarde capella a São Pedro Apostolo, e, outros, para a Praia Comprida, em São José, ahí estabelecendo negocios e officinas. (106)

Os elementos internados na Armação da Lagoinha, entretanto, permaneciam inactivos e desgostosos, mantendo-se esta situação por mais de um anno e meio, á falta de instrucções do Governo central ao da Provincia. Do desgosto pelo não cumprimento das pro-

(106) M. J. de Almeida Coelho — Idem, idem.

messas feitas resultou uma serie de reclamações, inicialmente, e mais tarde um verdadeiro motim encabeçado por ex-soldados, chegados pouco antes, baseando-se a reclamação na falta de pagamento da promettida diária de 160 reis.

A casa do Presidente chegou a ser atacada e insultado aquelle governador.

De inicio, sob a sua responsabilidade pessoal, procurou o Presidente obter de um commerciante local a importancia necessaria ao pagamento reclamado, com o que os animos serenaram, para poucos dias depois insistirem nas reclamações, que chegaram ao desacato á autoridade superior da Provincia.

Foram então presos quinze reclamantes e remetidos para o Rio. (107)

Representações foram, ao tempo, dirigidas pelos colonos ao Governo provincial, fazendo sentir a situação insustentavel em que se achavam os colonos, vindos do exterior com promessas de terras para cultivo e que, ao invés disso, permaneciam longo tempo na ociosidade, sem nada produzir.

Faltavam, no entanto, instrucções da Côrte, parecendo que esta pretendia estabelecer uma outra colonia quando a primeira já estivesse localizada.

Mas, Albuquerque Mello, em face da situação, de motu proprio foi procurando encaminhar os immigrantes para a primeira colonia fundada.

Mais tarde, no entanto, São Pedro de Alcantara foi desdobrada e, mais para o centro, ainda sobre o caminho de Lages, ergueu-se a freguezia de Santa Filomena, realizando-se assim o sonho de Miranda Ribeiro.

(107) Jacintho A. de Mattos — Colonização do Estado de Santa Catharina.

Francisco de Albuquerque Mello bastante se interessou pela sorte do primeiro nucleo fundado em Santa Catharina e procurou da melhor maneira auxiliar os seus moradores, resolvendo com justiça os casos surgidos, amparando-os e auxiliando-os nas suas primeiras e naturaes difficuldades.

Uma interessante reclamação teve, certa vez, de resolver o Presidente da Provincia e fel-o de maneira assaz incisiva. O colono Guilherme Kron requereu se lhe pagasse uma diaria de 1120 reis, em vez de 160, allegando a sua qualidade de medico. O despacho do Presidente foi duro: — “O supplicante não se acha no estado de encarregar-se da cura dos enfermos da colonia, pela alienação em que o tem posto o uso excessivo de licores espirituosos.” (108)

Em 1830, deixava a administração da Colonia de São Pedro de Alcantara o Sargento-mór Silvestre José dos Passos, passando-a ao colono João Henrique Soechting, ex-official e casado com uma senhora brasileira.

Soechting conservou-se officialmente á frente dos destinos da colonia até a promulgação da lei de 15 de dezembro, que abolia, naquelle mesmo anno da sua investidura, as despezas com a colonização estrangeira. Todavia, foi ainda o seu mentor por muito tempo. Já então era Presidente da Provincia, desde janeiro, Miguel de Souza Mello e Alvim, que substituiu o Brigadeiro Albuquerque Mello.

Demonstrou o novo presidente grande zelo pela Colonia de São Pedro, a ponto de doze dias depois da sua investidura no cargo, visital-a e della enviar ao Ministro do Imperio uma detalhada informação. (109)

(108) Jacintho A. de Mattos — Op. cit.

(109) Idem, idem.

O zelo de Mello e Alvim chegou ao ponto de fazer accusações ao seu antecessor, certamente com alguma injustiça, pois Albuquerque Mello mais não fizera por São Pedro devido ao desamparo do poder central, que nem sempre collocou muita diligencia em responder aos seus reclamos.

A colonia de São Pedro de Alcantara entrou, vencidas as primeiras mui comprehensíveis necessidades e luctas, a prosperar. Viveu sem regulamentos especiaes, obedecendo á lei commum. Em 1854, já contava com mil e quinhentas almas e os seus productos abasteciam o mercado da Capital.

Emancipada, finalmente, integrou-se na vida commum do Estado, não assignalando, é verdade, a prosperidade e a expansão das outras colonias estrangeiras que mais tarde se fundaram no Estado, mas sendo, ainda hoje, um centro prospero, cuja lavoura fornece á Capital e cidades proximas os productos da terra fertil e generosa.

*

Iniciado assim o periodo da colonização estrangeira em Santa Catharina, devia ella mais tarde tomar um notavel incremento.

Correntes immigratorias buscariam as terras do litoral do Estado, desenvolvendo-se grandemente a agricultura e iniciando-se, na região, a industria, representada hoje por um grande numero de importantes estabelecimentos fabris que supprem os mais importantes mercados do paiz de grande variedade de productos.

Favorecidas pelo regimen da pequena propriedade, outras levas vieram para Santa Catharina. Algumas dellas espalharam-se pelas terras do litoral, na orla maritima. Outras procuraram o caminho do sertão,

estabelecendo-se na zona do litoral, tambem, mas, terra a dentro, procurando o planalto. Outras, ainda, e se tornaram as principaes, estenderam-se pelos valles dos rios.

Ahi vamos encontrar as grandes e prosperas colonias, de grande produçãõ, que deram em menos de um seculo a Santa Catharina as mais importantes cidades, que fizeram a sua riqueza, que desenvolveram a sua agricultura e criaram a sua industria.

E' nos valles do Itajaly, do Tubarão, do Cachoeira, e em outros proximos a estes, que vamos encontrar os grandes centros coloniaes, de rapida evoluçãõ, de enorme progresso, em prazo de tempo excessivamente curto.

Em torno de um primeiro nucleo installado num destes valles, surgiram novos nucleos, repontaram novas colonias, novos povoados, mui depressa vencidas as etapas iniciaes, constituindo-se, mais tarde, novos centros, por sua vez, e tornando-se cabeças de municipios prosperos e ricos.

Foi o que aconteceu em torno de Blumenau, por exemplo, que deu origem a muitos outros municipios, todos prosperos, todos ricos, productivos, ordeiros, tranquillos no seu trabalho feliz e compensador.

Das margens do Cachoeira, a sua vez, partio o germen que attingiria a Serra. Da colonia D. Francisca partio a primeira léva immigratoria que attingio o planalto, fundando no alto da Serra do Mar a colonia de São Bento, actualmente um dos mais prosperos municipios do Estado.

Joinville, primitivamente colonia D. Francisca, com quasi 85 annos de existencia, apenas, é hoje, uma communa modelo no que concerne á organizaçãõ dos seus serviços publicos.

Ao sul, Azambuja, no valle fertilissimo do Tubarão, daria origem a outra serie de colonias e, estas, a outros tantos municipios.

De varias ethnias foram os colonos enviados para Santa Catharina. Todavia os que demonstraram maior capacidade colonizadora, maiores qualidades de expansão e que se tornaram de maior projecção na vida economica e social do Estado foram os allemães e os italianos. Francezes, belgas, inglezes não conseguiram demonstrar esta capacidade e as colonias que fundaram, em pouco tempo se extinguiram.

Elementos aptos para o trabalho agricola, criados e acostumados na lavoura, dispostos a enfrentar o meio e a vencel-o, verifica-se logo o seu adianto e o seu engrandecimento.

As póvoas e as colonias que fundaram tomaram, mais ou menos rapidamente, vulto, destacando-se, transformando-se muitas dellas em lindas e desenvolvidas cidades, de vida intensa e progressista.

Muita vez, no entanto, procura-se cotejar estas colonias de rapido desenvolvimento e as antigas póvoas do litoral.

Não ha que negar a benefica influencia da colonização, que tem garantido ao Estado um progresso crescente e uma prosperidade constante. Deve-se ao immigrante as lavouras extensas, o trabalho methodico, a persistencia tenaz com que se dedicou ao amanho da terra. A elle, ainda, o erguimento das cidades modernas, de agitada vida commercial e industrial.

Todavia, não ha pontos de contacto entre estes colonos e aquelles primitivos povoadores, bem ao contrario, ha muita diversidade, difficultando um cotejo justo e seguro.

A' incapacidade agricola dos primeiros povoadores, seguiu-se a completa dedicaçào á terra, a perfeita aptidào dos ultimos.

Para aquelles o trabalho era tido como condiçào humilhante, destinado apenas aos escravos. Estes, longe do preconceito estabelecido, o comprehenderam sempre como dignificador de homens livres.

Aquelles viram-se, desde o inicio, abandonados pelos governos, espoliados nas suas producções, que eram cotadas pelo proprio governo, como bem entendia e que, alem de compral-as a baixo preço não nas pagava. Estes encontraram governos mais esclarecidos e progressistas, que os animaram e confortaram, ajudando-os.

Não procederá certamente a arguiçào de que aquelles se destinaram as terras pobres e improprias da beira-mar, emquanto que a estes foram entregues as glebas ricas e ferteis dos valles, uberrimas, profundas de humus, livres, além de tudo, das endemias.

Nem aquelles só se destinaram terras pobres, nem a estes sempre as terras gordas.

Joinville, cidade de grande projecção na vida do Estado, surgio de um banhado. As suas terras contam ainda hoje grandes extensões alagadiças e a malária é endemica na região. O colono melhorou-a. Drenou, aterrou, saneou, plantou e venceu.

A razão é obvia.

Não se poderia certamente fazer agricultores daquelles que nenhuma aptidào possuíam para a agricultura. Não se poderia obrigar ao trabalho braçal quem a elle fugia, não porque fosse trabalho, mas porque era humilhante ao homem livre virar a mesma terra que o homem escravo. Dirigio-se então para ou-

tras actividades, dedicou-se a outros mistéres. O commercio attrahio a uns, as armas ennobreceram a outros, as lides politicas, as artes e a sciencia elevaram a outros mais.

O colono chegou quasi um seculo depois, trazendo outra mentalidade.

Não havia trabalho humilhante, nem elle era condição de rebaixamento. Qualquer que fosse elle, dignificava, honrava, elevava. Mesmo assim, Blumenau, psychologo e clarividénte, estabeleceu a prohibição da entrada de escravos na sua colonia. Porque, certamente, o colono sentir-se-ia humilhado, desbravando a matta ou alinhando as culturas ao lado do preto escravo, não porque fosse preto, mas porque fosse captivo. Homem cioso da sua obra, a ponto de procurar ver-se livre de um dos seus raros amigos, Fritz Müller, só porque este, com a sua irreligiosidade poderia dar máos exemplos aos seus colonos, (110) previo e temeu o mal que a ella adviria de collocar, lado a lado, colonos livres e trabalhadores servis.

Mesmo sem os favores officiaes levaria adeante a sua obra, o colono, porque era apto para a agricultura e porque não alimentava preconceitos contra o trabalho.

Porisso, desenvolveu as culturas, estendeu as plantações, montou fabricas, trabalhou, produziu, enriqueceu.

O outro não fez isto. Não enriqueceu á sua terra, como o colono, mas tambem honrou-a, servio-a, elevou-a.

Completaram-se, estes e aquelles, alliando-se para o engrandecimento e elevação, moral, cultural e material da terra catharinense.

(110) J. Ferreira da Silva — Fritz Müller.

E, o que um não havia, sósinho, conseguido, conseguiram-no os dois.

*

No planalto, para além da Serra do Mar, o dominio é ainda o latifundio e a sua vida é totalmente diversa da do litoral.

Embora já se verifique o apparecimento de algumas colonias, a zona pôde ser tida como de dominio da industria pastoril.

Extensos campos, propicios á criação, conduziram ao desenvolvimento desta industria que absorve quasi toda a actividade do homem do planalto. Do mesmo modo que a ausencia de capitaes determinou, no litoral, a decadencia do regimen sesmeiro, favorecendo a installação da pequena propriedade rural, no planalto as condições de vida exigiram a manutenção da grande propriedade, do latifundio, sem o que seria impossivel a existencia da industria pastoril. Não exigindo esta industria as dispendiosas installações da agricola, poudeser mantido o dominio e isto salvou-o da ruina, pois sem o latifundio o pastoreio estaria condemnado a desaparecer, e é o que se tem observado — e os exemplos são conhecidos no Estado — quando são divididos.

Retalhados para a contemplação de numerosos herdeiros, grandes propriedades dantes prosperas entram logo em decadencia, conduzindo a precarissima situação antigos dominios que anteriormente viviam na abastança. Oliveira Vianna relata o mesmo phenomeno no que se refere á industria agricola, achando sensibilissima esta acção desclassificadora do grande dominio, forçado pela divisão do patrimonio. (111)

(111) Oliveira Vianna — Populações Meridionaes do Brasil.

O que se não verificou para a industria agricola, na zona do litoral de Santa Catharina, pela absoluta ausencia de grande dominio, póde-se, no entanto, observar, ainda hoje, no planalto: — decadencia do dominio partilhado, pobreza quasi sempre dos herdeiros de abastados fazendeiros. A industria pastoril não é, como a agricola, compativel com a pequena propriedade.

A unidade no planalto é o milhão. O milhão de metros quadrados.

A sua fracção representa decadencia, a pequena propriedade significa pobreza.

II

OS VALLES DO ITAJAHY E DO TUBARÃO

Descendo a Serra do Mar, em direcção do oceano, recebendo innumerous afluentes em ambas as margens, o Itajahy, principal e maior rio do Estado com embocadura no Atlantico, atravessa num extenso percurso o mais fertil dos valles de Santa Catharina.

Formado inicialmente pelo rio Itajahy d'Oeste, que tem origem nos macissos em que se reúnem as Serras do Espigão e do Mirador, e do Trombudo, rio menor e situado mais para o sul, pouco depois recebe o Itajahy do Sul, cujas cabeceiras se encontram no valle situado entre as Serras Geral, do Itajahy e das Tijucas. Mais adiante, vem engrossar as suas aguas o Itajahy do Norte, tambem chamado Rio Hercilio, que é de todos o mais extenso e que desce da Serra do Espigão, entre a Serra do Mar e a do Mirador.

Reunidos assim, e formando o Itajahy-Assú, descreve este grande rio um trajecto para o Norte e depois para Leste, encachoeirado e espumoso, de inicio, logo tranquillo e profundo, espelhando nas suas aguas as altas barrancas pittorescas.

De longe em longe, as grandes tempestades da Serra augmentam enormemente o volume das suas

aguas. Sobe, galga por cima das margens, impetuoso e devastador, o valle circumdante. Espalha-se, arrasta os casaes, destroe as lavouras, sobe mais, attinge a cumieira das casas, a copa das arvores.

O valle torna-se um immenso lago correntoso e profundo. Do alto das collinas, amparando a familia, mal abrigado, apavorado, o colono olha a obra de devastação das aguas, cuja corrente carrega-lhe os moveis, a criação, a lavoura.

Dias depois volta o rio ao seu leito, deixando sobre a terra do valle a riqueza do seu lôdo fecundante. Retoma o homem o seu trabalho, reconstróe, replanta e, mezes depois, as sementeiras se estendem ao sol luminoso, doiram a paisagem as espigas maduras e fartas.

Antes de chegar ao oceano, recebe ainda, á margem esquerda, vindo do norte o Luiz Alves e, mais abaixo, vindo do sul, o Itajahy-Mirim, que percorre o valle existente entre as Serras do Itajahy e das Tijucas. Centenas de pequenos affluentes engrossam as aguas de todos estes tributarios e concorrem para a fertilidade de toda esta extensa bacia hydrographica.

Da sua fóz á embocadura do Luiz Alves é sujeito á influencia das marés e navegavel por navios de algum calado até á confluencia do Mirim.

Navios de menor envergadura attingem Blumenau, a cincoenta kilometros da sua fóz.

Foi ao longo destes rios, nas terras da bacia do Itajahy, que se fundaram as mais importantes colonias estrangeiras de Santa Catharina.

Em 1833, foi creado o Districto de Itajahy, á margem direita do rio, junto á sua fóz, com a parochia do SS. Sacramento, e que estava destinado a ser a futura cidade daquelle nome.

Villa em 1859 e cidade em 1876.

O primeiro morador de Itajahy, ao que consta, foi um Arzão, talvez Matheos, da familia daquelle João Dias de Arzão que viera para Santa Catharina com Manoel Lourenço de Andrade, povoador de São Francisco, e que para lá se dirigira, obtendo tambem favores de terras. (112)

Embora se pretenda que, como alguns pescadores que tambem ali moravam, não tivesse Arzão maior estabilidade no local, as chronicas assignalam que elle possuia ali "fazenda de lavoura", sendo que até hoje se conserva o nome de *Fazenda* á região em que havia Arzão propriedade. (113) Mais tarde, outros moradores são assignalados nas proximidades: — Alexandre de Azeredo Leão Coutinho, Sylvestre Nunes Leal Correia, José Correia de Negreiros e respectivas familias. (114)

Marcos Konder, estudando as origens da sua terra, todavia, reivindica para ella uma origem menos humilde, si bem que menos antiga, e attribue a Antonio Menezes de Vasconcellos Drummond a fundação da primeira póvoa que veio a ser mais tarde a cidade de Itajahy. (115)

(112) Carlos da Costa Pereira — Nota 20.^a á traducção da Viagem a Santa Catharina, de Saint Hilaire.

(113) Jayme Vieira e Juventino Linhares — Anuario de Itajahy.

(114) J. Ferreira da Silva — A Colonização do Valle do Itajahy.

(115) Marcos Konder — O Municipio de Itajahy.

Vasconcellos Drummond chegára a Santa Catharina em 1819, afastado da Côrte por Villa Nova Portugal, ao que se diz, por suas idéas avangadas, e, tendo percorrido o litoral catharinense, concebeu a idéa de fundar uma povoação na margem do Itajahy. Nutrindo a esperança de obter o apoio do Governo central, voltou ao Rio de Janeiro e, logrando-o, tornou a Santa Catharina em 1820, installando no local escolhido o primeiro engenho de serra da região e um estaleiro, donde, um anno mais tarde, sahia a sumaca *S. Domingos Lourenço*, já para a sua primeira viagem, com destino ao Rio, carregando productos obtidos na novél colonia. (116)

Si bem que Almeida Coelho, erudito historiador catharinense, affirme, baseado num antigo documento, que Drummond nada mais fez que uma derrubada, sem deixar lugar algum de colonia, e vexar antigos moradores do lugar fazendo-os trabalhar no seu engenho de serra sem pagar-lhes os devidos jornaes, apesar de que gastou o melhor de cinco mil cruzados, (117) certo é que deste impulso inicial brotou a grandeza da região e com elle se iniciou o povoamento do valle que é hoje o mais populoso e o mais rico do Estado.

Em 1821, retirou-se Drummond, sendo substituido por Agostinho Alves de Ramos, primeiro negociante estabelecido na parochia, e que tomou a si o encargo de levar adeante a empreza de colonizar as ricas terras que marginam o maior rio do litoral catharinense. Ingentes esforços dispendeu Agostinho Alves de Ramos, apesar dos quaes só em 1835 os poude ver co-

(116) Marcos Konder — A Pequena Patria.

(117) Almeida Coelho — Memoria Historica.

roados de exito, obtendo do Governo da Provincia a creação de duas colonias no Itajahy que foram entregues á sua direcção.

No anno seguinte, com colonos trazidos da ilha de Santa Catharina e da colonia São Pedro, installavam-se as mesmas e lançavam-se os fundamentos dos arraiaes de Belchior e do Pocinho, concedendo-se, a cada colono, cerca de 200 a 300 braças de frente por 500 de fundo, de terras para cultivo. A séde das colonias, que se localizava então em Itajahy; a falta de uma segurança maior, pois os selvicolas tentaram uma incursão, chegando até Camboriú; o isolamento em que se encontravam, fizeram com que os colonos abandonassem as terras, só a ellas voltando depois que uma força de pedestres se installou em Belchior. Não era esta força modelar no cumprimento das suas attribuições, exercendo-as, bem ao contrario, de muito má vontade, nem a sua efficiencia capaz de tranquilizar os colonos. Dizia o Dr. Blumenau, a ella se referindo, que de cada cinco tiros que dava, falhavam quatro, tal o estado de velhice do armamento, além da ferrugem que o consumia. (118)

Mesmo assim inspirou alguma confiança aos colonos e, em 1839, contavam os dois arraiaes 48 familias brasileiras e 17 estrangeiras. (119)

Em 1851, a sua população elevava-se a 365 pessoas e já se contavam 21 engenhos de farinha e 10 de canna. Havia 300 cabeças de gado. Não possuiram estas colonias regulamentos especiaes. Os colonos gozavam vantagens nas concessões de terras e estavam

(118) J. Ferreira da Silva — O Dr. Blumenau.

(119) Almeida Coelho — Memoria Historica; Jacintho A. de Mattos — Colonização do Estado de Santa Catharina, diz 47 familias brasileiras e 17 estrangeiras.

isentos de impostos. Tres annos mais tarde foram emancipadas, passando para a vida commum da Provincia e sujeitos os moradores a todas as contribuições.



Em 1852, fundava-se a maior colonia do Estado, a que revelaria maior desenvolvimento e que estava destinada a ser a maior e a mais importante das colonias tudescas de Santa Catharina: — Blumenau.

Tomaria a colonização do valle do Itajahy, com a fundação desta colonia, um notavel impulso, extendendo-se em pouco tempo por toda a fertil região circumvizinha, creando-se outros nucleos e outras colonias.

A historia da Colonia Blumenau está intimamente ligada á vida do pioneiro que lhe deu o nome. Com effeito, nos trinta annos em que esteve á sua frente, o Dr. Hermann Blumenau, creador, orientador e director da colonia, empregou o melhor de todos os esforços, de todas as energias e da sua propria vida, em pról do nucleo que arrancou das selvas. Foi pelo sacrificio, pela dedicação constante e pelo seu extremado zelo que Hermann Blumenau conseguiu ligar o seu nome á colonia que fundou e á historia da colonização de Santa Catharina. Teve a satisfação de vella progredir, crescer e tornar-se uma entidade ponderavel na vida da Provincia, a satisfação de ver realizados os seus sonhos de colonizador.

Alleão de nascimento, pratico de pharmacia e doutor em philosophia, desde cedo Hermann Blumenau interessou-se pelo estudo da emigração. Após longa e pertinaz dedicação a estes estudos, nutrindo a respeito dos problemas de colonização idéas proprias, ansiou pol-as em pratica. Aproveitando-se de um

convite que lhe fizera a Sociedade de Protecção aos Emigrados Allemaes, com séde em Hamburgo, poude conhecer o Brasil e mui principalmente as colonias installadas no Paraná, em Santa Catharina e no Rio Grande do Sul.

Tendo percorrido e examinado com minucia o valle do Itajahy, tudo annotando e observando, pouco depois pleiteou, perante a Assembléa Provincial, uma concessão de terras naquelle valle, na fóz do Rio Garcia, tributario do grande Itajahy, com o intuito de colonizal-as.

O pedido de concessão, que se fazia acompanhar de uma proposta de colonização, e que fôra apresentado em 1848, provocou, entretanto, grande celeuma na Assembléa, prolongando-se a discussão por algum tempo. Quando ao Presidente da Provincia foram dadas autorizações para resolver sobre a pretendida concessão, a Sociedade de que Blumenau era representante já se havia dissolvido, em Hamburgo.

Não quiz, todavia, este, deixar passar a oportunidade que se lhe deparava para experimentar os seus methodos e, apesar da sua insignificante fortuna, resolve associar-se a Fernando Hackradt, que havia sido seu companheiro na exploração do Itajahy, para crear uma colonia onde as almejadas experiencias fossem realizadas. Requer assim, para a firma de ambos composta, a concessão antes pleiteada para a sociedade hamburgueza.

Emquanto o seu socio permanece em Santa Catharina, Blumenau regressa á Allemanha, afim de aliciar colonos, tendo de sustentar intensa campanha a favôr do Brasil, detractado então por agentes de companhias e empresas que procuravam desviar para o Chile e para os Estados Unidos os emigrantes allemaes. Depois de tenaz campanha, apenas 16 compa-

triotas se decidem a acompanhar Blumenau para Santa Catharina.

De volta ao Brasil começa para o colonizador, então, o periodo de serias contrariedades e de penosos trabalhos que encheriam de amargor longos annos da sua vida e que teriam feito desanimar a outrem que não fosse da sua tempera e energia. Sentindo-se prejudicado, abre a sociedade e recompra para si as terras que já haviam sido adquiridas pela firma; roubado em toda a sua bagagem; tendo de arcar com a responsabilidade de alimentar e socorrer, nos primeiros tempos, antes que a terra abençoada pelo trabalho pudesse produzir, os seus colonos: — taes foram as difficuldades ás quaes teve Blumenau de fazer frente, e vencer, numa intensa lucta que só a sua tenacidade inquebrantavel realizaria.

Finalmente, a 28 de agosto de 1852, data que Blumenau considerou sempre como a da fundação da sua colonia, (120) vendeu elle os primeiros onze lotes de terras aos colonos, apurando na operação 117 mil reis, que recolheu a uma caixa — a Caixa da Colonia — que então creou.

Não pararam, todavia, com a fundação da colonia as contrariedades que assoberbaram Hermann Blumenau. A falta de colonos, as difficuldades financeiras, cada vez maiores, levaram a successivos desastres e prejuizos. Um engenho comprado, para ter tambem o director o seu meio de vida como colono, sumio-se na viagem do Rio para Itajahy, levado por um vaso inglez em serviço de repressão ao trafico negro; a peste dizimou o seu gado; uma enchente carregou o que já realizára o seu trabalho. Tudo contribuia, assim, para

(120) Almeida Coelho, op. cit., cita o anno de 1850 como o da fundação.

que o colonizador soffresse os seus pióres dias, á custa de tantos e repetidos desgostos. A sua fibra, no entanto, não se deixava abater. Appellava para o Governo, valia-se de amigos que, certos da sua honestidade, não hesitavam emprestar-lhe algum dinheiro e insistia em dizer que "se o nosso Governo me ajudar de alguma maneira e eu continuar com força e saúde, eu hei de mostrar em Santa Catharina que o allemão, por seu proprio esforço, póde conseguir alguma coisa que não seja ensinada pelos yankees; hei de mostrar que o Brasil é um paiz para colónos como não ha outro". (121)

Apezar das suas duras difficuldades, a matta ia sendo derrubada e as sementeiras se extendendo pelo valle fecundo.

Em 1854, contava a colonia já com cerca de 40 casas, 2 engenhos de assucar e 2 de mandioca; fabricava cerveja, vinagre e charutos; possuia uma casa de negocio e uma pharmacia. Era habitada por 246 pessoas, das quaes um medico, um professor, muitos artifices e um naturalista, que outro não era sinão Fritz Müller, o scientista e colono que amanhava a terra e escrevia monographias sobre historia natural para as mais reputadas revistas scientificas do mundo.

Dois annos mais tarde, registra-se uma nova entrada de colonos e a população da colonia elevou-se a 600 almas, sendo já notavel a sua producção agricola. (122)

Viviam os colonos felizes e satisfeitos e apenas o creador do nucleo sentia crescerem-lhe as difficuldades, apezar de um emprestimo que obteve do Governo. A despeito de tudo, insistia nos trabalhos e não podia

(121) J. Ferreira da Silva — O Dr. Blumenau.

(122) Jacintho A. de Mattos — Op. cit.

siquer conceber a idéa de abandonal-o. “Seria doloroso abandonar assim uma terra que já recebeu a minha affeição e o meu suor.” (123)

Em 1860, não podendo mais arcar sósinho com as responsabilidades, Blumenau obteve finalmente do Governo a compra da Colonia, realizando a operação por cento e vinte contos de reis, passando então todas as terras ainda de sua propriedade, com as respectivas bemfeitorias, para o dominio do Estado. Descontados os 85 contos que anteriormente obtivera do mesmo governo a titulo de empréstimo, e que escrupulosamente empregara em beneficio da colonia, a transacção beneficiou o Governo que, mais tarde, reconhecendo os inestimaveis serviços prestados pelo fundador, galdou-o com uma commenda honorifica. Em beneficio da colonia redundou tambem a operação executada, pois o Governo, entregando a sua direcção ao seu criador e fundador, a quem passou a pagar 4 contos annuaes de vencimentos, conservou á sua frente aquelle homem extraordinario que tanto amou a terra em que lançara a semente fecunda do seu trabalho.

Poude então Hermann Blumenau, com relativa tranquillidade, occupar-se da sua fundação, sem as difficuldades que tanto o premiram.

Funcionario, foi um exemplo de dedicação e de amor ao trabalho, qualidades que já lhe eram caracteristicas. Foi grande a sua actividade em pról do nucleo que, aos seus olhos, se fazia agora uma potencia de trabalho e de riqueza. A sua conducta como cidadão foi sempre exemplar. Não bebia, não jogava, nem era dado ás conquistas amorosas, como elle proprio confessava. Não conhecia obstaculos sinão para

vencel-os. Um caso typico é contado pelo seu biographo: — de certa feita, nota que as formigas estavam dando conta do seu jardim, uma das suas poucas distrações. Pretendeu exterminal-as. Não_poude. Ellas haviam feito “**casa**” debaixo da propriedade do colonizador e não seria possivel collocal-a abaixo para desalojar as intrusas. Contracta então um italiانىinho — que foi quem veio, annos mais tarde, narrar o facto ao biographo referido — para matal-as, o que fazia o menino, com um martelo, mal se punham ellas do lado de fóra. Em poucos dias livrou assim o seu jardim da praga. (124)

Vinte annos depois da sua fundação, Blumenau contava seis mil habitantes, 92 fabricas diversas, 27 mil cabeças de gado, 30 kilometros de estradas de rodagem e exportava 130 contos. Possuia já cultivados 5460 Ha. e a sua notavel expansão ia levando adeante, valle acima, a sua capacidade colonizadora. Foram povoados os rios Gaspar, Garcia, Itoupava, Testo, Encano, Mulde, Benedicto, Warnow, S. Pedro e outros.

O trigesimo anniversario da sua fundação veio encontrar a antiga colonia feita Municipio, com parte já emancipada, permanecendo a outra ainda sob o regimen colonial. Dispendera o Governo cerca de 2.300 contos com ella e possuia já para mais de 15 mil habitantes. Neste anno, 1882, o velho e incansavel batalhador que a fundára deixa a sua direcção, sob o pezar geral, e dois annos mais tarde embarcava para a Allemanha, tendo permanecido no Brasil por mais de 30 annos, trabalhando pelo seu progresso e tornando-se credor da admiração e da gratidão de todo o brasileiro. Até 1916 haviam entrado em Blumenau

cerca de 22 mil colonos, na maioria allemães, seguindo-se, pela ordem numerica, italianos, austriacos, suissos e de outras nacionalidades. Calcula-se a população actual de todo o antigo Municipio, ao qual recente organização administrativa dividio em cinco outros, em cerca de cem mil habitantes. A sua crescente prosperidade, a sua grande produção agricola e fabril, tornaram-no muito logo a communa impar do Estado, a mais importante unidade economica de Santa Catharina. A sua séde é hoje uma cidade moderna, calçada, illuminada á luz electrica, possuindo optimas edificações, quer na zona urbana; quer na rural. Grande é o seu movimento commercial. As suas estradas de rodagem são reputadas as melhores do Estado. (125)

*

Hermann Blumenau falleceu 16 annos depois de se ter ausentado do Brasil. O seu sabio companheiro, o naturalista e immigrante Fritz Müller, não revio o ceu da sua Patria longinqua. No modesto cemiterio evangelico da antiga colonia, dorme o somno tranquillo da eternidade.

A gratidão dos blumenauenses erigio, a cada um destes varões illustres que tanto amaram o Brasil, um monumento nas principaes praças da cidade que tem o nome do seu fundador.

*

(125) Concorre annualmente para os cofres da União e do Estado com mais de 7 mil contos de réis. A sua exportação em 1925 foi de 32.014:500\$ — J. Ferreira da Silva — Colonização do Valle do Itajahy.

Em 1860, sobre a margem esquerda do Itajahy-mirim, creou o Governo uma outra colonia a que deu o nome de Itajahy. Foi seu primeiro director o Barão von Schneeberg que, na companhia de 54 colonos alle-mães, installando-se num engenho existente no local, de antiga propriedade de Pedro José Werner, já ali residente havia annos, deu inicio á colonização da região.

Depois de longos mezes passados em 'um rancho, para onde posteriormente transferidos, puderam os colonos passar para os seus lotes, si bem que por mais algum tempo se dedicassem quasi que exclusivamente á construção de estradas do que ao trato da terra.

Este serviço só mais tarde foi iniciado a rigor, entrando então a colonia na sua phase de prosperidade. Tres annos depois da sua fundação já contava o nucleo com 938 colonos, contando-se entre elles alguns artifices.

As terras bastante ferteis da zona favoreceram os moradores que se sentiam recompensados pelo seu trabalho e tudo faziam para que maior fosse o progresso da mesma. Esta colonia veio depois a tomar o nome de Brusque, em homenagem ao Dr. Pedro de Araujo Brusque, Presidente da Provincia, que a creara. Em 1870, já contava com 1728 habitantes e, dos seus directores, Luiz Betim Paes Leme, depois director dos Correios, foi o que melhor administração realizou. Em 1881, emancipava-se, sendo elevada a villa na mesma occasião. Actualmente é uma cidade progressista, contando optimas edificações. A sua renda é bastante animadora e a sua industria adeantadissima.



Embora não pertença ao valle do Itajahy, pois fica situada nas margens de um tributario do Tijucas,

a Colonia de Nova Trento, sobre o rio do Alfêres, está ligada a Brusque no seu inicio, pois pertenceu áquelle Municipio (de cuja sede dista apenas 28 kilometros), razão pela qual a referencia á sua installação é feita immediatamente áquella.

Os colonos que fundaram este nucleo eram tyrolezes na sua maioria, contando-se tambem reduzidissimo numero de polacos e húngaros, tendo-se estabelecido os primeiros em 1876, repetindo-se os transportes de immigrants até 1880. No anno de 1878, registraram-se algumas perturbações, havendo motins dos colonos contra a direcção da colonia. O Director da mesma, Engenheiro Carvalho Borges, vio-se obrigado a fugir para São João Baptista, só regressando á colonia acompanhado de força policial que em sua garantia mandara o Governo. Apesar disto, seguindo o caminho das outras colonias, o seu desenvolvimento foi rapido. Em 1879, já era districto, em 1891, emancipava-se e um anno depois separava-se de Brusque, elevando-se a Municipio. (126) Em 1900, a sua população já era calculada em 5.800 habitantes. Outra colonia ligada tambem á vida de Brusque foi a de São Pedro, fundada em 1867, annexa áquella.

Iniciou a sua vida com 98 colonos inglezes, enviados pela "United States and Brasil Steamship Company". Mais tarde o numero de colonos elevou-se a 467, sendo director do nucleo Barzillar Cottltdt, muito logo exonerado por se ter locupletado com dinheiros do nucleo. A vida agitada e improductiva desta colonia fez com que o Governo retirasse os favores que lhe eram concedidos e com um prejuizo superior a 300 contos

(126) Cel. Henrique Carlos Boiteux — Nova Trento.

mandou annexal-a a Brusque. Os colonos, gente sem habitos de trabalho, retiraram-se e dois annos após a sua installação estava extincta. (127)

*

Luiz Alves, sobre o rio deste nome, affluente do Itajahy-assú, foi fundada em 1877, por Julio Grothe, engenheiro. Teve tambem vida accidentada, registrando-se varios motins dos colonos, tornando necessaria a permanencia de força policial ali, afim de manter a ordem perturbada com relativa frequencia. Devido aos constantes conflictos registrados entres os moradores, o seu progresso foi muito lento e, em 1880, (9 de abril) o Governo se vio na contingencia de retirar os favores concedidos aos colonos, extinguindo a colonia. Nesse mesmo anno, uma enchente do rio veio prejudicar ainda mais a vida do nucleo, fazendo cerca de 25 victimas e devastando o pouco existente. Depois deste inicio accidentado, entraram para o local mais colonos e tomando a sua existencia a necessaria tranquillidade, poude produzir algo. Os seus negocios eram então tratados em Blumenau.

Actualmente pertence ao Municipio de Itajahy, sendo o seu mais prospero districto. (128) Os colonos que foram localizados no inicio da colonização em Luiz Alves eram de origem allemã e italiana, attribuindo Marcos Konder a este facto a origem das disputas havidas, que tanto entravaram a vida da colonia. (129)

*

(127) Jacintho A. de Mattos — Op. cit.

(128) Marcos Konder — O Municipio de Itajahy.

(129) Idem, idem.

Outra colonia de vida ephemera foi a Belga, que tambem não prosperou devido igualmente á vida agitada que teve.

Foi fundada em 1846, pelo major belga Carlos Lebon Van Lele, que installou 90 patricios seus na margem direita do Itajahy, no lugar conhecido por Ilhota.

Tendo deixado o seu compatriota Fontain, engenheiro, á testa da colonia, emquanto fez uma viagem á Europa, da qual, aliás, não voltou, muito logo aquelle preposto entrou em disputa com os colonos. Mais 60 immigrants haviam chegado para o nucleo e depois de tres annos em que a animosidade contra Fontain foi crescendo consideravelmente, explodio uma verdadeira rebellião que teve como desfecho a prisão dos cabeças do motim, pela policia, e o abandono da Colonia pelo substituto do major Van Lede.

Desamparados, os colonos entraram a tomar posse das terras e, quando o Hospital de Bruges, onde fallecera o major proprietario das terras, pretendeu tomar posse, por seu procurador, das mesmas, que lhe haviam sido legadas, nova perturbação se verificou, desta vez bem mais séria.

Van Dall, procurador, foi atacado pelos colonos e os agrimensores que se dispunham a medir o terreno tiveram que fugir a nado, pelo rio, emquanto os amotinados ateavam fogo á sua casa.

Carlos Ricchbieter adquirio mais tarde as terras do Hospital belga mas, nem elle nem os seus herdeiros jamais conseguiram tomar posse dellas. (130) Hoje é districto bastante prospero de Itajahy.

*

(130) J. Ferreira da Silva — A Colonização do Valle do Itajahy.

Finalmente, para concluir as referencias sobre a colonização do valle do Itajahy, restam apenas as colonias fundadas no Rio do Sul e em Hammonia. Aquella, recente, cujos fundamentos se devem a Paulo Zimmermann, que os lançou na primeira década do seculo XX, prosperou rapidamente. Estabelecida na confluencia do Trombudo com o Itajahy do Sul, gozando de um clima magnifico, tornou-se um Municipio importante e rico.

Hammonia, tambem recente, sobre o Itajahy do Norte, séde hoje do Municipio daquelle nome, teve a sua fundação ligada a Hansa, no valle do Itapocú, e a ella se fará referencia juntamente com esta.



Termina aqui o estudo da colonização do valle do Itajahy.

Como se pôde notar, importantes estabelecimentos se levantaram nesta grande bacia, quasi todos apresentando um rapido desenvolvimento, tornando-se importantes cidades e villas do litoral catharinense: Blumenau, Brusque, Itajahy, dentre as primeiras, Hammonia, Rio do Sul, Gaspar, Indayal, Timbó, dentre as ultimas.

Outro valle bastante fertil e destinado a um grande futuro é o do rio Tubarão, no sul do Estado. Formado dos rios do Rasto e do Oratorio, que têm suas cabeceiras na Serra Geral, o Tubarão descreve um longo percurso até ganhar os baixios ao sul e, pela barra da Laguna, se lança no Atlantico. Recebe grande numero de afluentes, dos quaes os mais importantes são o Três Barras, o Braço do Norte, o Capivary, na sua margem esquerda e o Pedras Grandes, na sua margem direita.

A bacia do Tubarão é extensa, alongando-se para o norte até a Serra da Boa Vista, que a limita no septentrião. Para o sul não é tão extenso e algumas ramificações da Serra Geral e uma serie de morros menores dividem as suas das aguas que correm para o Araranguá.

A' sua foz se encontram alguns banhados e outros existem na confluencia do Capivary. O restante das terras desta bacia se compõe de terras fertilissimas. Em torno da cidade de Tubarão, situada pouco acima da fóz do Capivary, extensa campina se alonga em todas as direcções e as suas terras uberrimas se encontrám cultivadas.

A colonização do valle do Tubarão é bem mais recente que a do Itajahy e planejou-a o Presidente da Provincia, Dr. Alfredo de Escragnole Taunay, que ao Governo Imperial encareceu a necessidade da criação de nucleos coloniaes ali, prevendo as vantagens que adviriam para a economia da Provincia com o aproveitamento de tão fertcis terras.

Acceitas as suggestões de Taunay, após os estudos prévios necessarios, em 1877, um anno depois da visita presidencial, ás margens do Pedras Grandes se installavam os primeiros 290 colonos, na maioria italianos, fundando-se a Colonia de Azambuja.

Vencidas as primeiras difficuldades, entrou a prosperar rapidamente, como se previra, o novo nucleo, contando, um anno depois da sua installação, cerca de 80 casas, das quaes 3 de commercio, alguns kilometros de estradas carroçaveis e para mais de duas centenas de kilometros de caminhos de tropas. As lavouras se iniciaram e a cultura da videira, cujas mudas foram levadas pelos proprios colonos, começou a se desenvolver.

Em proseguimento aos seus trabalhos, a Commis-
são que chefiava os serviços de colonização iniciou
pouco depois o levantamento das terras marginaes do
rio Urussanga, fazendo medição de mais de duas cen-
tenas de lotes e determinando uma area destinada á
sède de outra colonia. Em 1881, Azambuja já se po-
dia emancipar do regimen colonial, apresentando um
optimo desenvolvimento. Além da plantação da vi-
deira, occupavam-se os seus colonos do plantio do mi-
lho, do arroz, do trigo e da canna de assucar, já se
contando tambem as primeiras pequenas industrias.

*

Em 1878, chegavam as primeiras familias destina-
das a Urussanga, em numero de 76, todas italianas.

O rio Urussanga corre num estreito valle situado
entre os valles do Tubarão e do Araranguá, em bacia de
terras igualmente fertes. A referencia á sua coloni-
zação, nesta parte, relativa ao valle do Tubarão, bem
como as que se farão referentes ao do Araranguá, se
justificam pela intima ligação existente entre as co-
lonias, em seu inicio.

•

Dois annos antes, havia sido feita intensa propa-
ganda, na Italia, em torno das possibilidades do Bra-
sil como paiz de immigração, principalmente no Ve-
neto e na Lombardia. A crise por que passava então
a Italia determinou uma grande affluencia de colo-
nos, oriundos de Beluno, Treviso, Vicenza, Udine, Pa-
dua, e Verona, daquella, e Mantua, desta, gente que
se dispôz a emigrar para o Novo Continente. Pro-
mettia-se a ella lótes ruraes e urbanos de tres classes,
de accôrdo com a área, facilidades nos pagamentos e

direito de tomar parte na administração das colonias através de seis membros livremente escolhidos, juntamente com o medico e o Director.

Em fins de maio, a primeira leva attingia o local escolhido para a colonia, sendo recolhida a um barracão, e, em junho, se faziam as distribuições das terras. Ajudando-se mutuamente, iniciaram as derrubadas e pouco depois começaram a surgir as plantações e as primeiras edificações de madeira. Os colonos de Azambuja soccorreram os recém-chegados de viveres até que as lavouras garantissem a subsistencia do novo nucleo. Bastante luctaram os colonos italianos. Obrigados a trabalhar 15 dias no mez em serviços publicos de utilidade geral, eram pagos em bonus que valiam generos alimenticios, que podiam ser retirados no armazem da propria companhia colonizadora. Esta não primava pelo escrupuloso cumprimento das suas obrigações e, cessando a subvenção do Governo, suspendeu áquella os fornecimentos. Alguns colonos se viram obrigados a mudar de residencia, passando para as colonias allemãs já adeantadas. Finalmente, entraram as lavouras a produzir e no Rancho dos Bugres surgiu o primeiro moinho. Infelizmente para a população, as vias de communicacão eram poucas e só por Azambuja podiam sahir os productos da novél colonia. Em 1879, nova léva de colonos chegou, sendo distribuidos 400 lotes e se extendendo assim as linhas coloniaes para o Rio dos Bugres, Rio Maior, Urussanga Baixa, Rio Americano, Salto e Gaeté. (131)

Os ultimos immigrants chegados foram enviados para local distante 25 kilometros de Urussanga, em numero de 50, dos quaes 20 se recusaram. Os res-

(131) Pe. Luigi Marzano — Coloni e Missionari italiani nelle foreste del Brasile.

tantes seguiram para o local e ahí, já no valle do Araranguá, estabeleceram os fundamentos da hoje prospera villa de Cresciuma.

Novos moinhos surgiram e aos engenhos de canna seguiram-se os alambiques para o preparo da cachaça. Em 1881, a boa nova da construcção da Estrada de Ferro D. Thereza Christina fez com que muitos colonos se alistassem como operarios da construcção. Neste mesmo anno, deu entrada em Urussanga o primeiro gado.

Infelizmente, por mais de uma vez foram os colonos assaltados pelos aborigenes, resultando mortes de alguns immigrants e correrias por toda a região. Entradas realizadas, de nada adeantaram e procurou-se então crear novas colonias que facilitassem a derrubada das mattas em que se abrigava o gentio. Tiveram assim origem os nucleos de Rio dos Pinheiros e Grão Pará (este no valle do Braço do Norte), cuja installação foi tumultuosa, havendo seria divergencia entre os colonos e a companhia colonizadora, a ponto de exigir a presença do Consul Geral da Italia, residente no Rio de Janeiro, para restabelecer a ordem e acalmar os animos.



O anno de 1885 assignala novos favores concedidos á immigração estrangeira e data de então a fundação de Rio Cocal ou Nucleo Accyoli de Vasconcellos, hoje novamente com aquella denominação.

Por esse tempo Urussanga já via a sua producção exceder ao proprio consumo. Uma companhia de lactícínios foi idealizada e posteriormente fundada outra para a exploração de productos de origem suina,

principalmente a banha, desenvolvendo-se então de modo bastante satisfactorio a criação de suínos. A cooperativa funcionou com regularidade por 4 annos, findos os quaes se dissolveu.

Ante as investidas dos bugres, cada vez mais aggressivos e audaciosos, o Governo obteve a vinda, do Paraná, de um missionario, Frei Luiz de Semetilli, conhecido catechista, que infelizmente nada obteve, apesar de procurar por todos os artificios attrahir os selvagens. (132)

Urussanga formou centro, pois teve uma área determinada para isto, aliás de accordo com o Decreto de 1876, que regulava a criação das colonias. O mesmo não aconteceu a Azambuja que, embora localizada em terras proprias e ferteis, não poude formar um nucleo, extendendo-se pelos caminhos e lınhas coloniaes. Urussanga, assim, poude tomar maior vulto. Em 1886, já tinha a sua primeira escola e 5 annos mais tarde já era freguezia e juizado de paz. A Lei Glycerio, de 86, facilitou ainda mais a ida de novos colonos, italianos, russos e polacos, para Cocal, sendo que os russos formaram a linha de São João Baptista, proxima a Cresciuma.



Em 1891, a antiga colonia de Azambuja via-se dividida em quatro centros coloniaes: Azambuja, Urussanga, Accyoli Vasconcellos e Presidente Rocha. Accyoli comprehendia Cocal e Cresciuma. Presidente Rocha foi creado com a localização de familias brasileiras, italianas e allemãs. As margens do Sangão,

(132) Pe. Luigi Marzano — Op. cit.

neste mesmo anno, installava-se o Nucleo Torrens, com 63 familias. (133)



O valle proximo do Araranguá, como já se explicou, tem a sua colonização intimamente ligada á do valle do Tubarão e do Urussanga.

Ainda por effeito da Lei Glycerio, em 1890, Angelo Fiorita obteve uma concessão de 30 mil hectares de terras a sudoeste de Urussanga, com o fim de encaminhar para ali uma outra corrente immigratoria italiana.

De inicio, foram os trabalhos entregues a Miguel Napoli e mais tarde á Companhia Metropolitana, com séde no Rio de Janeiro, que comprou aquella concessão a Fiorita. Em 1891, já esta Companhia localizava 1600 colonos, creando-se assim a colonia de Nova Venezia, sobre o Rio Mãe Luzia, tributario do Araranguá. Com a entrada neste mesmo anno de cerca de 4.300 immigrantes, ficou grande área povoada, resultando a installação, além de Nova Venezia, dos nucleos de Nova Treviso, Nova Beluno e Belvedere. No anno seguinte, com mais 1.350 colonos fundava-se São Bento e em 1895 o Rio Jordão, com as ultimas familias italianas entradas. (134)



Assignalam destacado desenvolvimento estas colonias sulinas.

Urussanga, com mais de 5.000 almas, em 1900, fazia-se Municipio, absorvendo para a sua jurisdicção

(133) Jacintho A. de Mattos — Op. cit.

(134) Pe. Luigi Marzano — Op. cit.

parte das terras da ex-colônia Azambuja, que comprehendia as povoações de Nova Beluno e Cocal. Azambuja continuou pertencendo ao Município de Tubarão. Estes dois municípios contam com significativa produção, contando-se entre as principaes a banha e o vinho. Grão Pará, também na bacia do Tubarão, com 5 annos de vida contava para mais de 400 fôgos e apresentava regular adeantamento. Com a criação do Município de Orleans, em 1885, cuja séde fica sobre a confluencia do Tres Barras e do Tubarão, passou a colônia inteiramente para este novo município.

Servidos por estradas de rodagem, por uma ferrovia e pelo rio Tubarão, navegavel por pequenas embarcações, os productos destes municípios ganham com relativa facilidade os mercados da costa e do planalto, desenvolvendo-se activamente o seu commercio.

Nova Veneza, localizada em optimas terras, registrou sensivel adeantamento, contando, dois annos depois de fundada, 3.500 habitantes. Fica na divisa dos municípios de Cresciuma e Urussanga.

Cresciuma apresentou grande expansão e desenvolvimento. Com a descoberta no seu sub-sólo de carvão mineral, tornou-se centro de attracção de extensa zona. Tornou-se Município também e a Thereza Christina o sêrve, como a Urussanga e Araranguá (ramaes).

Assim como no valle do Itajahy, nestes valles sulinos se nota a mesma dispersão em torno do primitivo nucleo, dando origem a outras colonias e, como naquella região, outros municípios foram-se originando dos primeiros existentes.

Apezar da existencia de boas estradas de rodagem, da Estrada de Ferro D. Thereza Christina, que estende de Imbituba a Araranguá os seus trilhos, ainda se resente o sul de falta de communições. Os

productos coloniaes desta riquissima zona supprem os mercados consumidores do Estado e de outras regiões do paiz e o carvão de pedra, cuja extracção se vem fazendo em maior escala nestes ultimos annos, contribue ainda mais para que um futuro promissor esteja destinado á riquissima zona. Todavia, empenham-se os governos em assegurar um maior desenvolvimento do systema rodoviario do sul do Estado, afim de que possam os productos sulinos alcançar mais facilmente os centros consumidores.

III

JOINVILLE E SÃO BENTO — JARAGUÁ E HANSA

Em terras pertencentes ao Príncipe de Joinville, marginaes ao Cachoeira, rio pequeno e lodoso, que desagua na Lagoa de Saguassú, nos confins da Bahia Babitonga, em 1851, installou-se mais uma colonia formada de immigrants allemães, á qual foi dado o nome de D. Francisca, em homenagem á Princeza brasileira, esposa daquelle fidalgo, e que viria a ser o centro da expansão colonial ao norte do Estado.

Foi contractante dos serviços de colonização a Sociedade Colonizadora de Hamburgo.

A 9 de março daquelle anno, conduzidos pelas autoridades do Municipio de São Francisco, sob cuja jurisdicção se achavam as terras, 191 colonos desembarcaram, possuidos de grande alegria, segundo rezam as chronicas da época, dispostos ao trabalho nos lotes que lhes seriam destinados.

Si bem que a maior parte destes colonos fosse de nacionalidade germanica, contavam-se entre elles suissos e noruegueses. Os allemães installaram-se a sudoeste das terras daquelle dominio, os suissos a oeste e os noruegueses ao norte. Dos noruegueses, reduzido numero permaneceu na Colonia. A maioria, ou vol-

tou á Patria, passado algum tempo, ou se dirigio para os Estados Unidos, localizando-se na California. As terras marginaes ao Cachoeira eram, todavia, impróprias para uma utilização immediata, por alagadiças e pantanosas, cobertas de mangue, exigindo um previo trabalho de drenagem. O rio, sujeito á influencia das marés até quasi ás suas cabeceiras, inundava-as com frequencia. Não fugio a sorte da colonia á regra geral assignalada para as suas congeneres, que já se achavam installadas no Estado ou que nelle vieram a installar-se. O primeiro estabelecimento, que se compunha de uma dezena de casas de pau a pique, registrou dias de privações que, longe de arrefecer aquelle ardor assignalado, augmentaram sinão o enthusiasmo, pelo menos a vontade de lutar que animava os colonos, na ansia de vencer e corrigir a natureza, fazendo surgir do charco em que se iniciava a cidade encantadora que veio a ser, em nossos dias, Joinville.

A actividade tornou-se excepcional e, caso unico, quinze dias após a chegada dos immigrants, já uma pequena olaria funcionava no fabrico de tijolos e telhas.

Duas outras lévas de colonos chegavam pouco depois e não raros delles internavam-se, localizando-se em Annaburgo, localidade hoje decadente, devido á absorpção exercida não só pela séde da Colonia como tambem, posteriormente, por outras populações proximas que se foram installando em melhores zonas.

O total de colonos entrados no anno da fundação attingio a 471, incluindo-se neste numero o pessoal da direcção, dois medicos, dois boticarios, dois naturalistas e dois professores. Numa das lévas, grande foi o numero de intellectuaes que chegou á nova colonia: medicos, advogados, naturalistas, theologos, professores. Até um lithographo appareceu. Mas apesar da

pouco cordial recepção que tiveram estes elementos, pois um dos directores os recebeu dizendo que mais necessitava a colonia de braços, de colonos, de trabalhadores do que de doutores, ficaram elles na mesma. (135) Si bem que a malária, ainda hoje endemica na região, devido á existencia dos terrenos mal drenados, numa zona de chuvas abundantes e frequentes e a insufficiente derivação das aguas, si bem que a malária, como se dizia, elevasse grandemente o indice da lethalidade, a nova colonia entrou a prosperar com relativa rapidez.

Um anno após á sua installação contava já 25 kilometros de estradas, 12 dos quaes em direcção á Serra do Mar, a caminho de Rio Negro e que viria a ser o inicio da Estrada D. Francisca. Já contava com um hospital e algumas escolas. A sua producção de cereaes era grande e a sua industria desenvolvia-se dia a dia, num crescendo parallelo ao seu desenvolvimento agricola, phenomeno que se nota na vida de todos os estabelecimentos coloniaes de Santa Catharina.

Ao contrario das outras colonias, cuja creação já foi narrada, e que não tiveram qualquer systema de organização particular, salvo Blumenau, que obedeceu sempre ás sabias directrizes do seu fundador, a Colonia D. Francisca teve um Regulamento proprio. Uma clausula do contracto lavrado entre o Principe de Joinville e a Sociedade Colonizadora de Hamburgo, garantia aos colonos o direito de se constituirem em livres instituições communaes, clausula esdruxula, pois facultava a creação de um Estado dentro do Estado. Levada todavia á boa interpretação, longe de crear este corpo extranho encystado na vida da Provincia, ga-

(135) Gedenkbuch zur Jahrhundert — Feier deutscher Einwanderung in Santa Catharina — Gottfried Entres.

rantio uma vida tranquilla aos elementos de trabalho que nella se localizaram.

A 13 de julho de 1852, dando cumprimento á clausula referida, a primeira communa foi creada, decretando uma lei, a primeira que se baixou na colonia e que, por curiosa, se transcreve. Por ella se verá que, apesar da extranha concessão do contracto, a lei communal, que teve como signatarios os colonos Meyer, Flügge, Bikin, Bernhard, Boschan e Wkribs, prescrevia a harmonia e submissão ás leis do Imperio.

Os colonos da Colonia D. Francisca formam em união uma communa, cujos actos communaes são absolutos tanto quanto não estejam em contradicção com as leis brasileiras, e os estatutos da Sociedade.

2 — São membros da Communa todos os colonos que se encontram na Colonia e aquelles que para ella vierem no futuro, á excepção dos que, por decisão da communa, forem recusados.

3 — A Communa é o Poder Legislativo.

4 — A Communa nomeia o Conselho Communal.

5 — A duração das funcções do Conselho Communal será fixada num anno, porém os dois conselheiros que tiverem obtido menor numero de votos se retirarão no fim de seis mezes e serão substituidos por novos eleitos.

6 — O Conselho Communal é o orgão da Communa e poder absoluto.

7 — O Conselho Communal é composto de 5 membros e supplentes.

8 — O Conselho Communal escolhe um chefe de sessão entre os seus membros.

9 — O Conselho Communal occupa-se dos interesses de cada colono em particular, assim como dos da communa, tanto no interior como no exterior.

10 — Os projectos de leis adoptados pela Communa tornam-se leis em vigor.

11 — A lei não tem força retroactiva.

12 — O Conselho Communal deve todos os mezes apresentar um relatorio á communa e lhe dar contas de seus actos.

13 — O Conselho Communal faz e propõe um orçamento todos os seis mezes; administra a prosperidade publica e presta conta todos os seis mezes á Communa.

14 — O Conselho Communal escolhe um secretario pago.

DO PODER JUDICIARIO

15 — O poder arbitral repousa nas mãos de um juiz de paz, o qual terá um substituto, até que se tenha a traducção allemã da lei fundamental brasileira.

16 — A duração das funcções do juiz de paz é fixada em um anno.

17 — Nos casos de processos não terminados, o juiz de paz os renovará diante do tribunal.

18 — Os delictos graves, ou crimes, taes como segundo roubo, assassinio, incendios, serão reenviados aos tribunaes para serem julgados.

19 — O tribunal se compõe do juiz de paz e de doze colonos e se reunirá em dia fixo de cada semana.

20 — Os doze juizes serão convocados de 4 em 4 semanas entre os colonos elegiveis, pelo juiz de paz, conforme a lista alphabetica dos nomes.

21 — Depois da sentença do tribunal nenhuma appellação terá lugar.

DIREITOS E DEVERES DOS COLONOS

22 — Cada membro da Communa tem o direito de reclamar defesa commoda e protecção dos seus interesses.

23 — Cada membro da Communa se compromette a submeter-se ás intimações que lhe forem feitas pelo poder legal.

DA ELEIÇÃO

24 — Cada colono que contar 20 annos completos é eleitor, a menos que o impeça crime ou denuncia.

25 — Cada colono eleitor é elegivel a todos os cargos publicos.

26 — Cada colono é obrigado a acceitar o cargo para que foi eleito; são isentos os seguintes: medico ou pharmaceutico e todos aquelles que tenham exercido funcções durante um anno.

27 — Não são elegíveis todos os empregados da Sociedade Hamburgueza, assim como os do Principe de Joinville.

28 — A eleição tem lugar por boletins.

29 — Para a eleição de empregados publicos é preciso maioria absoluta.

DA ASSEMBLÉA POPULAR

30 — O Conselho Communal reúne regularmente todos os tres mezes a Assembléa Popular.

31 — Quando um terço dos colonos com direito de voto reclame uma assembléa popular extraordinaria, o Conselho Communal é obrigado a ordenal-a.

32 — Para a admissão de uma decisão valiosa a simples maioria dos assistentes é obrigatoria.

33 — A Assembléa Popular nada pôde fazer sinão quando for reunida pelo Conselho Communal.

34 — Em consequencia da acceitação desta lei, para a assembléa communal de 23 de janeiro de 1852, ella entra em vigor como lei fundamental á qual cada colono, em particular, é irrevogavelmente submettido. (136)

Por mais impropria que se possa achar esta lei, que negava direito de appellação das sentençaçs de um tribunal de colonos, que fazia da colonia um extranho congresso a legislar e que facultava a um conselho poderes absolutos, além de outras extravagancias nella contidas, não se pôde negar que já representava ella um vestigio de organização, de interesse não só pela propriedade privada, mas tambem pela causa publica, na execução de orçamento, na administração da colonia, na prestação obrigatoria de contas e no voto popular para a eleição dos mandatarios da Communa.

(136) Original em francez encontrado pelo Engenheiro Jacintho A. de Mattos — Colonização do E. de Santa Catharina.

Munidos desta lei, puderam os dirigentes da com-muna administral-a e conduzil-a a um progresso que se reflectia na ordem e na tranquillidade em que sempre viveu, na sua população sempre crescente, na sua producção e na sua riqueza, dia a dia maior.

O crescimento da colonia foi rapido. Cinco annos depois de fundada, a sua população era de 1.428 almas. Sete annos passados do desembarque dos primeiros immigrants, elevava-se a freguezia. Dez annos depois da sua installação contava com 3.678 habitantes e possuia 70 engenhos de farinha de mandioca, 32 de assucar, e muitas outras pequenas industrias. Em 1866, foi a Municipio, desmembrando-se de São Francisco, tomando o nome de Municipio de Joinville, que tambem foi dado á Séde da Colonia. Contava então um jornal em lingua allemã. (137) Em 1871, com apenas 20 annos, contava sete mil habitantes, a sua séde já era uma villa, com 43 ruas, possuindo o Municipio 207 kilometros de estradas de rodagem, as suas pastagens contavam com 5.000 cabeças de gado bovino, equino, muar e suino, a sua exportação excedia já á importação, que eram respectivamente computadas em 230 e 220 contos. Possuia já 32 casas commerciaes, 182 estabelecimentos industriaes e engenhos. Contava 192 casas na zona urbana e 1.187 na rural, possuia 15 escolas e um hospital. Produzia assucar, arroz, feijão, milho, fumo, farinha de mandioca e de araruta, café, mel, manteiga, cerveja, sabão, velas, telhas, mobílias de vime, etc.... A área cultivada da colonia comprehendia então quasi 29 milhões de metros quadrados.

Em 1877, foi a villa de Joinville elevada a cidade. Ao completar 75 annos de existencia, em 1926, contava

(137) Eduardo Schwartz — O Municipio de Joinville.

o municipio no seu cadastro industrial com 333 estabelecimentos diversos, e mais 536 pequenos engenhos de assucar, além de 610 estabelecimentos commerciaes. E' uma cidade original, cada casa cercada de seu jardim, illuminada a luz electrica, com uma optima organização de serviços publicos, possuindo corpo de bombeiros, 2 hospitaes, 3 grupos escolares, mercado, bellas edificações e registrando uma intensa vida commercial. E' servida por estradas de rodagem, uma ferrovia e ainda por navegação fluvial. Contava até pouco tempo com varios districtos, o Municipio, um dos quaes Jaraguá, que foi desmembrado ultimamente para constituir novo Municipio. A vida colonial passou na séde, por uma transformação bastante profunda, transformando-se a antiga colonia numa cidade brasileira. Ao longo das suas estradas existem ainda as varias colonias em que se desdobrou, com o tempo, a primitiva, pequenos nucleos de população, sujeitos não á vida colonial mas ao regimen commum, nucleos que são outros tantos centros productivos, onde se origina toda a producção agricola que faz a riqueza do Municipio.

Apezar dos terrenos encharcados e pantanosos, em certas zonas, as propriedades ruraes dos colonos são geralmente boas, algumas com grande conforto, indicando a abastança do proprietario. As plantações se estendem em volta, mostrando que, apezar daquella abastança, o homem não se deshabitou do trabalho productivo, no amanho da terra fertil e compensadora. Da propria humidade excessiva do terreno aproveitou-se o homem, plantando o arroz, que é um dos principaes productos da lavoura do Municipio. A terra recompensa o seu trabalho, dando-lhe fartas colheitas e não insignificantes lucros.

Das 26 leguas quadradas do dote de D. Francisca, cuja demarcação se iniciára em 1846, por uma commissão de engenheiros composta do Tte. Cel. Jeronymo Coelho, chefe, e Cpm. Christiano Pereira de Azevedo Coutinho, Ttes. Juvencio Manoel Cabral de Menezes e Manoel da Costa Jr., grande parte já foi colonizada. Todavia, ainda procura a administração do Dominio, hoje propriedade dos herdeiros, do Principe de Joinville, povoar 620 kms.2 de terras restantes, área ainda disponivel e que está comprehendida nos Municipios de Joinville e Jaraguá.



Em 1854, a Directoria da Colonia D. Francisca propôz ao Presidente da Provincia a construcção de uma estrada de rodagem que tomasse o rumo do Rio Negro, mostrando as vantagens desta ligação com o planalto. Quatro annos mais tarde, conseguia dar inicio á projectada rodovia, que recebeu o nome de D. Francisca, mais conhecida, ainda hoje, pelo de Estrada da Serra. Com o proseguimento destes trabalhos, a natural expansão da colonia encontrou ensejo para romper os limites que possuia, extendendo-se ao longo da estrada.

Em 1872, a 60 kms. de Joinville, estabeleciam-se as primeiras familias no lugar denominado São Miguel, já no alto da serra, e onde haviam sido preparados terrenos para a creação de um outro nucleo colonial. Todavia, improprias as terras desta zona para a cultura, um anno depois mudava-se a incipiente colonia para mais longe, a 84 kms. de Joinville, para as proximidades das cabeceiras do rio São Bento, affluente do Negro, sobre o traçado da projectada es-

trada, e onde já havia picadas que determinavam o rumo que a mesma deveria tomar.

Em setembro deste anno, 1873, iniciaram-se as derrubadas e o preparo das terras para a localização da nova communa, cuja installação se encontrava tambem ao cargo da sociedade hamburgueza que installára a colonia D. Francisca.

Intenso foi o trabalho dos primeiros colonos, alternando o preparo da gleba com os serviços da estrada de rodagem, cuja ponta ainda se achava longe da séde, serviços que davam algum ganho aos imigrantes, neste primeiro periodo de moradia na zona.

As proprias mulheres não se alheavam a esse trabalho arduo e penoso, entregando-se a elle com animo varonil e coragem decidida, tendo uma dellas, victima de um accidente, supportado com raro estoicismo uma longa e penosa viagem serra abaixo, a caminho de Joinville, onde lhe seria amputado o pé. (138)

O local escolhido para a nova colonia não era, entretanto, dos melhores, si bem que de terras ferteis e bastante saudavel. Formado de pequenas collinas, entre as quaes se localizavam terrenos alagadiços, a localização de um centro que servisse de séde á colonia custou boa somma de trabalhos. Não só esta difficuldade, aliás de reduzida importancia, entrou os primeiros dias do nucleo. Por muitas vicissitudes passaria ella, de toda ordem, agitando a sua existencia. Da impropriedade do terreno para a localização da séde, resultou que outros agglomerados fossem surgindo, transformando-se aos poucos em novas localidades, descentralizando assim o nucleo que só mais

(138) Wolfgang Ammon — Chronica do Municipio de São Bento, trad. de Elly Herkenhoff.

tarde se poude erguer, tornando-se a povoação de São Bento, e adquirir a importancia merecida.

Dez foram as primeiras familias allemãs que se installaram nesta colonia, seguidas de outras quarenta, ás quaes foram distribuidos inicialmente 79 lotes de terras. As difficuldades com que teve de lutar foram aggravadas pela falta de communicações, inclusive com a séde da Companhia Colonizadora, estabelecida na Colonia D. Francisca. Apesar de tudo, os seus productos foram apparecendo, surgidos da terra trabalhada, mas não podiam, por falta de escoadouro, ganhar os mercados do litorál, nem os seus colonos conseguirem supprimento de muitos artigos que lhes faltavam.

Os aborigenes tentaram, por sua vez, e por mais de uma, incursões pela região, pondo as familias em continuo sobresalto. Depredações foram comettidas e chegaram aquelles ao assassinato de uma familia de imigrantes, vendo-se o Governo na necessidade de distribuir, por intermedio da Direcção da Colonia, armamento e munição pelos moradores da zona assediada. Uma batida pelas mattas não surtío effeito sinão de afastar temporariamente o gentio, pairando sempre sobre a colonia o perigo de um ataque maior.

Não bastavam estas contrariedades. Surgio o descontentamento entre os colonos, devido não só ás difficuldades internas, como ainda pela localização da Directoria da colonia em Joinville, aggravados pela decisão do Governo mandando cessar, em 1878, varios trabalhos publicos que, sobre serem vantajosos para a colonia, ainda eram auxilio aos moradores que auferiam nelles algum lucro, não de desprezar nestes primeiros tempos, em que a lavoura ainda não havia tomado o vulto que depois veio a tomar.

Estalou a revolta, segundo a imprensa da época, instigada por certos elementos "socialistas" (139) e, depois de meetings e discursos inflamados, dispuzeram-se uns trezentos homens á longa caminhada pela Serra, rumo da Séde, a reclamar o que julgavam de direito. Armados e cheios de entusiasmo, dispostos a obter vantagens que haviam discriminado em vinte artigos attingem os rebeldes, finalmente, as proximidades da Colonia D. Francisca. A noticia da rebellião, que havia chegado já a esta Colonia, fez com que a esperal-os, como revoltosos e indesejaveis, estivesse a autoridade policial, com a bandeira nacional á frente e acompanhada de grande numero de moradores armados, dispostos a não deixar penetrar, mesmo pela força, na colonia, os exaltados.

Aconselhados a depôr as armas, e resfriado o entusiasmo á vista das disposições pouco amigaveis das autoridades e dos moradores de Joinville, resolveram os amotinados entregal-as á Camara Municipal, sendo-lhes então concedida permissão para entrar na villa. Frederico Brustlein, a quem estavam entregues os serviços da colonização, recusou tratar com a massa rebelde e exigio um deputado della para conferenciar. Ao cabo das negociações, ficou Brustlein de remetter viveres para os mais necessitados colonos e attender a uma serie de reclamações trazidas nos taes vinte artigos do memorial. Regressaram finalmente, após curta estadia, os reclamantes a São Bento, onde foi, mais tarde, a Justiça, buscar os cabeças do movimento e instigadores delle, processando-os e levando-os a jury, que os condemnou.

Apezar das multiplas difficuldades surgidas neste periodo da sua vida, São Bento prosperou com rela-

(139) Idem, idem.

tiva rapidez e a sua população muito cedo se integrou na vida nacional, tomando interesse pelas campanhas civicas que agitaram os dias da nação nos fins do Seculo XIX. Foi em São Bento que se installou a primeira Camara do paiz composta inteiramente de elementos republicanos e a sua população se deixou dominar por grande jubilo quando teve noticia das leis emancipadoras e da proclamação da Republica. (140).

Apreciando-se a sua evolução, nota-se que a sua população cresceu rapidamente, trazendo muito naturalmente o rapido desenvolvimento da região, não só da Séde como tambem das povoações circumvizinhas.

Em 1874, possuia já 396 habitantes; dois annos depois, 1158. Neste anno, foi elevada a categoria de freguezia. Em 1879, attingia a 4.275 almas e ao completar o seu decimo anniversario de fundação já era Municipio, incorporando em seu territorio a localidade de Campo Alegre e a população da nova unidade era calculada em 9.400 habitantes. (141).

A séde do Municipio foi na mesma occasião elevada aos foros de villa e a producção do mesmo, principalmente a agricola, já era vultosa.

Novas contrariedades surgiram, todavia, na vida catharinense e mui principalmente na vida do novo municipio.

Recrudescendo a velha pendencia entre o Paraná e Santa Catharina, aquelle Estado installou alguns postos fiscaes e recebedorias de impostos em territorio catharinense, dentro do municipio de São Bento.

De nada adiantaram os protestos das autoridades locais e estaduais. Mostrou-se, então, a população sanbentense profundamente catharineta e disposta a

(140) Idem, idem.

(141) Jacintho A. de Mattos — Op. cit.

todo o sacrificio para continuar sob a jurisdicção do Estado de Santa Catharina. Conheceu, todavia, dias de intranquillidade, com o seu territorio repleto de forças policiaes que procuravam garantir os colonos contra as pretensões do Estado vizinho.

Em 1896, a povoação de Campo Alegre passou a ter fóros de villa e a ser cabeça de um novo municipio, desmembrando-se de São Bento, causando algum desgosto á população deste municipio o acto que lhe reduzia o territorio e lhe retirava da jurisdicção uma povoação prospera.

Finalmente, findas estas campanhas todas, poude São Bento conhecer a tranquillidade de que tanto necessitava para o seu maior progresso. Da sua expansão resultaram Oxford, Lençol, Rio Vermelho, Rio Negrinho, localidades proximas, esta ultima bastante prospera. E' servida por estrada de rodagem e pelo ramal de São Francisco da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. Villa agradável, com boas edificações, estação de cura, gozando de um clima admiravel, está reservado a São Bento um futuro bastante promissor. Sua producção é grande, principalmente em herva matte, madeira, centeio, e productos de lavoura.

*

Não se resumiram na criação destas duas colonias, hoje importantes municipios do Estado, os trabalhos de colonização da Sociedade Colonizadora de Hamburgo. Hansa e Hammonia, tambem foram criação desta empresa. Em 1895, obteve ella a revalidação da antiga concessão sob novas clausulas, pelas quaes se compromettia ella a medir lotes coloniaes e a promover a entrada de 6.000 immigrants annualmente, pagando ao governo as terras coloniaes medidas. Duraria

a concessão 15 annos, findos os quaes seriam as terras devolutas devolvidas ao Estado.

Estas terras concedidas ficavam situadas ás margens dos rios Itapocú e do Hercilio (Itajahy do Norte). Passando os encargos da Companhia Hamburgueza, em 1897, para a Sociedade Colonizadora Hanseatica, tratou esta de dar cumprimento ao contracto, fazendo medir naquellas zonas cerca de 170 mil Ha., pagando ao Governo a importancia de 266 contos de réis. Foram então creados 3 districtos coloniaes : Itapocú e Pirahy, no Municipio de Joinville, e Itajahy Hercilio, no de Blumenau. Entretanto, estas colonias eram conhecidas pelo nome commum de Hansa, razão pela qual duas localidades conservam este nome em Santa Catharina.

Mal encaminhados os negocios da Companhia, foi ella á fallencia. Reorganizada pouco depois, com creditos concedidos num montante de um milhão de marcos, em 1903, foram com a presença de dois Directores, que vieram ao Brasil, reformados os serviços e entregues a José Deeke, que, tomando a direcção dos mesmos, installou a Séde em Hammonia, nome então dado á colonia de Itajahy-Hercilio. Hansa passou a chamar-se Hansa-Humboldt.

Em 1924, o contracto existente entre a Sociedade e o Governo foi rescindido, por falta de cumprimento de suas clausulas, reconhecendo, todavia, este, como de propriedade da mesma os lotes já medidos. Assim ficava ella ainda de posse de 127 mil Ha., em Hammonia, dos quaes cerca de 60 mil colonizados, contando então este nucleo uma população de 12 mil habitantes, que sem exagero se póde computar hoje pelo dobro. Dois terços desta população é de origem alemã. Em Hansa, antigamente no Municipio de Joinville e hoje no de Jaraguá, cerca de 60 mil Ha. con-

tava a Sociedade, dos quaes 40 mil occupados, computando-se a população, no tempo, em 8 mil habitantes. (142).

Hammonia veio a ser séde do Municipio deste nome, creado em 1934, desmembrando-se de Blumenau, tendo então, por algum tempo, tido o nome de Dalbergia. Hansa, no mesmo anno, passou para o novo Municipio de Jaraguá, tirado das terras do Municipio de Joinville.

Jaraguá, hoje municipio, situada á margem direita do rio Itapocú, dista 40 kilometros de Joinville. As suas terras, da embocadura do rio Jaraguá, até a embocadura do rio Pedra de Amolar, mais ou menos calculadas em 10 mil Ha., foram pretendidas pela Sociedade Hanseatica, contrariando a concessão de que era possuidor o Coronel Jordan. Mais tarde, foram estas terras divididas em lotes e estabelecidas linhas coloniaes. Mais do que qualquer outra colonia desta zona, prosperou esta com extraordinaria rapidez.

Em pouco tempo a sua séde se transformou numa bella localidade, servida de luz electrica e de outros confortos. Apresentando tão notavel desenvolvimento, era de se esperar a sua separação de Joinville, o que aconteceu em 1934, incluindo o seu territorio o districto de Hansa.

A sua população, calculada em 15 mil habitantes, descende, na sua maioria, de allemães e italianos.

IV

COLONIAS NO CAMINHO DE LAGES E COLONIAS DISSEMINADAS PELO LITORAL

Além das colonias creadas nos valles do Itajahy, do Tubarão e outros, destes proximos, verificou-se ainda o estabelecimento de outras communas, disseminadas pela zona do litoral, algumas nas margens de rios menores e outras nas terras bastante proprias dos Municipios de São José e Palhoça, sobre o trajecto das estradas que demandam Lages, no planalto.

Varias tentativas falharam, apezar da uberidade do sólo e da optima situação em que se collocaram; outras, no entanto, conseguiram adeantar-se, tornar-se centros desenvolvidos, contribuindo para o supprimento dos mercados do Estado e dos Estados vizinhos, com productos da sua lavoura e da sua pequena industria.

Dentre as colonias fundadas na orla maritima da zona, contam-se as de Nova Italia, tambem chamada D. Affonso, Sahy, Flôr da Silva, Piedade, Leopoldina, nos primeiros tempos, e ultimamente, os burgos agricolas e os nucleos federaes.

Sobre os caminhos que vão a Lages, conta-se, na antiga estrada, Angelina, pouco adiante da Colonia de São Pedro de Alcantara; sobre a nova, Vargem Grande, Therezopolis, Santa Isabel e Santa Thereza.

*

A colonia D. Affonso, creada em 1836, ficava situada ás margens do Tijucas, nas immedições da freguezia de S. João Baptista, a pouca distancia da então villa de Tijucas.

Os primeiros colonos que ahi se localizaram, em numero de 180, foram sardos, dirigidos pelo inglez Carlos Demaria e pelo suisso Henrique Schuttel, aos quaes concedera o Governo mil braças em quadro e depois mais duas leguas nas mesmas condições, com a obrigação de as demarcarem no prazo de dois annos e as distribuirem loteadas, em quatro. Depois de uma remessa de colonos, nenhuma outra foi encaminhada para o nucleo, nem os concessionarios cumpriram a clausula de demarcação e distribuição. Devido a uma investida dos selvicolas e a uma enchente que em 1838 assolou a região, retiraram-se os immigrants em grande numero, mudando-se para outras paragens, até que, em 1845, o Governo decretou devolutas aquellas terras, respeitando apenas as que ainda conservavam os primeiros moradores. Com a mudança para aquelle local de algumas familias brasileiras, a população augmentou um pouco e em 1852 contava 203 habitantes. Todavia surgiram differenças entre os moradores e a direcção da colonia, que exercia forte pressão sobre elles. Queixas foram dirigidas ao Governo que em 1854 resolveu extinguir a colonia, passando a mesma a fazer parte da freguezia de S. João Baptista. Hoje

a população existente na localidade é reduzida, occupando-se os seus habitantes na industria extractiva da madeira, sendo insignificante a lavoura existente.



Fracassou tambem a tentativa de colonização das terras do Sahy, peninsula ao norte da ilha de São Francisco, na outra margem da bahia Babitonga.

Em 1842, sob a direcção do Dr. Bento Julio de Mure, estabeleceram-se no local cerca de 100 colonos francezes, sendo que a maior parte delles não era elemento proprio para a agricultura. O plano de Bento de Mure era installar um phalansterio e os immigrants que trouxe eram artifices de toda classe. Tão curta foi a permanencia destes homens no Sahy, quão longos foram os dias de lucta entre duas fracções em que se dividiram os immigrants, obrigando por mais de uma vez a acção repressiva das autoridades policiaes, até que grande parte se retirou para outro ponto, hoje denominado Palmital, nos confins daquella bahia e sobre o rio deste nome. Ainda no mesmo anno, mais 117 colonos chegaram para o Sahy, mas, recrudescendo a lucta em que já se vinham empenhando os primeiros, com a entrada destes novos elementos na contenda, muitos resolveram reembargar e apenas 4 delles se conservaram no Palmital e 28 no Sahy. (143).

Um anno após, contava o Sahy apenas com 9 habitantes, podendo-se assim considerar fracassada a primeira tentativa colonial da zona, sendo que outra se repetio em 1857, desta vez levada a effeito, por um negociante do Rio de Janeiro, de nome Flôres, que pre-

(143) Carlos da Costa Pereira — Nota 21 á traducção da Viagem a Santa Catharina, de Saint Hilaire.

tendeu localizar ali alguns colonos portuguezes. Fallhou a nova experiencia e, até hoje, de concessão em concessão, não se conseguiu povoar o local. Sahy e Palmital são hoje pequenas povoações, de reduzida população. Nesta ultima ha trabalho, sendo a sua principal producção o arrôz, cultivado com facilidade nos terrenos alagadiços da região.



Uma tentativa particular de colonização foi tentada, em 1843, por Manoel Floriano da Silva que, em terras virgens e infestadas de selvicolas, naquelle anno e no seguinte, installou-se com sua familia nas cabeceiras do ribeirão do Moura, a cinco leguas de Tijucas. Decidido e energico, sem temor do gentio e disposto a levar adiante a sua idéa, desbravou a zona, derrubando a matta e installando a sua gente.

Si bem que posteriormente a maior importancia não tivesse attingido o estabelecimento de Floriano da Silva, no entanto vio elle crescer o povoado cujos primeiros ranchos levantára. Abrio elle estradas, procurando pôr-se em contacto com as outras populações visinhas e em 1861 contava já a sua colônia com 7 pequenos engenhos de assucar, 12 de farinha e 1 de serra. Para mais de cem cabeças de gado havia no estabelecimento. Em 1862, habitavam-no 40 familias, perfazendo um total de 212 pessôas. Actualmente a localidade tem o nome de Moura, a meio caminho entre a cidade de Tijucas e a villa de Nova Trento.



Piedade foi o nome da colonia que na antiga Armação deste nome, na barra do norte da bahia de Santa Catharina, se fundou.

Pensou o Governo aproveitar a antiga Armação para a localização de 150 immigrants allemães, em 1847, entregando a sua direcção aos commandantes da Fortaleza de Santa Cruz, localizada na ilha de Anhatomirim.

Não prestavam para a agricultura as terras do local, além de situadas numa costa muito batida pelos ventos, razão pela qual muito logo entrou em decadencia. Em 1854, contava apenas com 54 moradores e hoje é apenas um pequeno povoado.



A tantas tentativas e a tantos fracassos veio ajuntar-se mais um, com o verificado na Colonia Leopoldina, creada no Alto Biguassú.

Entre este rio e o Tijucas, em 1847, concedêra o Governo a Seridan Telghuis uma area de duas legoas em quadro de terras que seriam destinadas á creação de uma colonia que tomaria o nome de Leopoldina.

Em 1849, ainda não havia recebido qualquer impulso, contando apenas um pequeno estabelecimento de criação. Os colonos ainda não haviam chegado e só se localizaram ali em 1853, em numero reduzidissimo, idos da Armação da Piedade. Apenas 38 pessoas, belgas e allemães, compunham esta primeira entrada. A difficuldade de communições, o temor do gentio, entravaram o desenvolvimento de Leopoldina. Em 54, não contava mais de meio cento de habitantes e muito logo extinguiu-se a colonia.



Sobre a estrada de Lages, no entanto, as colonias fundadas, em sua maioria, progrediram e si não adquiriram aquelle desenvolvimento que fez das antigas colonias cidades importantes, tornaram-se entretanto centros coloniaes de alguma projecção. Apenas falhou a tentativa de colonização militar, tentada na Colonia Santa Thereza, cujo progresso foi insignificante. As demais, mesmo uma colonia de elementos nacionaes, para a qual se prognosticára vida curta e desenvolvimento pequeno, numa demonstração das possibilidades do colono nacional, palpavel e concreta, tornou-se um nucleo productor, embora fossem insignificantes os auxilios obtidos do Governo para ella.

*

A primeira colonia localizada, depois de São Pedro de Alcantara, a caminho do planalto sul, buscando Lages, foi a de Vargem Grande, cujo inicio data de 1837. Alguns colonos, descontentes das terras daquela primeira, em numero de 44, dos quaes 43 allemães e 1 dinamarquez, abandonaram-na e se estabeleceram na Vargem Grande, á margem direita do Cubatão, ao longo da nova estrada de Lages, e distante apenas 3 legoas de S. Pedro. (144).

Optimamente situada, num clima esplendido, não foi difficil a sua prosperidade. Os colonos, sob a administração do Cel. Joaquim Xavier Neves, (não teve a colonia qualquer regulamento especial) entraram a prosperar. Facto digno de nota: em 16 annos registraram-se nesta colonia apenas 4 obitos, o que demonstra a excellencia do clima. Aos primeiros colonos estrangeiros se reuniram depois algumas famílias bra-

sileiras. Em 1853, a colonia contava com 117 moradores, excluidos deste numero os agricultores nacionaes. Hoje é uma povoação de pequeno movimento, dada a proximidade de outras localidades de maior importancia, outras populações mais adeantadas existentes nas suas proximidades. Mesmo assim a sua producção representa boa contribuição no total das colonias do Estado.

*

Santa Isabel data de 1847. Localizada sobre o Rio dos Bugres, affluente do Cubatão, foi situada mais para o interior que a precedente. Os seus primeiros moradores foram 256 immigrants remetidos pelo Governo Imperial, tendo-se radicado no local apenas 164. Esteve sem direcção até 1860, quando o Governo encaminhou para ali novos colonos, augmentando a sua população, então, para 412 pessoas, situadas em 65 estabelecimentos bastante prosperos. Em 1863, contava já com mais de mil almas e a sua expansão colonial se fazia por 6 linhas, indo até Taquaras, ponto de convergencia da nova e da antiga estrada de Lages. Estas linhas denominavam-se Rancho Queimado, Rio Bonito, Serro Chato, Bugres e Ribeirão Scharft. As terras desta colonia são muito fertes, sendo a sua producção de cereaes abundante. Em 1869, foi emancipada. Possuia então 1.268 habitantes, era servida por boas estradas, possuia algumas edificações optimas e a sua industria era representada por 26 engenhos de mandioca, 2 de canna, 7 moinhos de fubá, 3 fabricas de cerveja, 1 olaria e 3 cortumes, não se contando outros pequenos estabelecimentos.

Como Vargem Grande, Santa Isabel fica hoje localizada no Município da Palhoça.

•

Uma tentativa de colonização militar foi feita em 1853, realizando-se assim a velha aspiração de Miranda Ribeiro. Localizou o Governo esta colonia militar, á qual chamou de Santa Thereza, justamente a caminho do sertão e destinava-se a ser não só um posto colonial, pela producção agricola, como tambem um destacamento militar que servisse de barreira ás incursões dos selvicolas e um ponto unindo o litoral ao sertão.

Este nucleo de população armada, posto de agricultores militares, não chegou a apresentar o resultado que se esperava e fracassou o esforço feito para mantel-o. Foi seu primeiro director o major reformado Affonso de Albuquerque Mello e o primeiro estabelecimento da colonia teve lugar no Trombudo, “á margem do antigo caminho de Lages e proximo do campo”, (145) local em que se estabeleccram o director e os 19 primeiros colonos soldados. Não lograram, todavia, estabilizar se ahi, devido ás chuvas abundantes que impediram o trabalho. Pouco depois, descendo a Serra, mudaram-se para o local denominado actualmente Barração, no Municipio de Bom Retiro. Em fins do mesmo anno da installação, contava a colonia com 51 colonos-militares, excluidos o Director, o cirurgião e mais 61 pessoas das familias das praças. Habitavam 25 casas de palha e havia algumas plantações. Em 1858, contava ao todo com 130 pessoas e arrastava-se numa lenta evolução. Araujo Brusque, então Presidente da Provincia, attribuia esta morosidade, e pouco desenvolvimento da colonia e a sua producção quasi nulla, á falta de habito para o trabalho dos colonos militares, que levavam a vida ociosamente, numa região que fartamente teria recompensado os esforços dos que se

(145) Jacintho A. de Mattos — Op. cit.

dispuzessem a cultivar-a. As terras esplendidas para a lavoura não encontravam aqui os braços necessarios e capazes de retirar do sólo toda a riqueza que este encerrava. Em 1868, com apenas 201 habitantes, somente 798 hectares estavam lavrados. Cinco annos depois, com nova remessa de soldados, a sua população ascendeu a 442 habitantes. Passou a ser o seu director o major Zeferino Antonio Ferreira. A sua importação era maior que a producção, contava apenas 8 engenhos de farinha, 3 de assucar e 1 olaria. Gado possuia muito pouco. Emancipada em 1896, por se julgar irrealizavel a sua prosperidade. Em 1916, a localidade que restou da antiga colonia contava uma população de 2.855 habitantes, com 454 casas e apresentando pequena produção.

•

Araujo Brusque, que muito fez pela colonização da Provincia, e que tem o seu nome ligado a varias iniciativas de colonização, creou em 1860 duas colonias tambem no caminho de Lages, uma na antiga e outra na nova estrada, ás quaes deu o nome de Angelina e Therezopolis. A primeira foi colonizada por elementos nacionaes, a segunda por imigrantes allemães.

Angelina fica situada no Municipio de São José, aos fundos da colonia S. Pedro, numa altitude media de 400 metros acima do nivel do mar, em terras boas. Localizaram-se ahi, de inicio, apenas 8 famílias, mas pouco depois a sua população augmentava, contando já em 1862 com 187 habitantes e 39 casas. Apesar das verbas diminutas destinadas para esta colonia, das grandes difficuldades por que passou, devido á falta de estradas, resistiram os colonos a todas as contrariedades, permanecendo nas terras, mesmo quando

grande foi a sua penuria. A sua produção appareceu muito logo: feijão, batata, arroz, fumo, herva matte em pequena escala. Sete annos depois contava com 142 casas e o numero de seus habitantes era de 784. Alguns elementos estrangeiros se foram tambem localizar ali. Foram seus directores Joaquim de Souza Corcoroca, até 1869, e depois o Cel. Gaspar Xavier de Souza, até a sua emancipação, em 1881. Em 1900, a sua população era de 1.700 almas e em 1919 calculava-se em 3.000. E' uma localidade prospera, sendo os seus productos conduzidos para a Capital, onde encontram grande acceitação. Foi uma feliz tentativa de colonização com elementos nacionaes, realizando as esperanças dos que fundaram o nucleo de Angelina.



Therzopolis, actualmente pertencendo ao Municipio de Palhoça, fica situada em terrenos montanhosos e campinas ferteis, alternando-se num admiravel pittoresco. Estabeleceram-se ali 40 familias allemãs, seguidas, em breve espaço de tempo, de muitas outras, de modo que um anno depois da sua creação já contava com 622 habitantes. O seu primeiro director foi o subdito allemão Theodoro Todeschini. Apresentando um rapido desenvolvimento, em 1863 já era de 1.500 almas a sua população, extendida em seis linhas coloniaes denominadas: Cubatão, Rio Novo, Cedro, São Miguel, Salto e Capivary.

Ao que se sabe, a colonia passou por um periodo um tanto agitado, devido á má conducta de certos colonos. Sanado o mal, entrou a prosperar e ainda hoje é uma das mais prosperas populações coloniaes do Estado. Em 1869, contava com 1.684 habitantes e, em 1900, com quasi dois mil. Actualmente é uma popula-

ção bastante activa, produzindo fartamente. Foi emancipada em 1869.

•

Foram estas as colonias creadas em Santa Catharina, na sua região litoranea, localizadas fóra dos vales dos grandes rios, disseminadas na sua zona costeira e no caminho de Lages. Como se nota, grande foi o numero de nucleos fundados, demonstrando o empenho de se fazer da terra catharinense um Estado colonizado.

A maioria das colonias prosperou, umas se avantajaram, outras não encontraram situações favoraveis, mas todas procuraram attingir a uma finalidade productora. Algumas outras falharam, arruinaram-se os nucleos, extinguiram-se as populações. Os motivos que determinaram estes fracassos foram, algumas vezes, como para Piedade, a impropriedade das terras: noutras a falta de direcção segura; noutras o temor do gentio, a incapacidade dos colonos, a falta de protecção official.

•

Recentes são as creações dos burgos agricolas e dos nucleos federaes. Os burgos agricolas foram localizados no Municipio de São José e foi primeira concessionaria das terras a Companhia de Colonização e Industria de Santa Catharina, em virtude de contractos assignados em 1891. Mais tarde foram os contractos desfeitos, passando as concessões para a Sociedade Colonizadora Catharinense, fundada em Porto Alegre, em 1914.

Tres foram os burgos creados.- O primeiro comprehendeu as linhas denominadas Quebra--Dentes, Lesa, Rio Adaga, tendo sido ahi localizadas cerca de 85 familias num total de 411 pessoas; o segundo for-

mou-se das linhas do Caeté, Aguas Frias, Lombas, com 89 familias e 438 pessoas; o ultimo, com Rio Jararaca, Engano e Itajahy, com 150 familias e 763 almas. A maioria destas localidades está hoje subordinada ao Municipio de Bom Retiro, ao qual passaram a pertencer.



Os nucleos federaes fundados no Estado tambem foram em numero de tres. Annitapolis, cuja primeira denominação foi Lauro Müller, foi o primeiro installado, e fica no valle do Braço do Norte em territorio do Municipio da Palhoça.

Os seus colonos foram na maioria de origem alemã. Não se nota, no entanto aqui aquelle espirito de sacrificio e de coragem que animou os antigos colonos de Blumenau e D. Francisca. Aquelles, com notavel firmeza não se arreceavam da lucta em plena floresta e só tinham em vista elevar o local escolhido para a sua pequena e nova patria. Destes outros, muitos não se agradaram das terras, situadas a 95 kms. da Capital do Estado e a 600 metros de altitude, num clima saluberrimo. Queixando-se das terras, mudaram-se para outras colonias, onde o trabalho principal já feito lhes poupava esforços e economizava energias. Até 1914, dos 850 lotes, 500 foram occupados e a população elevava-se a 2.286 almas. Com a retirada de muitos colonos, localizou ali, o Governo, um Patronato Agricola para menores desoccupados, enviando grande quantidade delles, retirados das ruas da Capital Federal. E' hoje um nucleo de relativa prosperidade (146).



Esteves Junior foi o segundo nucleo e localizado no Municipio de Nova Trento e a sua séde ficava na localidade denominada Corrida, tambem chamada Conquista. Dos 456 lotes demarcados, apenas 147 chegaram a ser occupados, tendo a maioria dos colonos abandonado as terras, tal como aconteceu em Annitapolis. Em 1916, possuia sómente 800 habitantes e o governo resolveu povoal-o com elementos nacionaes, emancipando-o. A séde passou a denominar-se Boiteuxburgo.



O ultimo nucleo recebeu a denominação de Rio Branco e foi localizado no Municipio de Joinville, nas proximidades da localidade de Bananal.

Foi interessante a installação desta colonia. Escolhidos 4.500 hectares de terras neste Municipio, foram as que hoje formam o Nucleo Rio Branco dadas como devolutas e, quando o Governo destinou moradores para as mesmas, afim de povoal-as, o primeiro passo que teve a dar foi expulsar os antigos habitantes, que já ali tinham as suas lavouras. Annos mais tarde, foram localizadas neste nucleo grande numero de familias de fanaticos, vindas do Contestado, onde se haviam apresentado ás autoridades militares. Em 1916, a sua população não ia além de 600 habitantes. Hoje é o mais prospero dos tres nucleos creados pelo Governo da Republica.

V

O PLANALTO

O planalto catharinense pôde ser considerado como dividido em duas grandes partes: o planalto proximo e o planalto rêmoto. Aquelle, ainda pôde ser considerado em duas outras, o planalto sul e o planalto nôrte, sendo este e o remoto conhecidos pelo nome de ex-Contestado.

Ao sul, contam-se os Municipios de Lages, São Joaquim e Bom Retiro; ao norte, São Bento, Campo Alegre, Mafra, Itahyopolis, Canoinhas e Porto União.

O planalto remoto margina a linha da São Paulo-Rio Grande, que se estende de Porto União a Marcelino Ramos e nelle se contam Campos Novos e Curitybanos, que sempre estiveram sob jurisdição catharinense; e Chapecó, Cruzeiro, Caçador e Concórdia, cujas terras passaram para o dominio catharinense depois do Acordo de 1916.

Ao sul, de Lages sahiram São Joaquim e parte de Bom Retiro. Lages já lhe conhecemos a historia da fundação e a sua influencia no Sertão, influencia que se estende pelos municipios do planalto proximo e pelos de Campos Novos, Curitybanos e parte dos outros municipios do planalto remoto. A colonização existente nesta zona tributaria da vida de Lages se encontra principalmente no Municipio de Bom Retiro,

conforme se vio no capitulo anterior. Já se referio tambem que a vida pastoril predomina nos municipios de Lages e São Joaquim, extendendo-se pelos de Campos Novos e Curitybanos, sendo a sua principal fonte de riqueza e a principal occupação das populações da zona serrana. Dadas as condições do meio e á identidade das occupações, a vida desta região serrana se assemelha grandemente á vida dos pampas sulinos. Aliás, a falta de communições com o litoral catharinense, ao mesmo tempo que relativa facilidade dellas se verificava para com o Rio Grande do Sul, fez com que todo o territorio fosse tributario da vida gaucha por longos annos.

Ao norte, ao contrario, excluidos os Municipios de Campo Alegre e São Bento, os demais registram uma nitida influencia do visinho do norte, o Estado do Paraná. Mafra, Porto União e parte de Canoinhas, foram por longo tempo territorio paranaense e até bem pouco prendiam-se, por interesses de toda ordem, á vida do Paraná. Hoje, com a facilidade de communições, o rythmo da sua vida é marcado pelas populações do litoral barriga-verde. Os interesses da zona soffreram mudança no seu eixo, desviando-se para o sul, identificando-se cada vez mais com os do Estado a que passaram a pertencer de facto.

Luctas armadas entravaram, por muito tempo o progresso da zona. A questão de limites impedio um maior desenvolvimento commercial e industrial da região, uma infiltração immigratoria mais activa. A guerra dos fanaticos trouxe annos de sobresalto para as populações do Contestado, contribuindo para que todo o extenso territorio se transformasse numa zona conflagrada, onde as populações não podiam gozar de tranquillidade e socego.

Predomina no ex-Contestado a industria extractiva do pinheiro e da herva matte. São as principaes occupações das populações locaes, sendo pequena a industria pastoril. Assim, si bem que zonã de grandes latifundios, contando-se enormes propriedades em que o numero de pinheiros se contam por milhões e as herveiras são incontaveis, não foi difficil o estabelecimento da pequena propriedade agricola ahi installando-se a colonização sem determinar a decadencia que se verifica nos pequenos dominios pastoris.

Muito cedo se iniciou a colonização da zona e só as luctas referidas impediram que uma corrente mais intensa se dirigisse para o planalto proximo.

O planalto remoto se estende por mais de 300 kilometros, attingindo a oéste os "espanhões confinantes". Zona pouco povoada, ainda em formação, é região de completa influencia gaucha. A onda que sobe do sul espraia-se nesta zona, disseminando-se pelo planalto, trazendo os costumes e os habitos que lhe são peculiares. Primitivamente foi refugio predilecto dos egressos da Justiça. Região pouco ou nada policiada, interminavel na extensão, impenetravel e inculta, dava homizio a quantos fugiam á justiça dos Estado do Paraná, de Santa Catharina e do Rio Grande do Sul. As luctas politicas, as guerras civis, obrigavam periodicamente o internamento de muitos elementos que ao sul sustentavam as suas convicções partidarias de armas na mão. Tiveram origem assim os primeiros nucleos, excepção feita de Campos Novos e Curitybanos, que são oriundos da expansão lageana. A esta gente, reunio-se, em 1910, grande numero de elementos recrutados para a construcção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, gente pouco recommendavel, de passado suspeito e de conducta duvidosa,

oriunda das grandes cidades, do Rio, de Santos e São Paulo, onde representavam a fina flôr da malandragem. Adquirio habitos dos primeiros. Creou raizes na terra, deu-se a algum trabalho ou embrenhou-se no sertão. Foram assim surgindo as primeiras fundações, insignificantes, matto a dentro, onde mal chegavam as picadas. Ao longo da linha da estrada outras pequenas povoações foram surgindo, em torno das estações distantes quarenta kilometros umas das outras. Mais tarde iniciou-se a colonização da zona. E, como aquelles primeiros moradores, que, oriundos do sul, incutiam os habitos e costumes sulinos, nos que posteriormente foram localizar-se ali, estes colonos já traziam muitos destes habitos porque tambem vieram do Rio Grande. Foi do Estado sulino que partiram as primeiras tentativas de colonização do remoto planalto catharinense, que partiram, e não da Europa, os primeiros immigrants, e as companhias que se propuzeram a crear os nucleos coloniaes ali, tinham séde em Porto Alegre. Duas linhas se estenderam, então, e vivem ainda os primeiros annos de sua organização : uma, ao longo da linha ferroviaria, ás margens do rio do Peixe, nos Municipios de Campos Novos, Cruzeiro e Concordia; outra, ao longo do correntoso Uruguay, no Municipio de Chapecó.

Campos Novos e Curitybanos, como se disse, originaram-se da fragmentação de Lages e os primeiros fundamentos plantados destas populações o foram por sertanistas intrepidos da Capital do Planalto. O primeiro é de 1854; o segundo, de 1869. Como em Lages, predomina nelles a vida do pastoreio.

Os demais Municipios se incorporaram á vida de Santa Catharina pelo Accordo de 1916, tendo sido Palmas e Clevelandia os Municipios que cederam par-

te de seus territorios para a formação dos de Chapecó e Cruzeiro.

Em 1934, Caçador e Concórdia buscaram nos territorios daquelles e no de Porto-União a área que possuem.

Finalmente, nos confins do Estado, nas divisas com a Argentina, predomina nas escassas populações a influencia platina. A lingua que se fala é um portuguez acastelhanado ou um castelhano aportuneguezado. A moeda mais commum é o **peso**, embora tenha curso a moeda brasileira, a bandeira que se conhece é a da Republica visinha, a escola que frequentam os pequeninos brasileiros é a que mantem aquella Nação do outro lado do Pepery-Guassú. “Barracão e Barracón — são uma só e unica povoação, cortada por um fiapo de agua abandonado e que a lingua de um cão, bebendo, revolve e turva” (147) Este fiapo é o Pepery-Guassú.

*

Em 1827, constituia o actual Estado do Paraná a Comarca de Curityba, a quinta de São Paulo, quando teve o Presidente deste ordem de fundar ás margens do Rio Negro uma colonia afim de localizar na região immigrantes allemães. O local havia sido sete annos antes cortado pela estrada que dava passagens ás tropas de gado, idas do sul, e que fôra aberta pelo Barão de Antonina, João da Silva Machado.

Medidas as terras, do Rio Negro ao Butiá, em lotes de 500 braças em quadro, em 1829 chegaram as primeiras familias, num total de 105 pessoas, que se installaram á margem direita do rio, no lugar em que já havia uma povoação. Ainda neste mesmo anno a no-

(147) Othon d'Eça — Aos Espanhóes confinantes.

vél colonia recebeu mais 31 familias, num total de 142 pessoas. Os primeiros tempos da vida da colonia se revestiram das mesmâs difficuldades já assignaladas para os das suas congeneres. Ao intenso trabalho que exigia a derrubada das mattas e o preparo das terras, ainda eram obrigados os colonos a uma séria vigilancia, como em São Bento, devido aos selvícolas que frequentemente ameaçavam a vida do nucleo. De uma feita, mesmo, chegaram os aborigenes a se apoderar de um menino de 12 annos, mais ou menos, filho de um colono de nome Scheidt, do qual nunca mais se houve noticias, mas a respeito do qual se encheu a redondeza de lendas, posteriormente, quando alguns caçadores encontraram alguns bugres de pelle mais clara e que foram então dados como descendentes daquelle raptado. Com as entradas, ao longo do caminho que ia a Lages, foram-se disseminando em plena matta as povoações. Um colono, Adam Götten, atravessou a Serra do Espigão e foi localizar-se a meio caminho entre Rio Negro e Lages, no actual Municipio de Curitybanos, deitando os fundamentos da povoação de Corisco, actualmente conhecida por Santa Cecilia. Progredindo sempre, embora lentamente, numa zona contestada mutuamente por dois Estados, numa interminavel pendencia divisoria, ameaçada dos ataques dos jagunços, que na zona quasi repetiram as paginas tragicas de Canudos, mesmo assim tornou-se uma communa productora e activa.

A extracção da herva matte constituia a principal actividade da população, sendo pouco desenvolvida a agricultura. Uma povoação se elevou logo nas duas margens do Rio Negro e, em 1906, já era uma cidade. O Accordo realizado entre o Paraná e Santa Catharina entregou a esta a parte situada na margem esquerda, que passou a ser a séde do Municipio de Mafra, nome

tambem dado á cidade. E' hoje uma cidade movimentada por intensa vida commercial.



Lucena, actualmente Itahyopolis, visinha de Mafra, foi creada pelo Governo Federal em 1890, na região em que nascem os rios São João, Lança, Rio Negrinho, São Lourenço, Preto e outros. Os primeiros colonos chegaram em 1891 e eram de nacionalidade ingleza, ex-trabalhadores das fabricas de Londres, accrescidos de alguns polacos e russos. Em 1895, o Governo passou para o Estado do Paraná os encargos da mesma, desistindo dos serviços de colonização da zona. Sob a direcção do Estado foram então encaminhadas para o nucleo algumas familias ruthenas, idas de São Paulo e já affeitas á vida agricola. Dois annos mais tarde, uma nova remessa se fez, contando-se então tambem elementos de origem poloneza. Além destes, pela mesma época, se localizaram em Lucena muitos allemães que haviam sahido de São Bento, augmentando assim a sua população. Em 1909, foi emancipada, passando depois para a jurisdicção catharinense, e vindo a constituir o Municipio de Itahyopolis.



Porto-União data de 1769.

A' margem esquerda do Iguassú, então chamado Rio do Registro, lançou seus fundamentos, dedicando-a a N. S. da Victoria, o Capitão Antonio da Silveira Peixoto.

Por determinação de D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, Morgado de Matheos, Governador da Capitania de São Paulo, deveriam, nesta época, ser

organizadas quatro bandeiras, de cem homens cada uma, para a descoberta dos sertões do Tibagy, devendo ellas, que estariam providas de armamento necessario e de rancho para seis mezes, entrar pelo Iguassú e pelo rio Tibagy (148).

Todavia, parece certo que o verdadeiro esçopo das expedições ordenadas era a descoberta de jazidas diamantíferas que se suspeitava existirem na região.

Um anno antes, uma expedição de 30 homens, desceza o Iguassú, em tres canoas, chefiada por Domingos Lopes de Cascaes, tenente, auxiliado' pelo sargento Bruno da Costa Filgueiras. A 70 leguas do ponto da partida, que fôra o porto de Caiacanga, aquelle tenente encontrou um salto que lhe impedio continuar. Deixando ali parte da sua gente, pretendeu proseguir na sua exploração, por terra, desistindo, todavia, pouco depois, em vista das difficuldades encontradas, tendo então regressado ao ponto de partida.

Em outubro de 1769, partio então noya expedição, sob o commando de Antonio da Silveira Peixoto, tendo a mesma subido o Putinga, affluente da margem direita do Iguassú, onde veio a encontrar de volta o sargento Filgueiras que lhe deu falsas noticias de ter avistado fundações castelhanas. Procurando certificar-se, descobrio Peixoto a verdade e, depois de prender o mentiroso, desceu novamente aquelle affluente e proseguio a sua viagem pelo Iguassú, até o local em que havia permanecido a gente de Cascaes. Neste lugar, já rogado, mandou construir as duas primeiras casas, que seriam as primeiras de União da Victoria.

Peixoto continuou depois a sua expedição, rio abaixo. Da barra do Chopin enviou ainda ao Coro-

(148) Asdrubal Bellegard — A Nossa Navegação fluvial e o seu Historico, in Cincoentenario da E. de Ferro do Paraná.

nel Botelho de S. Paio, que administrava a expedição, noticias da mesma, pelo mesmo Bruno Filgueiras, que, já tenente, lhe havia reforçado a pequena columna. Pereceu este, afogado, quando voltava a dar conta da sua incumbencia, tendo Peixoto continuado a sua marcha, afim de cumprir a ordem de fundar uma povoação no local em que Iguassú desagua no Paraná. Depois de enormes sacrificios, tendo attingido o seu objectivo, foi preso por uma força paraguaya e remettido para Bueños Ayres, de onde voltou sete annos depois, tendo-os passado todos no calabouço, soffrendo os mais crueis padecimentos. Reclamado, afinal, depois de todos estes annos, ainda poude vir morrer entre os seus patricios, o que aconteceu pouco depois da sua chegada.

Por alguns annos foi ainda a póvoa de N. S. da Victoria o ponto de partida de expedições para o ponente e posto militar de alguma importancia. Perdeu-a pouco depois, com a descoberta do caminho para os campos de Guarapuava, para onde se retirou então o pequeno destacamento que ali estacionava. (149)

Ficou, entretanto, a pequena povoação á margem do grande rio, povoação que, com os annos, viria a ser a cidade de União da Victoria.

Lentamente se desenvolveu, até que se tornou, posteriormente, a chave do sertão. A linha da São Paulo-Rio Grande attingio-a, passando para o sul. Della partiam as estradas para as remotas cidades sertanejas e tornou-se o centro da navegação fluvial do Iguassú. O seu progresso tornou-se então rapido e a sua vida intensa e agitada.

(149) Lucas A. Boîteux — Notas para a Historia Catharinense.

Em 1881, deram entrada em Porto União os primeiros colonos, de origem allemã levados de Joinville pelo Cel. Amazonas de Araujo Marcondes. Porto União era ainda uma pequena villa, contando quando muito 25 casas. (150)

A navegação fluvial a vapor, inaugurada em 1883 nos rios Negro e Iguassú, (151) ainda tambem por iniciativa de Amazonas Marcondes, veio contribuir eficazmente para o seu maior desenvolvimento. Neste mesmo anno, novos colonos, aparentados dos primeiros, installaram-se na região. Em 1909, tendo-se desenvolvido regularmente, o Governo do Paraná ellevou-a a cidade.

•

Em 1912, entre Legrú e São João, ao longo da via ferrea, começaram a surgir novas colonias, sendo a primeira dellas uma de ruthenos, denominada Nova Galicia. Em 1916, uma empresa colonizadora estabeleceu as colonias de Cel. Amazonas, Santa Cruz e São Pedro, no valle do Timbó, e as colonias de Concordia e Victoria.

Em 1919, São Miguel e Maratá foram as derradeiras colonias installadas, tambem com allemães, chegados na sua maioria dos velhos nucleos do Rio Grande do Sul. (152)

Estas foram as fundações coloniaes do Municipio de Porto União.

•

Dividido o Municipio em duas partes, uma das quaes passou para Santa Catharina, com o já referido

(150) Gedenkbuch e Cleto da Silva — Apontamentos Historicos de União da Victoria.

(151) Hasdrubal Bellegard — Trab. cit.

(152) Gedenkbuch.

acordo feito com o Paraná, tendo a que passou para o Estado tomado o nome de Porto-União, tem conhecido a antiga fundação dias agitados e intranquillos. Não bastasse a agitação havida ao tempo da ingloria questão lindeira, foi ainda séde de uma tentativa de rebellião, com a qual se pretendeu emancipar todo o Contestado para a formação de uma nova unidade da Federação e mais tarde veio a ser o centro das operações de guerra havidas na região, durante a campanha dos fanaticos, installando nella o seu quartel general o General Setembrino de Carvalho. Ponto de entroncamento de linhas ferroviarias, considerado estrategico e de importancia militar, durante as varias revoluções que têm agitado, nos ultimos tempos, a vida do paiz tem-se tornado o centro militar de columnas e tropas, destinadas ás frentes de batalha, vivendo dias de agitação. Apesar de tudo, Porto União tem progredido grandemente e vae, dia a dia, tornando-se o centro do planalto norte.

*

Cruzeiro e Chapecó tambem se incorporaram a Santa Catharina em 1916. São os Municipios de menor densidade de população. Pequenos povoados existiam, vivendo os habitantes da industria extractiva da herva, que era levada aos longinquos mercados do Rio Grande e do Paraná atravez dos caminhos e picadões, sobre o lombo das bestas, em longos cargueiros, por dias interminaveis.

Com a construcção da linha ferrea, em 1910, este commercio soffreu modificação. (153) O estabeleci-

(153) Em abril se inaugurava o trecho de Presidente Penna a Herval e em outubro o de Herval ao Uruguay. — Cleto da Silva. — Apontamentos Historicos de União da Victoria.

mento de estações ferroviarias de distancia em distancia fez com que, nas proximidades destas, se installassem os compradores da *ilex*, poupando assim, ao cortador, longas caminhadas. Esteve esta zona tambem bastante agitada durante os dias da campanha dos fanaticos. A sua colonização foi iniciada em 1915, pela Brasil Development and Colonization Company. Nesse anno, nas proximidades da estação de Herval, foram medidos 24 mil hectares de terras, divididos em 900 lotes. Um anno depois, installava-se ahi a colonia de Bom Retiro, sendo vendidos os primeiros lotes a colonos allemães vindos do Rio Grande do Sul. Esta colonia está actualmente em franca prosperidade. A sua população póde ser calculada em 5.000 habitantes, dos quaes 75% de origem germanica e os restantes de origem italiana. Fica situada á margem direita do Rio do Peixe. (154) Posteriores a esta são as pequenas colonias de Barra do São Bento, Rio Bonito, Pinheiro Preto, Perdizes e Rio Preto, todas á margem do rio do Peixe e situadas no Municipio de Campos Novos. São nucleos de população de origem allemã e alguns de origem italiana.

Barra Fria e Rio Capinzal, italianas, á margem da mesma linha ferroviaria e do mesmo rio, tambem no Municipio de Campos Novos, já apresentam um accentuado desenvolvimento agricola.

*

No Municipio de Cruzeiro, uma outra colonia teuta tambem apresenta já regular adeantamento: Santa Clara, afastada da via ferrea e nas proximidades da Séde do Municipio. Apresenta as mesmas ca-

racteristicas communs a todas as colonias tudescas, com os mesmos costumes e habitos tradicionaes, não apagando a sua procedencia gaúcha os velhos habitos que se notam nas colonias do litoral, dos antigos colonos vindos directamente dos seus paizes de origem. As mesmas sociedades gymnasticas, de canto, de jogos, se encontram em todas estas colonias, a mesma actividade, a mesma ordem e a mesma organização que tanto as distinguem.



Proxima á estação ferroviaria do Rio do Peixe, em 1916, foi tambem fundada uma colonia allemã, iniciando-se com 500 lotes agricolas, já todos occupados. Esta colonia, que fica no actual Municipio de Concordia, tomou o nome de Ipyra e se encontra em franco desenvolvimento.

Rio Uruguay, Villa Nova e Bella Vista, todas vizinhas e situadas no mesmo Municipio de Concordia, todas allemãs e de igual desenvolvimento.

Ha ainda uma serie de colonias mais modernas, situadas fóra da linha da São Paulo-Rio Grande, no Municipio de Concordia: Nova Teutonia, Germania e Nova Milão, as duas primeiras teutas e a ultima italiana, como denunciavam as suas denominações.



Finalmente, na mais remota região do Estado, sobre o Uruguay, entre a fóz do Chapecó e do Peperý-Guassú, zona pouco conhecida, de difficil accesso, sem vias de communicacão faceis com a zona do litoral, sendo penetravel com mais facilidade pelo norte do

Rio Grande, em 1919, alguns allemães e austriacos tomaram a iniciativa de fundar uma colonia.

Esta zona, tão mal conhecida dos proprios catharinenses, é riquissima. De uma notavel fertilidade, contam-se ali, ainda, varias fontes de aguas mineraes bastante apreciaveis pela sua composição chimica e propriedades therapeuticas. Fundada, depois da escolha das terras proprias, uma Empreza que tomou o nome de Chapecó-Pepery Ltda., em 1924, foi assignado o contracto para a colonização dos 13 mil lótes que desde 1922 estavam sendo demarcados, entre o Rio das Antas e o Pepery. Neste anno de 1924, chegaram os primeiros colonos, todos de origem allemã, seguidos muito logo de forte corrente da mesma ethnia que ali, em Porto Feliz, como se denominou primitivamente a Colonia, esperavam encontrar trabalho compensador. (155) A principal fonte de riqueza da colonia está no fumo, além de que, em menor escala, os productos de lavoura concorrem tambem para o seu progresso. Destinada, pela fertilidade das terras, pela qualidade da corrente immigratoria ali localizada e pelo numero de colonos que desde o seu inicio a procuraram, a uma vida de abastança, as difficuldades que tem encontrado são apenas as decorrentes da falta de comunicações faceis, para o escoamento dos seus productos. Em 1926, uma estrada ligando esta colonia ás populações gaúchas abriu novas possibilidades aos moradores da prospera colonia, enchendo-lhes a alma de grandes esperanças. Em 1928, recebeu o nome de Mondahy. Fica situada no Municipio de Chapecó, bastante afastada da Séde installada em Passo Bormann.

Espera-se que em breve venha a ser a séde de novo Município, com a divisão do extenso territorio de Chapecó.

*

De duas colonias militares creadas pelo Governo Imperial, sobre os rios Chopin e Chapecó, apenas uma passou para o dominio catharinense.

Hoje é a villa de Xanxêrê, que já foi séde do Município de Chapecó. (156)

(156) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense, dá a sua fundação como se tendo realizado durante o governo de Araujo Brusque (1859-1861). José A. Boiteux — Diccionario Historico e Geographico de Santa Catharina, diz ter sido installada a Colonia Militar do Chapecó no lugar denominado Xanxerê, a 14 de Março de 1882. Em 1893 possuia 11 predios publicos e 124 casas de colonos. — José A. Boiteux — Op. cit.

TERCEIRA PARTE

A EVOLUÇÃO

1. — RETROSPECTO
2. — DA INDEPENDENCIA Á REPUBLICA
3. — DIAS DE GUERRA E DE SANGUE
4. — A REPUBLICA JULIANA
5. — O PERIODO REPUBLICANO
6. — A REVOLUÇÃO DE 93
7. — A QUESTÃO DE LIMITES
8. — A GUERRA DOS FANATICOS
9. — A GUERRA DOS FANATICOS (continuação)
10. — ULTIMAS CAMPANHAS.

I

RETROSPECTO

Antes de se entrar no estudo do periodo que vae dos pródromos da Independencia á proclamação da Republica, é mister que se faça um retrospecto chronologico do longo periodo colonial. O cómplicado systema administrativo, o seu multiplice aspecto civil, ecclesiastico, judiciario, fiscal e militar, (156-A) o pouco conhecimento das terras que constituiram a donataria de Pero Lopes, as luctas entre os herdeiros deste e os de Martim Affonso, a respeito das mesmas, a invasão paulista, e consequentes litigios sobre divisas e limites, derramam sobre este periodo fartos motivos de confusão.

A região que mais tarde formaria o Estado de Santa Catharina não foi destacada de uma só vez, com limites territoriaes nitidos e precisos, mas por actos successivos, até que, do complicado systema, veio a resultar o estabelecimento de uma entidade autonoma.

(156-A) “Na villa de S. Francisco exerciam jurisdicção o Bispo do Rio de Janeiro, a Junta de Fazenda de S. Paulo, o Ouvidor da Comarca de Paranaguá e o Governador de Santa Catharina”. — Paulo José Miguel de Brito — Memoria Politica.

A maior e piór consequencia disso veio a ser a questão lindeira com o Paraná, além de que, sem um governo directo e unico, o progresso da região tornou-se lento e intermittente. Si se verificarem as datas, ver-se-á que até os começos do seculo XVIII as populações reunidas nos pequenos nucleos do litoral de Santa Catharina subordinavam-se directamente ao Governo do Rio de Janeiro, sem qualquer sombra de ligação reciproca.

Apezar da creação da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, independente da do Rio de Janeiro, em 1709, as póvoas do litoral continuaram sob o governo do Rio, enquanto São Paulo attendia ao sertão. (157)

Em 1711, a Metropole adquirio do Marquez de Cascaes, herdeiro de Pero Lopes, as terras que a este haviam sido doadas, incorporando-as á Corôa.

A visita do Ouvidor Geral Raphael Pires Pardiniho, em 1719, foi para Santa Catharina de consequencias bastante promissoras. Realizando a sua correição, teve a opportunidade de tomar certas medidas uteis, e mais tarde, como membro do Conselho Ultramarino, poude, com conhecimento da região, influir nas decisões do mesmo. Dentre outras providencias, separou Pires Pardiniho do governo de São Francisco, a que então já prestava submissão, a ilha de Santa Catharina, annexando-a ao termo da villa de Laguna e estabeleceu os limites desta com aquella pela ponta das Garoupas (actual Municipio de Porto Bello). Com

(157) "Porisso, algum tempo quando se installou "a capitania de São Paulo e Minas do Ouro", Santos e a orla maritima, até a extrema do Brasil, puderam ser desannexados daquella e dados á do Rio de Janeiro, erro administrativo que logo se desfez" (1) — Pedro Calmon — Historia da Civilização Brasileira. (1) Affonso Taunay, artigo no "Jornal do Commercio", 3/1/32.

o termo de Paranaguá fixou os limites de São Francisco por Guaratuba.

Em 1720, separa-se Minas de São Paulo e o Alvará de 2 de dezembro manda que a esta passem a pertencer o “porto de Santos e os mais daquella costa que lhe ficam ao sul, que desannexo do Governo do Rio de Janeiro, etc.” (158) Deste modo, São Francisco, Ilha de Santa Catharina e Laguna passaram para a Capitania de São Paulo.

O anno de 1723 assignala nova modificação. Cria-se a Ouvidoria de Paranaguá, separando-se da de São Paulo, e passa a mesma a ter jurisdição sobre as populações do sul. Laines Peixoto, seu primeiro Ouvidor, tres annos mais tarde, retira de Laguna a residencia do Capitão-mór; passando-a para a ilha de Santa Catharina, e eleva á categoria de villa a póvoa do Desterro, onde, em 1737, vae installar-se a primeira Provedoria de Fazenda.

Em 1738, separa-se Santa Catharina do Governo de São Paulo, passando a ser novamente subordinada ao Governo Geral do Rio de Janeiro, ficando assim implicitamente creada a Capitania subalterna, que desde então ficou reconhecida como tal, pela Metropole. (159)

Laguna, em 1741, e São Francisco, em 1750, passam a subordinar-se ao governo estabelecido na ilha, deixando por sua vez o governo de São Paulo.

Em 1747, a Capitania de São Paulo é extinta e, embora as povoações da costa catharinense não pertencessem mais ao seu governo, continuavam ligadas á Comarca de Paranaguá, que, com a suppressão da-

(158) Cons. Manoel da Silva Mafra — Exposição Historico-Juridica por parte do Estado de Santa Catharina sobre a Questão de Limites com o Estado do Paraná.

(159) Cons. Mafra — Op. cit.

quella Capitania, tambem passára, e mais a Ouvidoria de São Paulo, para o Rio de Janeiro, aquella com os seus termos de Paranaguá, São Francisco, Desterro e Laguna.

O governo militar, todavia, ficava ao cargo dos governadores militares da praça de Santos, mas sujeitos estes á autoridade do Vice-Rei.

No terreno ecclesiastico, as Ouvidorias de Paranaguá, São Paulo, e toda a costa do *governo* de Santa Catharina, até a Colonia do Sacramento, ficavam subordinadas ao Bispado de São Paulo. (160)

Em 1749, creou-se tambem uma Ouvidoria na Ilha de Santa Catharina. Ia-se assim, constituindo aos poucos a Capitania, já considerada como tal, como se disse, desde 1738. Mais tarde, em 1765, restabelecendo-se a Capitania de São Paulo, não foi mandado incluir nella o territorio de Santa Catharina, apesar de que o Morgado de Matheos, seu primeiro governador, a Correia Pinto mandou deitar fundação no sertão de Lages, que tinha como pertencente a ella, ou fingia não saber ficar o mesmo dentro dos limites da Capitania subalterna. E' interessante então notar que se inicia um litigio sobre limites, entre São Paulo e a Capitania do Rio Grande, relativamente ao territorio de Lages. Enquanto permanecera extincta a Capitania de São Paulo, o Rio Grande destacára-se de Santa Catharina para formar uma capitania, em 1760. A Camara de Viamão, pertencente áquella, pretendia os seus limites pelo Rio Canôas, de módo que, ao mandar D. Luiz Antonio de Souza, Morgado de Matheos, depois do restabelecimento da Capitania de São Paulo, em 1765, Correia Pinto fundar Lages, nesse sertão,

(160) Cons. Mafra — Op. cit.

achou-se aquella com o direito de protestar. (161) O governo do Rio Grande assim o fez, si bem que o Morgado não se desse por achado e continuasse a prestigiar aquelle bandeirante e mandasse, afinal, sujeitar o termo de Lages á Ouvidoria de Paranaguá. (162) Mas, na contenda de ambos, tinha razão Santa Catharina, pois pela Carta Regia de 1749 (20 de junho), que creava a Ouvidoria de Santa Catharina, os limites desta ficaram claramente definidos, ao nórte, pelos rios São Francisco, Negro e Iguassú.

Em 1771 (2 de maio), quando se elevou á villa a póvoa de Guaratuba, um accordo entre as Camaras desta villa e a de São Francisco, resolveu que o limite entre ellas seria pelo rio Sahy e por uma linha que passaria entre os morros de Araraquara, ao nórte, e Ikrim (Kiriri) ao sul. (163)

Resolvido finalmente o caso com o Rio Grande, quando a Metropole, em 1780, mandou observar os limites entre Viamão e Lages pelos rios Pelotas e Contas (164), com São Paulo a contenda só ficou resolvida em 1820, pelo Alvará de 9 de setembro, que mandava desannexar Lages da Capitania de São Paulo e passar de facto para Santa Catharina á qual já de direito pertencia.

Em 1808, com a elevação do Rio Grande a Capitania Geral, passou Santa Catharina a lhe ser subordinada, passando em 1812 a Ouvidoria que sédiava no Desterro a ter séde em Porto Alegre, só voltando em 1821, quando se a restabeleceu na Ilha de Santa Ca-

(161) Cons. Mafra — Op. cit.

(162) Cons. Mafra — Op. cit.

(163) Cons. Mafra — Op. cit. — Romario Martins — Documentos comprobatorios dos direitos do Paraná.

(164) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense. — Cons. Mafra — Op. cit.

tharina e, como para confirmar o Alvará do anno antecedente, se lhe dava jurisdicção sobre Lages. (165)

Constituia-se assim a Provincia. O seu territorio foi aos poucos ficando limitado e fixado. Apesar da confusão resultante de Alvarás e Cartas Regias, creações e extincções, de Capitánias e Ouvidorias, de anexações e separações, ao se chegar á Independencia estava o territorio catharinense limitado e deveria, pela Constituição do Imperio, constituir a Provincia de Santa Catharina, com aquelles limites que historicamente assim se constituíam: ao norte, os limites entre os termos de São Francisco e Paranaguá, estabelecidos em 1771; no planalto, os referidos na Carta Regia de 1749, isto é, os rios Negro e Iguassú; ao sul, os de 1780, entre Lages e Viamão, pelos rios das Contas e Pelotas, prolongados pelo Uruguay e no litoral o Mampituba, que substituiu o Tramandahy como divisa entre Laguna e Rio Grande.



Em 1822, possuíam as populações de Santa Catharina aquelles habitos de honradez, hospitalidade e bravura que se tornariam tradicionaes, demonstrando que nesse tempo já o nivel da sociedade que se formára registrava uma ascensão regular, que tão agradavelmente impressionou a quantos viajantes da época procuravam um porto de repouso e de reabastecimento dos seus barcos nos mares do sul.

La Perouse que, annos antes (1785), passára doze dias na Ilha de Santa Catharina, entretendo commercio com a sua gente, no abastecimento dos seus navios **Bussole** e **Astrolabe**, revelara-a hospitaleira e bôa, so-

bretudo honrada. Já então não era Desterro aquella povoação de 150 casas toscas, mettidas na floresta, com uma população ociosa como a descreveu Dom Pernetty, que viêra em companhia de Bougainville e ali permaneceu alguns dias, em 1763. (166)

Em vinte annos se transformára a população. A sua polidez e bondade captivaram o illustre e infortunado navegante. A terra, bôa e fertil, era farta de viveres variados, de que se forneceu elle por preços bastante razoaveis, abundante em legumes e fructos, repleta de bosques cheios de sombra e de laranjaes perfumados. A sua população era pobre mas honesta, as familias numerosas pela prole, os maridos ciumentos (aliás como no resto do Brasil (167)), as esposas resguardadas dos olhos extranhos. Entretanto, toda a gente parecia bôa, cortez e serviçal. (168). Krusenstern, reputado navegador russo, que em 1803 tambem visitára, com a sua expedição, o porto do Desterro, descreve-o seguro, a villa bem situada, os viveres e as fructas abundantissimos e baratos, as terras do continente ferteis, produzindo café e canna de assucar.

Xavier Curado, então Governador da Capitania, recebeu-o com grandes honras e fez questão de hospedar o embaixador russo Resanoff, que viajava em companhia daquelle navegante. Para com a villa do Desterro, foi, entretanto, Krusenstern algo injusto nas suas apreciações, dando-a como formada apenas de uma centena de casas e habitadas por dois ou tres mil pobres portuguezes e escravos negros". Severidade

(166) Affonso de Escragnolle Taunay — Santa Catharina nos tempos primévos, in Annaes do Museu Paulista, Tomo IV.

(167) Pedro Calmon — Espirito da Sociedade Colonial.

(168) Affonso de Escragnolle Taunay — Op. cit.

excessiva no julgamento, si bem que razão lhe sobrasse ao se referir ao abandono em que vivia a villa de todo o amparo do governo do Rio. (169)

Já Langsdorff, naturalista da expedição, estimou em 400 a 500 as edificações de Desterro, de pedra, rebocadas, sendo as ruas, na sua maioria, regulares. Uma população de 10 mil almas habitava a ilha. Dos habitantes, poucos eram ricos mas todos viviam bem, sendo folgazões, hospitaleiros e pacatos, além de muito sociáveis. Cultivavam a musica — que era expressiva, agradável e melodiosa — e o canto. As mulheres eram de estatura mediana, de tez morena, bem feitas, cabelos castanhos escuros e olhos negros e cheios de fogo. Não eram feias e algumas mesmo de rara belleza. Eram alegres e cortezes, vestindo á européa, tal como os homens, e a musselina, o linho fino, o nankin e a seda eram estimados. A natureza encantou a Langsdorff e elle confessa em seu relato que o seu espirito se encontrava fascinado por aquelle sitio encantador, onde reinavam todas as bellezas imaginaveis e onde havia tudo o que podia encantar a vida e deleitar o coração (170).

Em 1822, descreve-a Duperrey, que a 16 de outubro lançava ferros de bordo da corveta "*La Coquille*", ao seu e ao mando de Dumont d'Urville, no porto do Desterro.

Não pôde tambem elle esconder a sensação de gôzo que experimenta ao contemplar a verdura da ilha e do continente, emmoldurando em recorte gracioso

(169) Affonso de Escragnoille Taunay — Op. cit.

(170) Santa Catharina no passado — Rev. Trim. do Inst. Historico e Geogr. de Santa Catharina, Vol. III, 1914. — Alfredo de Carvalho — Uma Visita a Santa Catharina em 1803-1804, in Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. de Santa Catharina, Vol. IV, 1 a 4 Trimestres.

so a tranquilidade da bahia. Em observações scientificas e no reabastecimento, demora-se a corveta 15 dias no porto e a sua gente desce ás populações do continente e da ilha (São Miguel e Desterro) (171). Não haviam sahido as populações do continente da sua pobreza, mas a hospitalidade continuava a mesma, gentil e franca, até nos pauperrimos ranchos de negros (172).

Lésson, naturalista desta expedição, tambem descreve os catharinenses do continente com *sympathia*. "Em geral os habitantes não são ricos, mas possuem o necessario. Peixe fresco, ou secco ao sol, mandioca, bolos de milho, batatas, legumes, fructos e, ás vezes, carne; tal de modo geral a sua alimentação diaria. Gado e aves que criam são objectos de pequeno commercio, por meio do qual supprem as diversas despezas do lar, como pagamentos de direitos, compra de roupas, moveis, utensilios e de matte ou herva do Paraguay da qual fazem uma bebida que substitue o chá; e para a celebração das festas de familia e de religião, quando circulam então garrafas de cachaça. Ordinariamente dansam nesses anniversarios mostrando-se alegres, folgazões e galantes. Reina mais asseio em suas pessôas que no interior das casas, geralmente pouco cuidadas, onde apenas uma cama, com bellos colchões de algodão, se mostra com uma elegancia que contrasta com o resto do mobiliario composto de algumas cadeiras grosseiras ou de um banco, de um cofre ou de um armario" (173).

(171) C. de Mello Leitão — Visitantes do Primeiro Imperio.

(172) C. de Mello Leitão — Visitantes do Primeiro Imperio.

(173) C. de Mello Leitão — Op. cit. — Referencias ás populações do continente, sendo outras as que faz á velha Desterro.

Os homens vivem da pesca; as mulheres no arranjo caseiro e na manufactura das rendas. Elles são "seccos, morenos e vigorosos"; ellas, de talhe elegante e faceiro. Já não vivem reclusas, apresentam-se á rua mas persegue-as o mesmo ciume *endêmico* dos maridos. Na ilha são melhores e mais luxuosas as casas, mais amaveis e attenciosos os habitantes (174). As moças, elegantes, com os seus cabellos enfeitados de flores... e namoradeiras (175).

A villa compõe-se de numerosas ruas, duas praças, e possui quatro igrejas: a Matriz, a de São Francisco, a de N. S. do Rosario e a da Caridade.

Manufactura-se o linho e o algodão, fabrica-se licores, cerâmica e rendas. Aliás a manufactura do linho e do algodão já datava de algum tempo. No anno de 1821, ao tomar assento nas Côrtes Geraes, em Lisboa, o Padre Lourenço Rodrigues de Andrade, deputado catharinense a ellas eleito, que era extremado patriota, apresentou-se com vestes tecidas e fiadas na sua freguesia de Santo Antonio, na ilha (176).

Em 1822, contava a villa cerca de 600 casas, já numeradas, de pedra e tijolos, todas ellas caiadas, de um e raramente de dois e tres pavimentos. As janelas apresentavam, tambem aqui, como no resto do Brasil, a mesma grade guarneecendo-as. O interior das casas era, todavia, asseado, simples e elegante. A' mesa dos ricos havia pão; na dos pobres a farinha

(174) C. de Mello Leitão — Op. cit.

(175) Affonso de Escragnolle Taunay — Op. cit.

(176) José A. Boiteux — Santa Catharina nos Tempos d'El Rey, Nosso Senhor.

de mandioca suppria a sua falta (177). Andavam os abastados de cadeirinha. Havia poucas escolas para uma população calculada em seis mil almas, sendo todavia provavel que a população excedesse a esse numero, pois, em 1808, já se calculava nelle o total dos habitantes da villa (178). . A população de toda a Capitania, nos fins do Seculo XVIII, era computada em 25 mil almas. Ainda na villa do Desterro se tem a referir as principaes edificações, que eram a Casa do Governo, no Largo do Palacio, onde se via ainda o antigo pelourinho, o Quartel, no Largo do Quartel ou Campo do Manejo e as igrejas, sendo as principaes a Mãtriz e a da Caridade. Aquella se levantava no mesmo local em que Dias Velho plantára o primeiro templo, dedicado á N. S. do Desterro e ante o qual morrera; esta ficava na collina da Bôa Vista.

Fôra sua fundadora, da igreja da Caridade, a beata Joanna de Gusmão, natural de Santos, irmã dos illustres Gusmões, Bartholomeu, o padre voador, e Alexandre, diplomata e estadista. Tendo perdido o marido em Paranaguá, tempos depois fixa-se no Desterro, conseguindo, em 1762, a 2 de maio, erigir uma capella ao Menino Deus, em terreno situado no morro da Boa Vista, de propriedade de André Vieira da Rosa, que para este fim o doou á beata. Em torno da capella foram surgindo, entre a verdura da collina, as pequenas casas da Tóca, do Areião e do Menino Deus. Joanna de Gusmão, com outra senhora que a ella se ajuntara, movida pelo mesmo fervor religioso, Dona Jacintha

(177) Southey — Historia do Brasil. — Esta opinião sobre as casas e o seu interior, da villa do Desterro, é referida tambem por Lesson. Vide Affonso de Escragolle Tau-nay — Op. cit.

(178) Southey — Op. cit.

Clara, habitava uma choupana nas proximidades da sua fundação. Mulher instruída e virtuosa, viveu cercada do respeito da população. A sua palestra agradava a D. Pedro de Zeballos, que em 1777 tomára a ilha aos portuguezes, ao que se diz, frequentava a sua cabana, attrahido pela sua conversação. O mesmo acontecia a Veiga Cabral, mais tarde governador da ilha e da Capitania, que não deixava passar domingo ou dia santo sem que lhe fosse dar seus dedos de prosa. Morreu aos 92 annos, em 1780, e seus ossos se guardam ainda na igreja por ella fundadã. Passou então a capella a D. Jacintha Clara, e por sua morte, tambem veio a ser entregue, por mandado judicial, á Irmandade do Senhor dos Passos, em outubro de 1781 (179).

Esta Irmandade, por sua vez, havia sido fundada em 1765, a 1.º de janeiro, com 24 Irmãos (180) e tinha por finalidade acudir os doentes e enterrar os pobres. O seu consistorio tinha séde na Matriz, mas, com o augmento dos Irmãos, surgiu a idéa de se fundar uma Casa de Misericordia. Em 1768, passou para a Capella fundada por Joanna de Gusmão, por necessidade de melhor localizar a Imagem do Senhor dos Passos que ficára na villa do Desterro, vindo a tomar conta da mesma Capella, em 1871. Desta data até 1789, exerceram os Irmãos da confraria a caridade entre os pobres, com a organização da "Caridade dos Pobrés", attendendo a quantos infelizes se viam doentes e a quantos morriam na indigencia (181).

Foi quando surgiu a figura do Irmão Joaquim, nome ligado a innumeradas fundações de caridade do

(179) Virgilio Varzea — Santa Catharina, a Ilha.

(180) Cons. Mafra — Op. cit.

(181) Virgilio Varzea, Op. cit.

Brasil. Nascido na villa, ao que consta, numa Sexta-feira Santa, justamente quando defrontava a procissão do Senhor Morto a casa de seus paes, dedicou a sua vida inteira a minorar os soffrimentos alheios. Filho do Sargento-Mór Thomaz Francisco da Costa, que lhe deu a liberdade de tomar ordens religiosas, excusou-se no emtanto de fazel-o, por se dizer dellas indigno. Aos 16 annos tomou o nome de Irmão Joaquim do Livramento e dedicou-se então inteiramente á pratica da caridade, vivendo entre os pobres e doentes, esmolando para elles e com elles soffrendo. Concebeu a idéa de fundar um Hospital e em piedosa peregrinação chegou ao Rio Grande a pedir esmolas. De volta, entrega-as á Irmandade do Senhor dos Passos e consegue, em 1788, ver elevar-se o primeiro edificio do Hospital, junto á pequenina Capella do Menino Deus (182).

Não contente, o Irmão Joaquim embarca para Lisboa e vae obter de D. Maria I um auxilio para a sua fundação, que aquella concede na importancia de 300 mil reis annuaes. Afinal, vendo a Irmandade á frente da mesma, bem orientando os auxilios aos pobres e doentes, Joaquim do Livramento dá por finda a sua missão em Santa Catharina, sua terra, e parte, em 1796, para outras plagas, com o intuito de viver sempre espalhando o bem em torno de si.

Na Bahia, fundou o Asylo São Joaquim; em São Paulo, os seminarios de Itú e Sant'Anna; no Rio, um orphanato em Jacúecanga, hoje em ruinas. Foi morrer em Marselha, aos 86 annos de idade, em 1829,

(182) Arcypréste Joaquim Gomes de Oliveira Paiva
O Irmão Joaquim, cit. por Virgilio Varzea, Op. cit.

quando viajava para Roma a pedir auxilio ao Chefe da Christandade para esta ultima fundação (183).

A imagem do Senhor dos Passos, tradicionalmente venerada em Santa Catharina, tem a sua historia "tocante e impressionadora" (184). Conta-se que se destinava inicialmente ao Rio Grande do Sul, tendo sido esculpida na Bahia. Em 1768, tocou o navio que a transportava no porto do Desterro. Seguindo viagem, por tres vezes tentou entrar na barra do Rio Grande, sem que o conseguisse, attribuindo-se então ao facto um manifesto desejo da Providencia de deixar a Imagem no Desterro. Deixou-a o commandante do navio na velha fundação de Dias Velho, que a conserva e venera até hoje, podendo então o navio, afinal, transpôr a barra do porto sulino. A festividade do Senhor dos Passos é uma das mais imponentes festas religiosas que se realizam em Santa Catharina, podendo-se annualmente apreciar as inequivocas manifestações de fé que desperta a veneranda Imagem, por occasião da sua procissão.

Annos mais tarde, D. Pedro II lançaria a pedra fundamental de um outro edificio para aquelle Hospital, no mesmo local em que havia o de 1788(185).

A fundação de Joanna de Gusmão e do Irmão Joaquim do Livramento ainda hoje existe na Capital de Santa Catharina, sendo o maior Hospital do Estado, entregue ainda á mesma Irmandade, que, desde 1768, chamou a si o encargo de socorrer os indigentes.

(183) Virgilio Varzea — Op. cit.

(184) Crispim Mira — Terra Catharinense.

(185) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense. — Fez-lhe o Imperadór nessa occasião um donativo de dez contos de réis e a Imperatriz outro de um conto e duzentos mil réis. Almeida Coelho — Memoria Historica sobre a Provincia de Santa Catharina.

O Quartel do Campo do Manejo era outro edificio importante da villa do Desterro, em 1822, e ainda hoje abriga a guarnição federal aquartelada em Florianopolis. Foi construído durante o governo do Cel. Manoel Soares de Coimbra, em 1791. Empregando na sua construcção os proprios soldados, como já se disse, obteve elle o edificio pelo custo total de seiscentos mil reis. Apesar disso, teve de responder a processo como defraudador do erario publico, sendo obrigado a partir para Lisbôa, afim de justificar-se. Mais de uma centena de testemunhas foram ouvidas e afinal provada ficou a lisura com que se houvera o Governador, que foi então promovido a Brigadeiro e reintegrado em seu posto (186).

Saint Hilaire, que, em 1820, conheceu a terra catharinense, descreve-a composta de tres villas: Desterro, Laguna e São Francisco. No continente ainda se contavam as freguezias de São José, São Miguel, N. S. do Rosario da Enseada de Brito e Santanna de Villa Nova. Na Ilha, ainda as de N. S. da Lapa do Ribeirão, N. S. da Conceição da Lagôa e N. S. das Necessidades de Santo Antonio (187).

Era esta a divisão da Capitania, que se tornou Provincia do Imperio.

A par do progresso material que se veio relatando, sente-se atravez dos viajantes que passaram por Santa Catharina, que a sociedade acompanhava a curva ascensional do seu desenvolvimento. Não só aquella polidez já referida, e que tambem a Saint Hilaire im-

(186) José A. Boiteux — Santa Catharina nos tempos d'El Rey, Nosso Senhor.

(187) Viagem a Santa Catharina — Saint Hilaire, trad. de Carlos Pereira.

pressionou, (188) mas tambem uma fidalguia de maneiras, um gosto artistico accentuado, revelado na musica, no canto, na dansa, e um aprimoramento nos costumes e nos habitos, que encantaram os forasteiros. Paulo José Miguel de Brito em sua "*Memoria Politica sobre a Capitania de Santa Catharina*", conta que assistio, em 1797, a uma festa offerecida no Palacio do Governo pelo Governador Miranda Ribeiro ao Almirante Antonio Januario do Valle. "Vi uma brilhante companhia de senhoras e de homens", diz elle, "das familias mais distinctas do paiz, e uma numerosa orchestra em que havia e se tocarão todos os instrumentos de sopro e de cordas, com harmonia e bom gosto. Cantarão varias senhoras e dansarão minuets, contradanças e valsas, tudo segundo os usos da Europa. Fiquei admirado de encontrar tudo isto em uma terra tão pequena do Brazil. Decorreram muitos annos durante os quaes viajei por differentes terras, e por todos os principaes portos de mar do Brazil, e á excepção do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, em nenhuma das terras em que estive, observei nas senhoras a polidez, urbanidade e boas maneiras que tinha encontrado nas de Santa Catharina, qualidades estas que depois melhor conheci durante os annos que ali residi". (189) Ao se chegar ao fim do periodo colonial, mais accentuadas se achavam estas qualidades que tão bem recommendavam a sociedade catharinense. E' natural que se formasse, ao lado destes sentimentos, com a existencia de uma sociedade mais culta e instruida, aquelle que animava toda a população do paiz, relativo ao do-

(188) A. de Saint Hilaire — Op. cit. trad. citada.

(189) Paulo José Miguel de Brito — *Memoria Politica sobre a Capitania de Santa Catharina*.

minio portuguez. “Achavam-se em plena fermentação as provincias do sul” (190) — e entre ellas se contava Santa Catharina. O mesmo sopro de liberdade passava por sobre a terra catharinense e embalava os sonhos da mocidade barriga-verde. A mesma ansia de se libertar da tutela lusitana se verificava por toda a parte e os anseios da gente barriga-verde não se podiam conservar escondidos. Vasconcellos Drumond, que viveu, na época, junto a estas populações e lhes sentio as palpitações de vida e comprehendeu os sentimentos patrioticos, que se harmonizavam perfeitamente com aquelles que tambem nutria, dá bem a entender quaes fossem elles, quando relata a repercussão havida em Santa Catharina dos factos passados no Rio de Janeiro, em 1821, quando se exigiu do Principe o juramento da Constituição. Tovar era Governador da Capitania e, recebendo noticias dos ditos acontecimentos, pretendeu conserval-as em sigillo, com Miguel de Souza Mello e Alvim e Vasconcellos Drummond. Mas, pelos tripulantes do brigue que levára as noticias, veio a saber dellas o povo. A tropa apromptou-se para a revolta, dependendo de aviso da cidade, onde ferviam, agitados, os commentarios. E Drummond fala aos moços enthusiasmados. Diz-lhe que a revolução não era de se metter nella os brasileiros; “que deixassem correr o tempo e que fossem observando e estudando, porque quando chegasse a nossa vez seria para a independencia do Brazil”. (191)

E accrescenta: “A minha vóz foi ouvida e comprehendida”.

(190) Pandiá Calogeras — Formação Historica do Brasil.

(191) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

E a vez dos brasileiros chegou, conforme observara Vasconcellos Drummond, para a independencia.

"*Independencia ou Morte*", repetia-nos o ajudante do forte de Santa Cruz, todas as vezes que iamos visitá-lo e, arrastado pelo entusiasmo, accrescentava no momento, como se quizesse fazer-nos participar da sua convicção: Sim, preferimos morrer a sermos recolonizados, como quizeram as Côrtes". (192).

Estas palavras eram apenas o reflexo do entusiasmo das populações catharinenses motivado pela liberdade do povo brasileiro proclamada no Ypiranga. Com effeito, a noticia da proclamação foi recebida em Santa Catharina com grande contentamento por parte do povo, principalmente das villas, onde vivia a população mais adeantada da Capitania.

A 7 de outubro, a Junta Governativa que tomára posse da administração da Capitania, em maio daquelle anno, e que com os acontecimentos tomára o nome de Junta do Governo Provisorio, reunida e na presença do Commandante das Armas (Brigadeiro Pedro da Silva Gomes), Presidente da Junta da Fazenda (Manoel José Ramos), dos Commandantes dos diversos corpos do Exercito (Major João Cardoso Vieira, do Regimento de Linha, o tradicional Regimento Barriga-Verde; Major Furtado de Mendonça, do Batalhão de Artilharia; Tte. Cel. José Antonio Ferreira Carrós, do 1.º de Infantaria da 2.ª Linha; Cel. Joaquim Soares Coimbra, do 2.º de Infantaria da 2.ª Linha; do Commandante Miguel de Souza Mello e Alvim, Intendente de Marinha) e mais do Ouvidor da Comarca, Desembargador Manoel José de Albuquerque; do Juiz de

(192) C. de Mello Leitão — Visitantes do Primeiro Imperio.

Fóra, Dr. José Nunes; do Vigário da Parochia, Pe. José Maria de Sá Rebelo, fez communicacão dos acontecimentos que precederam a proclamação e acclamou o Imperador. Ao mesmo tempo combinou-se a solemne acclamação do Principe para o dia 12, data do seu anniversario. A 10, todavia, a Camara, sob enthusias-ticas manifestações de contentamento popular, fez a proclamação da Independencia ao povo e á tropa de 1.^a e 2.^a Linhas reunidos. A 11, as fortalezas salvaram ao anoitecer e, a 12, repetiram-se as salvas pela madrugada. Nesse dia, ás nove horas, na Praça do Palacio, nos Paços do Conselho, reunido o Governo, a tropa, o clero e o povo, o Juiz de Fóra fez a acclamação do Imperador Constitucional do Brasil, na pessoa do Principe D. Pedro e todos juraram sobre os Evangelhos prestar-lhe obediencia. (193).

Falou então o Pe. Dr. Caetano de Araujo Mendonça Furtado, sob geraes applausos. A' noite, realizou-se um *Te Deum* e a villa apresentou-se fartamente illuminada. "No excesso de sua alegria", diz Duperrey, "os habitantes tinham coberto de luminarias as cidades de N. S. do Desterro, Laguna e S. Francisco, cujas ruas percorreram cantando coplas em honra de D. Pedro" (194). Com effeito, no mesmo dia 12 de outubro, nas villas de Laguna e de São Francisco fazia-se a mesma enthusias-tica acclamação que em Desterro se realizára. Duperrey só chegou a Santa Catharina a 16 desse mez de outubro, mas teve a opportunidade de

(193) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

(194) C. de Mello Leitão — Op. cit.

surprehender ainda o povo no seu contentamento e no seu entusiasmo. E o relata:

“Cheios de confiança em seus designios “(de Pedro I)” os numerosos partidarios da independencia estavam inspirados de um entusiasmo, cuja expansão era tanto mais ruidosa, quanto seu espirito ardente fora longo tempo comprimido” (195). E, mais adiante: “Essas idéas, esse entusiasmo eram partilhados por toda a população das cidades, cujas cabeças exaltadas só sonhavam emancipação. Não acontecia o mesmo com os habitantes dos campos, habituados a viver tranquillos em suas cabanas, extranhos ás ruidosas posições politicas. Esses acontecimentos lhes pareciam innovações tanto mais perigosas quanto ameaçavam a sua vida pacifica. O rumor subito de escravidão e liberdade, de invasão e defesa, de armas, soldados amigos, inimigos irritados, deixando-lhes entrever um futuro de perturbações e desordens, os tinham consternado profundamente, mas ao mesmo tempo fizeram nascer no coração o odio salutar contra a metropole, que lhes assignalavam como fóco de todas as divisões, como a fonte de todos os males; e tudo concorria para allial-os á causa commum” (196).

A Junta Governativa continuou á frente dos destinos da Provincia até 1824, quando o primeiro Presidente tomou posse. Era ella composta do Capitão-Mór Jacintho Jorge dos Anjos, Presidente; Major José da Silva Mafra, Secretario; Capitão João de Bittencourt Machado Correia de Souza, Vigario Joaquim de San-

(195) Idem.

(196) Idem.

t'anna Campos e Major Francisco Luiz do Livramento, vogaes (197).

Estava feita a Independencia.

E esta viéra encontrar as populações de Santa Catharina perfeitamente integradas no sentimento geral da Nação.

(197) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

II

DA INDEPENDENCIA A' REPUBLICA

Decorreriam sessenta e sete annos, do Ypiranga ao Campo de Santanna, de Pedro I a Deodoro, da Independencia á Republica.

Periodo bastante curto, sem duvida, e que assigna-la, na effervescencia dos seus dias agitados, a verdadeira transição entre o Brasil colonia e o Brasil nação. Paiz novo, repentinamente furtado á tutela européa, extenso e desconhecido em sua maior parte, quasi sem organização politica e trazendo da colonia um apparatus administrativo complicado, a sua evolução neste periodo registra o esforço sobrehumano dos seus estadistas, não só para manter a unidade da patria, como ainda para dar organização á sua vida, forma ás instituições. A unidade da patria tinha contra si a extensão territorial do paiz, mal servido de communicações e formado por uma vintena de provincias sem o menor traço de vida commum, socialmente "um conjunto ainda incoherente de nucleos humanos, ganglionarmente distribuidos pela orla do litoral vastissimo e pelos campos e sertões do interior" (198). A orga-

nização do paiz soffreria a influencia de idéas novas e de theorias igualmente novas, apparecidas no seculo. Contenderiam, entrechocando-se as idéas, as primeiras organizações partidarias que surgiriam no paiz, procurando plasmar o arcabouço das instituições politicas.

O maximo de esforço de um povo para constituir-se nação.

Santa Catharina, mal sahida da subordinação que a prendera aos visinhos do norte e do sul, era bem o reflexo desta falta de organização politica e social. As populações não tinham entre si grande affinidade, não se sentiam ligadas por laços mais fortes do que aquelles frageis liames que o espirito da organização colonial, precaria e incompleta, lhes incutira. Não havia ainda o espirito de catharinensismo, não conheciam a noção da pequena patria, ligando, unindo, cimentando, por communs interesses sociaes, culturaes e materiaes, as povoações da região.

Sujeitas como estiveram, umas ao Rio de Janeiro, outras a São Paulo, dependentes de Paranaguá, subordinadas ao Rio Grande, na confusão lamentavel de uma organização complicada, estas populações catharinenses não haviam conhecido uma vida em commum por tempo longo, só se registrando esta união ás vespers da independencia. E não teria podido ser de diversa maneira. Mal se haviam fixado, á custa de interpretações de velhos alvarás e cartas regias, as suas fronteiras. Seria muito desejar que destas populações encystadas pela falta de communicações, regidas por velhas usanças, ainda habituadas ao governo de capitães-móres e governadores coloniaes, surgisse um povo completo, nutrindo sentimentos que outras populações favorecidas por uma organização mais cedo obtida tambem não chegavam a apresentar. O phe-

nomeo geral é tambem regional. Si o “sentimento de uma patria unica não está ainda formado”, para o Brasil, si “as varias capitánias que vão ser as futuras provincias não se sentem membros de uma mesma familia; si “cada uma tem uma evolução propria, sua historia propria, sua administração propria, suas tendencias proprias” — como escreve Oliveira Vianna (199) — o mesmo se poderá dizer, com relação ás suas populações, de Santa Catharina. Não se sentiam membros de uma mesma familia e fracos laços as uniam. O proprio sentimento de liberdade, que se referio no capitulo anterior e que tornavam as póvoas de Santa Catharina integradas na communhão brasileira, não as havia ligado mais intimamente. Neste periodo da sua evolução, que vae da independencia á republica, deveria tomar notavel desenvolvimento este sentimento de solidariedade.

Chamadas a interferir na vida politica da Provincia, sujeitas a uma organização uniforme, muito logo, em torno de interesses regionaes, se foram congregando estas populações dantes indifferentes, quasi, umas ás outras. E embora lhe tocasse a pouca sorte de em tão curtos annos mudar tantas e tão frequentes vezes de governo, pois de 22 a 89 succederam-se setenta e seis Presidentes, foi neste periodo que Santa Catharina poude em verdade organizar-se, constituir-se, subir a tomar parte em todas as actividades nacionaes e illustrar a sua historia. Poucos foram destes setenta e seis occupantes da Presidencia da Provincia, os que se salientaram pela excellencia das respectivas administrações.

Só em 1824 tomaria posse do Governo da Provincia o primeiro presidente nomeado, o Dr. João Antonio

(199) Oliveira Vianna — Evolução do Povo Brasileiro.

Rodrigues de Carvalho, que da Junta Governativa o recebeu e á sua frente se demorou por pouco mais de um anno.

A Capital já era uma cidade, eujos fóros lhe haviam sido dados, no anno anterior, por Deereeto Imperial. A população da Provincia elevára-se sensivelmente e ia a mesma sendo dotada de melhoramentos necessarios. Um sopro de vida nova ia invadindo as populações do litoral e as probabilidades de um maior desenvolvimento se acentuando. Porto Bello, em 1824, era feito freguezia, tendo nessa epoea jurisdicção sobre Tijucas e Itajahy e oito annos mais tarde seria elevada á categoria de villa (200).

No ultimo anno do governo do Brigadeiro Francisco de Albuquerque Mello, inicia-se a era colonizadora, como já se referio, com a chegada dos primeiros colonos para a fundação da Colonia de São Pedro. Neste mesmo anno, 1829, installava-se a primeira administração dos Correios na Ilha e no seguinte dar-se-iam a São Francisco e Laguna as suas primeiras agencias postaes. Uma linha de correio se estabeleceu, nesta

(200) Almeida Coelho — Memoria Historica sobre a Provincia de Santa Catharina. — Seus primeiros moradores, ao que consta, foram Antonio Correia e Maria de Reiola (Arryolos?) que possuíam terras desde o local em que se encontra a villa até a Ponta das Bombas. Em 1753, no Governo de Mello Manoel, localizaram-se no local colonos açorianos. Mais tarde, em 1819, chegaram os colonos de Ericera, dos quaes se tratou. Almanach de Santa Catharina, 1910.

— *da Reiola* é nome encontrado no litoral do Estado, principalmente nos arredores da Bahia Babitonga. O A. tem encontrado alguns moradores desta zona com este nome. Será corruptela de Arryolos, sobrenome do companheiro de Manoel Lourenço de Andrade, e serão os seus portadores descendentes daquelle antigo sesmeiro?

mesma epoca, entre esta ultima villa e o Rio Grande (201). Até então o serviço postal estivera entregue, no Desterro, á Provedoria da Fazenda Real e nas outras duas villas aos respectivos commandantes (202).

Garopaba foi creada freguezia, em 1830.

O apparecimento da Imprensa, em 1831, demonstra o gráu de adeantamento que já assignalavam estas populações. Nesse anno, por iniciativa de Jeronymo Francisco Coelho, jovem militar que vinha iniciar a sua carreira politica em sua Provincia natal, surgio, a 28 de julho, o primeiro numero d' "O Catharinense". No anno seguinte appareceriam "O Expositor" e o "Bemfazejo", este palaciano. (203) Naquelle mesmo anno de 1831, no Desterro, nascia o notavel pintor Victor Meirelles, autor de telas celebres e nome inconfundivel da pintura brasileira.

Dividio-se a Provincia em duas comarcas, em 1833: a do norte, com Lages, São Francisco, São Miguel e Porto Bello; a do sul, com a Capital, São José e Laguna. São Miguel e São José elevaram-se então á categoria de villa e Itajahy, nucleo recente, e Imaruhy, póvoa proxima á Laguna, passaram a freguezia.

Sob o governo de Feliciano Nunes Pires (1831-1835) installou-se a primeira Assembléa Legislativa Provincial. Deu este Presidente uma notavel prova da sua capacidade administrativa, realizando um go-

(201) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

(202) Henrique Fontes — Documentos para o estudo da Historia Catharinense. Registo de Um Bando que mandou publicar ao som de Caixas o Sr. Governador João Alberto Miranda Ribeiro, respectivo ao correio. (3/6/1798) — in Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Cath. Vol. II.

(203) José Arthur Boiteux — A Imprensa Catharinense, 1910, conferencia.

verno intelligente e progressista, tornando-se porisso credor da confiança do Governo Imperial, que pouco depois o chamou para entregar-lhe o governo da Provincia do Rio Grande do Sul. Estabeleceu elle as bases da nova organização administrativa da Provincia, acima referida, dotou a sua terra de melhoramentos, em grande cópia, destacando-se a criação da primeira força policial da Provincia. O orçamento geral consignava então uma receita de 51 contos annuaes, para uma despeza de pouco mais de 39 contos. (204)

Feliciano Nunes Pires, homem vindo das camadas populares, pois era filho de lavradores, impôz-se pela sua conducta recta á estima geral. Delle diria Feijó ter sido o unico presidente de Provincia que nunca achou pontas, nem duvidas, jamais tendo dado incommodos ao Governo. E, referindo-se a Santa Catharina, por elle governada, accrescentava: — "... e a lei tem sido alli sempre cumprida á risca e com toda a clareza". (205)

Durante esse periodo já se assignalam em Santa Catharina algumas escolas e uma interessante disposição das Posturas Municipaes da Camara do Desterro, approvadas pelo Governo, autorizava castigarèm os professores aos seus discipulos *até seis bolos*, por falta de estudos e *até doze* por falta de comportamento... (206).

Tubarão é parochia, em 1836 (7 de maio).

Em 1837, a população de Santa Catharina era computada em 63 mil habitantes; em 1840, em quasi 67 mil. Num espaço de 45 annos triplicara a sua popu-

(204) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

(205) José A. Boiteux — A Imprensa Catharinense.

(206) Approvadas as posturas pela Lei 42 de 1836 (Governo do Vice-Pres. Francisco Luiz do Livramento).

lação e Saint Hilaire a descreveria como a de maior densidade em todo o Brasil, attendendo a que só a orla maritima comportava quasi toda esta população. (207) O numero de escravos existentes era pequeno (em 1840, ia a 12.511) e o trabalho, embora ainda fosse pouco, já não era considerado ignominioso, como o fôra antes e ainda o é em outras regiões. (208)

Durante os annos de 1838 e 1839, a vida da Provincia seria convulsionada pelas luctas que do sul attingiram a terra catharinense. A guerra dos Farrapos interessaria então não só as populações do litoral mas tambem as do planalto, com a tomada de Lages. Terminada a mesma e voltadas as populações ás suas actividades habituaes, em 1840, tomaria conta do Governo o Marechal Antero J. Ferreira de Brito. Ao passar-lhe o governo, Soares de Andréa, que á sua frente estivera durante os dias tormentosos da revolta, fez uma longa exposição do estado em que se encontrava a Provincia.

As primeiras referencias desta exposição são, muito naturalmente, de ordem militar: — Guarda Nacional, commandos militares, estado dos fortes, necessidades para a defesa de Laguna e São Francisco, hospital militar, então reduzido a um armazem no forte de Santa Barbara, onde os doentes se achavam em promiscuidade condemnavel “e porisso se tem visto algumas vezes entrarem enfermos com uma molestia e sahirem já curados de duas, ou succumbirem á segunda”. Os pharóes se faziam necessarios, pois não havia ainda na Provincia, na ilha da Graça e na do Arvoredo. Estradas já havia Soares de Andréa dado inicio a uma

(207) A. de Saint-Hilaire, op. cit., trad. citada.

(208) Idem.

que deveria ir “desde as Tres Barras, no Rio de São Francisco, até ao sul da Provincia”, estrada que deveria ser guarnecida de postos militares afim de evitar as incursões do gentio. As pontes do Gravatá e do Iririby, em S. Francisco e a do Aririú, em São José, achavam-se construídas; em construção, a do rio dos Bôbos, em Porto Bello e mistér se fazia reconstruir a do Biguassú e a da Lagôa, que haviam sido carregadas pelas aguas. Melhoramentos se haviam feito nas estradas do Estreito a São José, na de Lages, pelo Trombudo, e na do Sirihú, e ordenado um reconhecimento para a construção de uma estrada que fosse do rio Itajahy á estrada que de Lages rumava para a Lapa, no Paraná. Na ordem burocratica, varios regulamentos se achavam concluidos, o dos Portos, o da Secretaria do Governo, o das Escolas da Provincia, o dos Matadouros publicos. Ao Rio se pedira um professor capaz de dirigir uma Escola Normal, que era preciso crear, e calceteiros para que se iniciasse o calçamento das ruas da Capital. Já se providenciára para a desapropriação de um terreno destinado ao Cemiterio da Capital e a compra de 50 lampeões já estava autorizada. (209)

Demorou-se Antéro José Ferreira de Brito á frente da Provincia até 1848, tendo realizado um governo fecundo e progressista, dos poucos que Santa Catharina teve a sorte de possuir nesse periodo da sua historia. Coube-lhe regular a divisão da Provincia, attendendo

(209) A Administração de Santa Catharina em 1840 — Exposição feita pelo Mal. de Campo Francisco José de Souza Soares de Andréa, no acto de entregar a Presidencia da Provincia de Santa Catharina ao seu successor o Exmo. Sr. Brigadeiro Antéro José Ferreira de Brito, in Rev. Catharinense de José Johanny, Vol. II, n. II.

às necessidades administrativas. O Município do Desterro, compreendendo toda a Ilha de Santa Catharina, passou a contar, além da freguezia da Séde com 5 outras: N. S. da Lapa do Ribeirão, N. S. da Conceição da Lagôa, N. S. das Necessidades de Santo Antonio, S. João Baptista do Rio Vermelho e S. Francisco de Paula das Cannasvieiras. Laguna, alem da Séde, com as de Imaruhy, Villa Nova e Tubarão, sob a invocação, respectivamente, de S. João Baptista, Sant'Anna e N. S. da Piedade. A villa de São José contava, tambem alem da Séde, a freguezia de N. S. do Rosario da Enseada de Brito. Formavam estes tres Municipios a Comarca do Sul; a do Norte comportava os Municipios de São Miguel, com a Séde e S. João Baptista das Tijucas Grandes; Porto Bello (Senhor Bom Jesus dos Afflictos), com a freguezia do S. S. Sacramento do Itajahy; São Francisco, com a de N. S. da Penha de Itapocoroy; e Lages. (210) Havia portanto, nas duas comarcas, sete municipios, tres ao sul e quatro ao norte, sendo nesta incluido o do planalto.

A mesma inclinação por uma politica de immigração, que já havia distinguido os governos de Albuquerque Mello e Mello Alvim, demonstrou o de Antéro de Brito. São Pedro elevou-se a freguezia nesse governo, o mesmo acontecendo a Araranguá (N. S. Mãe dos Homens) e Camboriú (N. S. do Bomsucesso de *Cambriú*). São Miguel, que, em 1841, possuia uma população superior a mil habitantes, declinaria depois e não attingiria a um desenvolvimento maior. As Caldas do Cubatão, no então Municipio de São José, hoje no da Palhoça, passariam por grandes melhoramentos.

(210) A. de Saint-Hilaire. — Op. cit., trad. cit.

Foi Antéro de Brito quem primeiro protestou contra a invasão dos Campos de Palmas pelos paulistas, que nesta epoca se aventuravam ainda por terras que Santa Catharina tinha como legitimamente suas, bandeirando e dividindo-as entre si. Finalmente, foi durante o seu governo que as primeiras organizações politico-partidarias surgiram na Provincia, disputando, em 1847, memoravel pleito do qual ainda se falará no presente capitulo. Em 1845, a população de Santa Catharina se elevára a 72 mil habitantes e em 1848, attingiria a 80 mil. A instrução publica começava a ser olhada com carinho e já contava então 14 escolas. (211)

São Francisco e Laguna são elevadas a cidade, em 1847, contando para mais de mil habitantes cada uma.

Dois annos depois foi alterada a organização das comarcas da Provincia, passando Lages para a do Sul e Desterro para a do Norte.

Nesse anno, surgio mais um jornal, o "Conciliador Catharinense", filiado a um dos partidos politicos da terra e o seu editor, um francez chamado Emilio Grain, de accordo com a legislação em vigor, assignou o primeiro termo de responsabilidade na Camara da Capital. (212)

Depois de 1850, fundam-se novas colonias, cujos destinos já nos são conhecidos: D. Francisca, Militar e a Belga. Em 1850, calculava-se, talvez com exagero, em 100 mil o numero de habitantes da Provincia. As escolas elevavam-se a 32 e assignalava-se o

(211) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

(212) José A. Boiteux — A Imprensa Catharinense.

primeiro *deficit* na administração: uma receita de 100 contos e uma despesa de 170. (213)

Era então Presidente o Dr. João José Coutinho, que ficaria 8 annos (1850-1859) á frente dos destinos da terra barriga-verde, sendo um dos governos mais longos que registra o periodo imperial. A póvoa do Paraty, no Municipio de São Francisco, em 1854, passa a freguezia e Lages cede parte do seu extenso territorio para a constituição de Campos Novos. Em 1855, continuando a serie de melhoramentos, inaugura-se a Bibliotheca Publica Provincial, seguindo-se dois annos mais tarde a installação de uma Escola de Aprendizizes Marinheiros e o lançamento da primeira pedra de um edificio destinado ao Theatro da Capital. Altera-se novamente a divisão da Provincia em 59, com a passagem da Camara Municipal de Porto Bello para Tijuca, já villa, e com a elevação a igual categoria desta da freguezia de Itajahy. No anno seguinte Lages torna-se cidade. A população geral era calculada em 127 mil almas. Em 1861, apparece o primeiro jornal diario da Provincia, denominado "Argos". (214) O numero de habitantes de Santa Catharina era calculado em 133.700, quando a vida provincial se agitou novamente, com o desencadeamento da guerra. Numerosos foram os contingentes catharinenses que partiram para o Paraguay, não faltando mesmo a contribuição das jovens colonias estrangeiras. Os dias decorreram cheios de entusiasmo, notando-se desusada animação da mocidade local. Os grandes oradores da terra trouxeram em constante vibração os moços patriotas, fazendo com que, convencidos pela sua oratoria patrio-

(213) Lucas Alexandre Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

(214) Idem.

tica, se alistassem aquelles em massa, na constituição de batalhões de voluntarios.

Em 1869, destaca-se mais uma parte do territorio de Lages, desta vez para a criação de Curitybanos, cujo territorio se extendia até ás margens do Iguassú. Dois annos mais tarde, no mesmo Municipio de Lages se installa o districto de São Joaquim, que em 1886 tambem d'elle se destacaria para formar o Municipio deste nome.

Sob o governo do Dr. Adolpho de Barros tomou maior impulso a diffusão do ensino, sendo creadas numerosas escolas. Contracta-se nesta mesma epoca o estabelecimento de uma linha de navegação entre o Rio e a Capital da Provincia, com escalas em São Francisco e Itapocoroy, quando houvesse colonos a transportar. O telegrapho extendeu as suas linhas entre Desterro e Itajahy e entre Laguna e Torres. (215)

Em 1879, conta a Provincia 150 mil habitantes. Tubarão constitue-se Municipio e a sua séde ascende á categoria de villa. No anno seguinte a séde da colonia D. Francisca passa a ser a villa de Joinville, séde do Municipio deste nome. Nesse mesmo anno passou a Provincia a contar um novo melhoramento, com o lançamento do primeiro cabo telegraphico submarino, entre Desterro e Rio Grande. Em 1872, augmentára a 158 mil habitantes a população da Provincia. Em 1876 e 1877, Itajahy e Joinville, respectivamente, obtêm fóros de cidade, em 1880, Blumenau e Araranguá os de villa, sédes de novos Municipios, seguidos de São Bento, em 1883. Desterro contava então para mais de 8 mil habitantes, mais de 1700 predios e passou a ser servida por uma linha de bonds. Brusque emancipa-

se em 1881, e ao sul collocaram-se os primeiros trilhos da Estrada de Ferro D. Thereza Christina, cujo trafego, de Imbituba a Lauro Müller foi inaugurado em 84 (1 de setembro). Camboriú em 84, Orleans em 85 e Biguassú em 86 passam a ser cabeças de Municipio, para esta ultima passando a séde do de São Miguel, já decadente. A instrucção publica tomou novo impulso em 1889, ás vespéras da queda do regimen, gastando então a Provincia, com este serviço, quantia superior a 110 contos. (216)

(216) Bastante longa é a lista dos que se assentaram na Presidencia da Provincia de Santa Catharina. No presente estudo se tem feito referencias a varios Presidentes, sendo que a maioria, no emtanto, passou pelo Governo sem deixar qualquer beneficio a registrar a sua passagem pelo cargo. Lucas A. Boiteux em suas Notas Para a Historia Catharinense chama a estas administrações de *administrações cometas*. Ração lhe sobra. Presidentes houve que passaram pela administração da Provincia apenas alguns mezes. Annos houve em que tres e quatro occupantes da cadeira Presidencial se succederam. Como curiosidade apenas se transcreve a lista dos Presidentes de Santa Catharina no periodo que vae da Independencia á Republica, de accôrdo com a publicada na Historia Catharinense, Resumo Didactico, do historiador Lucas A. Boiteux:

João Antonio Rodrigues de Carvalho (1824-1825); Francisco de Albuquerque Mello (1825-1830); Miguel de Souza Mello e Alvim (1830-1831); Francisco Luiz do Livramento (V. P.), (1831); Feliciano Nunes Pires (1831-1835); José Marianno de Albuquerque Cavalcanti (1835-1836); José J. Machado de Oliveira (1837); João Carlos Pardal (1837-1839); Francisco José de Souza Soares de Andréa (1839-1840); Antero Ferreira de Brito (1840-1848); Severo Amorim do Valle, 3-V. P., (1848-49) e (1849-1850), em lugar do Presidente Antonio Pereira Pinto que, nestes periodos se conservou á frente da Provincia apenas 8 mezes; João José Coutinho (1850-1859); Esperidião de Barros Pimentel, V. P., (1859); Francisco de Araujo Brusque (1859-1861); Ignacio da Cunha Galvão, 3-V. P., (1861); Vicente Pires da Motta (1861-1862);

Do que se expoz, se deduz que a Provincia de Santa Catharina conseguiu neste periodo um notavel progresso das suas populações, registrando uma completa transformação daquellas rusticas e insignificantes póvoas da antiga Capitania. Desterro já não era aquellas vinte e sete casas esparsas, no meio da floresta, mas uma cidade, de boas construcções, illuminada por lampeões, servida de imprensa, com regular com-

João F. de Souza Coutinho, V. P. (1862); Pedro Leitão da Cunha (1862-63); Francisco José de Oliveira, V. P. (1863-1864); Alexandre Rodrigues Chaves (1864-1865); Francisco José de Oliveira, V. P. (1865); Adolpho de Barros Cavalcanti (1865-1867); Francisco José de Oliveira, V. P. (1867); Adolpho de Barros Cavalcanti de Lacerda (1867-1868); Francisco J. Oliveira, V. P. (1868); João de Souza Coutinho (1868); Carlos Cerqueira Pinto (1868-1869); 1869, Carlos Augusto Ferraz de Abreu, Joaquim Xavier Neves (3 V.P.), Manoel do Nascimento da Fonseca Galvão (2 V. P.); 1870, André Cordeiro de Araujo Lima, Manoel Fonseca Galvão (2 V.-P.), Manoel Vieira Tosta (V. P.), Francisco Ferreira Correia; 1871, Vieira Tosta e Joaquim Bandeira Gouveia; 1872, Guilherme Cordeiro Coelho Cintra, Ignacio Accyoli de Almeida (3 V. P.); Delphino P. de Uihôa Cintra Jr., Fonseca Galvão (2 V. P.); 1873, Ignacio Accyoli de Almeida (3 V. P.); Pedro Affonso Ferreira, Luiz F. do Nascimento Mello (4 V. P.) e João Thomé da Silva, que vae a 75; 1875, Luiz F. N. Mello (4 V. P.) e João Bandeira de Mello; 1876, Alfredo Escragnolle Taunay; 1877, Herminio do Espirito Santo, (V P); e José Bento de Araujo; 1878, Joaquim da Silva Ramalho (V. P.), Lourenço Cavalcanti de Albuquerque; 1879, Antonio de Almeida Oliveira; 1880, Manoel Pinto de Lemos (V. P.) e João Rodrigues Chaves; 1882, Joaquim Augusto do Livramento (3 V. P.); Ernesto Francisco de Lima Santos e Antonio Gonçalves Chaves; 1883, Manoel Pinto de Lemos (V. P.); Theodureto Carlos de Faria Souto e Francisco Luiz da Gama Rosa; 1884, José Lustosa da Cunha Paranaguá; 1885, Manoel Pinto de Lemos (V. P.), Antonio Lara da Fontoura Palmeiro e Francisco José da Rocha; 1888, Augusto Fausto de Souza; 1889, José Ferreira de Mello (V. P.), Joaquim Eloy de Medeiros (2 V. P.), Abdon Baptista e Luiz Alves Leite de Oliveira Bello.

mercio e uma vida social apurada. Os elegantes da terra, os politicos, os abastados, acompanhavam os figurinos da Côrte e não abandonavam a sobrecasaca, o calção curto, as meias altas e os sapatos afivelados. Camisa de peitilhos engommados, chapéos de tres bicos sobre a cabelleira empoada, (terminada esta pequena trança), completavam o vestuário. Apenas os pobres usavam, nos primeiros annos desse periodo, a curta e tradicional jaqueta á portugueza. (217)

A politica começou a interessar ás populações. Primeiro, resquicios de animosidade contra os portuguezes: era preciso apagar os ultimos vestigios da dominação lusitana. Depois, a actividade dos dois grandes partidos que no scenario da politica nacional se chocavam e que tambem na pequena Provincia se degladiavam na disputa das preferencias das populações: era o Partido Conservador, era o Liberal. Mais tarde, a republica tornou-se o ideal dos moços de idéas avançadas e surgiu o Partido Republicano para competir com os velhos rivaes.

*

Reflexo do 7 de abril foi a deposição de Mello e Alvim do cargo de governador. Mais um motim militar, de character jacobino, do que propriamentê politica.

Mello e Alvim era portuguez, mas casado no Brasil e nelle radicado. Intendente de Marinha em Santa Catharina, ao se proclamar a independencia foi-lhe feita uma consulta si desejava continuar prestando ao

(217) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

Brasil os serviços que até então prestára. Não hesitou em responder que estava decidido a ficar no paiz o resto dos seus dias, "e de subir com elle a sorte que a Providencia lhe deparar". (218) Em Santa Catharina, residia desde o governo colonial de João Vieira Tovar de Albuquerque. Elevado á Presidencia da Provincia, em 1830, procurou prestar-lhe os serviços de uma boa administração, vendo-se no emtanto obrigado a renunciar, em 1831.

A noticia da abdicção deu ensejo a grandes manifestações, no Desterro. Os militares (estacionavam então na Capital o 10.º Batalhão de Caçadores e mais os batalhões 13.º, 8.º, de infantaria e os 4.º e 7.º de artilharia) não escondiam o intimo regozijo e começaram a tramar a deposição do Presidente Mello e Alvim e do Commandante das Armas, Miguel de Araujo Barreto. Os mais entusiastas dentre elles eram o Alferes do 13.º Francisco Borges de Barros e o sargentó Manoel de Freitas Sampaio.

A 22 de abril a Camara Municipal commemorava com um sumptuoso baile o inicio do segundo reinado, havendo grande multidão na Praça apreciando a bella ornamentação que se havia feito e ouvindo as pegas musicaes de quatro bandas de musica postadas na Camara. Regorgitando os salões desta de convidados, ás 9 horas da noite, chega Mello e Alvim com a sua familia, dando inicio ao baile. Foi quando começaram do lado de fóra os gritos de sedição: "Fóra os gallegos! Fóra os Pés de Chumbo! Fóra o Presidente!". O povo dispersou-se, prevendo acontecimentos mais graves e a festa foi interrompida, retirando-se as fa-

(218) Idem.

mílias, ao mesmo tempo que o movimento nos quartéis ia intenso. Não demorou muito e á frente do Palacio se extendiam em linha todos os corpos militares, com os seus respectivos commandantes á frente.

Em Palacio, reuniram-se os componentes do Conselho do Governo e o Cel. Joaquim Soares de Coimbra desceu a saber das intenções dos amotinados. Repetiram estes as exigencias: deposição immediata do Presidente e do Commandante das Armas, e nem mesmo as ponderações de outro membro do Conselho, João Prestes da Fontoura, que lhes fez ver a conveniência de esperarem as ordens da Côrte, conseguiram demover os rebeldes dos seus intentos e da sua intransigencia. Mello e Alvim, sentindo-se incapaz de conter a tropa, annue finalmente aos desejos daquella e promette passar o governo no dia seguinte, ás 10 horas, ao seu substituto legal. (219)

A Camara, reunida tambem na mesma noite dos acontecimentos, tomou delles conhecimento e no dia seguinte, á hora combinada, dava posse ao Vice-Presidente, Francisco Luiz do Livramento, assumindo o Cel. Antonio Pinto de Araujo Correia, do 13.º Batalhão, o commando das armas. (220)

Passados os dias anormaes de exaltação, poude voltar Mello e Alvim á actividade publica e, recupe-

(219) Henrique Boiteux — A Abrilada em Santa Catharina, in Rev. Catharinense Vol. I n. 5 — A Abrilada em Santa Catharina — Um documento — Carta de João Moreira da Silva a José Gonçalves dos Santos Silva, in Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. de Santa Catharina Vol. VII.

(220) José A. Boiteux — A Abrilada em Santa Catharina — Cópia das Actas das sessões extraordinarias de 22 e 23 de abril de 1831, da Camara Municipal do Desterro, in Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Cath., Vol. VII.

rando a confiança da população, em 1835, vio-se eleito deputado á primeira Assembléa Legislativa Provincial. (221).

*

As idéas republicanas conseguiram as sympathias da quasi totalidade da população lagunense e de parte da da Capital, por occasião da revolução farroupilha. A independencia chegou a ser proclamada e a republica installada. Curta foi, no emtanto, a sua duração. Abafadas as manifestações mais concretas pelo pulso firme do General Soares de Andréa, que na epoca tomou conta do governo da Provincia, e vencida posteriormente a revolta, os entusiastas da idéa desapareceram ou calaram. O ideal republicano voltaria a empolgar as populações meio seculo mais tarde, quando a idéa já fermentava em todo o paiz. Até lá, as competições politicas se realizariam em torno das aspirações partidarias liberaes e conservadoras.

*

Desde a Assembléa Constituinte do Imperio vinha Diogo Duarte Silva representando, como Deputado, o seu Estado natal. Reeleito, em 1825, tendo como oppositor Manoel José de Souza França, cujo nome fôra lançado pela sua familia em Laguna, onde desfructa-

(221) A primeira Assembléa Legislativa Provincial ficou constituída dos seguintes Deputados: Dr. Manoel Paranhos da Silva Velloso, Antonio Francisco da Costa, Jeronymo Francisco Coelho, Polydoro do Amaral e Silva, João Prestes Barreto da Fontoura, Marianno Correia Borges, Miguel de Souza Mello e Alvim, José Francisco Coelho, Thomaz José da Costa, dr. Severo Amorim do Valle, dr. Thomaz Silveira de Souza, José Pereira da Costa, José da Silva Mafra, Antonio Joaquim da Silveira, Francisco da Silva França — Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

va de grande e merecido prestigio, vio-se novamente reconduzido á Camara nos pleitos de 28 e 32.

Depois dessa época, as tendências variaram em torno de tres diversas aspirações. Os restauradores e saudosistas esperavam e desejavam a volta do primeiro Imperador; os liberaes desejavam a Monarchia constitucional, com algumas modificações na Carta e uma regencia provisoria; e os republicanos, em reduzido numero, esposavam as ideas adeantadas. Em 1837, Silva Mafra desiste da indicação do seu nome para Deputado, em favor do illustre lagunense Jeronymo Francisco Coelho, engenheiro militar, tendo este enfrentado como candidato de opposição o Dr. Antonio Joaquim de Siqueira, Juiz de Direito da Comarca do Norte, cuja candidatura havia sido lançada pelo Cel. Oliveira Camacho, chefe influente de São Francisco, sendo eleito o fundador da imprensa catharinense. As elições de 1841 ficaram celebres pelas violencias havidas, as *eleições do cacete*, não chegando a ser reconhecido o pleito catharinense, annulladas como fora as mesmas pelo Decreto de 1 de maio de 1842. A figura então mais em evidencia da politica provincial era certamente Jeronymo Coelho que, em 1844, foi escolhido Ministro da Marinha do gabinete Macahé. Como chefe incontestado da politica barriga-verde resgatou a divida que contrahira para com José da Silva Mafra, indicando-o para a senatoria, quando falleceu o velho e digno Padre Lourenço Rodrigues de Andrade, que o fôra desde 1826. Não demorou, entretanto, Jeronymo Coelho por muito tempo á frente do Ministerio da Marinha e em maio do mesmo anno voltava á Camara. (222)

(222) José A. Boiteux — Partidos Politicos em Santa Catharina.

Na disputa destas eleições decorreram mais ou menos tranquillamente os pleitos, não se tendo verificado intensas e apaixonadas luctas de partidos em torno de programmas e de idéas, nem havendo mesmo qualquer arregimentação de forças politicas. A' individualidade insinuante e prestigiosa de Jeronymo Coelho se haviam opposto candidatos surgidos da indicação de chefes politicos de influencia restricta desta ou daquella zona e, por mais indiscutíveis que fossem as qualidades destes candidatos, não tinham elles o apoio de qualquer organização partidaria, por inexisterem na Provincia os partidos politicos.

Até então não se haviam tomadô os catharinenses de paixão politica e, dizia um poeta da epoca (223), "que vivia o povo contente, sem soffrer mordaz intriga".

Em 1845, por occasião da visita imperial, apresentou-se o insignificante motivo que determinaria a arregimentação das primeiras agremiações partidarias, cujo antagonismo se prolongou por quarenta e dois annos de luctas intensas e memoraveis.

A disputa travou-se em torno de algumas barraquinhas em que se vendiam generos alimenticios, inclusive pescado, que se localizavam no largo do Palacio. Mudança pretendida havia muito, nunca pudéra ser levada a effeito devido a empenhos politicos. Com a visita do Imperador, facil foi obter-se a transferencia das barraquinhas para Santa Barbara, nas proximidades da conhecida Ponte do Vinagre, onde fica localizada, hoje, a Capitania dos Portos. Era preciso apresen-

(223) Marcelino Antonio Dutra (o poeta do Brejo), o primeiro poeta satyrico de Santa Catharina, autor de um celebre poemeto intitulado "A Assembléa das Aves", publicado durante a campanha eleitoral.

tar aos olhos de S. S. Magestades, a Praça limpa das tendas inesthéticas e anti-hygienicas. E assim se fez, mas, passados os dias de festa e, tendo regressado á Côrte a imperial comitiva, quizeram os conservadores fazer voltar as barraquinhas para o antigo local, no que foram obstados pelos negociantes de Santa Barbara. A lucta interessou ás populações, tomou o inevitavel rumo politico e deu ensejo á formação dos partidos conservador e liberal.

Do primeiro faziam parte os principaes commerciantes da terra e alguns funcionarios publicos. Chefiados por João Pinto da Luz, destacavam-se nas suas fileiras o Dr. Joaquim Augusto do Livramento, os irmãos Pinto da Luz (Jacintho e José Maria), o Padre Joaquim Gomes de Oliveira Paiva, o ex-deputado Diogo Duarte Silva e outros elementos destacados do commercio da Capital, o Cel. Francisco de Oliveira Camacho, de São Francisco, Agostinho Alves de Ramos, do Itajahy, etc. Chismára-o o povo de *Christão*, emquanto que ao liberal alcunhára de *Judeu*. Este, ainda conhecido por *Vinagrista*, (por causa da ponte do Vinagre,) era dirigido por Amaro José Pereira e cerravam as suas fileiras nomes destacados como os de Jeronymo Coelho, Francisco Duarte Silva, Marcellino Antonio Dútra, o Senador José da Silva Mafra, o Cel. Cordova, de Lages, Antonio João Vieira, de São Francisco e outros, contando tambem com as sympathias dos militares e da maioria dos funcionarios publicos. A lucta politica, travada de uma maneira sem precedentes na historia da pequena Provincia, apaixonou e interessou as populações, havendo tal propaganda que, para o pleito de 1847, em meetings, excursões, aliciamiento de eleitores e outros preparativos, só o Partido Conservador dispendeu cerca de 40 contos de reis, somma notavel para a época. Ás mães, ás esposas, de-

precava-se não consentirem que seus filhos e maridos se alistassem nas fileiras do Partido judeu (224), emquanto os deste partido punham em duvida a sinceridade das convicções christãs do primeiro. Na imprensa se destacavam o Padre Oliveira Paiva, a quem a irreverencia popular alcunhára de Padre Cantiga, do lado conservador, e Marcellino Antonio Dutra, o poeta do Brejo, do liberal. Eram candidatos, respectivamente christão e vinagrista, o Dr. Joaquim Augusto do Livramento e o Major Jeronymo Coelho.

Nesta lucta eleitoral, que dividio na epoca a familia catharinense em dois grupos rancorosos, só o Presidente Antéro de Brito, serena e superiormente permaneceu, ao que relatam as chronicas, alheio a ella. Temendo explosão de animos, e que algum motim se verificasse, houve quem interpellasse ao Presidente com quem contaria elle para abafa-lo. Antéro de Brito respondeu apenas: — “Com os que o não fizerem”. (225).

Difficil seria talvez ao Presidente encontrar, nas circumstancias, quem lhe ajudasse a apagar o incendio. Não se alheivavam á lucta, neste pleito memoravel, nem os velhos, nem as mulheres, nem as creanças, segundo um observador da epoca. (226)

O motim não se verificou. Venceu o Partido christão, fazendo a Joaquim do Livramento deputado, por uma votação de 89 votos, contra 39 dados a Jeronymo Coelho. O mercado veio a ser construido na Praça, em substituição ás antiquadas barraquinhas, mas ficaram as populações divididas por longo tempo em duas

(224) José A. Boiteux — Partidos Politicos em Santa Catharina.

(225) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

(226) Lucas A. Boiteux — Idem.

facções adversarias irreconciliáveis, embora os chefes João Pinto e Amaro Pereira mantivessem inacabavel amizade, tão profunda e sincera quão irreductiveis se mostravam nas suas convicções partidarias.



Contra Livramento, novamente candidato em 49, apresentou o Partido Liberal o nome do Conego João Mathias de Carvalho Bueno, de São Francisco. Intensa foi a cabala e, apesar das sympathias de Pereira Pinto, Presidente da Provincia, pelos liberaes, venceu novamente o candidato conservador e este Partido consegue successivas victorias até 1856, quando os liberaes conseguiram fazer victoriosa a chapa Jeronymo Coelho-Jesuino Lamego. No anno seguinte foi aquelle prestigioso catharinense elevado novamente aos Conselhos da Corôa, figurando no gabinete Araujo Lima. Os animos na Provincia tendiam, então, para a conciliação. Morto Jeronymo Coelho, em 1860, desapareceu do scenario politico barriga-verde a sua mais representativa figura, havendo então sensiveis modificações na politica. Jesuino Lamego, depois Barão da Laguna, ingressaria nas fileiras conservadoras e com a sua indicação para deputado por este Partido, sentio-se justamente melindrado o Padre Oliveira Paiva, que vinha servindo á velha agremiação com uma lealdade a toda prova, desligando-se então das suas fileiras. O pleito de 1860 foi agitado e accusava-se de parcialidade ao Governo, que enviára forças para os collegios eleitoraes. Os candidatos foram, pelo Partido Conservador (Lameguista ou Matraca, como o chamavam), Jesuino Lamego da Costa e Francisco Carlos da Luz; pelo Partido Liberal (era agora alcunhado de Botica, allusão á profissão de pharmaceutico de Ama-

ro Pereira, ou Silveirista), o Dr. Silveira de Souza e João de Souza Mello e Alvim. Processadas as eleições, ambos os Partidos se disseram vencedores. Silveira de Souza obtivéra 78 votos; Lamego, 76; Francisco Carlos, 74 e Mello e Alvim, 66. Houve brigas e protestos e nenhum dos partidos queria reconhecer ao outro victoria. Ao se iniciarem os trabalhos parlamentares, o diploma de Silveira de Souza foi annullado e assim entraram para a Camara os dois candidatos conservadores. Em 1863, encontraram-se novamente os mesmos candidatos na disputa das preferencias do eleitorado. Este appellidára agora de *basilicão* e *alcatrão* aos dois partidos, allusão ainda aos chefes, o pharmaceutico Amaro Pereira e o negociante em ferragens e armador João Pinto da Luz. A victoria coube, desta vez, aos liberaes, elevando ao Parlamento os nomes de Silveira de Souza e Mello e Alvim. Ao pleito concorreu, avulsamente, o jovem medico, depois nome aureolado da poesia nacional, Luiz Delfino dos Santos. (227)

Em 1866, falleciam João Pinto da Luz e Amaro Pereira — os chefes prestigiosos das duas agremiações partidarias. Deeresceu o enthusiasmo politico, embora continuassem os dois partidos a disputar a honra de servir a terra catharinense. (Nota)

(227) José A. Boiteux — Partidos Politicos em Santa Catharina.

(Nota) Nas diversas legislaturas que se seguiram, até 1889, representaram Santa Catharina na Camara dos Deputados: Manoel do N. Fonseca Galvão e Thomaz Pedro de Bittencourt Cotrim (1872-1875); este e Francisco Carlos da Luz (1876-1877); Silveira de Souza e João Mello e Alvim (1878-1881); Alfredo de Escragnolle Taunay e Manoel da Silva Mafra (1882-1884); este e Duarte Paranhos Schuttel (1885); Alfredo de Escragnolle Taunay e depois Fernando Hackradt Jr. (1886-1889). No Senado occuparam a cadeira de Santa

*

Com a formação de uma elite intellectual composta de moços entusiastas, a idéa republicana começou a manifestar-se em Santa Catharina. Formavam-na José Veiga, Emilio Blum, Esteves Junior, Raulino Horn, Napoleão Poeta, Lydio Barbosa, Correia de Freitas, Luiz Nunes Pires e outros. Não era mais a idéa revolucionaria, mesclada de separatismo, como em 1839. Era um sopro novo de vitalidade, um ideal nobre e grande que se auscultava na alma da mocidade barriça-verde. Irmanava-se esta á mocidade de todo o paiz, no anseio de uma renovação que urgia transformar em realidade, para melhor integrar a nação no ambiente americano.

Depois de 1897, tomou vulto a propaganda republicana na Provincia. Fundaram-se clubs republicanos em varias localidades e as forças se foram arrematando, animadas pelos mesmos e dispostas a entrar em competição com os velhos partidos monarchicos. Camboriú foi a primeira localidade que teve o seu club republicano, sob a direcção de Manoel Antonio Pereira. Sob a chefia de Correia Defreitas, dez dias após o apparecimento daquelle primeiro nucleo, Joinville creava o seu, seguindo-se São Francisco, com Eleuterio Tavares, Desterro com Raulino Horn, S. Bento e Tijucas, respectivamente com João Filgueiras de Camargo e com o Pe. Manoel de Miranda Cruz. (228)

Catharina, depois do Pe. Lourenço Rodrigues de Andrade e de José da Silva Mafra, os senadores: Almirante Jesuino Lamego da Costa (Barão da Laguna) e Dr. Alfredo de Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay). — Notas Historicas — Rodolpho Baptista de Araujo, in Rev. Catharinense, Vol. I, ns. 3 e seguintes.

(228) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

Em 1888, o Partido Republicano assignalava a sua primeira victoria: S. Bento, a joven colonia, conseguia fazer a sua primeira Camara Municipal inteiramente de elementos republicanos, a primeira de que se tem noticia, de todo o Brasil. Obteve o Partido Republicano 157 votos, contra 115 dos partidos monarchistas, sendo 63 dos liberaes e 52 dos conservadores. (229) A obra da propaganda continuou de maneira efficaz e, ao proclamar-se o novo regimen, grande parte das populações catharinenses já havia adoptado as idéas novas.



A abolição do elemento servil não encontrou maiores difficuldades na Provincia. Foram seus mais ardorosos propagandistas José Henriques de Paiva, Carlos Schmidt, Germano e André Wendhausen, Manoel de Bittencourt, o poeta João da Cruz e Souza, Elyseu Guilherme da Silva, Manoel Moreira da Silva, Francisco Margarida, Augusto Lopes, José Segui Jr., Miguel Pestana, Esteves Junior, José A. Boiteux, Eduardo Horn, Lacerda Coutinho e muitos outros.

O numero de escravos havido em Santa Catharina não excedera a 16 mil e não se conheciam na Provincia as necessidades do emprego em larga escala do braço servil. Não havia o latifundio agricola e a pequena gleba lavrava-a o colono livre, que desde 1829 entrára na Provincia, para este trabalho encaminhan-

(229) A primeira Camara republicana de São Bento foi eleita a 12 de agosto de 1888 e compunha-se dos seguintes vereadores: A. Malschitzky, Ernesto Wolff, Octavio Lobo, José Guedes da Silva, João de Abreu, José M. Gomes de Souza e Pedro Gomes da Cruz. — Wolfgang Ammen — Chronica de São Bento, trad. de Elly Herkenhoff.

do a próle. Deixára de existir em Santa Catharina o velho preconceito que fazia do trabalho braçal occupação bastarda e humilhante e nenhuma restricção se fazia para os que, á custa d'elle, conseguiam elevar-se no meio social catharinense. Poucos eram os escravos que ainda se occupavam da lavoura, sendo os mais empregados nos misteres caseiros. A propaganda da emancipação dos captivos encontrou assim terreno propicio á sua disseminação. Em 1884, appareceu o primeiro jornal inteiramente dedicado á causa, o "Abolicionista". As sociedades recreativas se alliaram aos paladinos da idéa redemptora.

Segundo um manifesto publicado pelo Centro Catharinense, em 1887, o numero de escravos já havia baixado em toda a Provincia para pouco mais de 8 mil. Um anno depois de publicado este Manifesto, que concitava as populações catharinenses a tomar o exemplo do Ceará, do Amazonas e do Rio Grande, que haviam abolido em seus territorios a escravatura, um anno depois, a 24 de março de 1888, corôava-se a obra da propaganda com a libertação dos ultimos captivos existentes na Provincia. (230)

Estava assim incluída Santa Catharina entre as que se antecederam á Lei Aurea, na libertação dos escravos.

A noticia do Acto de 13 de Maio, entretanto, despertou grande enthusiasmo entre as populações, revelando-se o jubilo em manifestações ruidosas havidas em toda a parte.

Os escravos em Santa Catharina, em abono da sua gente seja dito, não haviam conhecido, de um modo ge-

(230) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

ral, os horrores do captiveiro. Os viajantes que visitaram a Provincia, segundo os proprios relatos, adivinhavam na alegria commum dos pretos a bondade dos brancos. Muitos delles, depois da lei libertadora, ficaram nas casas dos antigos senhores, affeioados ás suas familias, servindo ás senhoras e ás sinhás que, antes da Princeza, já lhe haviam concedido a mercê da alforria, subtrahindo-os á triste condição de escravos.



O Imperio chegára ao fim. Os primeiros albores da Republica já se percebiam e não tardaria que, da questão militar, resultasse a queda do throno.

III

DIAS DE GUERRA E DE SANGUE

Por duas vezes, uma durante o periodo colonial, outra durante o Imperio, conheceu a terra catharinense dias de guerra e de sangue, em lucta contra o estrangeiro. A primeira vez, contra o invasor hespanhol, em 1777, terminando a lucta, que se deveria ter revestido de todas as characteristics de uma guerra pela conservação do dominio, no lamentavel epilogo de uma capitulação vergonhosa, ante o conquistador rival. A segunda, ao tempo do segundo Imperio, soffreriam as populações catharinenses os amargores de uma guerra que se processava longe das suas fronteiras, a guerra do Paraguay, mas que nem porisso deixava de interessal-as, pela notavel contribuição em braços que levára para as armas imperiaes.

Habituaados, certamente, estavam os barrigas-verdes a concorrer com o seu sangue para a defesa da patria. Em quasi cem annos da sua existencia o heroico Regimento de linha da Provincia de Santa Catharina conheceu todas as campanhas do sul, cobrindo de gloria a terra de seus soldados. Entretanto, na campanha do Paraguay, foi a mocidade da Provincia, a alma entusiasta da sua juventude que partio, en-

chendo de apprehensões e de cuidados as populações de Santa Catharina. Não era agora o batalhão lendario que seguia, veterano e encanecido na peleja, habituado ás vicissitudes della. Em 1865, era a mocidade inexperiente e ardorosa, á qual nem mesmo faltou a contribuição dos moços das recentissimas colonias instaladas na Provincia, que partia ao encontro da metralha, em busca dos “entreveros”. A guerra de 1777 interessou ás pequenas e pobres populações do litoral; a de 1865, não conheceu limites, foi de todas as populações, de toda a gente da terra. Si, em luctas interiores, quer contra o invasor estranho, quer contra o irmão adversario, se convulsionou a vida da Provincia, com a disputa dentro das proprias fronteiras, na lucta com o Paraguay, ella se manteve em verdadeira suspensão, como si houvesse partido toda a sua gente juntamente com os moços que offereciam o sacrificio das suas vidas á patria, como si a propria sociedade barriga-verde tivesse acompanhado os jovens que haviam envergado a farda de voluntario. A’ vibração patriótica dos primeiros dias, succederam-se horas de cuidados e de saudades, interminaveis e dolorosas. Em 1777, exprobro a bravura catharinense a conducta dos que conduziram ao fracasso as armas portuguezas e brasileiras. Em 1865, não se assistio nem á covardia daquelles nem á bravura destes. Estava a terra barriga-verde segura da conducta de seus filhos. E, á medida que se ia cobrindo de louros, ia o coração da sua gente sangrando, a contar, um a um, os bravos voluntarios e os officiaes do Exercito filhos da terra, a fina flôr da sua sociedade, que iam tombando, longe do torrão natal, sem o carinho da familia e sem o conforto de um tecto, em holocausto á Patria.

1777. — E' a velha e tradicional rivalidade entre portuguezes e espanhóes. Encontrara ella, com a descoberta do Novo Mundo, motivo para se tornar mais accesa, na disputa das terras que a audacia dos navegadores ia desvendando aos olhos cubiçosos da Europa. Transladára-se para a America todo o odio e toda a inimizade que na historica Iberia dividia lusos e castelhanos, aos quaes não logrou pôr termo o Tratado das Tordesillas, estipulado para evitar que, do entrechoque das ambições mutuas, resultasse o exterminio das conquistas daquem mar.

A Ilha de Santa Catharina, como se vio, permanecêra por muito tempo como região a que cada uma daquellas nações rivaes se julgava com direitos de propriedade, com governos óra nomeados por Lisboa, óra por Castella, e frequentada por navegantes de ambas, que exploravam a terra sem, no emtanto, deitarem nella as suas fundações. A linha papal passava, todavia, ao sul da Ilha dos Patos, que era assim legitimamente portugueza, o que não impedio que Espanha a Cabeza de Vaca e a Sanabria commettesse a missão de governal-a. Posteriormente, sem que nenhum destes governadores realizasse a conquista, a dispersão vicentista trouxe para Santa Catharina a semente daquellas fundações que a tornaram de indiscutivel conquista lusitana, ou, melhor dizendo, brasileira. Portugal afinal comprehendeu a necessidade de conservar a costa catharinense, reputada de grande valor militar. Das instrucções do Marquez de Pombal ao Marquez do Lavradio, Vice-Rei do Brasil, se depreheende o interesse da Corte de Lisboa em não perder a Ilha de Santa Catharina. Encarecia nellas, o poderoso Ministro, a necessidade de conserval-a sob o dominio da Corôa, instruindo sobre a sua defesa,

fazendo-a armar de fortes artilhados e municiaados e guarnecendo a ilha de tropas capazes de repellir qualquer tentativa de Espanha. Entregava-se o commando da praça ao Brigadeiro Antonio Carlos Furtado de Mendonça (Barbacena), então Governador da Capitania de Goyaz e Minas, ao qual se fazia, na data, Marechal de Campo, e mandava apparellhar uma esquadra para melhor defender a costa sul do Brasil. Neste mesmo anno em que se repartiam assim as responsabilidades do governo da Capitania, entre um commando militar e um governo civil, passaria este ultimo ao Brigadeiro Gama Freitas, deixando-o Francisco de Souza Menezes, que, desde 1765, vinha exercendo o dito governo.

O Governador Militar chegou a Santa Catharina, em 1775. Procurando dar cabal desempenho á sua missão, ao Vice-Rei começou a solicitar o que necessario lhe era para articular a defesa da ilha e do porto de Laguna. (231)

(231) Almeida Coelho, Memoria Historica, diz: "Não podemos negar ao Gal. portuguez as providencias que tomara para defender a ilha". Uma antiga Memoria escripta por J. A. C. (originaes de propriedade de Sebastião Pereira Alves, offertados mais tarde ao Comm. Polydoro do Amaral e Silva, e que foram escriptos em 1853) publicada em 1862 pela primeira vez na Revista Popular do Rio de Janeiro e republicada em 1912 na Revista Catharinense, de Laguna (Vol. I, n.º 10), com commentarios do Almirante Henrique Boiteux, diz, no emtanto, que Furtado de Mendonça "só se entretinha com passatempos pouco decorosos e com manejos de uma furiosa intriga, de que eram victimas o governador da Capitania, Pedro Antonio da Gama Freitas, a quem roubava as attribuições, etc..." Adeanta mais que não se observava um só meio de defesa traçado por Barbacena e que nenhum incremento tiveram as obras de fortificação da ilha. Mais tarde transcreve um trecho de um officio de Lavradio, datado de 22 de agosto de 1778, em que este se refere á sua

Lavradio, no entanto, não parecia convencido da possibilidade de um ataque ás possessões ao sul, temendo-o mais no Rio de Janeiro, onde concentrava tropas, e não deu aos pedidos de Furtado de Mendonça a provisão que, por força das instrucções pombalinas, era de facto obrigado a dar. A' mingua de recursos maiores, Furtado de Mendonça vio-se impossibilitado de realizar os melhoramentos que projectára. A' má vontade ou inepecia de Lavradio, alliou-se a inconsciencia de Gama Freitas. Por uma questão de competição, pois se accusa a Furtado de Mendonça ter-se envolvido em attribuições do governo civil (232), mandou aquelle sustar por vezes, embora tambem invadindo a orbita funcional de Furtado de Mendonça, pois não fôra a Gama Freitas dada qualquer função no commando militar, as obras iniciadas nas fortificações. (233)

Lavradio viria certamente mais tarde a comprehender que o seu descaço valêra por uma verdadeira traição e os dois Governadores pagariam com a deshonra o triste episodio da tomada da ilha pelos espanhóes, resultado dos attrictos e das incomprehensões havidas entre elles.

dôr "tendo visto mallogradas as minhas providencias e trabalhos". Lucas A. Boiteux (Notas para a Historia Catharinense) diz que "começou o Mal. Mendonça por examinar as fortificações e a fazer os pedidos do necessario para completal-as; o Vice-Rei, porem, não os satisfazia". Relata algumas providencias tomadas pelo mesmo e transcreve trechos de uma carta do Mal. Furtado de Mendonça, ao Vice-Rei, pedindo auxilios e armamentos.

(232) Almeida Coelho — Memoria Historica.

(233) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

Não teve certamente Furtado de Mendonça, durante o assedio da ilha pelos castelhanos, o comportamento que era de se esperar de um soldado, mas não deixa de ser verdade que, desde o inicio da sua missão, não havia encontrado elle sinão tropeços e embaraços.

Si a elle se reprova a attitudo covarde, a Gama Freitas e a Lavradio não se pode eximir da responsabilidade de haverem impedido em tempo opportuno uma acção que se poderia ter tornado efficiente, dotando a ilha de obras de defesa que teriam impedido a fuga humilhante de fevereiro de 1777. Tanto mais necessarias se faziam estas obras quanto ao sul o General João Henrique de Bohn, commandando tropas portuguezas e crioulas, entre as quaes figurava o Regimento Barriga Verde, ia desalojando os espanhões das suas posições (234), cobrando á parte, nas mesmas campanhas, o bravo lagunense Raphael Pinto Bandeira, com a sua gente, mais louros para a sua terra.

O revide era de esperar.

E Espanha não demorou no preparo de uma forte expedição. Uma esquadra de 115 unidades, guarnecida de 10 mil homens de desembarque, se aprestou e, a 13 de novembro de 1776, deixava o porto de Cadiz, rumo da America, a cobrar desforra á ousadia lusitana.

(234) Pelo Tratado de Paz de 1763 a Espanha deveria restituir a Portugal o Rio Grande do Sul, tomado na guerra em 1762. Em 1777, apesar de passados 14 annos, protelava a Espanha, ainda, a entrega, não obstante os repetidos protestos de Portugal e das tentativas de expulsão dos invasores pelas forças portuguezas e principalmente brasileiras. Estes factos haviam determinado a campanha de 1776, da qual resultou a libertação do Rio Grande do dominio castelhano.

Em viagem, aprisionando tres navios portuguezes, pelos documentos que levavam, tornaram-se os espanhóes sabedores do lastimavel estado em que se eneontrava a defesa da Ilha de Santa Catharina. Foi quando D. Pedro de Zeballos Cortez y Calderon, apresentando a sua nomeação de Viece-Rei do Rio da Prata e de chefe da expedição, determinou á esquadra tomar rumo para Santa Catharina, iniciando por ella a sua acção.

Defendiam a Ilha as fortalezas de Santa Cruz, na ilha de Anhato-mirim, São Caetano, São José, na Ponta Grossa, quasi fronteira á Santa Cruz, Ratonés, na ilha do Raton Grande, já dentro da bahia do norte, e os fortes de Santanna, São Luiz, São Franeiseo e Lagoa, alem do de Araçatuba, ao sul.

As tropas não chegavam a apresentar um effetivo de dois mil homens, distribuidas no Regimento Barriga-Verde (que já havia regressado da campanha riograndense), no Regimento de Pernambueo, no Regimento do Porto e em varias companhias auxiliares, na ilha e no continente. Havia ainda duas companhias de artilharia do Rio. (235)

A 15 de fevereiro de 77, a esquadra espanhola avistava a portugueza que velejava para o norte, sob o eommando do Almirante Roberto Mae Duall.

Compunha-se ella de três naus e oito fragatas, eontando um total de 430 boeeas de fogo e guarneeadas de 3.800 homens.

Conta-se que, avistando o inimigo, quiz Mae Duall, eom a aprovação da sua officialidade, offereer eombate aos eastelhanos, apazar da inferioridade

(235) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

da sua armada. Mas, as instrucções de Lavradio eram as de não sujeitar a unica esquadra que defendia as costas do sul do Brasil a maior risco. (236) Velejou para a Caixa d'Aço, na enseada das Garoupas, afastando-se, e no dia seguinte os seus navios percebiam a esquadra espanhola muito ao sul. Abandonava assim á sua sorte, o Almirante, a terra catharinense que muito logo seria pisada pelas tropas de Castela.

Com effeito, cinco dias mais tarde, Zeballos fundeava a sua esquadra (haviam sahido de Cadiz 6 naus, 6 fragatas, 7 corvetas e navios menores e 96 transportes) (237), lançando ferros na enseada das Cannasvieiras.

Da sua aproximação já se certificára Furtado de Mendonça, avisado na manhã daquelle dia.

O que se passa então, nos dias que se seguem, é extremamente vergonhoso. De recúo em recúo, sem qualquer iniciativa, sem commando util, sem ordem efficaz, sem quasi um tiro, as tropas foram abandonando ao invasor as posições da Ilha, até que o recúo se converteu em fuga desordenada, não faltando mesmo a ignominia das deserções.

Ao lado desta pagina pungente de aviltamento, que ennodouaria as tradições de heroismo e sacrificio das armas lusitanas, salvar-se-ia ao menos a honra dos soldados da terra e a sua attitude contribuiria para ainda mais destacar o comportamento de inexplicavel covardia dos primeiros.

A' falta de ordens deixa a guarnição do forte de São Caetano a sua posição, retirando-se para o de

(236) Idem.

(237) Almeida Coelho -- Memoria Historica.

Ponta Grossa, com o que facilitou o desembarque do invasor, que o fez sem soffrer a menor hostilidade. Tomam assim pé na ilha seis regimentos armados de 12 canhões e com effectivo de dois mil homens.

Iniciam os conquistadores, então, a marcha pelo litoral, protegidos pela nau *Setentrion*, que recebeu do forte de Ponta Grossa apenas tres tiros. O commandante desta praça, Simão Rodrigues de Proença, pela madrugada, temendo ver a sua retaguarda cortada, abandona-a. Passa-se para o inimigo o alferes de artilharia José Henrique da Cunha. Na Capital, o Conselho de Officiaes reunira-se, com excepção dos do Regimento Barriga-Verde que se achavam na freguezia de Santo Antonio, mas não atinava em determinar qualquer medida util de defesa, começando então o povo, já tomado de panico, a abandonar a villa.

O espanhol, no entanto, acostumado a encontrar no seu tradicional inimigo gente de mais coragem, não comprehendia talvez a sua attitude e avançava cauteloso.

A 24 de fevereiro, já estava assentada a entrega da ilha aos invasores, com a retirada das tropas para o continente, quando nem a fortaleza da Ponta Grossa havia ainda sido tomada!

Pouco durou para que a bandeira de Espanha fluctuasse sobre esta praça de guerra, que apenas deu quatro tiros sobre o inimigo, façanha que depois apurou Zeballos ter sido de dois pretos fugidos da fortaleza de Santa Cruz.

A retirada dos portuguezes se faz de maneira precipitada e apenas o Cel. Fernando da Gama Lobo, com o regimento de linha de terra, protege-a, esperando o inimigo em Santo Antonio, para demoral-o.

Sem disparar um só tiro, a 26, cae Santa Cruz. Ratonés, encontra-a o inimigo abandonada. Lagôa entrega-se sem um unico disparo. E assim, sem impedimento maior foram avançando os dois mil homens destacados para a tomada da ilha, commandados por Guilherme de Vaughan.

Furtado de Mendonça ainda tentou apresentar alguma resistencia, mas impedio-a o Conselho de Officiaes, que aconselhava a fuga para o Rio Grande. O ultimo gesto de altivez, inutil e tardio, teve o Marechal, recusando a intimação de rendição. Mas, pouco depois capitulava á discreção dos vencedores.

Em tumulto e desordem, desorientadas e apavoradas, tropas e população puzeram-se em fuga para o sul, attingindo São José, a 26.

A 27, a Ilha estava em poder de D. Pedro de Zaballos, que impoz a capitulação incondicional. A Furtado de Mendonça exprobram, então, os officiaes dignos, a sua conducta e recusam-se a assignar o termo da capitulação. Fernando da Gama Lobo quebra as hastes do seu lendario Regimento e rasga as suas bandeiras, para que não caiam em poder do conquistador. José Correia da Silva, alferes do Regimento de Pernambuco, enrola a bandeira do seu regimento á cintura e atira-se pelo sertão, indo entregal-a, seis mezes depois, ás autoridades da sua terra. Assim escaparam estes pavilhões de ir parar á Sé de Bueños-Ayres, para onde foram levadas as bandeiras lusitanas tomadas nesta occasião aos regimentos portuguezes.

Os soldados dos diversos regimentos foram conduzidos para bordo dos navios espanhóes e levados depois para o sul. Os soldados da terra, catharinenses e pernambucanos, quasi todos desertaram, preferindo fugir a se entregar á discreção dos vencedores. Os officiaes

foram presos e posteriormente levados para o Rio de Janeiro.

Fartos foram os despojos arrebatados pelo invasor, que, além de munição e armamentos abundantes, encontrou 75 mil cruzados nos cofres do Governo, gorda recompensa para tão fácil campanha. Si bem que proclamasse Zeballos que não consentiria violencias contra a população, algumas se registraram, inclusive a destruição de um Hospital (238). Todavia, procuraram os conquistadores guardar as leis de guerra, respeitando as propriedades, conservando os archivos e não lançando contribuições de guerra ás populações (239). Apesar, a vida da Capitania tornou-se difficil e desorganizada.

Em São Francisco, registraram-se desordens, com a fuga do Capitão-mór e na Capital o constrangimento era grande. (240)

Do continente, ao Governador de São Paulo, escrevia Furtado de Mendonça cartas que bem revelavam o seu triste estado de abatimento, o seu anniquilamento a catastrophe de que fôra o principal responsavel.

Chegada a esquadra ao Rio, portadora das noticias do ataque espanhol a Santa Catharina, comprehendeu Lavradio o erro em que incorrêra e tardia-mente procurou dar-lhe remedio.

(238) Lucas A. Boiteux — Notas.

(239) J. A. C. — A invasão da Ilha de Santa Catharina.

(240) J. A. C. — A invasão da Ilha de Santa Catharina: "... Todos se julgavam felizes em abandonar seus domicilios e quanto possuiam de mais precioso, com tanto que salvassem as vidas e escapassem á licença que de ordinario soffrem os povos dos paizes conquistados"...

Era tarde. Os espanhóes iam exigindo obediencia e fidelidade das pacificas e ralas populações do litoral sul. Laguna escapou á conquista espanhola graças á actividade de Cypriano de Barros Leme, das forças de Pinto Bandeira, que fôra enviado por De Bohn, com uma duzia apenas de soldados, para reconhecer as progressões do inimigo.

Reunindo os remanescentes do exercito da ilha, que até lá chegaram na fuga, animando e encorajando as populações que se haviam refugiado nos mattos proximos, impedio uma sortida do inimigo na praia da Villa Nova de Sant'Anna onde intimaram os conquistadores lhes fosse a população prestar juramento de fidelidade e obediencia, pondo-os em fuga. (241)

Finalmente, chegou a Liçbôa a noticia da tomada da Ilha pelos espanhóes, causando a mais dolorosa impressão, alem de indiscutivel surpresa o comportamento dos seus defensores. A Pombal mesmo, quando pouco depois veio a cahir em desvalimento, não faltou quem lhe attribuisse a culpa do fracasso das armas portuguezas, tal a maneira pela qual perdurou a lembrança do facto, dizendo-se que ás secretas ordens do grande Ministro se devêra não terem os commandantes da Ilha apresentado qualquer resistencia, entregando-a, assim, de mão beijada, aos castelhanos (242).

Epilogando o triste episodio, Mac Duall foi retirado do commando da Esquadra; Gama Freitas e Simão Rodrigues de Proença morreram na prisão a que foram condemnados perpetuamente; Furtado de Mendonça, infamado e rebaixado de posto. Os chefes militares que não haviam participado do Conselho de

(241) Almeida Coelho — Memoria Historica.

(242) Southey — Historia do Brasil

Officiaes, influenciando sobre o espirito do Marechal para que entregasse a ilha, isto é, os officiaes do Regimento do Porto, de Pernambuco e do Regimento Barriga-Verde, bem como o commandante do forte da barra do sul, foram innocentados e elogiados pelo procedimento exemplar, aliás unico, naquelles dias de fevereiro de 1777.

A 31 de julho de 1778, de accordo com o tratado de paz (S. Ildefonso) firmado entre Portugal e Espanha, das mãos de Henrique de Vaughan recebia o Governo da Ilha e da Capitania o Cel. Francisco Antonio da Veiga Cabral da Camara, retornando assim á Corôa Portugueza a posse da terra que os seus generaes não haviam sabido defender.

Nos 17 mezes de sua occupação, soffreram todavia os dominadores castelhanos hostilidades que não lhes consentiram qualquer repouso sobre os louros da campanha: fizeram-nas os soldados desertores do Regimento Barriga-Verde, que não se conformavam com a situação, vendo a sua terra pisada pelo conquistador (243).



Em 1865, grande foi o enthusiasmo verificado em Santa Catharina por motivo da convocação de voluntarios para a campanha do Paraguay.

Não tardou a formação na Provincia do primeiro corpo de voluntarios, sendo seu organizador Enéas de Barros Torreão, Capitão dos Portos de Santa Catharina, a 8 de janeiro, composto de pessoal matriculado na

(243) Almeida Coelho — Memoria Historica do Extincto Regimento de Infantaria de linha da Provincia de Santa Catharina.

Capitania, quando já a mocidade barriga-verde que estudava na Côrte e a que trabalhava no commercio se haviam offerecido para partir para o Paraguay (244). Pouco depois formou-se um segundo Batalhão de Voluntarios da Patria, tendo os 17 primeiros jovens que se apresentaram jurado bandeira a 20 de janeiro, ante o Presidente da Provincia, Alexandre José Rodrigues Chaves, realizando-se uma tocante e patriótica cerimonia. O primeiro alistado, o jovem Fernando Gomes Caldeira de Andrade, sob palmas entusiasticas da multidão recebeu das mãos daquelle Presidente a bandeira nacional (245).

Muito logo iniciaram-se os necessarios exercicios, emquanto as fileiras do batalhão se iam pejando de jovens oriundos de todas as regiões da Provincia. Vivendo dias de intensa vibração patriótica, as manifestações civicas se succediam, animadas pelas palavras dos grandes tribunos da terra, dentre os quaes se destacava o Padre Oliveira Paiva.

A mulher catharinense quiz contribuir patrioticamente com o seu quinhão e confeccionou, em sêda e ouro, a rica bandeira que cobriria o batalhão de seus filhos e de seus irmãos. Contando 686 voluntarios, incluindo-se neste numero alguns jovens paranaenses, recebeu elle a 21 de abril a sua officialidade e o seu numero, que foi o 25.º. Em julho, finalmente, sob o commando do Cel. Bernardino de Vasconcellos Coimbra, embarcou para o Paraguay, onde, mal chegado, foi dissolvido para que fossem os jovens catharineses completar o effectivo do 31.º Batalhão da Policia do Rio.

(244) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia catharinense.

(245) Laercio Caldeira — Voluntarios da Patria.

Portaram-se valorosamente os moços catharinenses, honrando as tradições de um passado heroico e recobrando de glorias a sua pequenina Provincia. A maioria delles não voltou ao torrão natal, ficando nos campos paraguayos. Voltou, no emtanto, a sua bandeira, á cuja sombra tombaram os bravos jovens (246).

Em março do mesmo anno, 300 praças do Batalhão do Deposito, e mais 200 soldados da Guarda Nacional, na sua quasi totalidade catharinense, já haviam precedido o batalhão da juventude de Santa Catharina. Mais tarde, ante novo appello do Presidente da Provincia, iniciou-se a formação de outro corpo de voluntarios. Rapidamente organizado, acudindo de todos os Municipios grande numero de patriotas, foi este batalhão incluído no 9.º. Das colonias, algumas das quaes de recente fundação, moços colonos incluíram-se no alistamento, tendo Joinville concorrido com 23 jovens allemães, componentes do Club Gymnastico local, commandados pelo Tte. Wilhelm Hoffmann.

Em novembro, partia, por sua vez, este novo contingente, sob o commando do Cel. Joaquim Cavalcanti de Albuquerque Bello.

Esta foi a directa participação das populações catharinenses na lucta com o Paraguay. Provincia pequena, pouco populosa, concorreu com a sua juven-

(246) Conta Lucas A. Boiteux (Notas para a Historia Catharinense) que um Prefeito da Capital, desconhecendo a gloriosa tradição do farrapo historico que fôra a bandeira dos voluntarios catharinenses, despojou-a dos seus cordões de ouro e das suas estrellas para com elles adornar... o bonet dos fiscaes da Camara da Capital! Mal conservada até poucos annos, era conduzida annualmente, a 24 de maio, data da batalha de Tuyuty (em commemoração civica que era costume realizar-se em Florianopolis) por um dos ultimos sobreviventes do glorioso Batalhão. Esta solemnidade, de annos para esta data, deixou de realizar-se.

tude para as fileiras do exercito, attingindo esta contribuição a mais de mil homens.

Por outro lado, grande foi tambem a contribuição da Provincia para as forças regulares do Exercito e da Marinha. Officiaes desta e daquelle, filhos de destacadas familias locais, salientaram-se pela bravura e muitos delles encontraram, tambem, na campanha, morte gloriosa.

Illustre official superior, o Marechal Guilherme Xavier de Souza exerceria, por algum tempo, o commando supremo do Exercito brasileiro.

A gratidão barriga-verde a estes filhos valorosos erigio, na praça principal da Capital da Provincia, um monumento em sua memoria, infelizmente inacabado. (247)

(247) João Thomé da Silva, que foi Presidente da Provincia em 1873-1875, teve a feliz iniciativa de erigir um monumento aos heróes catharinenses mortos na campanha do Paraguay. Apenas iniciadas as obras foi o dito Presidente substituido pelo Visconde de Taunay, que proseguiu as obras. Mas, difficuldades financeiras sobrevindas, impediram a sua conclusão de accordo com o primitivo projecto e para não perder o que já feito estava, deu-lhe então o Presidente Taunay o remate que até hoje apresenta. O arcepreste Joaquim Gomes de Oliveira Paiva em sua Noticia Geral da Provincia de Santa Catharina, reuniu os nomes dos officiaes do Exercito e da Marinha que fizeram a campanha; Lucas A. Boiteux, alem destes, em suas Notas para a Historia Catharinense inclue os nomes de innumerous voluntarios que, em paciente trabalho, conseguiu reunir.

IV

A REPUBLICA JULIANA

29 de julho de 1839. — A pequenina villa de Laguna engalana-se. Naquelle momento a Camara Municipal acabára de declarar o Estado Catharinense “Livre e Independente” e sujeito ao mesmo “systema Republicano Rio Grandense. Com a presença dos vereadores Tte. Vicente Francisco de Oliveira, Domingos Custodio de Souza, Antonio José de Freitas, José Pereira de Carpes, Floriano José de Andrade e Manoel Luiz da Silva Leal, acompanhados do Secretario José Pinto dos Reis, reuniu-se em extraordinario e solenne conclave a Camara da villa sulina, que havia sido occupada uma semana antes pelas forças farroupilhas e, de accordo com as instrucções enviadas em officio por David José Martins — o Canabarro — chefe das mesmas tropas republicanas, officio que foi lido na occasião, proclamára, sob a protecção das armas rio-grandenses, a Republica e o Estado Livre (248).

*

(248) Republica Catharinense — Documentos para a sua Historia — Acta da Declaração da Independencia do Estado Catharinense, providencias para a eleição do Presidente Provisorio, etc... in Revista Catharinense. Vol. I, n.º 7. — José Johanny, A Republica Catharinense, in Rev. Catharinense, Vol. I, n.º 1

Havia tres annos que o gaúcho se lançára nas incertezas de uma campanha cruenta, sujeitando-se a todos os sacrificios, afim de conseguir maior liberdade para o seu rincão nativo. Entre dias de victoria e momentos de revezes, nas alternativas frequentes de um prélio disputado, haviam-se escoado aquelles annos e nelles ia a campanha farroupilha ficando assignalada como uma pagina epica de abnegação e de renuncia, como uma epopéa de sangue e de gloria.

Aquella gente que trazia em si o destemor dos bandeirantes de Laguna, sentira crescer-lhe a audacia no pampa immenso. O ambiente fêl-a aguerrida e forte, nutrindo desamor á vida e idolatria pela liberdade.

Iniquos lhe haviam sido os tempos. A sua Provincia, que tinha ajudado a conquistar á ousadia castelhana, jazia abandonada, carecendo de todos os serviços publicos, sem escolas e sem caminhos, e sujeita a um regimen tributario asphyxiante (249). O gaúcho, apezar, esquecidos os serviços que prestára, victima da ingratição geral, abafava na garganta o grito de rebeldia. A politica regencial, entretanto, centralizando o poder, cerceava cada vez mais a liberdade dos homens livres de São Pedro e, quando este sentio que não eram mais compatíveis, indole e regimen, montou, tomou da lança e passou a guerrear pela sua autonomia, a reivindicar de armas na mão os direitos que se lhe ne-navam.

Decorrente deste anseio de autonomia local surgiu a idéa de secessão, parecendo-lhe que a sua separação do

(249) Othelo Rosa — Separatismo entre os Farrapos, in Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul, Vol. XIV, 4º Trim.

Imperio fosse o unico meio de conquistar a sonhada liberdade. Alimentava-a a politica anti-brasileira do Prata, que envidava esforços para que se accentuasse o separatismo gaúcho. E o farrapo, um maltrapilho, com um ponche e uma lança, mas com um coração e um ideal, funda uma Republica.

Collidia entretanto este espirito separatista, obrigado pelas contingencias da lucta, com o entranhado amor pelo Brasil daquellas populações. Havia uma lucta interior em cada soldado da liberdade, um drama intimo em cada chefe — e o recalçamento embora fugaz e transitorio deste sentimento de brasilidade, palpitante em cada alma, pelo ideal da autonomia ansiado em cada peito, explodia em lances extraordinarios de audacia, para sublimar-se depois na idéa da federação, a formula achada, que justificava o appello ás armas sem a eiva da secessão.

Desfraldando a bandeira separatista e proclamando o regimen republicano democratico, os riograndenses apoiavam as razões pelas quaes o Rio Grande do Sul se separava do resto do Imperio, nas justificativas substanciadas no Manifesto de 29 de agosto de 1838, de Bento Gonçalves (250).

Mas a idéa da Federação dos Estados brasileiros unia-se áquella proclamação de separatismo e esta possibilidade federativa tornou-se obsessão posterior dos espiritos envolvidos na guerra.

“Federalistas muito mais que separatistas, os Farrapos pelejavam pelas liberdades locais” (251) e, assim, nutrindo a esperanza de poderem organizar uma união

(250) Tobias Becker — Os Farrapos em Santa Catharina — in Rev. Catharinense.

(251) Pandiá Calogeras — Formação Historica do Brasil.

de Estados livres e autonomos, atiraram-se á conquista das outras Provincias. O impulso secessionista não poderia durar muito, porque não o alimentava o odio aos demais brasileiros, antes um desejo de cooperação, de união, de federação se encontrava nos chefes farroupilhas. E porisso, mais alto que o anseio republicano falou o sentimento patrio e Canabarro pode responder a Rozas, que lhe havia feito offercimento de auxilio contra os imperiaes, em 1844: “Senhor, o primeiro dos vossos soldados que transpuzer a fronteira fornecerá o sangue com que assignaremos a paz de Piratini com os imperiaes, pois acima do nosso amor á republica está o nosso brio de brasileiros. Quizémos hontem a separação de nossa patria, hoje almejamos a sua integridade...” (252).

*

Santa Catharina contava innumerados partidarios da republica — sem qualquer nódoa de separatismo — não só no litoral mas tambem no planalto.

Laguna tornara-se o centro das sympathias republicanas e alliava-se de coração á causa riograndense. Na terra-mãe, procuraram refugio innumerados elementos do Rio Grande que fugiam ás perseguições dos leaes. Laguna os recbia com carinho e a população abria-lhes os braços hospitaes, com inequívocas manifestações de sympathia. As proprias autoridades não se alheavam a estes sentimentos e manifestavam cuidados com os immigrados. O Juiz de Paz João Thomaz de Oliveira Tavares soecorreu-os com pecunia dos cofres publicos e, pedindo approvações para este acto, ao Presidente da Provincia, affirmava que, si a não

(252) Carta de David Canabarro a Rozas, in Othelo Rosa, Separatismo entre os Farrapos.

obtivesse, de seus proprios haveres tiraria para auxiliar os refugiados (253).

A tropa confraternizava com a população, alimentando os mesmos sentimentos. Em fevereiro de 1836, o Presidente da Provincia, José Marianno de Albuquerque, visitou Laguna e tomou a medida destas attitudes que lhe causavam apprehensões. Maiores lhe deixaria, certamente, a attitude do povo, quando ordenou a formação de um contingente da Guarda Nacional para, com o 2.º Corpo do Exercito ali estacionado sob o commando do Cel. Henrique Marques da Silva Lisboa, encetar marcha para o-sul, á primeira ordem. Recusou-se a população em attender o appello presidencial e a tropa regular com evasivas demonstrou que não estava disposta a seguir. Com isto encheu-se a pequena villa de boatos, a respeito de uma possível sublevação, havendo alarme e exodo das familias.

Interrogado pelo Juiz de Paz da Villa, Francisco de Souza França, o Cel. Lisboa não lhe pode dar garantias de fidelidade da tropa e, ante ás continuas ameaças, vio-se o Juiz de Paz, que era a primeira autoridade da villa, na contingencia de abandonal-a e refugiar-se na Capital. Boletins começaram a surgir, sublevadores, e um mótim premeditado conseguiu-o abortar o Commandante do Corpo, á hora de explodir, sendo então presos alguns officiaes e soldados (254).

(253) José Johanny — A Republica Catharinense.

(254) Foram presos e remettidos para Desterro o Major Patricio de Sepulveda Ewerard, o 2.º Tte. Francisco de Almeida Varella e o 1.º Sargento Luiz Marques (este por haver tentado assassinar o Cel. Lisboa), o 2.º Tte. José Maria Franco e 6 soldados. — José Johanny, A Republica Catharinense; Tobias Becker — Os Farrapos em Santa Catharina.

Em março, as vanguardas republicanas chegaram a Torres, que foi occupada para servir de base a qualquer incursão na Provincia de Santa Catharina. Em abril os imperiaes retomam-na, sob o commando do Capitão Francisco Pinto Bandeira e ainda no mesmo mez volta ao poder dos revolucionarios, que a guarneceram então com 160 homens commandados por José Alves Moreira. Em março o 2.º Corpo do Exercito havia sido recolhido a Desterro, ficando na Laguna apenas a sua 5.ª Companhia. Apesar da proximidade dos rebeldes, esta companhia foi tambem mandada recolher-se á Capital, ficando o sul completamente desguarnecido.

Em Desterro e em São José, não eram menores as sympathias pela causa revolucionaria, contando-se, na primeira, o Juiz de Paz José Antonio Rodrigues Pereira, Francisco Duarte Silva, Pinto da Luz, João Francisco de Souza Coutinho e Joaquim Cardoso; em São José, apontava-se o Cel. Xavier Neves como chefe republicano da Provincia e adcantava-se que até as bandeiras da nova republica já se achavam em seu poder. Na Enseada de Brito, o respectivo Vigario, Padre Vicente Cardoso, era elemento exaltado (255). Todavia, depois do desastre de Fanfa (4 de outubro de 1836), os enthusiasmos esfriaram e calaram-se os exaltados, conservando-se na expectativa, até o resurgimento da campanha dentro dos limites da Provincia, em 1838 e 1839.

José Marianno havia lançado em janeiro de 1836 um Manifesto concitando as populações a conservarem fidelidade ás instituições monarchicas e a se manterem dentro da ordem. Pouca ou nenhuma efficiencia teve.

(255) Historia Catharinense — Episodios — Henrique Boiteux, in Rev. Catharinense, Vol. II, n. 3.

O povo conservou a sua fé e a sua esperança, apesar das alternativas da peleja, esperando confiante e pacientemente a installação do regimen republicano. Dahi o intimo jubilo, em 1838, quando os revolucionarios farroupilhas attingiram Lages, invadindo-a com 1.300 homens sob o directo commando de José Marianno de Mattos, Ministro da Guerra da Republica Riograndense. Deu-se a invasão a 9 de março e dois dias depois a população da villa planaltina ouvia a proclamação da Independencia e da Republica, passando a colaborar com as forças rebeldes. Trataram logo os farrapos de alcançar o litoral da Provincia e sublevar deste modo, totalmente, Santa Catharina. E, enquanto contingentes se preparavam na serra, na sul, uma expedição era entregue ao commando de David Canabarro, encarregando-se Garibaldi da parte do ataque por mar.

Difficil foi sem duvida esta empreza, pois José Garibaldi achava-se com dois lanchões armados, o *Farroupilha* e o *Seival*, "engarrafado" no sacco do Capivary e com a sahida cortada pela barra do Rio Grande, em poder dos imperiaes. Mas, não se impressiona o caudilho com a difficuldade. Acode-lhe a idéa de transportar por terra os dois lanchões e atira-se á empreitada com notavel afinco. Em seis dias apromptaram-se solidas carretas e no setimò repousavam os navios sobre ellas. Era o dia 5 de julho, quando a extranha e impressionante caravana se poz em marcha pelos areiaes gaúchos, vagarosamente. Em sete dias cobriram, as 50 juntas de bois que puxavam cada uma das carretas, as 64 milhas do percurso e, a 11 de julho, mergulhavam a *Farroupilha* e o *Seival* as quilhas nas aguas do Tramandahy. A 14, atravessaram a barra e desfraldaram ao vento do Atlantico o pavilhão de Piratini, fazendo-se de viagem para Laguna. John

Griggs commandava o *Seival*; Garibaldi, o *Farroupilha*. Aquelle, solido e valente, enfrenta e resiste ao temporal que se desencadeia; este, desarvorado, naufraga entre o Mampituba e Araranguá e perde Garibaldi, no naufragio, os seus mais caros companheiros. Com 14 restantes, enceta marcha para Araranguá, afim de reunir-se a Canabarro.

A vanguarda deste chefe, commandada pelo Cel. Joaquim Teixeira Nunes, já se aproximára de Laguna. Anteriormente, Felippe José de Souza Leão, al-cunhado Felippe Capote, descêra de Vaecaria, com um punhado de farrapos. Atravessa o Araranguá, ataca com felicidade o destacamento da Guarda Velha, faz debandar os do Camacho, da Carniça e do Passo da Barra e apresenta-se deante de Laguna, ali conservando-se até 24 de junho, sustentando fogo com os legaes (256).

De Lages, Seraphim Muniz de Moura descêra com pouco mais de uma centena de cavallarianos, tendo a sua columna apoiada por outra commandada por Marcellino Soares da Silva, e'attingido as Laranjeiras, em frente ás Cabeçadas (257).

Iam assim convergindo sobre Laguna as forças republicanas e o *Seival* já se achava na Lagôa do Camacho.

Entretanto, o Governo providenciára para a manutenção da praça. Forças de terra, commandadas pelo Cel. Villas Bôas, do Exercito e da Guarda Nacional, esperavam os farrapos dispostas para a lucta. Os

(256) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

(257) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

navios imperiaes *Itaparica* e *Cometa* se encontravam no porto, reforçados pelos lanchões armados em guerra *Lagunense*, *Santanna* e *Catharinense*.

Mas a bravura dos rebeldes vinha sendo abençoada pela fortuna.

Ao apontarem os republicanos á praia da Barra, a *Itaparica* e a *Lagunense* hostilizam-nos com as suas baterias. O *Seival*, ao mando de Garibaldi, acode, de um para outro lado, os pontos de combate. A noite desce — 21 de julho — sem vantagens para os republicanos ou imperiaes. Todavia, chega a força de Canabarro, o grosso da columna, e na manhã seguinte, mal desponta o dia, recomeça a lucta. Garibaldi sobe o rio Tubarão, procurando sempre apoiar a força de terra. Sae-lhe á frente, no entanto, o lanchão *Imperial Catharinense*, ao mando de José de Jesus, lagunense ao serviço das armas legaes, nas proximidades da Carniça. Trocam o fogo das suas peças, engaja-se o combate. De terra, onde se haviam entrincheirado, os rebeldes do cabo Manoel de Castro Oliveira hostilizam o lanchão. A *Lagunense* attende ao combate, vindo em socorro de José de Jesus, mas cae em poder de Garibaldi. Então, José de Jesus não hesita. Abre o costado do seu lanchão, atea-lhe fogo e com seus homens embrenha-se pela matta, indo apresentar-se na Capital dias depois, sendo incluído na esquadrã legal de Mariath (258).

Prevenido Villas-Bôas da marcha das operações, e achando que não poderia offerecer resistencia, ordena a retirada e põe-se em marcha para o norte. Da pequena flotilha que defendia Laguna, apenas o *Cometa* consegue sahir da barra e levar a João Carlos Pardal,

(258) Henrique A. Boiteux — Historia Catharinense — O 2.º Tenente José de Jesus, in Rev. Catharinense.

que era no momento o Presidente da Provincia, a noticia dos acontecimentos. A *Itaparica* e a *Santanna* encalharam e o commandante da primeira, Tte. Alves Branco, ao aceitar a rendição, fez questão de que constasse que a aceitava não por covarde, mas porque o seu navio estava encalhado e não se sentia obedecido pelos seus subalternos.

Custou a occupação de Laguna um soldado aos farrapos e 17 aos legaes. Setenta e sete prisioneiros, inclusive 5 officiaes fizeram os republicanos neste dia, 22-de julho, data da tomada da pequena villa de Brito Peixoto.

A chegada dos rebeldes fez renascer velhas e adormecidas esperanças nos lagunenses. O mesmo carinho acolhedor que encontraram annos antes os refugiados, apresentava-se agora aos conquistadores. Tanto mais profunda satisfação poude causar, em Laguna, o facto, e em outras partes a noticia d'elle, entre os velhos republicanos, quantos desgostos vinha causando a permanencia de João Carlos Pardal á frente do Governo da Provincia, homem que em pouco tempo conseguira malquistar-se e tornar-se impopular em Santa Catharina.

O planalto continuava dominado pelos rebeldes. Um decreto de Pardal, de 4 de abril, bloqueava o Municipio de Lages, prohibindo qualquer commercio com elle. Mas a fronteira gaúcha continuava aberta para elle e novos destacamentos haviam, a pedido dos proprios lageanos, subido de Vaccaria, ao mando dos caudilhos Antonio Ignacio e Prestes (259).

(259) Republica Catharinense — Documentos para a sua Historia — Da collecção do Sr. Capitão de Mar e Guerra Henrique Boiteux — in Rev. Catharinense, Vol. III, n. 2.

Bento Gonçalves, não havia muito, endereçára, de Caçapava, um *Manifesto* aos lageanos, concitando-os a formarem com os republicanos e a se declararem pelo novo regimen. O illustre chefe farroupilha terminava, talvez com alguma vaidade, no dito manifesto, por perguntar aos lageanos: “Que podeis receiar, contando-nos e aos nossos alliados, no numero dos vossos amigos?” (260) Em Laguna, agora, Canabarro dispunha sobre a nova organização e tomára as providencias de tal modo que, a 29 de julho de 1839, se proclamava a Republica Juliana.

•

Proclamada a Republica, trataram os revolucionarios de lhe dar a necessaria organização, suggerindo Canabarro á Camara marcar para logo as eleições do Presidente e do Ministerio.

A 4 de agosto, fazia-se a inscripção dos eleitores, de accordo com a lei imperjal (cada cem fogos daria um eleitor); a 6, organizava-se a mesa que presidiria ás eleições e, a 7, estavam escolhidos os dirigentes da nova Republica. Na manhã desse dia, o Padre Villela de Araujo rezou solemne missa, assistida pelos chefes republicanos, pelos eleitores da Parochia e por grande numero de pessoas. O jubilo era manifesto e o entusiasmo grande. Da Matriz, após a oração sacra pronunciada pelo celebrante, dirigiram-se os eleitores, acompanhados de grande massa popular para a Casa da Camara, procedendo-se então á eleição. Para Presidente da Republica foi escolhido o Cel. Joaquim Xavier Neves, de São José, por 17 votos, contra 4 dados

(260) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

ao Padre Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro, da Enseada de Brito.

Resolvera-se que o Ministerio seria tambem, democraticamente, eleito directamente pelo povo e, como faltasse legislação a respeito, aos cidadãos locais de influencia e posição social foi entregue a missão de proceder á escolha dos Ministros. Compareceram 171 eleitores e foram suffragados os nomes de Antonio José Machado, Vicente Francisco de Oliveira, José Pacheco dos Reis, João Antonio de Oliveira Tavares, Antonio Claudino de Souza Medeiros e Padre João Jacintho de São Joaquim, parcho do Tubarão, além de outros nomes menos votados. A 2 de setembro, tomava posse este Ministerio (261).

Entretanto, a Joaquim Neves havia sido enviado, por intermedio do Cel. Teixeira Nunes, o diploma de Presidente da Republica Juliana, passado pela Camara Municipal, e não tendo sido possível fazel-o chegar ás mãos do eleito, trouxe-o de volta, aquelle portador e Canabarro lembrou então a conveniencia de empossar o Padre Vicente, na qualidade de Vice-Presidente, até que fosse a Xavier Neves possível reunir-se aos seu companheiros de ideal. Convocado, o Padre Xavier, apesar dos seus annos, abala-se da Enseada de Brito e, a 28 de agosto, chega a Laguna, tomando posse do cargo de Presidente.



Emquanto os homens luctavam e arregimentavam as forças da nova Republica, organizavam-lhe os negocios, regulavam a sua vida e alicerçavam as instituições, subvertendo a vida tranquilla de Laguna — na Barra, cujas casinhas na encosta do morro domina-

vam a pequena flotilha de Garibaldi, começa o primeiro capitulo de um romance de amor que se transformaria em longa e soffredora epopéa: — José Garibaldi e Anna de Jesus Ribeiro. .

Elle, o farrapo destemido, barbado, vigoroso, um caudilho, um aventureriro. Ella, Annita, filha de Bento Ribeiro da Silva e de Maria Antonia de Jesus — uma jovem cabocla, bella e de temperamento ardente. Elle amou-a porque ella era bella e simples; ella, porque elle era valente e audacioso. Ao romance se oppunham o pae della e o matrimonio contrahido com Manoel Duarte — mas Annita, apaixonada, não hesitou em abandonar o lar para jogar-se á aventura com o farrapo, donde deveria sahir, com elle, para a immortalidade.



Menos poeticos, certamente, corriam os dias no Desterro.

A 15 de agosto, por via de um forte vento sul, desembarcava na Praia de Fóra o General Francisco José de Souza Soares de Andréa, que viria a ser mais tarde Barão de Caçapava, que fôra nomeado Presidente da Provincia e que era o pulso de que necessitava o Governo para restabelecer a ordem em Santa Catharina. Precedia-o a fama de rispido e energico, despotico e atrabiliario, fama adquirida nas diversas e espinhosas missões de confiança que lhe destinára o Governo.

—“Tire o chapéo, que sou o General Andréa, Presidente da Provincia”, foi a primeira ordem que deu ao primeiro transeunte que encontrou, ao pisar a terra catharinense. E não tardou que a irreverencia popular, sempre alerta, o baptizasse de “*Tio Chico*”.

No mesmo dia da sua chegada, visitou quartéis e fortificações e no seguinte tomou conta da Presidencia. Fez desmbarcar 400 praças que o acompanharam na viagem e immediatamente começou a inutilizar a influencia dos elementos republicanos que existiam na Capital e na Provincia.

Ao Juiz de Paz José Antonio Rodrigues Pereira offereceu a alternativa: “ou um par de machos a bordo — ou a conclusão da comedia”! (262)

Francisco Duarte Silva e João José da Costa seguiram para o Morro dos Cavallos, onde o Cel. Villas-Bôas tinha suas tropas, preferindo a companhia deste militar no seu posto avançado á permanencia no porão de um navio de guerra.

Não tardou que Andréa mandasse chamar a Palacio o Cel. Joaquim Xavier Neves, a quem recebeu com um abraço, informando:

—“Mandei buscal-o para lhe transmittir um especial abraço que lhe manda o Regente em nome de S. M. o Imperador. Não posso atinar o motivo. E, agora que o tem, digo-lhe: a sua cabeça responderá por qualquer tentativa de subversão que se dér nesta cidade. Dou-lhe por menagem” (263).

Ia assim Andréa limitando a acção dos revolucionarios, reduzindo-a ao minimo, ao mesmo tempo que, ganhando a sympathia da população e infundindo-lhe merecido respeito, pela nobreza das suas attitudes. Violento ou não, atrabiliario ou despotico, fosse o que fosse, Andréa, tendo podido, com os poderes de que vinha revestido, usar de força ou violencia, preferio

(262) Henrique Boiteux — Historia Catharinense, Episodios, in Rev. Catharinense Vol. II n. 3.

(263) Idem.

o verniz da diplomacia com que escondia a sua disposição de agir mais energicamente contra os recalitrantes. Não descia á mesquinhez das delações e das espionagens. A certa pessoa que lhe levára a relação de todos os republicanos da Provincia, queimando a lista, disse: — “Eis que estão agora queimados os seus *farrapos...*”

Sabedor da energia com que Andréa passaria a agir, afim de fazer evacuar da Provincia o elemento rebelde, e mesmo que não hesitaria ante qualquer violencia afim de, em tempos tão anormaes, desincumbir-se da missão que lhe fôra confiada, Joaquim Xavier Neves não poderia ter recebido com satisfação a noticia da sua eleição para Presidente da Republica, noticia mais comprometedora do que a propalada historia das bandeiras que já teria em seu poder. Ficou o chefe politico de São José bastante contrariado e, por causa daquella escolha em tão má hora divulgada, temendo qualquer violencia, quiz transferir a sua residencia para Paranaguá (264).

Longe de exercel-a, Andréa começou a distinguir o Presidente eleito da Republica Juliana com a designação para commissões, ás quaes Neves sem se tornar suspeito não poderia recusar, e assim foi inutilizando o prestigio republicano do mesmo e o incompatibilizando para o cargo com que o distinguira o voto dos eleitores farroupilhas de Laguna.

Acabou fazendo d'elle um amigo dedicado e, em 1840, ao passar o governo a Antero de Brito, informava Andréa que havia o Cel. Xavier Neves prestado

(264) A Republica Catharinense e o Municipio de São José — Das Memorias do Cel. Bonifacio Caldeira de Andrade, in Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. de Santa Catharina, Vol. II.

bons serviços á sua administração e ser de inteira confiança, razão pela qual o nomeára chefe da Guarda Nacional de São José (265).

Com esta politica energica e principalmente habil, o novo Governador de Santa Catharina poude livrar do seu caminho os primeiros obstaculos e passou então aos preparativos militares afim de expulsar da Provincia os rebeldes.



Os primeiros Decretos do Governo da Laguna datam de setembro: Canabarro foi promovido a General do Exercito Catharinense (Dec. n.º 1, de 5 de setembro); Laguna foi elevada á categoria de cidade (Cidade Juliana de Laguna) e a Capital Provisoria do Estado (Dec. n.º 2, do dia 10), com o seu porto franco ao commercio de todas as nações (Dec. n.º 3). Instituiu o Governo as côres da nova Republica, que ficaram sendo o verde, o branco e o amarello, (Dec. n.º 4) e incluiu como parte integrante do novo Estado Livre o Municipio de Lages (Dec. n.º 11, do dia 17). Ficaram abolidos os impostos sobre o commercio do gado e sobre a industria pastoril (266). A esse tempo, Garibaldi preparára alguns navios para a guerra: o *Rio Pardo*, capitanea, sob o seu commando, o *Caçapava*, commandado por Griggs, o *Seival*, a *Itaparica* sob o commando de José Henriques. Em meados de outubro, recebeu o chefe da esquadra juliana ordens de se fazer ao largo "para atacar as bandeiras imperiaes que cruzavam a costa do Brasil". A '20 daquelle mez,

(265) Administração de Santa Catharina em 1840 — Rev. Catharinense, Vol. II, n. 11.

(266) José Johanny — A Republica Catharinense.

Garibaldi sahia barra afóra, para o corso, levando já, sobre o convez do *Rio Pardo*, a famosa Annita, que abandonára a casa para acompanhal-o á lucta e á gloria.

As forças de terra, commandadas por Teixeira Nunes, logo após a quéda da Laguna, haviam avançado sempre, sem menores contratempos e, tomada Garopaba, haviam acampado em Massiambú, nas proximidades do forte Araçatuba, que tambem se revoltou e adherio á causa republicana, sendo assassinado na occasião, por seus commandados, o Tte. Pedro Fernandes Ortunho (267).



Ia começar a phase decisiva da lucta. Andréa dispunha as tropas e organizava novos contingentes. Na Capital, reunira um batalhão de 500 jovens e, pouco depois, na Serra, conseguia organizar outro, sendo que na Colonia de São Pedro de Alcantara tambem se recrutou gente. Vinte pequenos navios, commandados por Frederico Mariath, já se encontravam promptos para entrar em acção.

A 27 de setembro, inicia-se a mesma e já contaram nesse dia, os imperiaes, para as suas armas, a primeira victoria, expellindo os rebeldes de Massiambú. A acção desenvolveu-se no mar e em terra, sendo commandante das forças de terra o Cel. José Fernandes dos Santos Pereira e das maritimas o proprio Commandante Mariath, com os seus navios *Cometa*, *Camarão*, *1.º de Abril*, *Dois Irmãos* e varios lanchões pequenos. Na ponta da Pinheira, dois esquadrões da cavallaria republicana atacaram as forças que desembarcavam dos

(267) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

navios, enquanto José Fernandes avançava sem ser hostilizado e horas mais tarde poudo entrar na pelega, decidindo o resultado da lucta, levando por diante os dois esquadrões que se defendiam bravamente, mas que não puderam resistir ao impeto das forças imperiaes e ao seu numero. Resultou assim, favoravelmente aos legaes, o primeiro encontro havido entre as forças adversarias (268). E, sempre acossados pelos homens de José Fernandes, recuaram os farrapos de Massiambú para o Embaú, deste, a 17 de outubro, para Garopaba, e finalmente, desta para Laguna, onde se travaria o derradeiro combate, o mais cruento e disputado.



Garibaldi, entretanto, com os seus tres pequenos navios, sahira ao encontro das bandeiras imperiaes que cruzavam o sul do Brasil. Não demorou o encontro e o *Rio Pardo* vio-se atacado pelos navios legaes, sem poder sustentar o combate, por se ter afastado o *Caçapava*, devido á cerração, e porque uma das peças do *Seival* se inutilizára. Arriba a Imbituba. Mas, no dia 4 de novembro, surgem nas proximidades deste porto a *Andorinha*, a *Bella Americana* e o *Patagonia*, da frota de Mariath, e trava-se o combate entre elles e o *Rio Pardo*, apoiado por uma bateria de terra, organizada com canhões do *Seival*. As perdas que então soffre o republicano são notaveis, mas mesmo assim mantem os imperiaes á distancia. A cada bordada, despejam estes sobre o convez do pequeno barco farroupilha o

(268) Republica Catharinense — Documentos para a sua Historia. Da collecção do Sr. Capitão de Mar e Guerra Henrique Boiteux.

fogo das suas peças. Uma saraivada de ferro e fogo varre de instante a instante a trincheira de Garibaldi. Annita sobre o convêz do *Rio Pardo*, de carabina em punho, bate-se com o denodo do mais valente soldado. Uma granada, batendo de encontro á amurada do navio, joga-a ao chão. Acode o condottiere e implora que se guarde ella e se refugie no porão. E a jovem lagunense desce e, momentos depois, traz á sua frente dois ou tres marinheiros, que temerosos se haviam abrigado ali, atirando-se novamente á peleja.

Desce afinal a noite e Garibaldi lança sua cartada: illude a vigilancia adversaria, rompe a linha da sua guarda e, na manhã seguinte, acolhe-se a Laguna, onde encontra, já abrigada, a *Caçapava*.



A derradeira cartada ia ser jogada.

Mariath reúne a sua esquadra em Imbituba, arvorando o seu pavilhão na *Eolo*, enquanto o Cel. Fernandes Pereira reunia as forças de terra na Villa Nova. Terminados os preparativos, investem todos sobre a Capital da Republica Juliana.

Em Itapirobá, Canabarro á frente do exercito republicano, composto de cerca de 1.200 homens, aguardava o imperial; em semi-circulo, defendendo a entrada da barra da Laguna, as insignificantes unidades da esquadra garibaldina: *Itaparica*, *Seival*, *Rio Pardo*, *Caçapava* — e os leões que a tripulavam: Griggs, José Henriques, Garibaldi, Annita. Ao alto, o pequeno forte da barra a apoiar a acção da flotilha.

E, em terra e no mar, travou-se a peleja, engajou-se o combate.

“O combate foi o mais mortifero e horrivel que se poderia imaginar”, diz Garibaldi na suas *Memorias*.

Para preservar Annita do fogo cerrado, envia-a a Canabarro, a pedir soccorro, esperando que este a retivesse. Mas o General já vinha recuando e Annita volve para junto de Garibaldi e não treme nem se apavora ante o inferno que arde a seus pés. A fuzilaria era intensa. “Um verdadeiro açougue de carne humana: caminhava-se sobre cabeças separadas do tronco e a cada passo tropeçava-se em membros dispersos. O commandante da *Itaparica*, José Henriques, jazia no meio de dois terços da sua equipagem: uma bala lhe tinha feito no peito um buraco capaz de deixar passar um braço. O infeliz John Griggs tinha o corpo partido em dois, por um tiro de metralha recebido á queima roupa. O busto ficára de pé, no convez da *Caçapava* com o rosto intrepido, ainda purpureando pelo ardor do combate, mas o resto do corpo mutilado” (269).

Ha lances de bravura de lado a lado. A pressão dos imperiaes é grande. Canabarro vae cedendo terreno e o combate naval tambem está a decidir-se. Cumprindo ordens, Garibaldi e Annita começam a transportar para terra, numa fragil canôa, os armamentos e munições de que dispunham os navios, sob vivo fogo da esquadra de Mariath. Aquelles resistem e resiste o forte da barra á impetuosidade dos legaes. Mas logo começam a ceder. As embarcações atacantes começam a penetrar a barra. Garibaldi lança fogo á *Itaparica* e, quando esta ia ser tomada á abordagem, explode, levando pelos ares os corpos mutilados dos defensores da Republica Juliana. Durou tres horas a refrega e

(269) *Memorias de Garibaldi*, citadas por Henrique Boiteux, in João Henriques, *Revista Catharinense*, Vol. I, n. 3.

a fuga dos republicanos epilogou a épica tomada da Laguna. Às cinco horas da tarde, a esquadra de Mariath entrava a barra e deitava ferros no Magalhães, ao mesmo tempo que as forças de terra entravam pelo lado opposto da cidade.

Era o dia 15 de novembro de 1839. Marcou elle o fim da Republica Catharinense.

*

Profundo desgosto lavrava já em Laguna contra os revoltosos sulinos. A republica, antes de vencida, já estava desmoralizada no conceito dos homens de bem da Laguna, desacreditada aos olhos dos proprios republicanos mais ardorosos e exaltados. “A cordura dos primeiros tempos das forças rio-grandenses fôra transmudada em continuos actos de orgulho, de desrespeito, de atrocidades, desgostando immensamente a população, determinando o afastamento dos mais sensatos e prudentes e a repulsa dos mais exaltados dos republicanos catharinenses”(270).

Com effeito, os catharinenses de Laguna ansiavam “desilludidos dos seus sonhos de democratas, pela retirada das forças rio grandenses” e “os desatinos e massacres ordenados por Canabarro chegaram ao auge” (271). Imaruhy, á sua ordem, foi saqueada (7 de novembro) e alguns republicanos dignos, José Pinto dos Reis, Francisco Barreiros, Padre Villela de Araujo, alem de outros, foram assassinados fria e barbaramente. O Padre Villela de Araujo foi castrado pelos soldados farroupilhas. Canabarro tornára-se um

(270) José Johanny — Republica Catharinense.

(271) José Johanny — Republica Catharinense.

despota; os seus officiaes procediam duramente e de maneira ultrajosa; a sua soldadesca vivia procedendo rapinas, maus tratos e vexames de toda a ordem contra uma população que tão bem havia recebido as hostes republicanas. Tudo contribuia para que as sympathias pelas causa se alienassem (272). A' primitiva sympathia, substituiu, agora, o pavor e o desprezo.



Tiveram os farrapos para mais de cem baixas no cruento combate da retomada da Laguna, contando os legaes, segundo a parte do combate de Mariath, 17 mortos e 38 feridos.

Depois da quéda da cidade Juliana, os remanescentes das hostes farroupilhas procuraram o caminho de Lages. A 14 de dezembro, no passo de Santa Victoria, sobre o Pelotas, Garibaldi e Teixeira derrotam as forças do Cel. Francisco da Cunha Xavier, que encontra a morte no combate, chegando a columna revolucionaria a Lages. Em janeiro de 1840, ás margens do Marombas, no Campo das Forquilhas, os legaes a mando do Cel. Antonio de Mello e Albuquerque tomam revanche, desbaratando as forças farroupilhas. Annita cae prisioneira nesse combate, mas consegue evadir-se e interna-se com o intrepido Garibaldi pelas coxilhas sulinas, revelando em todas as horas a mesma coragem, o mesmo valor, a mesma dedicação e alimentando sempre o mesmo grande amor. Já no Rio Grande dá á luz o seu primeiro filho. Até 1842, conserva-se no Rio Grande, sempre luctando e soffrendo, passando nesse anno para Montevidéo, onde se casa com o heróe italiano.

(272) Henrique Boiteux — A heroína catharinense Annita Garibaldi.

Pobres em extremo, a lucta agora é para a manutenção do lar. Em 1847, parte Annita para a Italia, com tres filhos, e no anno seguinte Garibaldi segue a encontral-a.

Depois, a campanha na Italia que consagraria a filha de Santa Catharina heroína dos dois continentes, o seu martyrio, a sua morte e a sua glorificação.

Sobreviveu-lhe Garibaldi para chorar a compa-nheira decidida e amorosa. "Annita conheceu-me na desgraça e naufrago, e mais do que por meu merito por minha desgraça se prendeu e a desgraça nos unio para sempre. Unica no mundo, que hoje choro e choro-rarei toda a minha vida!" (273)

Terminára a aventura farroupilha em Santa Ca-tharina.

Findára a Republica Juliana.

*

O *Seival*, lanchão que assistio em seu convez á lucta desesperada dos bravos e se molhou do sangue dos heróes, ficou encalhado á praia de Laguna. Mais tarde, curaram-lhe as feridas da guerra. Mas perdeu a nobreza e o nome. Do *Seival*, lanchão de guerra, fizeram o hyate mercante que recebeu a denominação plebéa de *Garrafão*. Depois, os annos o inutilizaram e sobre a praia esqueceram-no. Os ventos do sul lhe traziam os rumores de novas guerras, de novas luctas, de novos prelios e passavam pelas suas frestas murmurejando saudades incomprehensíveis. E foi assim apodrecendo, aos olhos de toda Laguna, a reliquia da guerra que lhe immortalizou o nome. Por fim, restava

(273) Carta de Garibaldi, in Garibaldi na America — Annita Garibaldi.

apenas a sua carcassa, o cavername apodrecido. Um dia, dentre as juntas de duas vigas, brotou a folha medrosa de uma figueira brava. Brotou e cresecu. E o povo da terra Juliana sentio enternecer-se-lhe o coração, vendo reflorir a reliquia abandonada. E foi então buscar a pequenina arvore, transplantando-a para o jardim principal da cidade, numa tocanté cerimonia civica de recordação á epopéa gloriosa.

Lá está, ainda hoje, a figueira brava, a *Arvore de Annita*.

Quanto ao *Seival*, continuou abandonado, desfazendo-se em pó, até que, uma noite illuminou os ceus de Laguna o clarão de um incendio: um patriota qualquer ateara fogo á sua carcassa, apiedado do seu triste destino.

O PERIODO REPUBLICANO

A Republica viéra encontrar a Provincia, como já se vio, politicamente agrupada em torno de dois grandes Partidos, tradicionaes já na vida barriga-verde. Das fileiras destas agremiações partidarias haviam sahido, em opportunidades varias, nomes que se evidenciaram na politica nacional e sobre os quaes re-cahira a escolha para a composição de varios Ministerios. Jeronymo Coelho assentou-se por duas vezes nos conselhos da Corôa, como Ministro da Guerra e da Marinha, em 1844, do Gabinete Macahé, e como Ministro da Guerra do Gabinete Araujo Lima, em 1857. Silveira de Souza occupou a pasta dos Estrangeiros, em 1866, no gabinete chefiado por Zacharias, e Manoel da Silva Mafra, a da Justiça, em 1882, no gabinete Martinho de Campos. (274) As memoraveis campanhas em que os dois Partidos se envolveram, na Provincia, demonstravam inequivocamente a pujança das suas organizações, o prestigio que haviam entre as populações.

(274) Rodolpho Baptista de Araujo — Notas Historicas, Ministros Catharinenses, in Revista Catharinense. Além destes, occupou, em 1831, a pasta da Justiça o Cons. Manoel José de Souza França, lagunense, que, entretanto, não era elemento ligado á politica barriga-verde e sim á fluminense.

O Partido Republicano era ainda de pequena projecção, formava-se da reunião de clubs ligados pelo mesmo sentimento e pela mesma ideologia e até então pudéra fazer apenas uma Camara Municipal. Compunha-se da mocidade, principalmente, e os acontecimentos de 15 de novembro fizeram com que sobre elle viessem recahir, dali por deante, as responsabilidades da direcção politica do Estado. A estes elementos não tardou, entretanto, que se viessem ajuntar outros, soldados dos velhos partidos monarchicos, que adheriram á causa republicana, engrossando assim as fileiras do novo Partido e vindo para elle com o nobre interesse de servir ao Estado, prestando-lhe os serviços que elle reclamava dos seus homens. Alguns, apenas, continuaram fiéis ao antigo regimen, retirando-se da vida publica.

Si se observar, então, a evolução politico-administrativa do Estado, durante o espaço de tempo que vae da proclamação á revolução de 1930, periodo que se denomina hoje — a republica velha — poder-se-á distinguir tres nitidos periodos: o primeiro, de accommodação ao novo regimen, verdadeira phase de organização, conturbada não raramente pelas agitações resultantes da propria mudança profunda por que vinham de passar a politica e a administração. O aproveitamento dos poucos elementos existentes em diversos cargos representativos, prejudicou, pelas frequentes passagens de governo, a obra administrativa, registrando-se o mesmo erro que se aponta no periodo imperial. Dura até á renuncia de Lauro Müller, em 1891, premido pelos acontecimentos que culminaram com o afastamento de Deodoro do poder.

O segundo periodo, que se lhe segue, dura da renuncia do primeiro Governador catharinense até 1894,

tres annos agitados pela politica, convulsionados pela revolta, torvos pelas perseguições continuas, annos que trouxeram e fizeram perdurar por muitos outros o travo amargo do rancor politico.

Cessada a revolução, apagadas as ultimas labaredas revolucionarias com o sangue dos martyres, inicia-se, com Hercilio Luz, o terceiro, longo e duradouro periodo, inicialmente de reconstrucção, depois de franco progresso, que vae até os albores de 3 de outubro de 1930. Foi neste periodo que se apagaram paulatinamente, da memoria do povo, as recordações da tragedia vivida nos dias da revolta federalista e a lembrança dos dias tormentosos que se succederam á occupação legal de Santa Catharina e que poude, então, entrar o Estado na sua verdadeira phase de reconstrucção e de indiscutivel reflorescimento. Succederam-se, uns aos outros, optimos governos, apezar de se ter verificado, por duas vezes, scisões na politica dominante, representada pelo Partido Republicano Catharinense.

Teria o Estado conhecido, alem de tudo, uma phase de completa tranquillidade, si a campanha do Contestado não tivesse conflagrado os seus remotos sertões. Embora a lucta se não tivesse extendido alem daquella zona, pouco povoada, interessando uma ou outra população mais densa, novamente a gleba catharinense manchou-se do sangue irmão e viveu a alma barriga-verde novas horas de ansiedade e de angustia.

Terminada a campanha, pela acção conjuncta do Governo Federal e dos governos estadoaes de Santa Catharina e Paraná, nenhum resquicio da lucta ficou, deixando fêl na recordação dos annos que durou. Não fôra a campanha o desencadeamento brutal de con-

flictos partidarios, não tivéra o sopro da politica a animar a chamma da discordia e nascera apenas do fanatismo do sertanejo inculto, manejado com habilidade pelos caudilhos conhecidos e apparecidos no momento. A bravura do jagunço, que se batia por um ideal religioso, numa verdadeira explosão de sentimento mystico, quasi fez da lucta do Contestado uma nova Canudos, tal a resistencia apresentada que exigio frequentes expedições para poder, afinal, ser dominada. Vencidos pela força e pelo exgotamento dos proprios recursos, não havia vingança a cevar, não se verificou o tenebroso ajuste de contas que constituiu, nas outras luctas, o epilogo sangrento e barba-ro. Tratou-os, aos jagunços, o Governo, como extra-viados, e procurou dar-lhes melhor destino. Nenhum odio perdurou. Pode assim o Estado continuar, sem odios entre irmãos, a desfructar os bons governos que, por sua vez, estimulavam por todos os modos o desenvolvimento das energias das populações, afim de que um grau mais elevado de aperfeiçoamento fosse attin-gido.

Com Felipe Schmidt riscaram-se as definitivas di-
visas do Estado, celebrando-se com o Estado do Para-
ná o Accordo, passando então para o dominio catha-
rinense 28 mil kilometros quadrados de terras, até ahi
sob a jurisdicção do visinho do Norte.

A organização administrativa do Estado foi at-
tingindo aos poucos uma situação de invejavel su-
perioridade, com o aproveitamento de todas as acti-
vidades productivas e com a realização dos mais uteis
serviços, que conduziram a um accrescimo das rendas
publicas e a um desenvolvimento regular da economia
particular.

Progredindo e trabalhando sempre, o povo catharinense sentia-se feliz. Porisso embora acompanhando os anseios geraes de melhora politica não interessou directamente ás populações do Estado a revolução de 1930.

Encontrou este movimento reduzido apoio popular, e não o mesmo entusiasmo das massas que vinha encontrando em outras regiões, ficando Santa Catharina insulada entre o Rio Grande e o Paraná, dominados ambos pela vibração revolucionaria. Póde-se dizer que Santa Catharina não fez a Revolução: — assistio-a.



Substituindo á Junta do Governo Provisorio, que a 17 de novembro recebera das mãos de Oliveira Bello a Presidencia do Estado, no mesmo anno de 1889, a 2 de dezembro, assumio a direcção de Santa Catharina o Tte. Lauro Severiano Müller, nomeado dias antes. (275)

Já haviam passado as horas incertas do novo regimen. Á natural curiosidade das populações, em torno dos acontecimentos que se passavam na Capital do paiz, á ansiedade por noticias menos laconicas do que aquellas que chegavam a Desterro, iniciadas pela da deposição do Gabinete Ouro Preto, a toda confusão dos primeiros instantes, succederam confiança e tranquillidade, tornando-se clara e definida a situa-

(275) A Junta do Governo Provisorio ficou constituída dos Srs. Cel. João Baptista do Rego Barros, Commandante do 25.º Batalhão; dr. Alexandre Marcellino Bayma, cirurgião do Exercito; e pharmaceutico Raulino Julio Adolpho Horn. — Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

ção com as da proclamação e do banimento da Família Imperial.

As cogitações passaram então para o terreno da politica estadual, mal definida nas primeiras horas. O Club Republicano do Desterro reuniu-se e organizou então a Junta Provisoria que afinal assumio, a 17 de novembro, o governo.

Ha ainda a referir que, ás primeiras noticias da quéda do Gabinete Ouro Preto, dava-se como successor deste o Conselheiro Gaspar da Silveira Martins, que justamente passava, a bordo do *Rio Pardo*, pelo porto do Desterro. Maior tornou-se porisso a confusão quando se soube que, daquelle navio, passara o Conselheiro, preso, para o quartel do 25.º. Só as posteriores noticias da quéda do throno vieram pôr termo á natural preocupação das populações, ante os acontecimentos que se desenrolavam na Capital do paiz. Constituido assim, no Club Republicano Esteves Junior, o triumvirato que deveria receber, de Oliveira Bello, o Governo, a 18 de novembro tomou o mesmo posse perante o Conselho Municipal, reunido especialmente para isso pelo seu Presidente, Cel. Elyseu Guilherme. Nesse mesmo dia, o Partido Conservador adheria ao regimen republicano. Nenhum obstaculo oppoz a população á installação da republica e apenas um motim insignificante, sem repercussão maior, perturbou, em a noite de 19, a tranquillidade da Capital. Provocado por meia centena de praças do 25.º Batalhão, commandadas por um cabo, registrou-se a sedição depois de uma festa realizada no Club Esteves Junior. Obrigaram os amotinados o major Santos Dias, daquelle unidade, a empunhar a bandeira nacional e esperaram que a banda de musica do batalhão

regressasse da referida festa para obrigar-a a acompanhar a passeata que organizaram, em que se vivava o regimen deposto. Facil foi ás autoridades, auxiliadas pela propria força do Exercito, da Policia e por civis, dominar o motim.

Resultou um morto e três feridos do encontro entre amotinados e autoridades, mas fóra estas perdas, nenhuma outra consequencia teve a manifestação restauradora e outra difficuldade não se registrou na implantação do novo regimen. Os Municipios foram adherindo ao governo empossado. Paraty, a 18; Laguna, Blumenau, Joinville e São Francisco, a 25; Itajahy, a 26; Tijuca, a 27. Outra adhesão valiosa se pode contar no dia 21: a do Partido Liberal.

Foi com o Estado assim integrado já na nova ordem politica que Lauro Müller recebeu o Governo, como se disse, a 2 de dezembro, e nelle permaneceu até novembro de 1890, quando partio para o Rio de Janeiro, como Deputado eleito á Constituinte.

As eleições de 1890 processaram-se num ambiente de ordem e respeito, tendo os velhos elementos monarchicos procurado influir sobre o resultado do pleito que afinal se apurou como uma brilhante victoria dos republicanos. Raulino Horn, Luiz Delfino e Esteves Junior foram eleitos senadores; Lauro Müller, Lacerda Coutinho, Felipe Schmidt e Carlos de Campos, deputados.

Com a nova investidura delegada a Lauro Müller, tomou conta da Presidencia do Estado o Cel. Gustavo Richard, 2.º Vice-Governador. Em março de 1891, processaram-se as eleições para a Assembléa Constituinte Estadual e esta, a 11 de abril, elegia a Lauro

Müller Governador e a Gustavo Richard, vice, dando prompta a 11 de junho a lei basica do Estado. (276)

Lauro Müller reassume o Governo a 29 de junho, conservando-se á sua frente até 10 de outubro, data que passou a Richard, e a 29 deste mesmo mez caem ambos, com a renuncia de Deodoro, com quem ficaram solidarios.

No dia em que deixaram o Governo os eleitos de abril, o Partido União Federalista, que sob a direcção de Elyseu Guilherme, Severo Pereira e Fernando Hackradt se havia fundado em fevereiro, promoveu uma grande manifestação popular, em regosijo pela quéda dos republicanos.

Iniciando-se o segundo periodo politico-administrativo, iniciaram-se tambem os dias de agitação e desordem, não tardando que a revolta desorganizasse completamente a vida catharinense. Nova Junta Governativa assume a direcção do Estado, composta do Cel. Luiz dos Reis Falcão, Tte. Deocleciano de Oliveira e Christovam Nunes Pires. Dissolveu esta Junta o Congresso e marcou eleições para a composição de nova Camara para o mez de abril. Em maio o Gover-

(276) A primeira Assembléa Legislativa do periodo republicano, eleita a 8 de março de 1891, ficou constituída da seguinte maneira: Presidente, Francisco Tolentino de Souza; Vice, Antonio Pinto da Costa Carneiro; Secretario, Dr. Manoel Victorino de Paula Ramos; 2º dito, Tte Henrique Boiteux; Deputados: Dr. Pedro Ferreira, João Paulo Schmalz, Dr. Bonifacio da Cunha, João F. J. da Costa, Ernesto Canac, Antonio Pereira e Oliveira, Dr. Arthur Ferreira de Mello, Carlos Renaux, José Martins Cabral, Vidal Ramos, Emilio Blum, José de Araujo Coutinho, Dr. Luiz Ferreira Gualberto, Arthur do Livramento, Joaquim Santiago, João Cabral de Mello, Dr. Polydoro Santiago e Mario Lobo. — Lucas A. Boiteux, Notas para a Historia Catharinense.

no passa ao Tte. Manoel Joaquim Machado, que fôra nomeado em character interino dirigente do Estado, até que a 14 de junho deste anno de 1892, o Congresso o elegeu Governador e a Elyseu Guilherme, vice. Em 1893, tendo o Capitão Felipe Schmidt denunciado o Governador Manoel Machado como incurso em disposições penaes, o Vice-Governador assume a Presidencia.

Devido ás tendencias francamente federalistas e revolucionarias do Governo, Hercilio Luz e seus amigos promovem, em Blumenau, uma rebelião afim de arrancar o poder das mãos do Cel. Elyseu Guilherme e seus partidarios. Daquella cidade partem para a Capital, atacam o Palacio e installam um outro Governo que, apesar de nitidamente legalista, não encontra o apoio de Floriano Peixoto, vendo-se então Hercilio Luz compellido a abandonar a Capital, retomando o governo o mandatario deposto.

Passam pela cadeira presidencial, nestes dias borascosos, ainda, os Srs. Christovam Nunes Pires, o Tte. Manoel Machado (já então em plena revolta), o Tte. Salles Brasil e o Gal. Francisco de Paula Argolo. Este installou o Governo legal em São Bento, mas foram muito reduzidos os seus dias, pois á noticia da aproximação das tropas revolucionarias de Piragibe, retirou-se aquelle General para o Paraná. (277)

Vencidos os revoltosos em Santa Catharina, passam pelo Governo o Tte. Villas-Boas, rapidamente, e, para infeliz remate de toda a jornada federalista, o Cel. Moreira Cezar.

Installa-se o terceiro periodo, em 1894, com a ascensão de Hercilio Luz ao governo e Santa Catharina retoma o rythmo normal da sua vida.

(277) Wolfgang Ammon, Chronica de São Bento.

Procurou o novo governo reparar os graves danos que a revolução causára ás populações e, mais do que ella, o derradeiro governo legal do segundo periodo, o do Cel. Moreira Cezar, cujos dias ensangüentam as paginas da Historia Catharinense. Á custa de paciente e bem orientado trabalho, conseguiu, nos quatro annos de seu governo, vencer as innumeradas difficuldades que haviam origem no odio que a lucta politica fizéra desencadear. Em 1897, organizou-se sob a chefia de Lauro Müller, o Partido Republicano Catharinense. (278).

O Partido União Federalista, com a victoria legal, conservava-se naturalmente arredo, embora não tivesse desaparecido.

Terminado o mandato de Hercilio Luz, assume o governo o Major Felipe Schmidt, ao fim de cujo governo surgio a primeira scisão no seio do Partido Republicano, resultando dahi a eleição do chefe do Partido para o quadriennio 1902-1906. Convidado, para assumir a pasta da Viação do governo Rodrigues Alves, Lauro Müller passa a administração do Estado ao Cel. Vidal Ramos, que a dirige até 1905.

Em 1901, desfazendo as ultimas difficuldades e extinguindo os ultimos rancores, conseguiu Lauro Müller a fusão dos dois Partidos, Republicano e Federalista, obtendo assim o concurso deste ultimo em pról do Estado e passando aquelle a contar nas suas fileiras nomes de responsabilidade e de indiscutivel projecção politica que até então permaneciam ao lado de Elyseu Guilherme. Pela administração do Estado passam, em 1905, o Cel. Pereira e Oliveira e, em 1906, o Dr. Abdon Baptista, Vice-Presidentes, até á posse,

(278) Marcos Konder — Lauro Müller, discurso.

em dezembro deste ultimo anno, do Cel. Gustavo Richard que havia sido eleito substituto do Cel. Vidal Ramos.

Em 1908, discorda Hercilio Luz da orientação do seu Partido e assume a chefia da campanha civilista no Estado, obtendo grande numero de suffragios no pleito de março de 1910.

A Gustavo Richard succedem na governança do Estado: — Vidal Ramos (1910-1914) e Coronel Felipe Schmidt (1914-1918), registrando-se no final deste governo nova divergencia no seio do Partido Republicano, da qual não resultou seisão devido á elevação com que os candidatos á successão governamental encararam o problema. Dois candidatos surgiram nas fileiras do Partido, o Dr. Abdon Baptista, cuja actuação na politica barriga-verde datava do Imperio, e que desfructava as sympathias dos elementos directores da politica, e o Dr. Hercilio Luz, por quem se manifestavam de maneira inequivoca as tendencias populares.

Abrindo mão das respectivas indicações, afim de evitar a seisão dentro do Partido, foi então indicado o General Lauro Müller, como chefe do mesmo e conciliador das correntes antagonicas. Não havendo tomado posse, depois de eleito, e renunciado o mandato, Hercilio Luz, Vice-Governador, assume o poder, conservando-se nelle até 1922, sendo neste anno reeleito Governador para o quatriennio 1922 - 1926, quatriennio que não chegou a concluir, por ter fallecido em 1924.

Durante o governo de Hercilio Luz, dissentiram da sua orientação politica os Srs. Cel. Vidal Ramos, Dr. Nereu Ramos, e o Dr. Henrique Rupp Junior acompanhados de outros, e embora em franca opposição, não arregimentam nenhum outro partido politico no Estado.

Completam o quadriennio interrompido pela morte de Hercilio Luz, o Vice-Governador Pereira e Oliveira e o Gal. Dr. Buleão Vianna, Presidente do Congresso, sendo eleito para o periodo seguinte o Dr. Adolpho Konder.

Em 1929, Nereu Ramos que se conservára sempre em opposição, chefia e organiza o Partido Liberal, que obtem notavel votação no pleito presidencial da Republica. A 28 de setembro de 1930, Adolpho Konder entrega o Governo ao seu substituto, Dr. Fulvio Aducci, que havia sido eleito para o quadriennio 1930-1934. Com menos de um mez de governo, a 24 de outubro, foi este governador apeado do cargo, pela revolução triumphante.



Em 1890, contava o Estado 16 Municipios na zona do litoral e 5 na do planalto, resultantes das successivas divisões já referidas. Os dos planalto eram: Lages, Campos Novos, Curitybanos, São Joaquim e São Bento; os do litoral: São Francisco, Paraty, Joinville, Porto Bello, Camboriú, Itajahy, Blumenau, Brusque, Tijucas, Biguassú, Desterro, Laguna, Tubarão, Araranguá, Orleans e São José. A administração destas comunas estava entregue a um poder legislativo Municipal, composto de 7 membros na Capital e nas cidades, e de 5 nas villas (Camaras), conforme resolução do Governo de Lauro Müller, e a um poder executivo, exercido por um Superintendente.

Proseguindo, apesar das intermitencias resultantes das convulsões que vinham sacudindo estas populações e afastando-as do seu trabalho normal, em seu progresso, destes Municipios outros foram sendo retirados, modificando-se a divisão politico-administrativa do

Estado, ao mesmo tempo que os interesses da Justiça iam exigindo a criação de novas Comarcas, alterando-se com a mesma frequência a organização judiciaria. Melhoramentos frequentes foram sendo proporcionados ás populações pelos governos do Estado e da União, resultando um maior desenvolvimento daquellas.

Em 1890, Tijuca e Brusque passam a ser servidas pelo telegrapho e aquella se liga a Nova Trento por uma estrada de rodagem. Ao sul, proseguiam os trabalhos da ferrovia D. Thereza Christina e se iniciavam os estudos da bacia carbonifera. No continente fronteiro á Capital, installou-se uma hospedaria para immigrants. Computava-se a população total do Estado em 266 mil habitantes (279). Foram creados os Municipios de Imaruhy e Garopaba e elevada á categoria de cidade a villa de Tubarão. No anno seguinte (1891), foi creado o de Jaguarana; em 1892, o de Nova Trento. Nesse anno, a Junta do Governo reforma a instrucção e dá nova organização á força policial do Estado, cujo effectivo, em 1893, seria novamente augmentado. Em 1894, funcionou sob a direcção do francez Luiz Buette um pequeno arsenal de guerra, empregando-se no reparo de machinas e culatras de canhão e no fabrico de bombas, torpedos, etc.(280). O telegraphico installa, nesse anno, a sua agencia em São José.

O primeiro governo Hercilio Luz, iniciado em 1894, trouxe, como se referio, grandes beneficios para Santa Catharina. Empregou elle, segundo o historiador catharinense Lucas Alexandre Boiteux, "muito criterio, muito tino e energia constante e reflectida" na reorga-

(279) Wolfgang Ammon — Op. cit.

(280) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

nização da vida estadual (281). Viação e instrução foram os pontos capitaes do seu programma de realizações e, é interessante notar, a orientação traçada naquelle tempo por Hercilio Luz veio sendo, desde então, mantida por todos os governos catharinenses até quasi os dias presentes. A instrução publica começou a merecer um carinho maior e a se lhe destinar verbas maiores para a sua melhor disseminação. Em 1899, a despeza do Estado com a instrução publica attingia a 111 contos de reis annuaes (282).

Alem destes serviços poude o governador dotar a Capital de um novo palacio para o Governo, de um mercado e de um Lazareto, que foi situado em uma pequena ilha na bahia do norte (ilha dos Guarás). Adoptaram-se as armas e a bandeira do Estado, concepção dos illustres Boiteux, Henrique e José, respectivamente, e tambem o Hymno Estadual, musica de José Brazilicio e letra de Horacio Nunes Pires, que se achava composto, desde 1890. Em 1894, foi dividido o Municipio de São José, creando-se o da Palhoça, para o qual passaram algumas colonias já bastante prosperas.

Com a mesma directriz, Felipe Schmidt continuou a obra do seu antecessor, augmentando a rêde de viação do Estado e proporcionando-lhe grande copia de outros melhoramentos.

Campo Alegre, em 1896, destaca-se de São Bento, para formar Municipio á parte. O: governo Vidal Ramos segue as pégadas dos governos anteriores, creando numerosas escolas, installando um gymnasio secundario e atacando a construcção de numerosos trechos

(281) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

(282) Anuario Catharinense, 1910.

de estradas, em diferentes zonas, inclusive a de pontes metallicas e a de outras obras de arte sobre as mesmas. Inaugurou-se a estrada do Rio do Rastro e deu-se um grande impulso á construeção da estrada para Lages. Obteve ainda este governo um grande augmento da rêde telegraphica e o inicio das obras do porto de Laguna. Creou o serviço de estatistica e remodelou os edificios do Palacio, do Theatro, do Thesouro e da Escola Normal (283).

Em 1900, Urussanga emancipa-se e obtem a sua elevação a Municipio. Em 1904, surge a "Gazeta Official". Florianopolis, nome que recebera a antiga Desterro, durante o governo de Hercilio Luz, deve a Gustavo Richard o seu completo remodelamento. Grande numero de ruas foram calçadas a parallelepipedos, os largos foram ajardinados, passou a ser illuminada a luz electrica e construido o serviço de abastecimento d'agua. Augmentou então, sensivelmente, o numero de edificações na Capital e o Governo deu inicio á construeção do palacio para o Congresso do Estado, remodelou o antigo edificio que este occupava e nelle installou o Tribunal de Justiça. Remodelou ainda os serviços da Bibliotheca e do Archivo. Novas estradas se rasgaram, dando escoadouro aos productos, favorecendo o desenvolvimento economico do Estado. Em 1908, poude Santa Catharina obter o segundo lugar no indice de classamento da Exposição Nacional (284). Contava então o Estado cerca de 500 mil habitantes e calculava-se, com exagero evidente, em 1/10

(283) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

(284) Domingos de Barros — A victoria de Santa Catharina na Exposição Nacional de 1908, in Anuario Catharinense, 1910.

deste numero a população da Capital. A divisão administrativa registrava 27 Municipios e a renda estadual era estimada em 1.718 contos de reis. Data deste Governo o primeiro emprestimo lançado no exterior por Santa Catharina. Florianopolis contava com 3 jornaes diarios, com optimas edificações, grande numero de casas commerciaes, gymnasio, escola normal, escola de meninas dirigida por educadoras religiosas, jardim de infancia, asylo de orphãos, grande numero de escolas etc... Dispendia-se com a instrucção publica 265 contos de reis annualmente. No anno de 1910, foi creado o Bispado de Santa Catharina, sendo sagrado o seu primeiro Bispo D. João Becker.

Ao retomar a direcção do Estado em 1910, Vidal Ramos continuou a serie dos bons governos, dedicando-se desta vez á reorganização do ensino, sob bases modernas, tendo entregue ao pedagogo paulista Orestes Guimarães a direcção do importante serviço.

Em 1911, lançou-se um novo emprestimo no exterior. Canoinhas, nesse anno, foi elevada a villa e séde do Municipio deste nome. No anno seguinte, registraram-se as primeiras perturbações da ordem no Contestado, iniciando-se a campanha dos fanaticos que só encontraria fim em 1916.

Felippe Schmidt, novamente elevado a governador, (1914-1918) resolve a questão de limites com o Paraná e põe termo á campanha do Contestado, já em sua ultima phase, enviando as ultimas expedições contra os jagunços e internando muitas familias destes em varios nucleos agricolas. Com o Accordo passam para a jurisdicção do Estado quatro novos municipios que recebem os nomes de Mafra, Porto União, Cruzeiro e Chapecó. De Mafra tira-se, posteriormente, a Colonia Lucena, para formar o Municipio de Itahyopolis.

Ao sul, as jazidas carboníferas entram em phase de exploração e extingue-se o Municipio de Garopaba, por insufficiencia de rendas. A receita do Estado eleva-se de 2.700 contos, em 1914, a 5.800, em 1918, e o valor da exportação de 14.200 para 25 mil contos de reis. O Estado continua contando como seus principaes productos a herva matte, a farinha de mandioca, a madeira, principalmente o pinho, o arroz, o assucar, o café, o fumo, a banha, os lacticinios, a banana, etc.. O rebanho do Estado era calculado em 1.202.780 cabeças (285).

Em 1915, o numero de fabricas registradas ascendia a 1.031 em todo o territorio catharinense. Existiam em trafego 2.100 kilometros de estradas de rodagem estadoaes, 1.400 ditos de estradas municipaes e 1.500 de caminhos vicinaes. (286)

A' Capital dotou o governo Schmidt de serviço de exgotos. O serviço da instrucção publica foi pelo governo Felipe Schmidt continuado nas mesmas bases do anterior, proseguindo-se na reforma iniciada por Vidal Ramos. O governo Hercilio Luz, iniciado em 1918, depois de intensa campanha eleitoral, realiza o saneamento de parte da ilha, melhora o serviço de abastecimento d'agua, contracta os serviços da *Rockefeller Foundation*, cria numerosas escolas, ataca a construcção de numerosas estradas, obtem o prolongamento da E. de Ferro D. Thereza Christina, em busca dos veios carboníferos de Cresciuma e Araranguá, e constróe a bella ponte que liga a ilha de Santa Catharina ao continente.

(285) Bovinos, 562 mil; suinos, 394 mil; equinos, 140 mil; muares, 56 mil; ovinos, 30 mil; caprinos, 19 mil, etc. — Santa Catharina, Inquerito Economico.

(286) Mensagem Presidencial de 1921.

O recenseamento de 1918 accusou uma população recenseada de 600 mil habitantes numa provavel de 654 mil. Este recenseamento que tambem foi dirigido no sentido de se obter o total das propriedades ruraes, obteve para estas o significativo numero de 34.129. Os estabelecimentos fabris foram contados em 945. A população escolar, em 1920, attingia a 42.000 alumnos matriculados nas escolas do Estado, dos Municipios, subvencionadas pela União e particulares. A receita do Estado attingio nesse anno a 7.700 contos. Infelizmente, um emprestimo realizado pelo Estado, afim de attender ás despezas do vasto programma administrativo do governo Hercilio Luz, e que havia sido lançado nas melhores condições, resultou num grave prejuizo para o mesmo, devido á fallencia de uma firma americana, que lançára o dito emprestimo (Imbrie & Cia.). Tendo apenas recebido um e meio milhões de dollares, o Estado tornou-se responsavel pela importancia de 5 milhões, representados em titulos que aquella Casa lançara no mercado americano e cuja importancia não pagou ao Estado, obrigando-o a requerer a fallencia da dita firma e posteriormente a negociar um novo emprestimo para substituir e resgatar os titulos do primeiro, de accordo com a sentença de um tribunal americano que decidio contra o Estado.

O governo Hercilio Luz conseguiu melhorar o systema de viação do Estado, realizando varios empreendimentos e construcções, principalmente no planalto. Localizam-se durante este periodo governamental, em os nucleos Annitapolis, Rio Branco e Esteves Junior, cerca de 9.700 colonos allemães (287).

(287) Mensagem Presidencial de 1923.

Com a partida de Hercílio Luz para a Europa, em busca de melhoras para sua saúde, em 1923, o Vice Governador e o Presidente do Congresso, Pereira e Oliveira e Bulcão Vianna, completam o quadriennio, pois o Governador não tornou a assumir o cargo, falecendo em 1924.

Conserva-se, entretanto, a sua directriz nos negocios do Estado. Inaugura-se a grande ponte sobre o Estreito, ponte que recebeu o nome de Hercílio Luz e a Avenida, a que foi dado o mesmo nome, que aquelle Governador mandára abrir para sanear parte da Capital, com a canalização do rio da Bulha, riacho infecto e lamacento que atravessava a cidade.

A receita do Estado attingio, em 1924, a 11 mil contos, em 1925, a 13.900, em 1926, a 14 mil. As Caldas do Cubatão haviam tomado com o anterior governo um desenvolvimento maior e continuavam a ser exploradas convenientemente. O carvão catharinense via augmentada a sua producção, subindo a mesma, em 1921, a 27 mil toneladas; em 1922, a 46.751; em 1923 a 53.756; em 1924, a 100.718; e em 1925, a 85.197 (288).

A matricula escolar registrava 51.300 creanças, em 1924, dispendendo o Estado quasi dois mil contos com o serviço (289).

Em 1926, assumio o governo o Dr. Adolpho Konder, que continuou a impulsionar o Estado, dando-lhe novos melhoramentos em todos os departamentos da administração.

Reunio o Congresso das Municipalidades catharinnenses em 1927, assentando as bases de uma uniformi-

(288) Fulvio Aducci — O Carvão Nacional.

(289) Mensagem Presidencial, 1925.

dade administrativa e reformou a Constituição do Estado, em 1928. Com a permanencia de Victor Konder no Ministerio da Viação do governo Washington Luis (290), obteve o Estado melhoramentos nos portos de Itajahy, São Francisco e Florianopolis, dragagem do rio Cachoeira, sobre o qual se assenta a cidade de Joinville, e uma estrada de rodagem desta cidade a Curitiba, infelizmente não terminada, apesar dos gastos que determinou. A Força Policial do Estado passou no Governo Adolpho Konder por grande reforma, tendo-se creado annexa á mesma uma secção de bombeiros. Installou-se o Municipio de Rio do Sul, em territorio retirado a Blumenau, novas estradas são abertas pelo governo e reformadas outras, collocadas todas em optimas condições de trafego (291).

Inaugura o governo Adolpho Konder novos grupos escolares, elevando o seu numero a 26 e obtendo-se uma elevada matricula de 67 mil alumnos em todas as escolas existentes no Estado (292).

Deixando o Governo a 28 de setembro de 1930, tendo-o passado ao governador eleito Fulvio Aducci,

(290) O governo Washington Luis contava tres ministros catharinenses: Victor Konder (Viação), Nestor Passos (Guerra) e Pinto da Luz (Marinha).

(291) As melhores estradas que encontrou em sua viagem de Porto Alegre ao Rio, segundo entrevista concedida pelo Ministro Mauricio Cardoso, foram as de Santa Catharina.

(292) Em 1934, ponde o Estado contar com 147 Grupos Escolares, todos installados em predios especiaes, 25 Escolas Complementares, 5 Escolas Normaes, das quaes duas estadoaes e as restantes equiparadas, 768 escolas isoladas estadoaes, 481 idem municipaes e 537 particulares, ascendendo a matricula geral a 100.861 alumnos. O dispendio do Estado com a Instrucção Publica subia a 3.670 contos, num Orçamento de 18 mil.

não teve este o tempo necessario para realizar o seu governo, pois 26 dias depois, a 24 de outubro, vio-se obrigado a abandonal-o, com a queda do Sr. Washington Luis (293).

Inaugurava-se, nesse dia, a segunda Republica.

(293) E' interessante conhecer o quadro geral da exportação do Estado no periodo comprehendido entre 1906 e 1925, podendo-se por elle apreciar o seu desenvolvimento:

1906 . . .	7.784	contos	1916 . . .	15.180	contos
1907 . . .	10.253	"	1917 . . .	20.127	"
1908 . . .	10.354	"	1918 . . .	25.876	"
1909 . . .	8.119	"	1919 . . .	34.795	"
1910 . . .	6.891	"	1920 . . .	37.779	"
1911 . . .	8.217	"	1921 . . .	31.957	"
1912 . . .	8.124	"	1922 . . .	42.891	"
1913 . . .	9.231	"	1923 . . .	57.762	"
1914 . . .	8.969	"	1924 . . .	77.316	"
1915 . . .	14.389	"	1925 . . .	87.326	"

Nesse ultimo anno o Estado recolheu de direitos sobre a exportação a importancia de 4.500 contos.

VI

A REVOLUÇÃO DE 93

Em 1893, Santa Catharina teve a sua vida novamente convulsionada pela revolta. E' interessante observar o panorama politico do Estado nessa occasião, em face da situação do paiz, para melhor se chegar á comprehensão dos acontecimentos que se desenrolaram dentro das suas divisas.

Lauro Müller e os elementos que formavam o Partido Republicano haviam apoiado o golpe de Deodoro, dissolvendo o Congresso, e, quando o abraço de Floriano desprendeu da cadeira Presidencial o velho Marechal, vio-se aquelle obrigado a renunciar a governança de Santa Catharina.

Ascendia, então, ás culminancias do poder, o Partido União Federalista, fundado havia pouco, representado por Elyseo Guilherme que foi escolhido Vice-Presidente do Estado, já que a agente seu de inteira confiança destinára Floriano Peixoto o cargo de Governador.

Os dois Partidos — Republicano e Federalista — entram em lucta, degladiando-se valentemente pelo poder, pela dominação do Estado, affirmando ambos dedicação ao novo Presidente da Republica. Os apea-

dos da vespera não se entregaram, como era de esperar, a uma campanha opposicionista e a uma pregação subversiva contra o governo central, mantendo-se estrictamente no combate á situação dominante local, numa campanha em que muitas vezes se azedaram os animos dos adversarios, originando-se varios conflictos, principalmente em Blumenau.

A imprensa, arma predilecta empregada nos ataques, trouxe as populações em constante preocupação, accusando-se mutuamente os partidos atravez das columnas dos jornaes.

Rebenta finalmente a revolução ao sul. O Tte. Manoel Machado, que era o agente de confiança a quem tinha Floriano entregue a presidencia de Santa Catharina, com o Directorio do Partido União Federalista e com as Camaras Municipaes de diversos Municipios apressam-se em manifestar ao Presidente da Republica a sua inteira solidariedade, dentro das convicções republicanas e aquelle Governador, pouco depois, manda prender em Blumenau destacados elementos da opposição, fazendo-os conduzir para Desterro. Obtém, entretanto, estes opposicionistas que eram Hercilio Luz, Bonifacio da Cunha, Santos Lostada e Francisco Margarida, a impronuncia decretada pelo Tribunal da Relação, ao que responde o Tte. Manoel Machado com a dissolução do referido tribunal.

Todavia, de fevereiro a abril, mudou o Tte. Machado de idéas e, embora houvesse anteriormente affirmado ao Governo da Republica "a firmeza das convicções desse povo e do seu governo" e ainda que "ao lado de Floriano, para a defesa da Republica" nada mais queria sinão paz e respeito á lei, a 24 de abril, rompeu violentamente com o governo central, denunciando o Marechal como "anarchisador e subversivo á

ordem publica”, responsabilizando-o pelo sangue que viesse a correr no Estado (294).

A mensagem que a 6 de maio leu o governador de Santa Catharina ao Congresso, continha uma verdadeira profissão de fé revolucionaria, valendo-lhe a attitude uma denuncia do Capitão Felippe Schmidt, então Deputado Federal, e consequente pronuncia, que obrigou Machado a passar o governo a Elyseo Guilherme.

A’ vista disso, os republicanos trataram de intensificar a campanha contra o governo, certos do apoio de Floriano, procurando alcançar o poder estadual ainda que fosse pelas armas, não hesitando em desencadear a lucta armada. A população dividia-se pelos dois Partidos adversos, mas as tendencias populares eram francamente favoraveis á revolução rio grandense, as sympathias inilludivelmente revolucionarias.

Santa Catharina acudia, assim, novamente ao apello do Rio Grande, enviando-lhe, como em 1835, o coração antes de passar a luctar hombro a hombro com os soldados sulinos. Era novamente o anseio de liberdade que impedia o povo a dedicar a sua sympathia pelos rebeldes. Embora não seja da indole dos povos agricultores a bellicosidade caracteristica das populações pastoris, ansiava ella por uma libertação, sentindo-se acorrentada pela prepotencia de um governo que a propaganda revolucionaria fazia despotico e illegal. Amigo e respeitador das leis, o povo catharinense insurge-se contra todos quantos attentam contra a liberdade ou que ascendem calcando aos pés as disposições legaes, e assim se explica a sua participação nos movimentos de 1835, de 1893 e, embora reduzidamente, no

(294) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

de 1930. Decepcionou-se sempre. Duas vezes as revoltas foram vencidas e antes de vencidas já estavam desacreditadas aos olhos das populações, pela má conducta das tropas ás quaes entregára a defesa da sua liberdade; da terceira, venceu a revolução — mas o povo não vio cumprida parte das promessas da propaganda, apesar dos esforços empregados pelos que tomaram a si o encargo de realisal-as.

*

Em 1893, a campanha contra Floriano era intensa. Ao mesmo tempo que eram os rebeldes apontados como libertadores e salvadores da Patria, o Presidente da Republica era apontado como um despota, prestes a installar a dictadura militar indefinida. Attribuiam-lhe intenções pouco democraticas, planejar e executar actos attentatorios á liberdade publica, ao regimen installado em 89 e ás suas instituições.

Não se admirará, assim, que as fileiras dos sympathisantes pela causa revolucionaria crescessem enormemente, embora se não couhecesse com absoluta exactidão os propositos revolucionarios.

Com effeito, a propaganda apontava as tropas rebeldes como libertadoras, mas os seus chefes nutriam ideaes diversos, oscillando com as tendencias pessoases de cada um, só aos poucos desvendados, á medida que as forças avançavam e que, no seu enthusiasmo, os chefes iam abrindo o coração e descerrando os labios.

Nos primeiros momentos elles se apresentavam confusos e imprecisos, apezar do que a mocidade acudia ás fileiras libertadoras, procurando dar combate ao governo florianista, que a pureza do regimen conspirára, conservando-se no Itamaraty em flagrante desrespeito á Constituição da Republica.

A imponente manifestação popular de 10 de junho, em Desterro, dá bem uma idéa do arrebatamento da população, vivendo os chefes revolucionarios e apuando Floriano. Julião da Serra Martins, commandante da guarnição federal nessa cidade, protestou contra ella e contra a connivencia do governo do Estado, mas de cousa alguma adeantou o seu protesto.

O movimento de tropas, desde algum tempo, já era intenso. Em março, partira para o Rio Grande o Capitão Theophilo Cardoso com 120 praças do 25.º Batalhão e em abril outras tantas haviam seguido para a fronteira do Rio Grande, ao mando do Major Firmino Lopes Rego. Déra ainda o 25.º um pequeno destacamento para Blumenau, commandado pelo Tte. Alberto Camisão. A força policial o Tte. Machado augmentou de duas companhias e o Congresso fixou o seu effectivo em 300 infantes e 50 cavallarianos. Em São José o Governador creou mais um esquadrão de cavallaria, composto de 100 homens (295).

•

Hercilio Luz, em julho de 1893, resolveu dar um golpe politico, afim de garantir o governo aos elementos republicanos, amigos do Marechal Floriano Peixoto. Depôz, com Genuino Vidal, Juiz de Direito de Tijucas, e grande numero de populares, a Camara Municipal desta villa e repellio um destacamento de meia centena de homens, mandado para captural-o. Reunio-se em Blumenau a Paula Ramos, Bonifacio da Cunha e a outros elementos, organizando então uma pequena tropa. As Guardas Civicas de Tubarão e Lages

apoiam o golpe e tomam conta das respectivas intendencias. Hercilio Luz é aclamado Governador e põe-se em marcha para a Capital, onde desembarca a 29 daquelle mez, com a sua gente, hospedando-a no quartel do 25.º.

A 23 de julho, já Emilio Blum, Innocencio Campinas e José Segui Jr. haviam intimado Elyseo Guilherme a renunciar o cargo de governador, não os attendendo o mesmo e sendo, porisso, felicitado por quantos se alliavam á causa revolucionaria.

As relações entre a tropa, fiel a Floriano, e o governo, a elle infenso, iam cada vez mais extremeidas. A 30, sahiram as forças em demonstrativa passeata pelas ruas, com canhões e metralhadoras, formando á retaguarda o contingente de patriotas de Hercilio Luz (296).

A lucta estava declarada, entre o governo e a tropa federal. Aquelle entrincheirava-se no Palacio, ante as manifestações de força desta.

Na madrugada de 31, o Palacio é atacado. Morrem tres homens e é ferido um, no interior da casa do Governo e, na Praça, dois majores medicos são attingidos, morto um e ferido outro (Drs. Antonio da Cruz Cordeiro e Alfredo Paula Freitas) alem de outros feridos. Os edificios publicos são occupados pelos hercilianistas e finalmente o proprio Palacio, tendo Elyseo Guilherme procurado abrigo na Capitania do Porto, ali installando o Governo, ao mesmo tempo que Hercilio Luz fazia outro tanto no Palacio. O commercio e o Corpo Consular protestam contra esta dualidade e Elyseo dá a Floriano conta do acontecido.

Si bem que não ignorando as francas sympathias do governo legal catharinense pelos revolucionarios, e menos ainda que os seus correligionarios se encontravam nas fileiras do Partido Republicano, Floriano temeu, ou não quiz certamente, dar mais um motivo para que o accusassem novamente de violador da Constituição, pois, frio calculador como era, não iria desprezar uma situação que lhe dava vantagens no Estado, em vespuras de ser invadido e onde — o que aliás sabia — não contava com o apoio popular. Réprovou o acontecido e exonerou Hercilio do cargo federal que occupava. E' provavel que com isto quizesse dar mostras, Floriano, de que era antes de tudo um cumpridor fiél da lei e um respeitador da Constituição, ainda mesmo quando estas favorecessem os seus inimigos, inutilizando assim parte da propaganda destes. Porisso, não hesitou. Conservou e apoiou o Partido Federalista, reservando para mais tarde, certamente, o castigo, que viria cheio de odio e de sangue pelas mãos de um coronel enfermo e sanguinario.

*

Até então Santa Catharina não havia sido pisada pelas tropas revolucionarias. O mez de setembro marcou o inicio das operações militares, conjugadas as forças de terra e mar, aquellas de Gumercindo Saraiva e estas pela esquadra de Custodio de Mello, revoltada na Guanabara e que estendeu até Santa Catharina a sua acção, em busca de uma natural ligação com os rebeldes do sul.

*

Emquanto se empenhavam as populações do litoral barriga-verde na lucta politica, umas, e assistindo-a no seu desenrolar, outras, já em 1892, no planalto re-

moto, com o levante armado no visinho Estado do Rio Grande do Sul, sentia-se a aproximação da borrasca, do pronunciamento armado.

Na fronteira, em Goyo-En, proximo a Nonohay, e em outras pequenas povoações então pertencentes ao dominio paranaense, já se iam accumulando os guerrilheiros á espera do desencadeamento da guerra civil, ou fugindo ás perseguições politicas que se verificavam na terra gaucha. O Cel. José Bernardino Bormann, depois General, e que veria ligado o seu nome ao antigo Passo do Carneiro (hoje Passo Bormann) e que era commandante da fronteira nesse tempo, alem de o ser das colonias militares nesta zona situadas, teve a necessidade de dispersar gente de Antonio Prestes Guimarães; alliciada para a lucta naquelles longinquos sertões. Por toda a região se sentia a aproximação da revolta, havendo um verdadeiro exodo das populações gauchas fronteiriças, com os seus haveres e criação, que se punham ao abrigo das perseguições ou então simples caudilhos com seus apaniguados, á espera da hora de entrar na refrega. A mentalidade local era francamente favoravel á revolta e só a presença de um chefe militar prudente e energico continha os enthusiasmos dos partidarios do federalismo (297).

Assim, embora este remoto planalto pertencesse então á jurisdicção paranaense, estreito e mysterioso laço o unia aos sentimentos das populações do litoral barriga-verde, a que viria aquelle, muitos annos mais tarde, a pertencer.



Em fevereiro de 1893, os federalistas já estavam em armas. Em julho, o Almirante Eduardo Wandenkolk é preso no Desterro, á bordo do *Jupiter*, e em setembro o Almirante Custodio José de Mello pronuncia-se no Rio contra o governo de Floriano, sublevando a esquadra. A situação torna-se difficil para o Governo, hostilizado por todos os lados. Santa Catharina prepara-se para a lucta. A fortaleza de Sant'Anna cerca-se de trincheiras e a de Araçatuba recebe alguns canhões que se achavam nas proximidades da Alfandega da Capital. Os quartéis se movimentam.

A 16 de setembro, o cruzador *Republica* transpõe a barra do Rio de Janeiro, trazendo a seu bordo o Capitão de Mar e Guerra Frederico Guilherme de Lorena, seu commandante, o Dr. Manoel do Lavrador e o Dr. Pires Ferreira Filho e o Capitão Miranda de Carvalho. O *Pallas* e o *Marcílio Dias*, que completavam a divisão, este torpedeiro e aquelle frigorifico, fazem-na na noite seguinte, sem difficuldades, apesar de hostilizados pelas fortalezas da barra e dias depois seguem o *Meteóro*, rumando todos para Santa Catharina (298), tendo chegado a São Francisco a 21, onde operou o *Republica* um pequeno desembarque, de meia centena de homens que se dirigiam para Joinville, onde inutilizaram os fios da rêde telegraphica (299).

A 25, este cruzador e o *Pallas* estavam á barra do norte do Desterro. O Cel. Julião Serra Martins, commandante do Districto, immediatamente dispôz-se a combatel-os e, reunindo duzentos homens e armando-se

(298) Notas de Um Revoltoso.

(299) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

de dois canhões e metralhadoras, partiu para Cannasvieiras, onde trocou com os navios as primeiras balas. Mas, estes, contornando a ilha, apresentaram-se ás 2 horas da tarde na bahia do sul, quando Serra Martins ainda se achava a caminho, de regresso, á Capital. O *Republica* abre fogo contra o forte Sant'Anna e este é impotente, com a sua vetusta artilharia, para contestar efficientemente o seu ataque. A população põe-se em fuga para se resguardar da metralha. De bordo do *Pallas* intima-se a Serra Martins que se renda e este reúne a sua officialidade que, sob a presidencia do Marechal Gama D'Eça, Barão do Batovy, veterano da guerra do Paraguay, resolve a capitulação. Serra Martins e alguns officiaes que não adheriram á revolta recolhem-se a bordo do navio frigorifico, que dias após vae deixal-os á Ilha Grande, emquanto os demais officiaes passam para as armas revolucionarias. Verificada a capitulação a 29, a 30, o Commandante Lorena dirigiu um Manifesto á população.

A 10 de outubro, chegou a Laguna, a bordo do navio *Itapemirim*, com 200 praças do Exército, do Corpo de Fuzileiros Navaes e da Polícia, com canhões, e metralhadoras, o Tte. Felinho Perry Junior, que se destinava a desalojar, ao sul, a força legal ao mando do Major Firmino Lopes Rego. A 11 do mesmo mez, chegaram a Desterro, vindos de Montevidéo, os chefes revolucionarios, Cel. Laurentino Pinto Filho e Dr. Barros Cassal. O navio *Cidade do Porto*, em que vinham, conduzia tambem o primeiro contingente rebelde destinado a operar em Santa Catharina. A 12, outro navio, o *Iris*, desembarcava uma pequena tropa, a mando do Tte. Nepomuceno Costa, que havia ficado anteriormente em Joinville. Iam assim os chefes revoltosos concentrando em Desterro tropas em numero regular,

que contavam desde logo com as sympathias da população.

A 14 de outubro, o Commandante Lorena é aclamado Presidente do Governo Provisorio, installando o governo solemnemente na Capital tambem provisoria da Republica, a que fôra elevada a cidade de Dias Velho.

Constituiu o infortunado marinheiro o seu Ministerio, entregando as pastas da Marinha, Industria e Viação, Interior e Justiça ao 1.º Tte. João Carlos Mourão dos Santos e as da Guerra, Fazenda e Exterior ao Major Dr. Annibal Cardoso. Posteriormente, as pastas da Viação e Industria e da Justiça seriam entregues respectivamente ao Desembargador Ferreira de Mello e Dr. Henrique de Almeida Valga. A chefia de Policia foi entregue ao Dr. Fernando Caldeira de Andrade e posteriormente ao Dr. Manoel de Freitas Paranhos, que por sua vez a passaria mais tarde ao Dr. Arthur Ferreira de Mello. Na Presidencia do Estado continuava Christovam Nunes Pires, 2.º Vice-Governador. O Cel. Laurentino Pinto Filho foi promovido a General, entregando-se-lhe o Cómmando da Guarda Nacional do Estado, ficando como Commandante da mesma na Capital o Cel. Germano Wendhausen. A Guarnição foi entregue ao commando do Major reformado Pedro de Alcantara Tiberio Capistrano e o 25.º Batalhão ao Capitão Luiz Ignacio Domingues. Foi mobilizada a Guarda Nacional na Capital e nos Municipios de São José, Lages, Campos Novos, Curitybanos, São Francisco, Joinville e São Bento (300), e deu-se inicio á organização de um batalhão de voluntarios, para cujas fileiras entrou a mocidade barriga-verde,

batalhão a que se deu o nome de *Fernando Machado* e que foi commandado pelo Tte. Nepomuceno Costa. Formava-se assim o exercito a que se chamou libertador e que, além do batalhão patriotico acima referido e do 25.º Batalhão, contava ainda com o esquadrão de cavallaria de São José (comm. Capitão Caetano Xavier Neves), 1 bateria de artilharia (Capitão Tobias Becker) e da Guarda Nacional. Na Laguna, formava-se tambem um batalhão patriotico ao qual se deu o nome de Annita Garibaldi (301). Estacionados no sul do Estado existiam ainda os contingentes do Tte. Felintho Perry Jr. e outro composto de marinheiros e fuzileiros navaes, trazido pelo *Uranus*, navio revoltoso commandado pelo Tte. Costa Mendes. Ao mesmo tempo que as forças se iam assim constituindo, os chefes se procuravam e se iam reunindo na Capital. A Lorena, Laurentino e Cassal se reuniram Piragibe e o deputado Jacques Ouriques, chegados ambos a bordo do *Uranus*.



A 17 de outubro, chegava a Curityba o novo Commandante do Districto, General Francisco de Paula Argolo, que se fazia acompanhar, além de outros officiaes, dos Capitães Lauro Müller, Felipe Schmidt e Tte. Carlos de Campos, officiaes do Exercito, e do Engenheiro Dr. Hercilio Pedro da Luz, todos politicos catharinenses. Logo procurou o Gal. Argolo atingir o norte do Estado para installar o governo legal.

A 21 desse mez, organiza-se no Desterro uma columna destinada a marchar para o norte do Estado e

(301) Idem.

a invadir o Paraná, cujo mando foi entregue ao Gal. Piragibe e que se compunha de duas divisões de duas brigadas cada uma, com 4 corpos de infantaria, 1 de artilharia e 1 de cavallaria (302). A Guarda Nacional já reunira 200 homens e aquartelára no quartel do Campo do Manejo.

Em novembro, as forças de Gumercindo Saraiva atravessaram o Pelotas, no Passo do Inferno, e acamparam na fazenda de Ignacio Velho. De perto seguiam a Divisão do Norte, do exercito legal, commandada pelos Gaes. Francisco Rodrigues Lima e Pinheiro Machado (303).

Nesse interim registra-se, ao sul, o combate do Araranguá.

A 6 de novembro, o *Itapemirim* apoia o movimento das forças do Tte. Perry, que já occupára anteriormente o Tubarão (o major Lopes Rego se retirára, inutilizando o vão da ponte das Laranjeiras) e que seguia agora para Araranguá a procura das forças da Divisão do Centro, commandadas pelo Gal. Arthur Oscar. Naquelle data trava-se combate entre estas forças e novamente a 10 se batem, quando foi o Tte. Perry gravemente ferido, o que motivou a retirada da força federalista (304).

*

(302) Idem.

(303) J. B. Bormann — Dias Fratricidas.

(304) A Divisão do Centro se compunha dos Batahões 4.º, 22.º, 25.º, 11.º, sendo commandada pelo General Arthur Oscar de Andrade Guimarães. As avançadas desta Divisão eram formadas por 80 praças do 22.º, vinte praças de cavallaria e 50 civis da Guarda Civica de Araranguá, além de uma secção de artilharia ao mando do Major Firmino Lopes Rego. Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

Não tinham as forças revolucionarias a intenção de abandonar o territorio gaúcho para se unir aos elementos rebelladós da esquadra que haviam installado governo em Desterro. Fizeram-no ante á pressão das tropas da Divisão do Norte (305) que as obrigou a passar o Pelotas. O Cel. Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado desejou até esperar o inimigo na dita fazenda de Ignacio Velho, para offerecer-lhe combate, no que foi apoiado por Aparicio Saraiva. Mas, Gumercindo foi, com os demais officiaes, contrario a este parecer e tratou logo de fazer marchar a columna. Nas proximidades do Rio Lavatudo, a 6 de novembro, divide-se a columna revolucionaria, na mesma data em que dava entrada no Estado, pelo mesmo Passo do Pelotas, a Divisão do Norte.

Gumercindo toma o caminho de Lages e Salgado, tomando o de leste, ruma para o Tubarão. A 9, estava nesta localidade e a 10 installava-se em Laguna, com seus 1.200 homens, inclusive estado maior e musica, e ali permaneceria até março de 1894.

A 11 de novembro, o Gal. Rodrigues Lima podia annunciar em ordem do dia ter alijado do territorio do Rio Grande do Sul as ultimas tropas revolucionarias (306). Nesse dia, Gumercindo chegava a Lages com a sua columna de 1.600 homens, já incorporando forças do Cel. Paulino Chagas, e tomou a direcção do Passo do Canôas, deixando Aparicio naquella cidade com 60 homens. A 15, a vanguarda da Divisão Norte ataca Aparicio e, a 18 e 19, toda a columna engaja combate com aquella Divisão. Retirando-se, a brigada re-

(305) Wenceslau Escobar — Apontamentos para a Historia da Revolução de 1893.

(306) J. B. Bormann — Dias Fratricidas.

volucionaria attinge Curitybanos a 20 e a 21 penetra na extensa picada, de 36 legoas, que terminava na colonia de Indayal, levando seis dias de penosa e fatigante viagem para vencer as tropas de Gumercindo esta distancia. A 29, alcançam Blumenau e, a 30, embarcam para Itajahy, conservando sempre, na sua retaguarda, a Divisão do Norte.

Emquanto a força de Gumercindo percorria o extenso trajecto que se referio, do Passo do Inferno a Itajahy, a 11 de novembro, o Gal. Argolo, que chegára a 6, ao Rio Negrinho, e na vespera a São Bento, installa nesta villa o Governo legal do Estado, assumindo-o. Como fosse pequena a força de que dispunha, da Lapa o Cel. Joaquim Lacerda acudio com 60 homens (307) para reforçal-o. Mas, tendo avançado para a Serra, veio a saber que marchava ao seu encontro a força de Piragibe e que Gumercindo se achava a caminho do Rio Negro. Temendo ver a sua retaguarda cortada e ser envolvido pelas forças rebeldes, contramarchou Argolo com o animo abatido de quem soffrêra uma derrota e, procurando desviar-se de São Bento, onde na vespera deitára proclamação, passou por Oxford, voltando ao Paraná. No Rio Negro, esperou, entretanto, até o dia 20, que se lhe apresentasse o inimigo (308) com quem trocou então os primeiros tiros, seguindo depois para a Lapa, tendo Hercilio Luz ajustado os encontros da ponte sobre o Rio da Varzea, que um piquete federalista tentava destruir quando foi surprehendido (309).



(307) David Carneiro — O Cerco da Lapa e os seus heróes.

(308) Idem.

(309) Idem.

Em dezembro, reúne-se Gumerindo aos chefes que ainda permaneciam em Desterro, chegando á Capital catharinense a 2 daquelle mez, debaixo de indescriptivel entusiasmo, entre flores, musica e discursos patrioticos.

A maior parte da sua força embarcou a 3 para Joinville, tendo ficado no Itajahy apenas 300 homens commandados por Guerreiro Victoria. A 4, chegou tambem a Desterro o Almirante Custodio José de Mello, que a 1.º forçara a barra do Rio de Janeiro, com o *Aquidaban*, a mando do Capitão Alexandrino de Alencar, e com o *Esperança*. A 8 e 9, combate-se no Itajahy, sendo batidos os federalistas, apezar dos reforços chegados a 9, a mando de Aparicio, idos de São Francisco. A 10, combate-se ainda, mas, na noite deste dia, embarcam as forças revoltosas, no *Meteóro*, volvendo, a tropa de Aparicio, para São Francisco; e a do Gal. Guerreiro Victoria, no *Uranus*, que toma o rumo da Capital.

José Seraphim de Castilhos (*Juca Tigre*) segue, com 200 homens de cavallaria, para reforçar as forças que invadiam já o Paraná e a 14 Laurentino Pinto Filho, que estava em Laguna, embarca com a sua tropa para Itajahy, para encontrar-se com a Divisão do Norte, que já havia abandonado essa cidade volvendo a Blumenau. A penultima expedição sahiria em fins de dezembro, commandada pelo Almirante Mello, com destino a Paranaguá, sendo as forças que levava compostas de grande numero de catharinenses. Piragibe (Antonio Carlos da Silva Piragibe) tambem seguiu para o Paraná, por não ter encontrado mais em São Bento o General Argolo, marchando sobre a Lapa, onde já estavam Gumerindo e tambem Laurentino, combatendo o Coronel Gomes Carneiro. Combate-se então em Tijucas, Lapa e Paranaguá. Esta cidade cae a 15 de

janeiro de 1894 em mão dos revoltosos; Tijucas resistiu até o dia 19; Lapa só se rende em fevereiro, a 10, quando já não podia mais a sua heroica guarnição sustentar a resistencia que a glorificou (310).

Finalmente, a ultima expedição deixaria Santa Catharina em março de 1894, para o Rio Grande, já nos derradeiros dias da revolução, dias que serão referidos ainda no presente capitulo.



A revolução federalista iniciára-se sob maus auspícios.

Originára-se no Rio Grande do Sul, como combate a uma situação local da politica, contra a qual se insurgiam as demais facções partidarias, accusandô-a de prepotente e danmosa. Depois, estendeu-se por todo o sul do paiz, já agora em combate á dictadura florianista, e contacto com ella procuraram os elementos rebellados da esquadra que tambem combatiam o governo central.

A sorte das armas fôra, assim, lançada sem que um ideal unico animasse o espirito dos chefes. As populações que acompanhavam com a sua sympathia as hostes revolucionarias sabiam que se dava combate a Floriano que, contrariando o dispositivo constitucional, se installára no poder e que, amparado por uma interpretação subserviente do referido texto constitucional, dada por um Congresso que não tivêra a coragem de se lhe antepôr aos desejos, se recusava marcar novas

(310) Da guarnição desta Praça faziam parte os catharinenses: Capitães Felipe Schmidt e Lauro Müller, do Exercito, e Ceis. Emilio Blum e Napoleão Poeta e Tte. Oscar Candido Capella, da Guarda Nacional, e Tte. Gustavo Lebon Regis, do Exercito.

eleições; sabiam que se combatia uma dictadura militar pretendida pelo occupante do Itamaraty. Mas, do destino que pretendiam os chefes revoltosos dar á Nação, ignoravam. Não falavam os chefes, e quando se lhes poudesondar o espirito, estavam elles conturbados pelos revezes da lucta, na resistencia que o Governo legal lhes antepunha e pela reciproca desconfiança que lavrava entre elles. Da pouca solidez dos primitivos ideaes, si é que os houve, resultára, assim, um desencontro de opiniões que desfavoravelmente impressionava. Não houvera mesmo um estreito laço de união a reunir todos os elementos que se davam á importancia de chefes e de conductores. O Conselheiro Gaspar da Silveira Martins, que preparára o movimento para libertar o Rio Grande do despotismo de uma politica intolerante para o adversario e o paiz do dominio florianista, era suspeitado de saudosista e foi até accusado, mais tarde, de haver escripto uma carta (que Bormann não crê authentica), publicada no jornal "Amigo del Pueblo", em que affirmava que, si a Nação se oppunha em armas á Revolução, esta dentro de breve tempo separaria della o Rio Grande para fazer, com o Uruguay, uma nova Republica (311). Gumercindo não escondia, ao que se diz, o desejo de separar os tres Estados do Sul, para a formação, tambem, de uma outra Republica. Deste modo, si, como é provavel, a carta attribuida a Silveira Martins não passava de um ardil florianista para indispor o Conselheiro com as populações, encontravam estas, na attitude de Gumercindo, uma confirmação da existencia de ideaes separatistas.

Eduardo Wandenkolk e Custodio José de Mello eram os que unicamente se empenhavam na lucta para livrar o paiz do dominio de Floriano, batendo-se por

(311) Bormann — Dias Fratricidas.

uma convocação ás urnas. Laurentino, Jacques Ouiriques e Salgado eram republicanos, mas unitarios e parlamentaristas (312). O Gal. João Nunes da Silva Tavares só pegou em armas contra a situação local do Rio Grande, declarando mais tarde que jamais o fizera contra a Republica, ou contra o Governo da União (313).

Era, assim, esta somma de ideologias tão desencontradas, união "formada de politicos de todo o jaez e de todas as proveniencias" (314) que attribuia a Floriano os planos mais sinistros e as praticas mais anti-democraticas. A ella se reuniria, em dezembro, com o seu conhecido Manifesto, o valente Saldanha da Gama, que era francamente favoravel á restauração.

Era o cháos.

Tamanho numero de opiniões, sem o laço de uma orientação superior ou de uma sã ideologia a sobrelevar-se aos interesses e aos anseios de cada um, afóra o desejo commum de subtrahir o paiz ao mando de Floriano, deveria conduzir fatalmente ao fracasso, a uma desagregação que não tardou, culminando numa derrota, quando pelas armas ainda não se decidira a contenda. "O bloco revolucionario fendeu-se por todos os lados — e esta foi a salvação de Floriano (315). "Em 1892-1893, sentio-se realmente enfraquecido por essa campanha hostile; mas quando a lucta chegou a culminar, estavam os adversarios desunidos demais e

(312) David Carneiro — O Cerco da Lapa e os seus heróes.

(313) Wenceslau Escobar — Apontamentos para a Historia da Revolução de 1893.

(314) Pandiá Calogeras — Formação Historica do Brasil.

(315) Idem.

desorganizados, para poderem dar toda a sua energia ao ataque. Isto salvou o Governo" (316).

Assim, enquanto as armas revolucionarias avançavam trazendo em si, latentes, o germen da discordia e o fermento da desagregação, Floriano fazia-se apresentar como salvador da Republica, luctando pela estabilidade do regimen, pela pureza das instituições republicanas, pela unidade da Patria. Conquistou, porisso, grandes sympathias e dedicações com esta sua habil politica. E quem affirmará que, de facto, não luctava elle por todos estes principios? O que teria resultado da Nação, victoriosas as armas revolucionarias, ante tão desencontrada e inajustavel ideologia dos principaes chefes da revolução?

Bastaria a questão da unidade da Patria para levar a Floriano a bemquerença geral, a da consolidação do regimen para que a seu lado formassem, immediatamente, todos os republicanos. A' desharmonia de principios que apresentavam os federalistas alliados aos elementos revoltosos da esquadra, oppunha Floriano a sua tactica fria e meditada.

O golpe de Santa Catharina foi, neste particular, habilissimo.

Prestigiando o Governo de Elyseo Guilherme, que já lhe era francamente hostile, contra a audacia republicana de Hercilio Luz, fez-se passar por cégo obediante á Lei e por desapaixonado cumpridor dos preceitos constitucionaes. Cortou, assim, aos adversarios, motivo de maiores ataques á sua dictadura. Manteve Elyseo no Palacio do Governo de Desterro, desautorizou a tentativa dos seus amigos e demittio Hercilio do cargo federal que occupava. Mas, quando dias mais tarde, Elyseo Guilherme se apresenta no Rio, para con-

ferenciar, a seu chamado, aproveita-se do pronunciamiento da esquadra e encarcera-o num cubiculo da Casa da Correição, onde se custodiavam presos de crimes communs.

As idéas monarchistas de Saldanha incompatibilizaram os ultimos republicanos que tendiam para a revolta, com ella.

Ha ainda a considerar que a demora na preparação intellectual do movimento, e depois a precipitação do seu desencadeamento, lhe foram fataes. Os chefes da revolução rio grandense uniram-se para combater a situação local, como se disse, mas alimentavam ainda, separadamente, ideaes outros que não se tocavam nem se harmonizavam. E' provavel que o Conselheiro Silveira Martins tivesse procurado apurar todas as arestas, unindo sob uma só bandeira os chefes militares e civis do movimento, antes da sua explosão. Entre os seus partidarios e os de Barros Cassal havia antigos resentimentos e não tardou que entre elles, que se uniam para o combate á situação dominante, se manifestasse, interna, a lucta, que redundou num verdadeiro entrevero de morte, no Quarahym (317). Entre Salgado e Gumerindo desconfiança séria e antiga os dividia. A impaciencia dos guerrilheiros, entretanto, precipitou o inicio da lucta. O Gal. Tavares, depois de esperar tempo que julgou bastante, sentio-se incapaz de conter os seus homens e communicou ao Conselheiro Martins que iria dar inicio á peleja e que, a chicote, pretendia levar por diante o inimigo (318).

Assim heterogenea, envenenada desde o inicio pelo odio partidario e dividida pela falta de reciproca con-

(317) Germano Hasslöcher — A verdade sobre a Revolução.

(318) Idem.

fiança, embora porfiassem todos os elementos no combate á situação dominante do Estado, iniciou-se a campanha que se alastraria posteriormente pelos Estados sulinos e á qual, dentro de pouco, se uniriam os revoltosos da Marinha, que desejavam unicamente a deposição de Floriano, sem qualquer outra tendencia a respeito da politica que levou á lucta aquelles primeiros elementos.

Uniram-se todos, esperando que assim agrupados formariam um bloco que Floriano seria incapaz de destruir. E foi a sua ruina.

Com effeito, a cooperação dos elementos da Marinha veio contribuir para um maior desentendimento entre os chefes.

Lorena installou governo em Santa Catharina e concentrou em mãos de Annibal Cardoso e Mourão dos Santos, ambos militares, de inicio, as pastas ministeriaes. Custodio José de Mello se metterá na revolta para a constituição de um governo civil, contrariado com a dictadura militar de Floriano, e vio no acto de Lorena um grave erro, sinão uma falta aos compromissos havidos. Ao mesmo tempo, Lorena entregava no Prata a representação da Revolta a Demetrio Ribeiro, magoando profundamente a Silveira Martins, verdadeiro chefe civil da mesma e a quem por sua vez Saldanha tinha como unico delegado autorizado da revolução naquellas paragens. Custodio procurou então reparar o mal e, para resolver a situação, enviou um emissario ao Prata que procurou os chefes revolucionarios. Estes enviaram ao Rio, depois, o Cel. João Pedro Salgado, com credenciaes de Silveira Martins, e com Custodio ficou combinada a resolução do impasse. Com a chegada deste almirante a Desterro, ao seu encontro vieram o Conselheiro Antunes Maciel e os Drs.

José Joaquim Seabra e Francisco da Silva Tavares, afim de que se constituísse o governo civil da combinação havida entre o Almirante Custodio e o delegado de Silveira Martins.

Mas, Lorena nem os quiz receber, só o fazendo a instancias de Annibal Cardoso. Da Laguna chegou tambem o Cel. Luiz Alves de Oliveira Salgado e o encontro de todos estes chefes no Palacio do Desterro foi tumultuoso, havendo até ameaças de fuzilamento. Conta Germano Hasslocher, que tinha um irmão no Desterro, correspondente do *Jornal do Commercio*, que o Deputado Amphrisio Fialho, nessa hora, rompeu desabridamente com os chefes e dobrando o cotovelo, no gesto característico ao qual deu o povo a denominação de *banana*, sahio pelas escadarias do Palacio a gritar: — “Tomem! Tomem! Sentem-se aqui!”

Já na Praça, ainda exasperado, repetia o gesto, voltado para as sacadas do Palacio, e gritava ainda: — “Tomem! Tomem! Sentem-se aqui!” (319).

No Hotel onde se hospedavam os enviados de Silveira Martins, proseguio violenta discussão, tendo, a custo, J. J. Seabra conseguido apaziguar os animos. A deposição de Lorena chegou a ser tramada e novamente Seabra e o Cons. Antunes Maciel conseguiram evital-a (320).

“Pareciam não comprehender a excepcional gravidade do momento. Precioso tempo foi gasto em recriações pessoaes e estereis discussões sobre vago doutrinarismo politico” (321).

(319) Idem.

(320) Wenceslau Escobar — Op. cit.

(321) Idem.

Não se encontravam os ideaes revolucionarios. A revolução fendia-se. Floriano podia considerar-se vencedor.

*

Amphrisio Fialho, Barros Cassal e outros chefes, depois destes factos, retiram-se para Montevidéo. Salgado, que se estomagára entre outras causas porque quizeram “dar o nome de Exército Nacional ás forças do seu commando” (322), conhecidas por 2.^o Corpo do Exército Libertador Rio Grandense, resolve tornar a Laguna e inactivo permaneceu até abril de 1894, embora tivesse sido instado para ir prestar auxilio ás tropas que combatiam no Paraná. Custodio deixou Desterro, desilludido, e atirou-se sobre Paranaguá, esperando que da conquista do Paraná resultassem melhores dias para a Revolução. Começou assim o dismantelamento da revolta, menos pela pressão das armas florianistas do que pela dissenção existente entre os chefes. Possuia-os a Revolução em grande numero. Tinha muitas cabeças, muitas idéas, muitos interesses.

Floriano era um só, uma só idéa, um só interesse, que elle proclamava ser o da Patria e poudo vencer assim o espirito dispersivo e dividido dos maioraes federalistas.

Ao mesmo tempo, a vaidade dos chefes revolucionarios, ovacionados pelo povo, augmentava e contribua para que a desaggregação se accentuasse. A Laurentino accusava-se de accumular fardões vistosos para com elles se apresentar ás populações e aos photographos (323). Gumercindo mandára dizer a Lorena

(322) Idem.

(323) Germano Hasslöcher — Op. cit.

que o governo era a sua espada (324). Nenhum dos chefes queria obedecer, envaidecidos das dragonas que haviam pregado aos hombros, querendo todos mandar, apenas. Gumercindo foi recebido com flores, musica e discursos no Desterro (325) e em Curityba os bailes se succediam e as festas se repetiam em homenagem ao caudilho que, incensado sobremaneira, relegava para segundo plano as operações militares, para gozar o momento passageiro do triumpho, compromettendo o exito das armas rebeldes (326), dando tempo a Floriano para que dispuzesse sobre a defesa. No Paraná não cessou a fermentação dos motivos dispersivos. Angelo Dourado assignala em Curityba “a dissolução latente que não se tardaria a manifestar” (327).

Ahi, por ter Laurentino conseguido a capitulação da Lapa, depois da resistencia heroica, enciumou-se Gumercindo e necessario foi proceder-se a confecção de nova acta de capitulação, para que este, com Piragibe, a assignasse (328).

E, desta maneira, desavindos uns com os outros, foi-se a população apercebendo da derrota a que estavam fadadas as forças revolucionarias, ao mesmo tempo que se iniciava o temor, á vista da má conducta das tropas para com estas mesmas populações pacificas — tudo contribuindo para o desprestigio da revolução. A este respeito, nem sempre tinham os chefes autoridade sobre as tropas e innumerous males adviéram dahi. Salgado permaneceu, como se disse, largo tempo em

(324) Idem.

(325) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinerse.

(326) David Carneiro — Op. cit.

(327) Angelo Dourado — Voluntarios do Martyrio.

(328) David Carneiro — Op. cit.

Laguna, vivendo de requisições de gado, roupas, vive-res de toda a especie e medicamentos, requisições ás vezes feitas com violencia por elementos das suas tropas. A população chrismára os seus homens de *bombachas*, por causa das largas calças, de uso nos pampas, que os mesmos vestiam, e taes homens tornaram-se temidos. Em varias zonas se assignalam os degolamentos em *lambisas* (nome dado pelos federalistas, ou maragatos, aos *pica-paus* da zona, partidarios de Lauro Müller). “A onda de vituperio, de roubo, de assassinio avançou sobre a terra catharinense, flammejando incontivel no fio da espada dos caudilhos” (329). Explodiam em toda a parte os instinctos recalçados de uma turba de malfeitores, engajados nas tropas libertadoras. Roubava-se, degolava-se, estuprava-se. Ao *lambisa*, depois de fazel-o, muitas vezes, avançar até ao local escolhido para o crime, a pontações de facão, estaqueava-se e não raro fazia-se soffrer, horriavelmente, mutilações pavorosas, para, por fim, abrir-se-lhe a carotida, pondo-se termo ao tormento indescriptivel.

Abandonavam-se exangues victimas ás aves de rapina (330).

Nem sempre, é verdade, se poderá attribuir conivencia dos chefes nestes crimes. Preocupados como andavam com as divergencias, uns, e com a propria importancia, outros, deslumbrados pelas recepções festivas, não se apercebiam que á primitiva aureola de *sympathia* que havia cercado a revolução, substitua agora o pavor justo das populações.

A lição de 39 fôra esquecida. Porisso, era agora renovada. E assim, a agonia da revolução banhava-se em sangue, sangue de innocentes, muitas vezes.

(329) Crispim Mira — Terra Catharinense.

(330) Idem.

A conselho de Gumercindo (331), Custodio destitue Lorena do Governo revolucionario de Santa Catharina e constitue uma Junta Governativa composta do Desembargador Ferreira de Mello, do Desembargador Emydio Westphalen (que chegaram a assumir o Governo) e de um terceiro que seria indicado ainda por Silveira Martins, mas que jamais chegou a sel-o.

Em janeiro, o Tte. Pio Torelly, que fôra commandante do *Pallas*, esteve em União da Victoria, com um contingente revolucionario, que no Rio Negro embarcára com aquelle destino no navio fluvial *Potinga*. Do motivo desta viagem corre a versão de que fôra solicitar o apoio do Cel. Amazonas Marcondes, o homem de maior influencia naquella extensa zona, para a revolução e os navios de propriedade daquelle chefe para a conducção de tropas para a villa de União da Victoria (332). Todavia, parece que não os conseguiu, pois voltou o Tte. Torelly, no mesmo navio, para o Rio Negro. A bordo do vapor *Curityba*, da mesma empresa de navegação, registrou-se nessa época o degolamento do fazendeiro João José Portes, proprietario de uma fazenda da região denominada Roseira (333), executado por um individuo de nome Anacleto, que tinha o posto de capitão patriota, tendo um marinheiro bebido um copo cheio de sangue do infeliz fazendeiro (334).

(331) Notas de Um Revoltoso.

(332) J. B. Bormann — Op. cit.

(333) Cleto da Silva — Apontamentos Historicos sobre União da Victoria.

(334) J. B. Bormann — Dias Fratricidas. — Deste degolamento foi accusado o Tte. Pio Torelly. Em 1899, procedendo a uma inspecção da navegação fluvial do Iguassú, o Commandante Francisco Agostinho de Souza e Mello aproveitou a oportunidade para proceder a certas investigações sobre o facto, chegando á conclusão de que aquelle official

A 12 deste mesmo mez de janeiro (1894), regressava o *Aquidaban* ao Rio, onde entrou a 19, levando as pióres noticias de Santa Catharina que bastante influíram no animo dos revoltosos dali. A situação tambem no Rio era periclitante, e depois dos revezes da Ponta da Armação e da tomada das Ilhas, retorna aquelle navio a Santa Catharina, sempre sob o commando do Capitão Alexandrino de Alencar, entrando a 21 no porto do Desterro. A 3 de março, organiza Custodio a sua expedição ao Rio Grande, partindo de Santa Catharina com 2.000 homens, das columnas de Luiz Alves de Oliveira Salgado e de Laurentino Pinto Filho, embarcados nos navios *Iris*, *Meteóro*, *Esperança* e *Uranus* (335). A 13, Saldanha abandona a lucta, refugiando-se com os seus companheiros sob a bandeira portugueza, no Rio de Janeiro. A 25, Gumercindo inicia a sua retirada do Panará. Em fins de abril, attinge este chefe a villa do Porto União, levando tres dias a passar a columna revolucionaria por aquella localidade.

Acompanhavam-na os politicos paranaenses ligados á revolução, dentre os quaes o Dr. Ferreira Braga, o Dr. Tertuliano de Freitas, o Cel. José Cleto da Silva, o jornalista Nestor de Castro e o Tte. Cypriano dos Santos (336). No porto do Desterro ficára apenas, acompanhado de tres pequenos navios armados em guerra, o encouraçado *Aquidaban*, sustentando com os

da Marinha não havia tido a menor participação no mesmo. — Depoimento pessoal do C. Almirante Agostinho Souza e Mello ao A.

(335) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

(336) Cleto da Silva — Apontamentos Historicos sobre União da Victoria.

seus canhões o insegurissimo governo da Junta Governativa.

*

A 8 de abril, a esquadra legal do Almirante Jeronymo Gonçalves fez-se para Santa Catharina, (337) a 11 já estava em Porto Bello, fazendo o *Nictheroy* o seu primeiro reconhecimento. A 13, aprisionava a esquadra dois hyates (o *Esperança* e o *20 de janeiro*), que velejavam para o norte e, pelos jornaes que levavam teve o commandante da esquadra cónhecimento de uma linha de torpedos extendida entre Anhato-mirim e a Ponta Grossa, pois para ella chamava a attenção dos navegantes o Tte. Agostinho de Souza e Mello, então Capitão dos Portos de Santa Catharina. (338)

As 11 horas da noite de 14, tomando posição a esquadra legal, iniciou o fogo contra as fortalezas e contra os navios revoltosos, tendo a *Gustavo Sampaio* torpedeado o *Aquidaban*, fazendo retirar de combate o unico navio efficiente que ainda possuia o governo de Santa Catharina. (339)

Foi este navio, em seguida, abandonado pela tripulação, ao mesmo tempo que os membros do Gover-

(337) Compunha-se dos navios *Andrada*, *Nictheroy*, *Parnahyba*, *Tiradentes*, *Gustavo Sampaio*, *Pedro Ivo*, *Pedro Affonso*, *Silvado*, *Santos*, *S. Salvador* e *Itaipú*.

(338) Lucas A. Boiteux informa em suas Notas para a Historia Catharinense que esta linha de torpedos não passava de um ardil de guerra empregado pelos revoltosos, pois, em verdade, nunca existio, informação confirmada pelo depoimento do Commandante Souza e Mello, que assignava o Edital da Capitania do Porto do Desterro.

(339) Ha poucos annos foi achado na bahia do norte do porto de Florianopolis um torpedo afundado na lama. Acreditou-se então que fosse o mesmo que rompeu o casco do *Aquidaban*, sem ter explodido.

no procuraram exilar-se. A 17, a esquadra legal entrou no porto, tendo operado o desembarque de um contingente de cem alumnos da Escola de Guerra, que occupou a cidade, enquanto o *Itaipú*, que se destinára a Santos, em busca de tropas, fazia a sua viagem. A 19, chegou este navio, com 500 praças do 7.º e do 23.º Batalhões de Infantaria, commandadas pelo Cel. Antonio Moreira Cezar, que assumio o Governo do Estado, por ordem de Floriano, a 22. No dia seguinte, a esquadra legal levantava ferros, rumando para Parana-guá, permanecendo apenas no porto de Desterro o *Nichteroy*, o *Santos* e a divisão de torpedeiros, além do *Aquidaban*. Assim que Moreira Cezar assumio o Governo de Santa Catharina, nomeou seus secretarios os Alferes alumnos João Lopes de Oliveira e Souza e Malaquias Cavalcanti Lima, sendo a chefia de Policia entregue ao Tte. Manoel Bellerophonte de Lima e o commando da força policial ao Tte. Herminio Americo Coelho dos Santos. (340)

“Insuflado por espiritos perversos da Capital e do Rio”, (341) Moreira Cezar installou o terror em Santa Catharina. Fez prender e recolher á fortaleza de Santa Cruz os apontados como inimigos da legalidade, até mesmo os que não haviam participado da revolução. As denuncias, as delações se succediam com frequencia e Santa Catharina conheceu as paginas mais negras da sua historia. As fortalezas se congestionaram de prisioneiros, uns que se não puderam exilar ou esconder á furia sanguinaria dos vencedores, outros que se não haviam por culpados e ainda outros que,

(340) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

(341) Idem.

tendo buscado refugio no interior da ilha, nas casas dos amigos ou nos mattos, foram denunciados pela perversidade dos adversarios, no seu incontido e deshumano odio partidario. Casas foram varejadas pela soldadesca em furia; familias, desrespeitadas (342).

*

Certa noite, bate ás portas de uma casa um official que se fazia acompanhar de uma escolta de cadetes da Escola Militar. Uma velhinha de cabellos brancos, assustada, recebe-os. Querem fallar ao marido. Manda-os entrar, fal-os sentar e pede esperem que vá chamar o chefe da casa. Os minutos passam silenciosos. De repente, abre-se uma porta e surge o vulto de um velho de barbas brancas e longas, de porte firme e altivo. Todos se levantam e o commandante da escolta informou ao que vinha: — tinha ordem do Cel. Moreira Cezar para prendel-o.

O velho pede alguns instantes para vestir-se e dali a momentos volve, desta vez envergando a farda de Marechal do Exercito e luzindo ao peito as condecorações que recebera.

Era o Marechal Gama D'Eça, Barão do Batovi, heróe do Paraguay.

Adianta-se e fala aos moços. Ganhára postos e condecorações na guerra com o estrangeiro, luctando pela Patria e naquelle momento via-se preso por um official subalterno, de noite, a deshoras, como si fôra um vulgar criminoso.

— “E’ este o exemplo que se dá, agora, aos moços! Rendo-me á força”. (343) Pouco depois era apresentado em Palacio; no dia seguinte, remetido á fortaleza, para ser fuzilado, sem a menor forma de julgamento, aliás como todos os que foram fuzilados em Santa Catharina.

No instante da execução, um filho do Barão abraça-se ao pae, numa longa e dolorosa despedida. Como demorasse aquelle ultimo amplexo, o commandante da escolta, impaciente, volta-se para ella e ordena:

— “Façam fogo nestes sujeitos!” (344)

Assim foram friamente sacrificados o Barão do Batovi e o seu filho, Dr. Alfredo da Gama D’Eça.

Em Laguna, onde já chegára a força legal, identicos factos se repetem e si maior não foi o numero de victimas, deve-se ao zelo de um chefe republicano daquella cidade, João da Costa Rodrigues, que por mais de uma vez pulou os muros do cemiterio em busca dos seus adversarios que, condemnados, rezavam á beira da covas abertas, esperando a hora da execução, para dar-lhes fuga. De um cidadão estrangeiro conta-se que lhe applicavam diariamente uma sova, pela madrugada, seguida de um banho frio. E como em Laguna, em outras partes do Estado se excediam os delegados da legalidade em attentados de toda a classe, desde as prisões até ás ordens de fuzilamento, sem processo, sem julgamento e mesmo clandestinamente, mandando-se fuzilar adversarios no matto e informar-se

(343) Narração do Cel. Antonio Bricio Guilhon, feita ha annos.

(344) Crispim Mira — Terra Catharinense.

que os mesmos haviam procurado resistir á prisão. (345)

Ante tantos crimes, que afogavam a terra catharinense no sangue irmão, numa onda bem maior e bem mais odiosa do que a que passára com a revolução, uma commissão de senhoras e moças se apresenta em Palacio a 27 de abril, pedindo clemencia para os presos politicos. Não a recebeu Moreira Cezar, que pelo seu ajudante de ordens Alferes Malaquias de Lima, mandou dizer que iria enviar para o Rio os mais culpados, destinando para os demais uma pena mais leve. (346) A sua palavra cumprio de extranha maneira, enviando novos presos para a fortaleza, a cujo commandante passava o recado de "*pôr em prisão segura*", cifra combinada para os fuzilamentos. (347) Segundo o historiador Lucas A. Boiteux, o numero exacto das victimas jamais poderá ser conhecido.

Houve quem contasse a entrada na fortaleza de Santa Cruz de 185 prisioneiros, que della não mais sahiram. (348)

*

(345) O Museu David Carneiro, de Curityba, possui um documento ainda inédito, passado neste sentido, em Santa Catharina: Fuzilar, inhumar e informar haver o fuzilado resistido á prisão.

(346) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

(347) Idem.

(348) Lucas Boiteux conseguiu reunir alguns nomes de fuzilados, sendo que em 1934, por occasião da trasladação dos despojos dos infelizes federalistas sacrificados, o jornal O ESTADO, de Florianopolis, publicou, á qual accrescentamos alguns informes obtidos por depoimento pessoal, uma relação mais completa:

Marinha: — Capitão de Mar e Guerra Frederico Guilherme de Lorena; 1^{os}. Ttes. Alvaro Augusto de Carvalho, Arthur Augusto de Carvalho, Delphino de Lorena, Carlos

Annos mais tarde, indo em inspecção a um pharolite installado na dita fortaleza, o Commandante Francisco Agostinho de Souza e Mello, que fôra Capitão do Porto durante a revolução, como se disse, surpreendeu-se ante a perfeição de um pequeno gram-mado, guarnecido de flores, existente entre a casa do pharoleiro e o pharol. Indagou do motivo daquelle cuidado.

E o velho marinheiro, descobrindo-se, emocionado, explicou a razão do bem cuidado canteiro florido:

Augusto de Mello Camisão e medico Dr. José Amado Coutinho Barata; aspirantes Pedro de Lorena e Alvaro da Motta.

Exercito: Mal. de Campo Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça, Barão do Batovi; Cel. Luiz Gomes Caldeira de Andrade; Tte. Cel. Sergio Tertuliano Castello Branco; Major Medico Dr. Alfredo Paula Freitas; Capitães Romualdo de Carvalho Barros, Tobias Becker, Julio Cezar da Silva Lima, Luiz Ignacio Domingues, Antonio Manoel da Silva Coelho Junior; Tte. Brasileiro Alves do Nascimento; Alferes João Machado Lemos, Olimpio Saturnino Alves, Emydio Teixeira Telles de Azevedo e José Gomes da Silva Fraga; Cadetes Manoel Telles, Hygino Schuttel, José Becker, Achilles Constantino, Domingos Vieira de Souza e Raul de Souza; Capitão reformado João Evangelista Leal.

Policia: Capitão José Bittencourt, Tte. Manoel Constantino.

Patriotas: Cel. Israel de Sá, Fernando Goulart (dizem que o primeiro era exaltado florianista) e um filho do segundo; Major Elesbão Pinto da Luz.

Civis: Dr. Alfredo da Gama D'Eça, Dr. Joaquim Lopes de Oliveira (Juiz de Direito); Dr. Carlos Guimarães Passos (Procurador Seccional); Desembargador Francisco Vieira Caldas; negociante Caetano Nicolau de Moura (dizem que por engano, pois deveria ser fuzilado Nicolau Neves); escrivão Miguel Cercal, fiscal da Camara Miguel Cascaes e Manoel Duarte (morreu na prisão).

Estrangeiros: Engenheiro Edmond Buette, Charles Muller e Mr. Ettiene. Por via diplomatica reclamaram as familias destes e lhes foi paga, consta, a indemnização de um milhão de francos.

— “Meu commandante, ahí descansam seus antigos companheiros. Debaixo deste grammado estão os corpos dos Lorenas”. (349)

Em 1934, 40 annos depois, na promiscuidade inevitavel de quatro urnas, seguiram para o Rio os restos dos infortunados federalistas sacrificados no Desterro, para repousarem em São João Baptista, sob o leão ferido do piedoso mausoleu.

*

Moreira Cezar foi accusado responsavel pelo sangue corrido, em 1894, em Santa Catharina. No Paraná, ainda se discute a responsabilidade dos mandantes da tragedia do Km. 65, onde foram fuzilados o Barão do Serro Azul e seus companheiros, e da ilha do Boqueirão, onde tambem foram fuzilados elementos federalistas.

A Floriano sempre se isentou de culpa, lá e aqui. (349-A)

Não se julga. Registra-se apenas a tetrica coincidência.

(349) Depoimento pessoal do Almirante Francisco Agostinho de Souza e Mello.

(349-A) Muitos fuzilamentos foram ordenados por Floriano. A 18 de junho de 1896, o Barão do Ladario lia, em sessão do Senado, o seguinte telegramma:

“Telegramma. — Estrada de Ferro Central do Brasil. — Estação do Rio — 8 de Maio de 1894. — Prefixo S n. 540, — N.º de palavras 15. — Hora de apresentação 4h55 m. pelo telegraphista J. M. B. S. — Procedente de Desterro.

Marechal Floriano — Rio — Romualdo, Caldeira, Freitas e outros, fuzilados segundo vossas ordens. — Antonio Moreira Cezar”.

— (Diario do Congresso, n. 47, de 19 de julho de 1896 — Folha 820).

*

Aliás, a historia da Revolução de 1893 ainda não foi inteiramente escripta.

Talvez, mesmo, nunca o seja.

Os tumulos guardam, com os protagonistas da tragedia, segredos inviolaveis.

VII

A QUESTÃO DE LIMITES

Já se referio que Santa Catharina não constituiu uma Capitania com nitidos limites, determinados e estabelecidos de uma só vez, e sim por uma successão de actos que foram retirando a outros governos, a que se sujeitava ella, jurisdição militar, fiscal, civil e ecclesiastica, concentrando-os no Governo que se estabelecêra na Ilha de Santa Catharina, ao qual passaram a subordinar-se as demais póvoas do litoral catharinense.

Resultou da inevitavel confusão a questão lindeira com São Paulo, herdada posteriormente pelo Paraná, demorando-se num irritante pleito só terminando, em 1916, pelo Accordo realizado sob os auspícios do Presidente da Republica, Wenceslau Braz.

Sem querer em absoluto fazer reviver antigas prevenções e desconfianças, só a necessidade historica de reconstituir o assumpto da formação de Santa Catharina, desde os seus primeiros dias, ao estado definitivo dos tempos presentes, faz com que se relate aqui o que foi o litigio de tão longa duração.

Creando-se a Ouvidoria de Santa Catharina, em 1749, como já se viu, ficaram estabelecidos os limites da sua extensão de maneira que "*o districto daquella nova Ouvidoria ficasse para o norte pela barra austral do Rio de São Francisco, pelo Cubatão do mesmo Rio, e pelo Rio Negro que se mette no grande Rio de Curityba, e que para o sul acabasse nos montes, que desagoão para a lagoa Imeri...*" (350)

Já se referio igualmente que, a esse tempo, a Capitania de São Paulo havia sido extinta (1748) de modo que, ou por ignorancia, ou por má fé, ao ser novamente restabelecida 17 annos mais tarde, o Morgado de Matheos, Governador, incumbio a Correia Pinto fundar uma povoação nos sertões de Lages, em territorio da Ouvidoria, onde não chegava mais a sua jurisdicção. A villa de Correia Pinto foi fundada não sem os protestos da Camara do Viamão, tambem já relatados, pretendendo esta que os seus limites corressem pelo Canôas. Resultou do protesto uma troca de correspondencia entre o Governador de São Paulo e o Vice-Rei, e embora se mostrasse aquelle cordato ás ponderações deste, continuou a prestigiar Correia Pinto, ordenando-lhe apenas não installar novas bemfeitorias. Assim, a disputa entre São Paulo e Rio Grande perdurou, apesar de faltar razão a ambos, tendo-a Santa Catharina, em cujo territorio Lages se levantára e servia de pomo de discordia entre as duas Capitancias. Santa Catharina protestou, tambem, no tempo, contra a fundação do bandeirante paulista, fazendo-o pela primeira vez o governador Gama Freitas, em 1776, endereçando

(350) Carta Regia de 20 de novembro de 1749, mandando executar a Resolução do Conselho Ultramarino de 20 de junho do mesmo anno.

a sua reclamação ao Marquez do Lavradio, e mais tarde o Governador Pereira Pinto, demonstrando ambos que, correspondendo o territorio, "*de leste a oeste á testada da costa, como era da praxe*", Lages e todo o seu districto pertenciam ao seu Governo. A este ultimo protesto respondeu D. Luiz de Vasconcellos reconhecendo o direito de Santa Catharina, sem todavia determinar qualquer providencia, por não convir questões com o Governo de São Paulo. (351)

Mais tarde, passando o poder ao Conde de Rezen-de, D. Luiz de Vasconcellos escreveria em seu Relatório, relativo aos negocios administrativos do Vice Reinado, que o Governador de São Paulo excedera das suas attribuições, usando de *indiscreto despotismo*. (352)

Apezar de tudo, São Paulo continuava na posse de Lages, e com o Rio Grande disputava os limites do respectivo Termo. De um lado, São Paulo e Correia Pinto sustentavam os limites do Termo de Lages pelo

(351) "Não duvido que os limites desse Governo se tenham apertado com a usurpação dos terrenos, que tem apropriado a Capitania de São Paulo, e que a Villa de Lages haja de pertencer ao Districto dessa Ilha, mas sendo certo que não devendo igualmente reclamar os terrenos usurpados, por serem todos pertencentes a S. Magestade, ainda que em diversos Districtos, nem tambem convir na posse, que delles se tem arrogado à Capitania de São Paulo, não posso escrever immediatamente ao Governador actual para fazer praticavel a picada da Villa de Lages até essa Ilha... etc. — Carta de D. Luiz de Vasconcellos, in Cons.^o Mafra, Exposição Historico-Juridica.

(352) "... e seguida de cima da serra para a Villa de Lages, que sendo pertencente áquelle Governo (*de Santa Catharina*) ficou servindo de Limite á Capitania de São Paulo, por um indiscreto despotismo do Governador Luiz Antonio de Souza Botelho de Mourão (Morgado de Matheos)... "in Cons. Mafra Exposição Historico-Juridica.

Rio Pelotas; de outro, o Rio Grande não abria mão da sua pretensão pelo Rio Canôas, chegando a mandar o Alferes Manoel Vaz Pinto transferir para as margens desse rio, acompanhado de um destacamento militar, em 1776, o Registro de Santa Victoria. A esta occupação se oppôz Correia Pinto e, como se obstinasse o Governador do Rio Grande na sua ordem, prohibio o Capitão-Mór de Lages que a Vaz Pinto fornecessem os moradores de Lages viveres e outros necessarios. Apesar da prohibição, o Registro de São Jorge conservou-se até novembro de 1780, quando, cumprindo ordens da Metropole, Sebastião Xavier da Veiga Cabral, governador da Capitania do Rio Grande, o fez recuar para a margem esquerda no Pelotas, por ser este, como dizia a ordem, *o limite inquestionavel* com São Paulo. Ficou assim solucionada a questão entre as duas Capitánias, nitidamente demarcados os limites ao sul do Termo de Lages. Para o norte, referia a Camara deste Termo, em petição á Rainha, em 1797, os seus limites pelos que tinha ao sul a freguezia de S. Antonio da Lapa.

No litoral, os limites da Ouvidoria de Santa Catharina com a de Paranaguá eram pela barra austral do rio São Francisco e pelo Cubatão do mesmo rio. Em 1771, o Morgado de Matheos erigio em villa a freguezia de Guaratuba, ficando então estabelecidos os limites entre as duas villas (Guaratuba e São Francisco) pelo rio Sahy e, das cabeceiras deste, por uma linha que passasse entre os morros de Araraquara (ao norte) e Ikrim (Kiriri), ao sul. Embora estabelecidos estes limites, o Governador de São Paulo, fazendo jús á apreciação de D. Luiz de Vasconcellos, quiz cobrar ouro tirado em São Francisco, em 1772, cessando a sua pre-

tensão com a intervenção do mesmo Lavradio, que lhe fez ver pertencia São Francisco ao Governo de Santa Catharina. Ao sul, em 1771, os limites entre Laguna e o Rio Grande marcavam-se pelo Tramandahy, sendo mais tarde reconhecido o Mampituba como linha divisoria. Assim sendo, Santa Catharina tinha as divisas acertadas, ao norte, entre as Camaras de S. Francisco e Guaratuba e ao sul o Tramandahy e, faltasse-lhe a precisão dos limites demarcados pelo Alvará de 1749, que dispunha nitidamente os mesmos pelo Rio Negro que se mette no grande rio de Curityba, tinha ainda a praxe usual que dava aos governos sertão correspondente á testada da costa. Para melhor positivar a procedencia desta reivindicação sempre arguida por Santa Catharina, este sertão era reconhecido de seu governo desde 1747, quando mandou a Metropole, ao Brigadeiro Silva Paes, "*ou a quem na sua ausencia estiver governando a Ilha de S. Catharina*", localizar casaes de colonos, não só nella "*como na terra firme do seu contorno*", desde o Rio São Francisco do Sul até o serro de S. Miguel e no sertão correspondente a este districto (COM ATENÇÃO POREM QUE SE NÃO DÊ JUSTA RAZÃO DE QUEIXA AOS HESPANHOES CONFINANTES)... etc". (353)

Apezar de toda a razão historica que amparava Santa Catharina, São Paulo não cedeu. E si bem que *de direito* fossem estes os limites, *de facto* elles eram outros. No litoral permaneciam os referidos, mas no sertão elles não iam alem da Serra do Trombudo. Em abril de 1791, agentes do Governo de Santa Catharina

(353) Cons^o. Manoel da Silva Mafra — Exposição Historico-Juridica.

e do Capitão Mór de Lages collocaram no alto desta serra um marco divisorio dos limites das duas Capitánias. (354)

*

Em 1808, Santa Catharina passou a ficar subordinada á Capitania Geral de São Pedro do Rio Grande e, em 1812, perdeu para esta a sede da Ouvidoria instalada na Ilha. Em 1820, pelo Alvará de 9 de setembro, El Rei houve por bem "*desannexar a mencionada Villa de Lages e todo o seu termo da Provincia de São Paulo e incorporal-a na Capitania de Santa Catharina-a cujo governo ficará d'ora em diante sujeita*". A razão que levou a Metropole a restituir Lages ao Governo de Santa Catharina foi "*por ser a dita Villa a mais meridional das da Provincia de São Paulo e pela grande distancia em que se acha da Capital*". Seis mezes depois, em fevereiro de 1821, restabelecia o Governo a Comarca de Santa Catharina, na Provincia deste nome, tendo por districto, ao sul, a mesma divisão que tem o governo, "*no centro comprehenderá a Villa de Lages; pelo norte terá o seu limite pela divisão actual da Comarca de Paranaguá e Curityba*".

Em 1824, a Constituição do Imperio ratificava todas estas linhas divisorias, em seu Art. 2.^o, instituindo que "*o territorio do Imperio ficava dividido em Provincias, na forma em que actualmente se acha*".

Por todos estes motivos reivindicou Santa Catharina todo o territorio abaixo do Iguassú, até o Pelotas

(354) Levantaram-no o Capitão Antonio Marques de Arzão, por parte do Capitão Mór de Lages e o Capitão João da Costa Silveira, por parte de Santa-Catharina e levava o marco as iniciais S. P., para o sul e S. C. para o norte. — Mafra — Op. cit.

e o Uruguay, protestando sempre contra a invasão dos sertões que lhe correspondiam. Á tão prolongada questão, motivada pela ousadia usurpadora do Morgado de Matheos, se ajuntaria logo, complicando-a, a descoberta dos Campos de Palmas.

*

A existencia dos Campos de Palmas não era ainda conhecida em 1870, quando o Conde de Linhares mandou uma expedição aos de Guarapuava. Falava-se vagamente na sua existencia, mas se lhe não conhecia a situação, "*sendo que demoravão contiguos aos de Guarapuava, com o intervallo de um sertão, de pouco mais de tres legoas, pelo qual corre o Iguassú, cuja visinhança se desconhecia*". (355)

Refere Pinto Bandeira, na sua memoria escripta em 1850, que durante a expedição a Guarapuava (1814-1819) o commandante della destacou o Major Athanagildo Pinto Martins para que, com alguns homens, e guiado pelo indio *Jongong*, attingisse as fundações portuguezas da Capitania de São Pedro. Levou-os o guia mais para o oriente, por causa da multidão de selvagens que infestava a região, atravessando apenas a ponta dos Campos de Palmas, indo sahir aos de Vaccaria. Mandado de volta aquelle *Jongong*, com oito homens, pelo itinerario que de facto deveria ter percorrido na ida, nunca mais appareceu com os seus companheiros, e a memoria da existencia dos Campos de Palmas se foi apagando. Em 1832, um tropeiro de nome José de Sá Sottomaior foi atacado pelos indios das

(355) Pinto Bandeira — Noticia da descoberta dos Campos de Palmas até 1850 cit. por Cons^o. Mafra, Op. cit.

Missões, e sendo mais tarde achados os cadáveres de seus companheiros e não o seu, correu noticia de que elle se achava prisioneiro nos sertões que ficavam entre Guarapuava e as Missões, tendo então seus parentes, auxiliados pelo Governo de São Paulo, preparado uma expedição para ir á sua procura, tendo a mesma penetrado no sertão em maio de 1836, a mando do Sargento-mór José de Andrade Pereira, e avistado "*mais dos Campos de Palmas*". (356)

Por esta epoca alguns indigenas se apresentaram em Guarapuava e conseguiram seduzir alguns outros a lhes acompanhar. Os infelizes que se dispuzeram a seguir em companhia dos primeiros foram condemnados a morrer e um delles, de nome Miguel, conseguiu escapar, passando pelos Campos de Palmas, sendo quem delles deu melhores informações. Mais tarde, necessitando os paulistas de maiores extensões de campos para a criação do gado, decidiram-se tentar a exploração dos campos palmenses. Duas sociedades se organizaram, dirigidas respectivamente por José Ferreira dos Santos e por Pedro de Siqueira Côrtes, tendo este, despeitado por não ter sido incluído na primeira sociedade, fundado a segunda. Não tardou que brigassem por causa dos direitos da descoberta, chegando quasi ás vias de facto. Finalmente, entregaram a demanda á decisão de dois arbitros, que foram o Senador João da Silva Carrão e Pinto Bandeira, que é quem relata o acontecido, ficando Siqueira para o poente do Laggado das Caldeiras e Ferreira dos Santos para o nascente. Em 1837, a Lei Provincial de 16 de maio, de São Paulo, creava uma Companhia de Municipaes Permanentes para "com ella fazer-se a descoberta dos

Campos de Palmas”, companhia que só chegou áquella zona em 1840, não mais para fazer a descoberta, que já estava feita, mas para garantir as 37 fazendas estabelecidas em Palmas, e cinco no Campo Erê, contra os ataques dos selvicolas.

Dando o Relatorio do Presidente da Provincia de São Paulo, em 1841, noticia desta occupação, o General Antero de Brito, depois Barão de Tramandahy, e que era Presidente de Santa Catharina, protestou contra a mesma, demonstrando que o territorio situado á margem esquerda do Iguassú, até os rios Pepery-guassú e Santo Antonio, pertencia a Santa Catharina, e comprehendia os Campos chamados Novos, já povoados, e as vastissimas campinas denominadas das Palmas. Só em 1844, ante a insistencia do General Antero, se dignou o Barão de Suruhy, General Manoel da Fonseca Lima e Silva, Presidente de São Paulo, dar resposta ao protesto, allegando “*descoberta, occupação e posse*” para conservar o territorio á esquerda do Iguassú. Não cedendo os Presidentes, annuiram entregar a questão á decisão do legislativo, estabelecendo-se um *statu quo*. Apezar deste, não tardou que Suruhy encarregasse o Alferes Francisco da Rocha Loures de explorar o caminho de Palmas ao Uruguay, ao mesmo tempo que os fazendeiros de Palmas continuavam a estender os seus dominios. (357)

Morava o dito alferes em Guarapuava e deu inicio ao encargo que lhe fôra commettido, auxiliado pelos caciques da tribu dos Corôados, Victorino e Condá, este, seu amigo de infancia. O cacique Nonohay, com a sua tribu, procurou obstar, no Passo Nonohay, a acção de Rocha Loures, tendo Condá resolvido as duvi-

(357) Idem.

das entre elles. (358) Em 1838, o Ministro do Imperio mandou ao Brigadeiro Pardal, Presidente de Santa Catharina, providenciar para que auxiliasse na correição e ampliação do "Diccionario Topographico do Imperio do Brasil", do Senador Saturnino da Costa Pereira. Foi nomeada uma commissão composta do Chefe de Esquadra Miguel de Souza Mello e Alvim, Major de Engenheiros Patricio Antonio de Sepulveda Ewerard e Capitão de Engenheiros Alexandre Manoel Albino de Carvalho, para os referidos estudos e, no seu parecer, referindo-se ao antigos limites de Santa Catharina com as Capitánias de São Pedro e de São Paulo, fazendo referencia ao alvará que incorporou Lages, e todo o seu termo, á Santa Catharina, e dizendo que si os limites entre as duas Capitánias não haviam sido nitidamente traçados, motivou-o o desconhecimento que se tinha da região.

O parecer concluia que outros não deveriam ser estes limites, sinão os que Santa Catharina pleiteava. (359)



(358) Lucas A. Boiteux — Notas para a Historia Catharinense.

(359) "Parece que a Natureza se esmerou em predispor uma divisa, que satisfizesse a todas as condições, tal é o Rio Negro, que nasce no alto da Serra Geral, á pequena distancia do Rio Sahy, e depois o Rio Curityba, em que se perde o mesmo Rio Negro, sendo que os tres se acham singularmente collocados no rumo geral do mesmo paralelo; divisa que, ligada pelo Occidente com a que respectivamente nos cabe, segundo a linha divisoria marcada pelos Tratados celebrados entre as Corôas de Espanha e Portugal e que deve passar pelos Rios Pepery-guassú e Santo Antonio, completa junto com o que já é conhecido pelo sul, o justo perimetro, que convem decretar", in Cons^o. Mafra, Op. cit.

A 29 de abril de 1843, o Visconde de Caravellas, deputado por São Paulo, apresentou um projecto elevando a Provincia a Comarca de Curityba, não logrando approvação, por ter soffrido forte impugnação por parte do restante da bancada paulista. Sete annos mais tarde, quando se creou a Provincia do Amazonas, novo projecto foi apresentado pelo Deputado Candido Baptista de Oliveira, numa emenda que extendia á Comarca de Curityba o que fosse determinado para a do Alto Amazonas. Não conseguiu ainda approvação a emenda que fazia da 5.^a Comarca de São Paulo uma nova Provincia, velha e justa aspiração dos habitantes daquella região. No anno seguinte, apesar do *statu quo* já referido, o Governo de São Paulo, sob os protestos de Santa Catharina, mandava agentes seus abrir uma estrada entre Campos Novos e Curitybanos, proseguindo a sua obra de invasão, embora não fizesse muito que o Senador Vergueiro, reputada autoridade, affirmasse que os limites de São Paulo não chegavam até ao Rio Grande, confinando só com Santa Catharina.

Afinal, o Governo acabou concordando com a aspiração do Paraná, elevando-o a Provincia, depois dos sangrentos acontecimentos eleitoraes de 1852, em São José dos Pinhaes, em que as providencias tomadas pela Capital chegaram tarde ao theatro dos mesmos. A 9 de agosto de 1853, voltou á discussão a emenda Baptista de Oliveira, e embora tivesse soffrido forte opposição da bancada paulista, que exgotou razões contra a elevação, entre as quaes a duvida lindeira, que convinha resolver, para evitar *duvidas, questões e conflicts*, em 9 dias foi votado o projecto e a Comarca de Curityba foi elevada a Provincia do Paraná, com a extensão e limites da antiga Comarca. Em nenhum dos tres projectos que trataram da elevação do Paraná a

Provincia se lhe delimitavam as fronteiras. O primeiro, de Carneiro de Campos (Caravellas), dizia: "*com o territorio e limites que ora tem a Comarca do mesmo nome na Provincia de São Paulo*"; o segundo não se referio a quaesquer limites; o ultimo, transformado na Lei 704 de 29 de agosto de 1853, dizia apenas: "*A sua extensão e limites são os mesmos da referida Comarca*". (360)

Porisso, em 1854, o Deputado catharinense Dr. Joaquim Augusto do Livramento, acautelando os interesses da sua terra, apresentou um projecto (2 de junho) fixando os limites de Santa Catharina da seguinte forma:

"Art. 1.º: — As divisas entre as Provincias de Santa Catharina e Rio Grande do Sul são os Rios Mampituba, o arroio das Contas, o rio Pelotas e Uruguay; e entre aquella Provincia e a do Paraná, são o Rio Sahy Grande, o Rio Negro, e aquelle em que elle desagua".

Zacharias de Góes* e Vasconcellos, primeiro Presidente da nova Provincia, nesse mesmo anno, treze dias após a apresentação do projecto Livramento, se dirigia pela primeira vez á Assembléa Provincial, declarando sobre a questão de limites que, ao Paraná, passára a incerteza dos seus limites com Santa Catharina. E já se referindo ao projecto do deputado barriga-verde, combateu-o, allegando a descoberta e a posse dos campos de Palmas pelos paulistas e alvitrandu uma linha divisoria entre aquelles campos e os campos No-

(360) Cons^o. Mafra — Op. cit.

vos, até tocar o Uruguay. No mez seguinte, a Commis-
são de Estatística da Camara dos Deputados dava o
seu parecer, reconhecendo incontestaveis os limites de
Santa Catharina com o Rio Grande do Sul, pelo Con-
tas, Pelotas e Uruguay, e portanto que o Paraná não
confinava com esta Provincia, e sim Santa Catharina,
e para o norte, referindo-se á primeira reclamação ca-
tharinense apresentada á Camara em 1846, em que,
por ignorancia dos alvarás de 1820, pleiteava a linha
divisoria pelo Canoinhas, achou que “parecia pertenc-
cerem a Santa Catharina os Campos de Palmas”, si a
divisa fosse aquelle rio, concluindo por autorizar o
Governo a demarcar os limites depois dos necessarios
estudos. A 23 de agosto de 1855, foi o parecer approva-
do em plenario. Ainda neste anno, o Paraná repre-
sentava á Camara, pedindo as seguintes divisas: o rio
Canôas, desde a sua confluencia no Pelotas, até a con-
fluencia do rio Marombas; por este acima até a sua
nascente principal e desta em linha recta na direcção
de Leste até a Serra do Mar; a Serra do Mar, desde a
intersecção desta linha até o paralelo da nascente prin-
cipal do rio Sahy-guassú; o Rio Sahy-guassú, desde a
sua nascente principal, até o Oceano Atlantico Aus-
tral”. Felizmente, a Assembléa do Paraná dizia na re-
ferida representação, tambem: “Quanto aos limites
que foram então adoptados entre as duas Provincias
(São Paulo e Santa Catharina), não os conhece esta
Assembléa, por falta de documentos que os attestem”.
Só assim se justificaria a solicitação dos limites apre-
sentados... A Santa Catharina, todavia, não faltavam
os comprovantes historicos da sua pretensão. Apesar,
o Visconde de Beaurepaire Rohan, em 1856, apresen-
tou um Relatorio, restringindo ainda mais o territo-
rio de Santa Catharina, preconizando a linha divisoria

pelo Canôas, da sua confluencia com o Pelotas até a sua origem, desta na direcção da Serra do Mar, e por esta serra até ao parallelo da origem principal do Sahy. E, a serem attendidas taes pretensões, passariam para o Paraná os Campos Novos e Curitybanos, onde, de havia muito, moradores idos de Lages se haviam estabelecido, e sobre os quaes jamais houvera duvidas... Estas já excediam, assim, de muito, aos Campos de Palmas.

No Senado, onde chegára o projecto Livramento, em 1856, o Barão de Antonina preconizou nova divisa: pelo Timbó, até a sua confluencia com o Uruguay. Mas, depois, verificou-se que o Timbó nunca foi tributario do Uruguay e que corre para o Iguassú e o projecto não foi para deante, porque, approvado assim, ficariam os Campos de Palmas para Santa Catharina, o que não convinha aos interesses do Paraná. Como a linha pelo Canoinhas, da primitiva reclamação catharinense, esta do Timbó contrariava o desejo da Provincia visinha. Procurando bases historicas para justificar as suas razões, demoraram-se os pesquisadores de ambas as Provincias em buscas nos Archivos, e, em 1857, José Gonçalves dos Santos Silva publicava uma série de documentos arrecadados nos Archivos das Camaras Municipaes de S. Francisco, Laguna, Lages e na Secretaria do Governo, intitulada "*Cartas acêrca da Provincia de Santa Catharina.*" (361)

(361) Reeditadas na Revista Trimestral do Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina. — Em 1865 o mesmo José Gonçalves dos Santos Silva publicou novas cartas, que foram reunidas num volume intitulado "As Leis em conflicto com o Direito de Occupação e Conquista, ou a Pro-

No mesmo anno, o Dr. João José Coutinho, Presidente da Provincia, entregava o seu Relatorio á Assembléa Catharinense, do qual fazia parte o trabalho "Limites da Provincia", em que refutava ao Conselheiro Zacharias e ao Visconde de Beaurepaire Rohan. Ambos os trabalhos demonstraram que historicamente não havia incerteza de limites entre S. Paulo e Santa Catharina, affirmada no Relatorio Zacharias. (362)

Em maio, a Assembléa Provincial dirigiu-se novamente á Camara, tratando da fixação dos limites, e dez dias mais tarde apparecia o trabalho do Conselheiro Zacharias de Góes intitulado "A questão de limites entre a Provincia do Paraná e a de Santa Catharina", respondendo ás razões apresentadas pelo Presidente Coutinho e appellava novamente para o argumento da descoberta e posse dos territorios, afim de invalidar os titulos de direito apresentados por Santa Catharina. (363)

*

Em 1864, o Paraná creou uma estação fiscal no Chapecó, tendo Santa Catharina levantado outra no Rio Uruguay, motivando reciprocos protestos dos Presidentes das duas Provincias.

Levantada novamente a questão, o Ministro do Imperio do Gabinete de 31 de agosto de 1864, sob a inspiração do Ministro da Agricultura, que era o

vincia de Santa Catharina em seus confins com a Provincia do Paraná" — Santa Catharina, Typ. Desterrense de J. J. Lopes, rua da Trindade n.º 1 — 1865 — Um volume raro desta edição obteve recentemente o A. para a sua collecção.

(362) Cons.º. Mafra — Op. cit.

(363) Idem.

deputado paranaense Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá, publicou o Decreto 3.378, de 16 de janeiro de 1865, assim redigido:

— “Os limites entre as Provincias do Paraná e Santa Catharina são provisoriamente fixados pelo rio Sahy-Guassú, Serra do Mar, e Rio Marombas, desde a sua vertente até o das Canoas e por este até o Uruguay”.

Reconhecia-se assim o *uti-possidetis* do Paraná sobre os campos de Palmas, e além delles sobre os de Campos Novos e parte de Curitybanos, de incontestavel dominio barriga-verde. Os protestos surgiram e o deputado catharinense Mello e Alvim qualificou o acto do Ministro de *verdadeira conquista*, pois já agora não se limitava a satisfazer o Paraná no que se relacionava aos Campos de Palmas, mas fazia doação de territorio jamais contestado. Em maio do mesmo anno, os deputados por Santa Catharina Mello e Alvim e Silveira de Souza apresentaram um novo projecto á Camara, concebido nos termos das anteriores reivindicações catharinenses:

— “Art. I — Os limites da Provincia de Santa Catharina com a do Paraná serão:

§ 1.º No litoral o rio Sahy-Guassú até a Serra Geral pela abertura entre os picos de Araraquara e Inkerim, conforme o auto de demarcação de 2 de maio de 1771.

§ 2.º Da serra para o interior, o rio Negro e o Iguassú, ou Grande Curityba, até a fóz do rio Santo Antonio, como determina a Provisão de 20 de novembro de 1749.

— Art. II — Ficção revogadas, etc...”

Adiada a Assembléa Geral para 1866, com o fim de obstar o Decreto 3.378 o Conselheiro Silveira de Souza dirigio ao Marquez de Olinda o seu erudito *Memorial*, resultando então o Aviso de 21 de outubro, mandando sustar a execução do referido Decreto até segunda ordem.

Em 1866, a Commissão de Estatica da Camara dos Deputados opina pela approvaçãõ do projecto Mello Alvim-Silveira de Souza, concluindo o seu parecer "sem occupar-se com os limites do sul de Santa Catharina, sobre os quaes não ha questãõ, entende que os designados entre o Paraná e Santa Catharina, no Decreto de 16 de janeiro do anno passado, não podem ser sustentados; assim como que, tambem, não deve ser attendida a pretensãõ da dita Provincia do Paraná, embora limitada ao campo de Palmas, sobre o qual não tem a mesma direito algum e que, para serem restituídos a Santa Catharina os territorios que sempre lhe pertenceram de direito, e que em vista do bem publico e das conveniencias daquelles povos e do Estado, convem que lhe pertençam, deve adoptar-se o projecto, a que a Commissãõ se referio no principio deste parecer".

Só nove annos mais tarde foi este parecer sub-mettido á discussãõ, a requerimento da bancada catharinense, soffrendo a impugnaçãõ do deputado paranaense Euphrasio Correia, que, segundo o Conselheiro Manoel da Silva Mafra, usou dos mesmos argumentos do Conselheiro Zacharias. Os deputados catharinenses Francisco Carlos da Luz e Thomaz Pedro de Bittencourt Cotrim envidaram os possiveis esforços para que fosse approvado o projecto, mas a

sua discussão foi novamente adiada, evitando-se assim a solução do conflicto favoravelmente a Santa Catharina.

*

Em 1858, como já se referio na parte relativa á Colonização (vide Cap. III da 2.a Parte), deu-se inicio á construcção de uma estrada que deveria ligar a Colonia D. Francieca, mais tarde Joinville, ao planalto. A construcção foi ordenada pelo Governo Imperial, que a financiava, e deveria attingir, como ponto terminal, Curityba, mas posteriormente achou-se que havia maior conveniencia em dirigil-a para o Rio Negro, facto que não agradou ao Estado do Paraná. A estação fiscal dos Ambrosios, já então creada para a cobrança de imposto sobre o gado que descesse em direcção á Colonia D. Francieca, foi transferida para o lugar denominado Eneuzilhada, logo que a estrada chegou ao alto da serra, em 1868. Collocou-se o dito posto fiscal a 26 kilometros da margem esquerda do Rio Negro (364), em territorio que sempre pertencera, sem contestação, a Santa Catharina. Com a intensificação do movimento commercial entre a colonia D. Francieca e a de São Bento, fundada em 1873, o Paraná começou a exigir o pagamento de impostos na referida estação fiscal, o que motivou protestos dos colonos desta ultima colonia, dirigidos ao Governo da Provincia, sendo as allegações dos colonos totalmente confirmadas pela Camara Municipal de Joinville, em 1874. (365) No anno seguinte, ao se procederem me-

(364) Officio de 11 de março de 1876, do Presidente do Paraná, cit. por Cons^o. Mafra, Op. cit.

(365) Wolfgang Ammon — Op. cit.

dições de lótes coloniaes, houve occupação de seis delles por habitantes da visinha Provincia, que se diziam posseiros, ameaçando, as autoridades paranaenses, de prisão, o commissario de policia local, chegando mesmo a ser multado um habitante, inspector de quartelão, na importancia de seiscentos mil réis, por se ter negado a fornecer áquellas autoridades lista de recrutas da região. (366) Culminou o abuso com a invasão de São Bento por uma escolta de 14 policiaes, a 24 de agosto, para proceder á captura de um cidadão, habitante do lugar, que foi levado preso para o Paraná. O Presidente desta Provincia, Dr. Antonio Lamenha Lins, pretendeu mesmo protestar junto a Santa Catharina, contra a nomeação de autoridades para S. Bento, dando-a como parte integrante do districto dos Ambrosios, daquela Provincia. Bandeira de Mello, que presidia Santa Catharina, contestou, prolongando-se a discussão até 1876, com o Visconde de Taunay, que o substituiria no governo barriga-verde.

Desde que as pretensões da visinha Provincia já se não limitavam aos Campos de Palmas, tornou-se inquietante para Santa Catharina a questão que já affectava zona jamais contestada e, tendo o governo paranaense procurado garantir o posto creado, com força policial, ameaçado pelos colonos sanbentenses, ante o formal protesto de Santa Catharina, retirou-a.

Ainda em 1876, o Presidente do Paraná, no seu Relatorio á Assembléa Provincial, poz em duvida a authenticidade dos Alvarás de 1838, taxando-os de suspeitos, tendo Taunay, para retirar-lhe esta duvida, enviado copias authenticas dos Alvarás de 11 de agos-

to de 1838 e de 20 de novembro de 1749. No anno seguinte, surge o trabalho do Dr. Bento Fernandes de Barros, intitulado "*Limites entre o Paraná e Santa Catharina*", analysando os documentos historicos por esta apresentados e negando-lhes o valor que se lhes dava.

*

Em 1891, em a sessão da Camara dos Deputados de 28 de julho, os Deputados catharinenses Lauro Müller, Felipe Schmidt, Carlos de Campos e Lacerda Coutinho apresentaram mais um projecto relativo aos limites do Estado, que outro não era sinão o apresentado por Silveira de Souza e Mello e Alvim. Mereceu este projecto, da Commissão de Constituição, Legislação e Justiça, extenso parecer, apresentado em setembro de 1891, em que se reconhecia a procedencia das reclamações catharinenses. (367)

(367) ... "A commissão de Constituição e leis ainda faz suas as palavras seguintes do parecer, a que acima se referio (refere-se ao parecer de 1856) e que tão brilhantemente elucidou a questão de divisas do Paraná e Santa Catharina: "Contra esse testemunho do Visconde de Macahé, que é de immenso valor, e contra os mais argumentos já apresentados, que não são menos, tem a Provincia do Paraná apenas a allegar a descoberta, occupação e posse do campo de Palmas, por paulistas em 1838, despezas subsequentes e actos officiaes praticados por sua parte desde então em relação áquelle territorio; descoberta que, mesmo a ser real, occupação e posse que mesmo a terem sido legitimadas, não poderão ter outro effeito sinão garantir o dominio individual dos occupantes ou posseiros, mas nunca serem titulos de aquisição de territorios de provincia a provincia; despezas finalmente e actos ou medidas officiaes, que não podem crear tal direito e antes o suppõem para a legitimidade, sendo que, demais, as primeiras devem ter sido compensadas pelas rendas auferidas do dito territorio. Fóra destes

Oppuzeram-se os deputados paranaenses, que taxaram o parecer de iniquo e parcial, á sua approvação e a requerimento de Nilo Pecanha, foi o mesmo retirado de discussão, pretextando este não se dever tratar da irritante questão, sinão depois de resolvida a disputa com a Argentina a respeito dos mesmos Campos de Palmas, sendo, assim, novamente protelada a solução do pleito.



factos, contra os quaes aliás protestou sempre Santa Catharina, desde 1841, quanto ao campo de Palmas, e que nenhuma applicação teem aos mais territorios, que o decreto de 16 de janeiro de 1865 passou para o Paraná, nenhuma razão de peso offereceu-se á Commissão de estatística em sustentação das pretensões da Provincia do Paraná”.

“A comissão viu-se até muito embaraçada para conhecer..... quaes sejam os limites a que ella se julga realmente com direito”.

....“Ainda quando os limites de Santa Catharina com o Paraná, pelos rios Negro e Iguassú, e com a fronteira espanhola, não estivessem já legal e positivamente estabelecidos, e se tratasse presentemente dessa demarcação, não deveriam ser outros”.

....“já em summa por qualquer lado que se considere a questão, nenhuma razão de utilidade publica vê a comissão que induzir possa o legislativo a determinar outra demarcação que não aquella dos rios Negro e Iguassú, estabelecida pela provisão de 20 de novembro de 1749”. A’ vista do exposto a comissão é de parecer que seja adoptado pela Camara dos Deputados o projecto 63 apresentado pelos representantes de Santa Catharina. Sala das Commissões, 19 de setembro de 1891. Amphilóquio, Presidente — Aristides Lobo — Angelo Pinheiro — Glycerio — Chagas Lobo — Leopoldo de Bulhões, relator — Gonçalves Chaves — França Carvalho”. — in Cons.^o Mafra, op. cit.

Em 1896, as autoridades municipaes de Rio Negro mandaram destruir algumas pontes na estrada que vae a São Lourenço, tendo a população de São Bento protestado energeticamente contra o facto, obrigando Hercilio Luz, que então governava o Estado, a enviar um contingente de 50 praças de policia, commandadas pelo Major Gastão Cotrim, para esta localidade afim de garantir a reconstrucção das referidas pontes. Em Palmas os animos se exaltaram, havendo varios conflictos e o Paraná embarcou para o Rio Negro um corpo da sua Policia, composto de cem homens. Por toda a zona contestada sentia-se latente a disposição para uma lueta que seria de sérias consequencias e de Palmas, Rio Negro e outras localidades de dominio paranaense solicitava-se reforço armado. Apesar disto, com a certeza dada pelo Paraná de que não obstaria o serviço de reconstrucção das pontes referidas, o contingente policial catharinense teve ordem de volver a São Bento. Tanto bastou para que as autoridades rionegrenses mandassem novamente deitar fogo a uma dellas e destruir as restantes. De Florianopolis embarca para S. Bento, então, o restante da Força Policial (169 homens), em companhia de Libero Guimaraes que representava o Governo. Foram novamente reconstruidas as pontes e, como tivesse o destacamento paranaense voltado aos seus quartéis, o mesmo foi determinado para o de Santa Catharina, ficando no Rio da Lança apenas 27 praças de policia, commandadas por um alferes. Não tardou, porém, que fossem presos todos estes policiaes, em novembro daquelle anno, por 230 praças da Policia do Paraná.

Nova exaltação de animos em toda a zona e protestos de toda a especie, vendo-se Santa Catharina

obrigada a reenviar força maior para S. Bento. (368) Hercilio Luz chamou então para patrocinar a causa do Estado o notavel juriconsulto Dr. Manoel da Silva Mafra, que, em 1899, publicava o seu alentado volume intitulado *Exposição Historico-Juridica por parte do Estado de Santa Catharina sobre a questão de limites com o Estado do Paraná*, em que, além de demorada reconstituição historica, refutava todas as razões apresentadas por esse Estado, desde Zacharias de Góes até Vicente Machado, politico illustre e de grande projecção no vizinho Estado e que, pelas columnas dos jornaes, publicára uma série de artigos defendendo as allegações do mesmo. Por iniciativa das bancadas dos dois Estados, resolveu-se entregar a questão a arbitramento, tendo mesmo sido escolhido para arbitro o Dr. Manoel Victorino. Para produzir os effeitos legaes, combinado ficou que a decisão do arbitro deveria ser homologada pelo Supremo Tribunal Federal, mas, ouvido este, foi declarado que não tinha elle competencia para referendar sentenças não judiciaes.

Resolveu então Santa Catharina entregar o caso á decisão do poder judiciario, continuando Silva Mafra como advogado dos direitos catharinenses, tendo o Paraná entregue a sua causa ao não menos notavel advogado Conselheiro Barradas. (369) Em 1904, finalmente, o Supremo Tribunal Federal dava ganho de causa a Santa Catharina, na acção movida contra o Estado do Paraná. Fôra este citado "para responder aos termos de uma acção ordinaria afim de ser condemnado a reconhecer e respeitar os limites legaes entre os dois Estados e a restituir os territorios pertencentes

(368) Wolfgang Ammon — Chronica de São Bento.

(369) Crispim Mira — Confraternização Republicana.

ao Estado Autor, dos quaes está indevidamente de posse além de seus limites". (370) Embargado o Accordam pelo Estado do Paraná, em 1909, novamente decide o Supremo a favor das pretensões catharinen-ses. Em 1910, finalmente, pela terceira e ultima vez, o mesmo Tribunal rejeitava os embargos oppostos para confirmar os Accordams anteriores. (371)

Assim, Santa Catharina vio-se victoriosa no pleito e reconhecidas estavam como procedentes as razões que desde 1841 vinha sustentando. Apesar do que, o Paraná continuou na posse dos referidos territorios contestados.

*

Em 1910, em União da Victoria, installou-se uma junta governativa, pretendendo crear o "Estado das Missões", com a área de todo o Contestado. Compunham-na o Dr. Bernardo Vianna e Cel. Domingos Soares, por Palmas; José Julio Cleto da Silva, por Clevelandia; Pedro Alexandre Franklin, por Rio Negro; Cel. Amazonas Marcondes e Francisco Cléve, por União da Victoria, todos estes Municipios do Paraná e-situados na zona contestada.

Foram feitas communicações desta installação, mas o Presidente Xavier da Silva, do Paraná, para lá enviou o Dr. Affonso Camargo, Vice-Presidente, que fez ver aos elementos ter havido precipitação na organização do novo Estado, antes de que se pronunciasse em definitivo o Supremo Tribunal Federal. Foi então

(370) Accordam do Supremo Tribunal Federal, in Documentos Comprobatorios dos Direitos do Paraná, coll. por Romario Martins, Vol. II.

(371) Idem.

assignada uma acta em que o Comité de Limites existente no Paraná se compromettia a emprestar todo o seu apoio á Junta Governativa, na hypothese de ser desfavoravel ao Paraná a decisão judiciaria.

Prestigiavam, assim, altas personalidades do Estado a preconcebida desobediencia ao mais alto Tribunal, caso viesse o mesmo a julgar o feito a descontento seu, "applaudindo o nobre gesto dos habitantes do Contestado". (372)

Em 1912, o jornalista Crispim Mira lançou a idéa de um accordo directo entre os dois Estados, sendo a idéa mal recebida pela opinião catharinense e pelos politicos barriga-verdes, excepto Lauro Müller. (373)

Em seguida, declara-se a lucta dos fanaticos no Contestado, cujo desenrolar será relatado no capitulo seguinte. Nos ultimos mezes da campanha, em 1915, Wencéslau Braz promoveu um encontro dos Presidentes do Paraná e de Santa Catharina, Drs. Carlos Cavalcanti e Felipe Schmidt, afim de tratarem de solucionar a pendencia. Resultaram improficuas as demarches presidenciaes. Santa Catharina não concordava em sujeitar novamente a questão á decisão arbitral, pois, dizia o Cel. Felipe Schmidt, esta não poderia ser differente da que já o Supremo Tribunal havia proferido e que não fôra respeitada. O Dr. Carlos Cavalcanti lembrou ainda a idéa de um plebiscito, tambem recusada pelo Governador de Santa Catharina. Finalmente, a idéa de um accordo não foi repellido, mas o Presidente paranaense propoz ficar para Santa Catharina os Municipios de Lages, Curitybanos,

(372) Cléto da Silva — O Accordo Paraná-Santa Catharina ou o Contestado deante das Carabinas.

(373) Crispim Mira — Confraternização Republicana.

Campos Novos e São Bento, zonas que nunca foram julgadas em litigio, permanecendo o restante sob a jurisdição paranaense. Naturalmente, não poderia concordar o Governador Schmidt com semelhante proposta e, attendendo então aos desejos geraes do Estado, uma vez fracassada a tentativa de um accordo, deu andamento ao processo judicial, requerendo a execução da sentença. (374) O litigio, entretanto, precisava encontrar um fim, pois já irritava a opinião publica do paiz inteiro e, em 1916, Wenceslau Braz tentava novamente chamar as partes a um accordo. A Florianopolis foi enviado o Commandante Thiers Flemming, com credenciaes do Presidente da Republica, levando a proposta de uma linha divisoria que passaria pelos rios Negro e Iguassú e pelo primeiro ribeirão maior das proximidades de Porto-União, até a Estrada de Ferro, por esta até o rio do Peixe e por este até a sua fóz no Uruguay. Santa Catharina reconheceria immediatamente como pertencentes ao Paraná a zona comprehendida entre a fóz do rio Jangada e a do Chopim, sobre o Iguassú, e entre as cabeceiras mais altas destes rios. O restante ficaria para ser resolvido por um arbitro. (375)

Felippe Schmidt relutava agora em acceitar a idéa de um accordo e o Capitão de Fragata Thiers Flemming, enviado do Presidente da Republica, a Ulysses Costa, Chefe de Policia de Santa Catharina, declarou temer o fracasso da nova mediação. Teve este a habilidade de obter do Governador a reunião de politicos de responsabilidade no Estado, em Palacio, e Santa Catharina dias após apresentava a sua contra-pro-

(374) Idem.

(375) Idem.

posta, dando assim margem ao estabelecimento de negociações a respeito da velha questão. (376) Aquiescendo desta forma Santa Catharina em tratar de um accordo, o Presidente da Republica enviou ao Dr. Affonso Camargo, Presidente do Paraná, o seu representante, Capitão Thiers Flemming, com a contra-proposta catharinense, mas aquelle não a accitou, por sacrificar a linha divisoria a comarca de União da Victoria (377), e depoz nas mãos do Presidente Wenceslau Braz a terminação da pendencia, “accitando como definitiva e submettendo immediatamente á approvação do Congresso Legislativo do Estado a linha que o Presidente em sua alta sabedoria traçar como limite entre os dois referidos Estados da Federação”. (378)

O gesto do Presidente Affonso Camargo foi secundado pelos membros governistas da bancada federal paranaense, Srs. Generoso Marques, Luiz Xavier, João Pernetta e Luiz Bartholomeu, que se declararam solidarios com a sua attitude.

(376) Depoimento pessoal do Dr. Ulisses Costa.

(377) A contra-proposta catharinense era a seguinte: no litoral os limites de 1771; no interior os rios Negro e Iguassú até a foz do Jangada; por este até a sua cabeceira mais alta, prolongando-se por uma linha recta na direcção sul até o divisor das aguas do Iguassú e Uruguay e por esta até a linha que une as cabeceiras dos rios Santo Antonio e Pepery-guassú. Estas linhas deveriam ser approvadas pelas Assembléas legislativas dos dois Estados, no mez de agosto de 1915, entrando cada um dos Estados na posse immediata dos territorios divididos, novamente approvada a divisão no anno seguinte pelas referidas Assembléas e finalmente pelo Congresso Federal.

(378) Carta do Presidente Affonso Camargo, in Crispim Mira — Confraternização Republicana.

Schmidt, todavia, não desejava ir mais longe e achava que Santa Catharina tinha feito o maximo das concessões, ponderando ainda o inconveniente de se dividir a cidade de União da Victoria, ao lhe propôr o Presidente Wenceslau a linha divisoria pela estrada de ferro que corta aquella cidade. Wenceslau tentou ainda uma proposta, fazendo a linha passar pelo Ribeirão da Areia, salvando União da Victoria do córte, mas Schmidt não aceitou.

A este tempo, o Presidente da Republica appellava para as individualidades de destaque dos dois Estados, afim de que o apoiassem e pudesse elle levar a bom termo as negociações e concluir com exito a obra pacificadora. A bancada barriga-verde apoiava integralmente o seu Presidente, confiando no seu criterio e na sua sabedoria. Cartas se trocavam entre os Presidentes, levando propostas de linhas e suggestões a respeito das divisas. Wenceslau Braz aceitou a incumbencia de servir de arbitro, que lhe fôra entregue pelo Presidente do Paraná, com a condição de ser o laudo proferido respeitado pelo Poder Legislativo desse Estado. O Congresso paranaense, em reunião secreta, ratificou os poderes que haviam sido outorgados pelo Presidente Camargo ao Presidente da Republica, que numa ultima tentativa offerece a Santa Catharina a linha pela Estrada de Ferro até á Estação de Legrú e desta por uma linha até ao rio Jangada, seguindo as demais as da proposta catharinense. Santa Catharina contra-propoz ainda, desta vez pelo Ribeirão da Areia e estrada de rodagem que vae de União da Victoria a Palmas até encontrar o Jangada.

Wenceslau então traça o limite definitivo: estrada de ferro, dividindo salomonicamente União da Victoria, estrada de rodagem e rio Jangada. Os deputados

estadoaes de Santa Catharina ainda quizeram salvar para o Estado, com o seu Governador, parte do Contestado, lembrando a linha pela estrada de rodagem a Palmas e dahi pela de cargueiros até os confins do Estado. Mas Hercilio Luz e Abdon Baptista, senadores por Santa Catharina, fizeram ver a Schmidt que esta nova linha iria prejudicar as negociações, redundando num lamentavel fracasso a intervenção pacificadora do Presidente Wenceslau Braz. Finalmente, foi aceita a proposta do Presidente da Republica e a interminavel questão ia ter fim.

*

Aplainadas as ultimas difficuldades, resolvidas pequenas divergencias, quanto ao prazo da entrega por parte do Paraná, do territorio que passava para Santa Catharina, a 20 de outubro de 1916, no Palacio do Catete, os Presidentes de Santa Catharina e do Paraná assignavam, com o Presidente da Nação, o Accordo que pôz termo ao velho dissidio que separava os dois Estados irmãos.

A imprensa do paiz referio-se ao facto, enaltecendo o patriotismo dos illustres brasileiros que acudiram ao appello do Presidente da Republica para a solução da questão de limites. O Rio de Janeiro engalanou-se para homenagear a todos que, directa ou indirectamente, contribuíram para o historico Accordo.

*

No Paraná, como em Santa Catharina, não foi, todavia, elle bem recebido. As populações dos dois Estados, sinceramente convencidas dos proprios direitos, não aceitavam sem constrangimento a solução dada á pendencia.

O Paraná conheceu a dôr de ver passar para o Estado catharinense parte do territorio de que sempre esteve de posse; Santa Catharina, com o jubilo de receber este territorio, o pezar de não ver cumpridas as sentenças que lhe reconheceram os seus direitos.

As Assembléas Estadoaes reconheceram as linhas do Accordo, o Panará, a 23 de fevereiro (379), Santa Catharina, a 3 de março de 1917.

A 3 de agosto, o Presidente da Republica, pelo Decreto n.º 3.304, sancionava a homologação do acto feita pelo Congresso Federal.

Em julho, o Deputado paranaense Cléto da Silva, que fôra dos mais infensos ao Accordo, com alguns amigos, tentou revoltar a região, para a fundação do já referido Estado das Missões. Não encontrou o movimento a repercussão que esperava, o dito Deputado e, tendo falhado a tentativa, uma pequena columna que partira das proximidades de Porto-União dissolveu-se em Clevelandia (380).

A 7 de setembro de 1917, Santa Catharina entrava na posse effectiva dos territorios que lhe couberam pelo acto (381).

(379) O Deputado Cléto da Silva apresentou um substitutivo ao projecto apresentado pelo Governo, emancipando o Contestado, que passaria a ser uma outra unidade federada, com Capital em União da Victoria. (Cléto da Silva — O Contestado deante das Carabinas).

(380) Cléto da Silva — O contestado deante das Carabinas.

(381) Da Commissão de demarcação de Limites, da qual foi chefe o General Antonio de Albuquerque e Souza, fizeram parte, como representantes catharinenses o Major de Engenheiros Gustavo Lebon Regis, o Capitão Tenente Lucas Alexandre Boiteux e o Tenente Antonio Cerqueira de Souza (tambem official da Marinha).

Qualquer que seja a critica a que se possa sujeitar a maneira pela qual foi solucionada a velha questão, não se poderá deixar de reconhecer que representou um beneficio para as populações da extensa zona do Contestado. Prosperam ellas hoje á sombra do Acordo que lhes deu paz e tranquillidade. E os dois Estados visinhos, tantos annos separados pela desconfiança reciproca e pela inimidade nascida e alimentada pela malfadada questão lindeira, uniram-se por solidos laços de mutua e sincera amizade.

Passou um delles pela magoa de ver transferida ao contendor extensa área até então sob a sua jurisdicção; o outro, pela de não ver executadas sentenças que sempre lhe reconheceram procedencia nas suas allegações. Mas, em compensação, as velhas prevenções desapareceram entre os dois Estados, que vivem irmanados hoje pelo ideal commum da grandeza da Patria.

de maior e mais directa importancia, contribuíram para que se originasse o conflicto que tantos prejuizos trouxe aos Estados limitrophes, com populações incendiadas e destruidas, além de outras cuja vida se desorganizou, com sacrificios de existencias uteis e proveitosas á collectividade, devidos á lucta que se generalizou por toda a região do Contestado. Santa Catharina contribuiu efficaçmente para a dominação dos sertanejos em armas, contribuição apenas inferior á do Exercito (382). Finalmente, dominados e reconduzidos ao caminho da ordem, os sertanejos, puderam reconhecer os que suspeitaram da cumplicidade catharinense a inexistencia de um ardil, que teria tanto de indigno quanto de deshumano.

O planalto catharinense — e parte do paranaense — como já se disse, estende-se apertado entre o Iguassú e o Uruguay, da Serra do Mar “aos espanhões confinantes”, situados na outra margem do Santo Antonio e do Pepery-guassú. A sua natureza differe grandemente da do litoral. Longos campos se desdobram, sinuosos, pelas collinas que se succedem em curvas macias e longas. Os capões de matto denso, semeados de longe em longe, são oasis deste deserto verde. Avultam os pinheiros e as herveiras, aquelles, extendendo ao sol a taça magnifica das suas linhas, estas, cerrando-se em hervaes admiraveis e ricos. As encostas das serras

(382) Segundo uma estatistica de 1915, publicada no jornal *O Tempo*, 8 mil homens operavam no Contestado, no combate ao fanatismo. A contribuição do Exercito attingia a 4.200 homens; a de Santa Catharina, entre militares da Força Policial e civis arregimentados nos Municipios de Lages, Campos Novos, Curitybanos e Canoinhas, elevava-se a 3.100 homens. (Cléto da Silva — Apontamentos Historicos sobre União da Victoria).

VIII

A GUERRA DOS FANATICOS

A guerra dos fanaticos, conhecida por Campanha do Contestado, ensangueitou por quasi um lustro a extensa zona situada entre o Uruguay e o Iguassú. Não collocára o Accordo, ainda, fim á questão de limites e dahi o facto de muitos chronistas terem accusado a questão lindeira como o factor principal do desencadeamento da lucta. Tendo-se iniciado o ajuntamento dos sertanejos em Santa Catharina e posteriormente buscado localizaçãõ nos sertões paranaenses, a opinião publica do visinho Estado, nos começos da lucta, tendeu para acreditar-a um ardil catharinense, afim de precipitar o desfecho da questão com o seu Estado. Andavam, nesta época, exaltados os animos ali, em virtude das sentenças que Santa Catharina obtivéra no Supremo Tribunal Federal, favoraveis ás suas pretensões e, assim, facil foi a disseminação da opinião, mais tarde reconhecida erronea e injusta. Com effeito, não teve Santa Catharina qualquer cumplicidade no desencadeamento da guerra e a questão com o Paraná, si bem que tenha favorecido indirectamente a sua cõtinuação, não foi o factor principal que a determinou. Outros,

tributarias da do Mar são cobertas de florestas verde-escuras, densas mattas de tons sombrios onde reponta, de distancia em distancia, o contraste dos taquaraes.

Segregada, isolada, abandonada por longo tempo, nas suas mais remotas paragens, a zona permaneceu inculta e bravia, aggressiva e hostil, conservando quasi intacta a sua riqueza nativa.

Ao longo dos grandes rios foi o homem plantando cidades: Rio Negro e Canoinhas, sobre o rio daquelle nome; sobre o Iguassú, Porto União. A audacia dos sertanistas deitou fundamentos a Palmas, em pleno sertão, que pelo Accordo de 1916 ficou pertencendo ao Paraná e a cuja jurisdicção sempre estivera sujeita, e a expansão do lageano, que trazia no sangue globulos dos desbravadores audaciosos de Piratinin-ga, plantou Campos Novos e Curitybanos. O mais era sertão grosso, eram os campos sem fim.

O homem do planalto remoto permaneceu segregado ahi.

Não chegavam até elle os influxos da civilização. Nem conforto, nem instrucção, nem justiça. Viveu, porisso, segundo as leis da natureza, sem soffrer quaesquer restricções na sua liberdade. O calendario da sua evolução marcava, pelo menos, um seculo de atraso, em confronto com as populações do planalto proximo e do litoral.

Nas estancias do planalto proximo se fizeram os pastores. Zona de predominancia pastoril, o sul retratava o gaúcho visinho, o norte o paranáense fronteiro. O homem dos Campos Geraes pouco differe do homem dos Pampas — e o pastor catharinense fez-se igual aos dois. Os seus habitos e costumes, conservou-os collocados longe do raio de acção de outras influencias estranhas. Modificou-os, apenas, o habitat.

Mais adiante, o sertão acolheu os parias. Procuraram-no os refugiados que as luctas partidarias transviaram e os fugitivos das perseguições dos adversarios politicos. Criminosos de todo o jaez, de todos os crimes, de todas as nacionalidades, encontraram tambem ali homizio, pois até lá não chegava a Justiça.

Recursos poucos possuíam estas populações, exceptuados naturalmente os centros pastoris e as cidades que monopolizavam o commercio do sertão. Os productos da caça, da pequena agricultura, a herva cortada, trazia-os o sertanejo a estes centros, trocando-os por generos de immediata necessidade: panno, polvora, chumbo e sal.

Verifica-se desta maneira a existencia de destinos diversos, nestas populações sertanejas: as das zonas pastoris conheciam a abundancia; as do sertão bruto, a miseria. Na exuberancia da selva quasi virgem vegetava uma população pobre e conformada. E a riqueza desta terra e a miseria desta gente disputavam dois Estados: Paraná e Santa Catharina.

Ao caboclo inculto, ignorante, na sua pobreza e no seu abandono, todavia, importava-lhe pouco a jurisdicção a que pertencesse a sua indigencia.

*

E surgiu "o anachoreta sombrio, de cabellos crescidos até os hombros, a barba inculta e longa" (383), como aquelle outro á margem do Vasabarris: João Maria, o Monge.

Em 1896, era visto em União da Victoria. Era alourado e a sua palavra trazia a marca do sotaque castelhano. A tiracolo, uma sacola minuscua de algodão, em que levava a sua pequenina barraca e uma panella. Conduz um crucifixo e algumas imagens pequenas. Peregrina dando cumprimento a antiga promessa, prestes a terminar, segundo diz. Não quer que o sigam os bandos, não aceita dinheiro, sinão um pouso, um pouco de verdura, uns goles de leite ou um pedaço de queijo. Aconselha ao povo que tenha crença, que trabalhe na lavoura. Aqui e ali planta uma cruz, faz algumas prophecias e parte (384).

Para o sertanejo, credulo e simples, abandonado e ignorado, o Monge é a representação da bondade, é o Santo que o procura e lhe dirige a palavra de consolo, o Apostolo que se lembrou da sua vida miseravel. E a lenda desponta na imaginação do caboclo. Contam-se casos. Os lugares em que o Santo homem pouso tornam-se santos, a agua das fontes de que elle bebeu na concha da mão faz o milagre de curas ines-

(384) Contou Cid Gonzaga, pelo seu jornal "A Imprensa", de Porto União, uma interessante prophecia do Monge. No lugar Catanduvas, hoje Districto do Municipio de Cruzeiro, na epoca pertencente ao Estado do Paraná, (Municipio de Palmas), João Maria fez, junto a um pequeno arroio, uma predição: — naquelle lugar se levantaria uma cidade que tomaria o nome de Santa Cruz. Anos passaram e Santa Catharina tomou posse do territorio, creou o Municipio de Cruzeiro e deu este nome tambem á povoação elevada no lugar da prophecia. Foi este lugar, por muito tempo séde do Municipio, até que, por conveniencias administrativas, foi esta Séde mudada para a margem do Rio do Peixe e voltou Catanduvas a tomar o seu primitivo nome, que até hoje conserva. — Depoimento pessoal.

peradas. E foi assim ficando a sua lembrança, entre saudades e esperanças, nimbada de santidade: Santo João Maria, o propheta dos sertanejos (385).

*

Em 1910, a politica externa do Brasil passou, como é sabido, por momentos difficeis, com a celebre questão do Telegramma n.º 9, e a guerra esteve imminente. Necessario tornou-se, então, apressar a construção da linha ferroviaria que ligaria o Rio Grande do Sul ao centro do paiz. Desde 1906, estavam os trilhos da velha concessão ferroviaria feita ao notavel engenheiro Teixeira Soares (renovada pelo Governo Provisorio, quando foi proclamada a Republica) em União da Victoria, tendo avançado, nos quatro annos seguintes, até os Campos de São Roque, a 130 kilometros desta ultima cidade. Nesse anno, devido á necessidade do momento, foram então recrutados trabalhadores para

(385) Frei Rogerio Neuhaus, piedoso franciscano, ouvindo falar da santidade do Monge, foi ao seu encontro e exhortou-o a que, se de facto era um enviado de Deus, fosse para as cidades pregar as verdades eternas e a palavra divina. Não accedeu o Monge ao convite e Frei Rogerio viu nelle apenas um dominado pela exaltação mystica. Amazonas Marcondes, que o conhecêra tambem, affirmava que elle era um homem instruido e bastante virtuoso. Depoimento pessoal do Sr. Deputado Cid Gonzaga.

— Frei Rogerio Neuhaus, a que se refere a presente nota, foi um dos que tentaram a pacificação do Contestado, procurando chamar á razão os transviados pelo fanatismo. Esteve num reducto, procurando por todos os modos evitar o derramamento de sangue irmão, na ingloria lucta. Mal succedido, maltratado e humilhado, voltou o Franciscano para Porto-União, sem poder ver coroadas de exito as suas tentativas de pacificação. — O sertanejo não diz São João Maria, mas como está: Santo João Maria.

a construção da linha, no Rio, em São Paulo e Santos, além de outros centros populosos. O rebotalho das ruas affluio para o Contestado, os egressos da justiça, afamados capoeiras e facinoras de toda a especie e de todas as procedencias, alistaram-se entre os trabalhadores do Engenheiro Saldanha, tentados pelo salario elevado que lhes era promettido. Dez mil homens foram encaminhados para o valle deshabitado do tortuoso Rio do Peixe e, dia e noite, proseguiram os trabalhos da construção da estrada de ferro, dirigidos por Achilles Stenghel.

O banditismo então assolou a zona. Nos dias de pagamento, os humildes trabalhadores da região, que tambem se viam alistados nas turmas, não podiam sahir dos seus ranchos, pois os assassinos os esperavam, de tocaia, para o latrocinio. Cadaveres boiavam nas aguas do Rio do Peixe, quando não ficavam sob os aterros da linha ferrea. Dizia um engenheiro que si fosse possivel reunir o sangue de todas as victimas havidas nesse tempo ali, por largo periodo as aguas daquelle rio marginal correriam rubras (386).

Afim de garantir os proprios empregados da Estrada de Ferro, contra os turmeiros, Achilles Stenghel, que administrava o serviço, vio-se obrigado a crear um corpo armado, de 200 homens, cujo commando foi entregue a um official da Policia Paranaense, de nome Palhares. Os postos policiaes da região eram reduzi-dissimos, insignificantes e impotentes para conter a horda que havia sido encaminhada para o Contestado. Possuiam elles meia duzia de soldados em torno de agencias fiscaes, mantidas por um e outro Estado, mais

(386) Depoimento pessoal feito ao Deputado Cid Gonzaga que no-lo referio.

para justificar o *uti-possidetis* do que propriamente para a cobrança de impostos. Terminada a construção da Estrada, toda esta gente ficou na região, e esta conheceu o seu grande cyclo do banditismo. Sem policiamento e sem justiça, a vida dos pacatos sertanejos ficou á mercê dos cangaceiros e dos scelerados. Não havia tranquillidade. Segurança nulla, repousada nas armas e na agilidade em puxal-as. Esta gente disseminou-se por toda a região, ganhando Campos Novos, Curitybanos, Clevelandia, Palmas, Porto União e Canoinhas, onde a ponta do ramal de São Francisco tomava o rumo do litoral. Cada homem era um verdadeiro arsenal, possuindo o mais completo armamento. Um commerciante, pedindo de certa feita, a Florianopolis, 10 mil tiros, surprehendeu o atacadista (pois o numero excedia a toda a previsão) que lhe pediu confirmação do despacho telegraphico, certo de que este continha um zero a mais (387).

*

O meio tornou-se favoravel a estas praticas e, divulgadas as noticias da impunidade de crimes hediondos ali praticados, pela inexistencia de Justiça e de policiamento, tornou-se o abrigo dos foragidos da Lei.

Ahi então poude ser chamada a questão de limites como co-responsavel pela lucta que não tardaria a se manifestar na região, alastrando-se por toda ella. Disputando ambos os Estados a posse do territorio, baseado um na posse e outro nas sentenças, o progresso da zona foi retardado e favoreceu o apparecimento do cangaceirismo. A terra vivia entregue aos pro-

(387) Depoimento do Cel. Cid Gonzaga.

prios recursos, ao proprio destino, pois era de ambos, para um, *de facto*, para outro, *de direito*, e não era de nenhum, porque nenhum tinha autoridade para manter a ordem e fazer respeitar a justiça. Assolada pelo banditismo, tornou-se o abrigo de todos os bandidos. Criminosos celebres, certos da impunidade, procuravam-no, idos de Lages, de Palmas, de Curitybanos, do norte do Rio Grande, da Lapa (388). Outros se fizeram na região, ao exemplo dos mestres consummados.

*

O terreno estava assim preparado. Ia começar a tragedia que duraria quasi cinco annos. Ignorancia, miseria e crime se jogariam contra a civilização, numa lucta barbara e titanica, como justo castigo pelo seu desamparo ás populações, ás quaes esquecêra de dar o conforto da justiça e da instrucção. Muitos innocentes seriam sacrificados, immolados na ingloria campanha, á qual, outro factor, o politico, não tardaria a levar a sua contribuição, como se referirá opportunamente.

*

O caboclo da região, valente embora humilde, foi ainda victima de mais uma injustiça. Sobre o valle do Rio do Peixe, em terras devolutas, installára, aqui e além, o seu rancho, a sua pequena roça. Vivia ru-

(388) Só desta cidade, segundo relatava o Dr. Cardoso Gusmão, Juiz de Direito da respectiva Comarca, haviam procurado refugio na região do Contestado, em curto periodo, cerca de meia centena de criminosos. (Demerval Peixoto — A Campanha do Contestado).

dimentarmente, esquecido no meio do matto. Lembra-ram-se delle, éntretanto, pará expulsal-o das terras que occupára. A concessão feita á São Paulo-Rio Grande, de 15 kilometros de cada lado da linha, desalojou os intrusos, posseiros de muito annos, das terras marginaes. Uma onda de revolta subio — mas o caboclo acabou levantando a sua choupana, para ir plantal-a mais longe, em nova lucta com a Natureza, buscando novó refugio para a sua miseria.

*

E appareceu o segundo Monge.

Em Campos Novos, por volta de 1911, surgio o espartalhão intelligente que não era o anachoreta singelo, bom e piedoso dos outros tempos:— José Maria.

O seu nome verdadeiro era Miguel Lucena da Boaventura, ex-soldado do Exercito e desertor da Força Publica do Paraná, e appareceu no Fachinal dos Padilhas para colher a semente lançada por João Maria (de quem se dizia irmão) na alma credula do sertanejo, explorando-o na sua bôa fé.

Logo se espalhou pelo sertão em torno a sua fama de curador emerito e de tal fama se valeu para obter lucros e facilidades, taes como a de reunir em sua barraca as mais bellas caboclas, filhas de adeptos seus, com as quaes mantinha intimo convivio. Dada a affluencia de crentes, necessario foi dar organização á turba, surgindo dahi a formação dos *Quadros Santos* (como chamou aos acampamentos), os commandos da reza, do acampamento e da forma (389).

(389) Demerval Peixoto — A Campanha do Contestado.

Era a disciplina imposta pelo Monge, que aos seus fieis narrava, entre rezas; a historia de Carlos Magno e que já escolhêra uma curiosa escolta de *24 sertanejos*, aos quaes chamava de *os 12 Pares de França (1)*. A sua fama depressa ganhou leguas e alguns moradores de Curitybanos o foram buscar ao Fachinal dos Padilhas, levando-o para aquelle Municipio, onde novo *Quadro Santo* foi então organizado nas proximidades do Rio das Correntes.

O Cel. Francisco Ferreira de Albuquerque, Prefeito de Curitybanos, cêdo comprehendeu o perigo daquelle ajuntamento de sertanejos rudes que não conheciam outra autoridade que a do Monge e de criminosos que a nenhuma conheciam, e solicitou a intervenção dos poderes superiores do Estado para dissolver o agrupamento (390).

Um contingente da Força Policial do Estado, ao mando do Capitão Januario Côrtes e sob a directa orientação do Chefe de Policia do Estado, Dr. Salvio Gonzaga, com facilidade dissolven o quadro santo, sem ter empregado violencia. José Maria levantou então o acampamento e transpoz as fronteiras do Estado, indo fixar-se no Irany, então Municipio de Palmas, no Paraná, hoje Municipio de Cruzeiro, em Santa Catharina. Continúa ahi nestas paragens a exercer a sua influencia sobre o caboclo, curando, rezando e predicando e já agora armando os seus homens para enfrentar outra possivel perseguição das autoridades. O numero de crentes cresceu sensivelmente, depois da

(390) Outra versão que corre do facto é a de que o Monge se recusára attender a pessoa doente da familia do Cel. Albuquerque, donde a perseguição que este passou a mover-lhe. (Demerval Peixoto — Op. cit.)

sua mudança e o Paraná temeu também o ajuntamento, receando a existencia de uma finalidade occulta, como se disse, relativa á questão de limites. Armou uma expedição e enviou-a aos Fachinaes do Irany, sob a chefia do Chefe de Policia do Estado e commandada pelo Commandante da Policia Estadual, respectivamente, Dr. Manoel Bernardino Vieira Cavalcanti Filho e Capitão do Exercito João Gualberto Gomes de Sá, que tinha naquella milicia o posto de Coronel. A 12 de outubro, chegou a columna a União da Victoria e no dia seguinte, puxada por sua banda de musica e seguida de inumeras carretas peçadas de munição e apetrechos de campanha, rumou pela rodagem com destino a Palmas (391).

Divergencia havida a meio caminho, quanto á orientação da campanha, fez com que se apartassem os chefes, marchando o Cel. João Gualberto, de Horizonte para o Irany, com sessenta policiaes apenas, seguindo o restante da tropa para Palmas, bem como o Chefe de Policia (392).

A 22 de outubro, ferio-se o cruento combate do Irany, que marcou o inicio da guerra dos fanaticos. Os jagunços de José Maria estavam em reza, cujo fervor não cessou com a chegada da tropa. Não contavam elles com a lucta — nem a desejaram. Pediram, mesmo, tempo para debandar pacificamente. Mas, nem um só momento lhes foi concedido. “Ao contrario; as cordas que tinham sido levadas para amarrar os prisioneiros foram rapidamente desembaraçadas das

(391) Cléto da Silva — Apontamentos Historicos sobre União da Victoria.

(392) Demerval Peixoto — A Campanha do Contestado.

garupas dos cargueiros...”(393). Offereceram de início, os jagunços, fraca resistencia aos atacantes que os castigaram com viva fuzilaria. Repentinamente, porém, mudaram de proceder e investiram em furia incontível, de facão, de foices e machados, aos gritos, bradando pelos nomes de João e José Maria, conduzidos pelos *Pares de França*. A lucta foi titanica. Junto a u’a metralhadora que engasgára em meio do entrevero terrivel, o Cel. João Gualberto tomba ao facão fanatico. “Cada crente tombado na sangrenta mistura cumpria o seu juramento, via tres ou quatro combatentes cahir mutilados, antes do corpo derrear” (394). E o combate desesperado finaliza com a retirada dos atacantes, sem direcção, sem commando, com todas “as características de uma debandada dasastrosa, porque além das victimas deixadas no campo, algumas armas ficaram em poder dos sertanejos” (395).

Muitos fanaticos encontraram tambem a morte na refrega do Irany — e entre elles, José Maria, o segundo e derradeiro Monge.



O Cel. Francisco Pereira de Albuquerque era o politico de maior prestigio no Municipio de Curitybanos e a sua influencia se extendia a outras regiões vizinhas. Prefeito Municipal, Deputado Estadual, politico habituado ao trato das populações serranas, conhecia a indole e o caracter do sertanejo e manejava com habilidade os seus partidarios. Deve-lhe Santa

393) Idem.

(394) Idem.

(395) Idem.

Catharina, sem duvida, a iniciativa da fundação de Canoinhas, a sua elevação a Municipio, extendendo assim até á margem esquerda do Iguassú a sua jurisdicção. Chefe partidario, influente e contando com dedicações indiscutíveis, a sua vontade era respeitada e acatada sem discussão. Muito naturalmente possuia grande numero de inimigos politicos e pessoas, que não se sujeitavam á sua orientação e que o combatiam tenazmente. Possuiam estes adversarios tambem os seus partidarios, tão leaes e firmes como aquelles do chefe sertanejo, tão dispostos para a lucta quanto os primeiros. Ora, na região serrana — e mesmo na do litoral, embora em menor escala — “*quem não é por mim é contra mim*”. Dahi, como o Cel. Albuquerque movia combate ás hordas fanatizadas, muitos desaffectedos seus, adversarios politicos e inimigos pessoas, passaram a auxiliar os jagunços, pois de uma possivel victoria destes, resultaria a quéda do inimigo commum. O Cel. Ferreira de Albuquerque era homem que não admittia, dentro dos dominios da sua influencia, outra vontade que não a sua. Mas os seus adversarios tambem possuiam opinião e teimosia sufficientes para combatel-o, mesmo que para tanto fosse necessario alliarem-se aos jagunços. Não tardou, assim, que, da primeira sympathia pelos fanaticos, passassem muitos elementos a engrossar a horda dos reductos, lado a lado com aquelles que esperavam ver resuscitar os Monges para conduzil-os á Jerusalem promettida. Era a contribuição da politica para a lucta.

*

Depois da refrega do Irany, operam os remanescentes do acampamento fanatico uma retirada para o Municipio de Campos Novos, em Santa Catharina.

Duas pequenas expedições são organizadas e sem ter tido o menor contacto com os jagunços, regressam aos quartéis (396). Ao mesmo tempo, o 54.º Batalhão de Caçadores, de Florianópolis, e um contingente policial do Estado estacionaram em Lages e Curitybanos.

Um anno exactamente depois, o elemento sertanejo, cada vez mais fanatizado, esperando convictamente a volta dos Monges, foi reunir-se em Curitybanos, formando o reducto de Taquarussú.

Um tal Euzebio Ferreira dos Santos foi o reorganizador do bando. Fôra elle um antigo commerciante, pae exemplar, homem digno e honesto, bom e caritativo. Tornou-se fanatico suggestionado por José Maria. Não esteve no Irany e acreditava piamente na resurreição do Santo. Uma neta sua, de nome Theodora, que havia dormido, menina, nos braços do Monge, pretendeu *vel-o*, num grupo de tres homens, ao crepusculo, e com elle *ter falado*. Começou então a dar ordens, o que fazia em nome de José Maria, e que eram obedecidas por todos. Um velho viajante riograndense aconselhou a Euzebio a castigar a menina, pois desconfiava estar a mesma de *velhacada* (sic). O seu conselho foi repellido. Euzebio estava fanatizado e acreditava cegamente na menina que *via* o Monge e com

(396) Foram as expedições Franco e Pyrrho, a primeira composta do 14.º Regimento de Cavallaria, 1 secção de metralhadoras e Força Policial de Santa Catharina; e a segunda composta do 5.º Regimento de Infantaria (Ponta Grossa), 14.º Regimento de Cavallaria, 2 canhões Krupp do 2.º Regimento de Artilharia de Campanha, 1 secção de metralhadoras, 1 contingente da Força Publica do Paraná e vaqueanos. Aquella chegou ao Herval e esta, á qual se chamou, no tempo, de *columna formosa*, percorreu, por dois mezes, as estradas do Municipio de Palmas, no Paraná. (Demerval Peixoto — Op. cit.):

elle falava. Um filho do ex-negociante foi investido do commando das hostes e deveria conduzil-as á victoria, mas, adoptando os methodos de José Maria, passou a dormir com sua guarda de donzellas e acabou destituído do mesmo, quando se apurou que tres dellas haviam deixado de sel-o, depois da intimidade do chefe. Foi então substituído por um menino de 12 annos, de nome Joaquim, neto tambem de Euzebio (397).

A fundação do *Quadro Santo* de Taquarussú foi resolvida e para lá seguiu o bando, reunindo, já agora, aventureiros e bandoleiros da piór especie.

Surgido o reducto, em dezembro de 1913, o Cel. Vidal Ramos, Governador do Estado, participou ás autoridades militares a sua existencia. Organizou-se nova expedição, composta de forças do 5.º e 6.º Regimentos de Infantaria, com o objectivo de observar o movimento dos fanaticos. Nesse mesmo mez, já se achavam o Capitão Adalberto Menezes, com 100 homens do 6.º, no Rio Caçador, e o Capitão Esperidião de Almeida, com 60 homens do 5.º, no Herval.

Para Curitybanos, seguira um destacamento da Policia Catharinense, commandado pelo Capitão Euclydes de Castro, composto de 50 infantes. Em Canoíuhas, o Capitão Nestor Passos estacionava com uma força do Exército.

O ataque ao reducto, resolvido posteriormente, deveria ser simultaneo, pelo norte e pelo sul e pelo nascente e, divididas as forças em tres columnas, marcharam por asperos caminhos com destino a elle. A 28 de dezembro, deveria ser realizado o ataque. Mas este fracassou. Os jagunços, bem informados do movimento das tropas, aproveitaram-se com habilidade dos ac-

(397) Herculano de Assumpção — A Campanha do Contestado.

cidentes do terreno, no que se tornaram aliás mestres, fortificaram-se e esperaram as mesmas, que agora lhes não pegariam de surpresa. Bem ao contrario, a surpresa estava reservada para os militares. Quando o Capitão Adalberto pretendeu avançar com a sua tropa, foi rudemente castigado pelos fanaticos, que abriram intensa fuzilaria, tendo de retroceder, abandonando no matto dois cargueiros de armas e munições, de que se aproveitaram os jagunços.

A columna Esperidião, antes de marchar de Campos Novo para o lugar denominado Espinillo, havia sido reforçada por um grupo de civis armados. Antes de iniciado o ataque, até ella chegou o conhecido caudilho Salvador Pinheiro, vulgo *Dente de Ouro*, que, vendo a pequena força, advertio a todos o perigo a que se expunham inutilmente, pois os fanaticos dentro do matto eram temiveis e que, com tão reduzida força, o fracasso era quasi certo.

Exposta a situação, o Capitão Esperidião teve um momento de indecisão, mas outros officiaes opinaram pelo ataque. Houve então accusações aos civis que, á vista dos conselhos de *Dente de Ouro*, que era experimentado conhecedor da zona e dos jagunços, se recusaram ao sacrificio inutil. Taxados de cobardes, traidores e jacunços, resolveram os civis, que ali estavam por patriotismo, abandonar o acampamento, o que fizeram em perfeita ordem, voltando para Campos Novos. Reduzida a pequena columna aos seus sessenta homens, voltou tambem ella para essa villa, recuando até a Fazenda Velha. Falhára assim mais uma expedição e em poder dos jagunços ficaram elementos para a continuação da sua resistencia: armas e munições de guerra.

Foi então organizada a expedição que destruiria Taquarussú.

O Capitão Engenheiro Gustavo Lebon Regis, Secretario Geral do Estado de Santa Catharina, seguiu para a zona e com os commandantes militares traçou um plano de ataque ao reducto.

O 54.º Batalhão de Caçadores, em janeiro de 1914; seguiu para Lages e Campos Novos, sob o commando do Capitão Nestor Passos e os contingentes da expedição anterior a elle se reuniram posteriormente. Do Rio, chegou uma secção de Artilharia de Montanha, sob o commando do Tte. José Julio.

A 3 de fevereiro, estava toda a força, que obedecia ao commando geral do Tte. Cel. Duarte Alleluia Pires, no Espinilho, e ahi tomou a organização de tres columnas. Sommavam 750 homens os que se destinavam ao acampamento fanatico, e as columnas eram commandadas pelos Capitães Nestor Passos, Alves Pinto e Garrocho. Um contingente da Força Publica do Estado, dirigido pelo commandante geral da mesma, Tte. Cel. Gustavo Schmidt, fazia parte da terceira columna. A 7 de fevereiro, o Capitão Vieira da Rosa, que era assistente do commando, com grande risco, em companhia do Aspirante Isaltino Pinho e do vaqueano Cassiano, escolheu o local para a artilharia, em uma collina que dominava o reducto. Os jagunços, bem informados de todos os passos da tropa, pelos seus espões e "*bombeiros*", apromptavam-se activamente para a lucta, tanto assim que no dia 8, marcado para o ataque, foram elles que vieram ao encontro dos atacantes, sendo rechassados.

Possuiam elles já alguns chefes que depois se tornariam famosos: Euzebio, Elias Moraes, Venuto Bahiano, Francisco Alonso de Souza, Chico Ventu-

ra (398). A artilharia toma posição e inicia o tiroteio a que rispostavam os fanaticos entre imprecações e convites para a lucta a arma branca, em que eram feroces, desafiando os soldados, provocando o seu amor proprio, aos gritos de *Avança Pelludo!*, e invocando o nome de João e José Maria (399). A's 16 horas, ante o fogo de artilharia e a fuzilaria das metralhadoras (machinas de costura, como as chamavam os fanaticos), foi o reducto, onde já ardiam algumas casas, sendo abandonado pelos crentes, sempre entre rezas e vivas aos Monges. Nestor propõe então uma carga a baioneta, que não foi acceita. Chovia torrencialmente e assim, sob a inclemencia do tempo, passou a tropa toda a noite. Pela manhã seguinte, Vieira da Rosa e Isaltino Pinho, acompanhados de alguns soldados, tiroteando com os ultimos fanaticos, entraram no reducto, lôgo seguidos de toda a tropa (400).

*

O quadro era desolador. Restos humanos jaziam espalhados por toda a parte, causando verdadeiro horror a quantos entraram naquella manhã no quadro santo de Taquarussú. As 150 granadas lançadas contra elle fizeram cerca de 40 mortos. O Exercito tivera apenas 1 morto e dois feridos e a Força catharinense apenas um ferido. Estava finda Taquarussú. Mas existia, agora, fundo, o odio do caboclo. E surgiu Caragoatá.

*

(398) Idem.

(399) Os jagunços usavam os cabellos á *escovinha*, raspados. Dahi chamarem os soldados de *pelludos*.

(400) Herculano de Assumpção — Op. cit. — Demerval Peixoto, Op. cit.

Ao norte do Municipio de Curitybanos se reuniram novamente os jagunços, quando as tropas já haviam tomado caminho de regresso aos quartéis, depois de arrazado e incendiado o reducto anterior. Caragoatá exigio nova expedição. Os chefes ainda eram os mesmos, no agrupamento fanatizado, e as mesmas virgens continuavam a ordenar em nome de José Maria. Apenas augmentára o numero de crentes. Tal era o ajuntamento, neste reducto, que eram necessarios 30 bois diarios para a alimentação dos fanaticos. Uma tentativa de pacificação, levada a effeito pelo Deputado paranaense Correia de Freitas, movido pelo mais puro sentimento humanitario, resultou infructifera. Desanimado, voltou elle, e as tropas que ainda estavam no Espinillo tomaram o rumo de Caragoatá.

O 54.º Batalhão, já affeito á lucta, marchou novamente, reforçado por uma companhia do 6.º Regimento de Infantaria, commandada pelo Capitão Mattos Costa e outra do 5.º, commandada pelo Capitão Pedro Cavalcanti, alem do contingente da Força Publica do Estado. O Commando geral da expedição foi entregue ao Tte. Cel. José Freire Gameiro, por ter adoecido o Tte. Cel. Alleluia Pires. A 8 de março, já se achava a tropa na localidade de Perdizes, nas proximidades do novo reducto. A 9, meia hora depois do avanço das tropas, os fanaticos atacam a retaguarda, pretendendo tomar o acampamento, o que determinou um retrocesso de parte da columna. A vanguarda proseguio no avanço e foi logo atacada pelos rebeldes, que surgiram da matta, fazendo cerrada fuzilaria, para impedir o avanço até o reducto. A lição de Taquarussú fôra proveitosa para os fanaticos. Agora, elles guarneciam os pontos de passagem obrigatoria e impediam o avanço, a collocação da artilharia, a ordem de comba-

te. Com effeito, “não sendo o reducto um campo entrincheirado, senão vastos aldeamentos de casas de madeira, sua principal defesa consistia na occupação das estradas, por onde se distribuam os postos avançados do inimigo” (401). O caminho de Caragoatá estava assim interceptado ás forças, pela fuzilaria tenaz da jagunçada, dirigida por Euzebio. Mesmo assim, uma companhia do 54.º Batalhão, sob o commando de Horacio Cotrim, consegue penetrar em uma casa de negocio nas proximidades do reducto. Mas, do matto, partia violento o fogo e seria o avanço uma temeridade da qual pouco proveito resultaria. Os Ttes. Belizio Leite e Edgard Facó offerecem-se a Nestor Passos para desalojar o inimigo emboscado na floresta. O Tenente Facó parte com 40 homens e o Tte. Belizio com 20. O primeiro foi logo cercado e pede reforços. No toque angustioso do pedido de soccorro, o seu corneteiro é varado por uma bala. A custo, num entrevero a arma branca, consegue escapar e volver ao grosso da tropa. Perdeu 10 homens e outros seis foram feridos. Belizio Leite, por sua vez, cercado e impossibilitado de defender-se, morre aos golpes dos facões adversarios. Os jagunços acirram-se na lucta e o combate é dirigido por todos os lados, não escapando nem mesmo o Hospital de Sangue, onde, para defender a sua vida e a dos feridos, o medico Alves Cerqueira, que desta como da lucta de Taquarussú fez optimos relatos, é obrigado a tomar do fuzil e combater, até que Vieira da Rosa acode, livrando-o da ferocidade dos jagunços. O

(401) Relatorio do Gal. Setembrino de Carvalho sobre a Campanha do Contestado.

combate dura seis horas e, sem ter podido entrar em Caragoatá, retira-se a tropa, perseguida pelos jagungos. Custou o dia 28 mortos, dentre os quaes dois officiaes, Alves Pinto e Belizio Leite, alem de 21 feridos.

*

O insuccesso da expedição, apezar da bravura com que se portaram as tropas, deu ensejo a que descobrisse o fanatico a importancia da serra de Santa Maria como ponto excepcional de defesa contra os atacantes e que melhor comprehendesse as difficuldades naturaes que a estes apresentava.

O General Ferreira de Abreu, Commandante da Circumscripção Militar, á vista do acontecido, pediu energicas providencias ao Governo da Republica para poder solucionar o caso do Contestado, que já ia custando á Nação notavel somma de vidas. Em fins de março, reuniam-se no Contestado cerca 1.500 homens commandados pelos Tte. Cel. Adolpho de Carvalho, Tte. Cel. Alleluia Pires e Major Costa Villar (402), aos quaes foi entregue o commando das tres columnas em que se dividio a tropa, sendo commandante geral da expedição o General Carlos Frederico de Mesquita. De inicio, este Commandante dispensou as forças es-tadoaes que vinham cooperando para o debelamento da lucta, por se processar a mesma em territorio liti-

(402) Tropas pertencentes, além dos corpos já em campanha, citados anteriormente, ao 7.º Regimento de Infantaria (do Rio Grande), ao 2.º Batalhão de Engenharia (1 companhia), 1 pelotão de trem e secção de artilharia.

gioso, e contractou os serviços de 60 vaqueanos do conhecido chefe Fabricio Vieira (403).

Os jagunços, todavia, haviam abandonado Caragoatá, onde grande era a mortalidade, devido ao typho que se declarára entre a população, e buscaram refugio no valle do Timbó e na Serra do Tamanduá, onde se levantou o reducto deste nome. As duas primeiras columnas da expedição marcharam de Porto União para Poço Preto, sobre a linha São Francisco da São Paulo-Rio Grande, installando ahi o Gal. Mesquita o seu quartel general. A terceira columna, de Calmon, na linha sul, procurou ganhar Perdizes, donde seguiu para Caragoatá. Encontrando-o abandonado, arrazou-o. Deveria, depois, a dita columna, seguir para atacar pelo sul o reducto do Timbó, mas retrocedeu ante a difficuldade de proseguir a marcha pelo sertão desconhecido. As duas primeiras columnas seguiram a 16 de maio para o Timbó (Villa Nova) e vararam a ponte sobre o Timbózinho, alem da qual deveriam estar os jagunços. Desdobraram-se então, marchando a 1.^a columna para a frente e a 2.^a para a localidade de Sto. Antonio, por um atalho. Foi quando se deu o ataque dos fanaticos, que não esperavam mais a acção das forças, antecedendo-se, repetindo o estratagemas que lhes deu a victoria em Caragoatá. A tropa marchava a um de fundo, quando do matto rompeu o fogo dos sertanejos, entre gritos e imprecações do cos-

(403) Commandava o 54.^o Batalhão de Caçadores (de Florianopolis) o Major Nestor S. Passos; 1 companhia do 5.^o Regimento, o Tte. Nascimento Lins; 1 companhia do 4.^o Regimento, o Capitão Fleury; 1 do 6.^o Regimento, o Capitão Mattos Costa; as metralhadoras, o Tte. Juvenal; a artilharia, o Tte. José Julio; o 7.^o Regimento, o Major Fonseca Galvão; a engenharia, o Tte. Bandeira de Mello.

tume. Estabeleceu-se um principio de panico. O Gal. Mesquita, com o seu Estado Maior, se vio envolvido pelo fogo adversario. Este se aproveitava, mais uma vez, dos accidentes do terreno para, emboscado, hostilizar a tropa, tactica que passou a empregar sempre. "Conhecedores minuciosos do terreno, sua tactica resume-se, entretanto, a muito pouco: surprehender, emboscados, a testa ou os flancos da força, sustentando prolongadamente o tiroteio, que interrompem si a tropa, que raro perseguem, se retira, ou então se os desaloja, mercê de uma arrancada subitanea a baioneta" (404).

Aqui tambem, á vista do reducto de Santo Antonio, só a carga de baionetas, determinada pelo Commandante, solucionou o combate favoravelmente para o Exército. Realizou a proeza o 7.º Regimento de Infantaria, dirigido pelos Ttes. Menna Gonçalves e Arnold Marques Mancebo. Limpo o terreno, puderam as forças tomar o reducto, sendo os primeiros a penetrar nelle os Capitães Candido Caldas e Hilario Dias e o Tte. Salemberg. Os fanaticos se dispersaram, deixando 10 mortos e á noite a tropa toda poude bivacar dentro do reducto. Tivéra o Exercito 8 baixas, sendo 5 mortos e 3 feridos.

Descançou a força durante o dia 17 e, a 18 de maio, já se preparava para seguir para o Tamanduá, quando ao meio-dia os jagunços atacaram de surpresa o acampamento. De cima das arvores, de traz das moitas, de dentro da floresta, começou o tiroteio, num dia chuvoso e brusco, pondo o acampamento em actividade e panico. Alguns soldados foram mortos e dois officiaes figuraram entre o numero dos feridos. Foi resolvida,

(404) Relatorio do Gal. Saturnino de Carvalho.

então, mais uma vez a retirada, desistindo o Gal. Mesquita, á falta de maiores recursos, de proseguir a sua marcha para o Tamanduá. A 19, a tropa evacuava o reducto e neste mesmo dia, á noite, já se achava em Porto União, onde o Gal. Mesquita deu por terminada a sua missão, com surpresa geral, devolvendo as tropas aos quartéis.

Ficavam assim os jagunços senhores do terreno, crentes cada vez mais na impotencia do Governo para vencel-os e attribuindo poderes extraordinarios ás suas praticas e rezas, ás tres cruzes que no ar costumavam fazer com os seus estandartes, e das quaes resultariam, segundo a crença, 50 mortes entre os pelludos.

A Companhia Lumber, que possui serrarias para o beneficiamento do pinho em Tres Barras, na linha São Francisco, e Calmon, na linha sul, protestou contra a retirada das tropas e responsabilizou o Governo pelos prejuizos que pudessem resultar do abandono da região. Em todo o Contestado ficaram apenas 200 homens commandados pelo Capitão Mattos Costa, que muito logo seria victima dos fanaticos. Destinavam-se estes homens a garantir a terminação da construcção da linha ferroviaria entre Canoinhas e Porto União e a guarnecer a Villa Nova do Timbó.

*

Por esta época, Bonifacio José dos Santos, mais conhecido por Bonifacio Papudo, que tinha gente armada para combater o cangaço, bandeia-se para o adversario por se ter incompatibilizado com as autoridades de Canoinhas. Em agosto, appareceu o celebre manifesto monarchista. Ao lado de Euzebio, como já se disse, encontravam-se os chefes Elias de Moraes, abas-

tado morador da região e Manoel Alves de Assumpção Rocha, antigo proprietario na serra do Caçador, alem de outros elementos. O primeiro dirigio algumas cartas a amigos seus e Rocha foi proclamado Imperador da Monarchia Sul-Brasileira.

*

E' preciso que se diga que o sertanejo nunca se capacitára da transformação politica havida em 89. As terras que habitava eram *terras nacionaes*, e a jurisdicção dos Estados não era coisa bem comprehendida. O manifesto monarchista, cuja autoria é attribuida ao negociante Guilherme Gaertner (405), pois entre a gente do reducto não havia um só homem capaz de redigil-o, não é em verdade um reflexo de aspiração politica da turba fanatizada. Para esta, a Monarchia era a Lei Divina, a lei pregada pelos Monges. Dahi o ter encommendado o Manifesto, consubstanciado na curiosa *Carta-Aberta* dirigida á Nação por Dom Manoel Alves de Assumpção Rocha, em que se marcava o inicio da *lei marcial*, applicada aos inimigos da monarchia, que outros não eram sinão os soldados da Republica e todos quantos a elles se alliassem (406). As

(405) Depoimento do Deputado Cid Gonzaga.

(406) Carta Aberta á Nação: —

Eu, D. Manoel Alves de Assumpção Rocha, aclamado Imperador Constitucional da Monarchia Sul-Brasileira, em primeiro de agosto do corrente anno, com séde no reducto de Taquarussú do Bom Successo, convido á Nação para lutar para o completo exterminio do decahido governo republicano, que durante 26 annos infelicitá esta pobre terra, trazendo o descredito, a bancarrota, a corrupção dos homens e, finalmente, o desmembramento da patria commum.

Comprometto-me:

1.º — Em pouco tempo a eliminar o ultimo soldado republicano do territorio da Monarchia, que comprehende as

cartas dirigidas por Euzebio Ferreira dos Santos e Elias de Moraes aos seus amigos, entretanto, causavam mais serias apprehensões do que o Manifesto, pois nellas se denunciava o plano dos jagunços, qual o de interromper o trafego da Estrada de Ferro, dynamitando as pontes, saquear e incendiar as propriedades dos que

tres provincias do sul do Brasil: — Rio Grande, Paraná e Santa Catharina;

2.º — Para o futuro, annexar ao Imperio o Estado Oriental do Uruguay, antiga Provincia Cisplatina;

3.º — Organizar um Exercito e Armada dignos da Monarchia e reorganizar a Guarda Nacional;

4.º — Dar ao paiz uma Constituição completamente liberal;

5.º — Reduzir os impostos de exportação e importação e bem assim estabelecer o livre cambio dentro do territorio do Imperio;

6.º — Fazer respeitar meus subditos, logo que me seja possivel, em qualquer ponto do planeta;

7.º — Fazer garantir a inviolabilidade do lar e do voto, tão menosprezados pelo decahido regimen;

8.º — Fazer respeitar, em absoluto, a liberdade da imprensa, tambem menosprezada pela antiga Republica;

9.º — Tornar inexpugnavel a barra do Rio Grande e todo o litoral do paiz;

10.º — Guarnecer a fronteira com o Estado de São Paulo e fronteira argentina, logo que seja reconhecido oficialmente o novo Imperio e organizado o Exercito Imperial;

11.º — Assumir, relativamente, todos os compromissos do antigo regimen que relativamente couberem ao Imperio Sul Brasileiro;

12.º — O exercito Imperial será a primeira linha e a Guarda Nacional a segunda linha;

13.º — Unificação da lei judiciaria do paiz;

14.º — Restringir a autonomia dos Municipios;

15.º — Emittir provisoriamente um numerario nominal e em seguida conversação metallica;

16.º — A religião official será a Catholica Apostolica Romana;

não adherissem ao movimento e a abertura das hostilidades, em setembro.

•

Em setembro, os fanaticos reiniciaram as actividades.

Não mentiam elles quando affirmavam que possuíam amigos fóra dos seus quadros santos, e que con-

17.º — Liberdade de culto;

18.º — Cogitar do desenvolvimento da lavoura, sem desprezo da industria;

19.º — O imposto proteccionista á industria e lavoura do Imperio;

20.º — Livres os portos do Imperio a todo o estrangeiro, sem cogitar-se da raça, crença, etc...;

21.º — Serão considerados nacionaes todos os estrangeiros que residirem dois annos no paiz;

22.º — Modificar o actual systema de jury, que não está mais compativel com o seculo;

23.º — O ensino será obrigatorio tanto para a infancia como para o Exercito;

24.º — A criação do exercito aviador que actualmente está dando resultado na guerra europea;

25.º — Edificação da Corte Imperial, que será no centro do territorio Imperial;

26.º — A bandeira e a coroa do Imperio Sul Brasileiro será adoptado as antigas da decahida Monarchia brasileira;

27.º — A pena de morte em vigor, com a forza;

28.º — O serviço militar será obrigatorio;

29.º — A' agricultura nacional será dado uma area de terra independente de pagamento, em terras nacionaes;

30.º — De 1.º de setembro em diante entrará em vigor a lei marcial aos inimigos da monarchia;

Viva a Monarchia Sul-Brasileira! Deus guarde e vele pela Monarchia!

Reducto de Taquarussú do Bomsuccesso, em 5 de Agosto de 1914.

O Imperador Constitucional da Monarchia Sul-Brasileira, Dom Manoel Alves de Assumpção Rocha. (Demerval Peixoto — Op. cit.).

tavam com remuniciamento e aprovisionamento certos. Os contrabandos de armas foram apprehendidos em caixas de doces e drogas, procedentes de São Francisco e Curityba (407).

Mattos Costa procurou, por meios habeis e efficazes, estar ao par de toda a actividade dos jagunços e bandoleiros e ao mesmo tempo desenvolver uma acção pacificadora. Mas foi inutil este seu segundo esforço. Em setembro, foram assaltadas as fazendas dos Carneiros, vulgarmente conhecida por fazenda dos Gordos e a dos Araujos, nos Campos de São Roque, Municipio de União da Victoria, enquanto Bonifacio Papudo, pela primeira vez, visitou Canoinhas. A 5 de setembro, a Estação de Calmon foi atacada por um grupo de fanaticos que matou a facção os funcionarios da mesma e alguns moradores do local, ateando, por fim, fogo á serraria da Lumber. O trem de União da Victoria retornou a esta Estação e Mattos Costa, que estava no Timbó, acudio com presteza, acompanhado de 60 soldados. A Estação de São João foi tambem atacada e pediu socorros, antes que fossem mortos, pelo mesmo barbaro systema, o telegraphista de Estrada e alguns turmeiros da mesma. As scenas ahi passadas foram pavorosas. Poucos escaparam á chacina e mulheres tiveram de servir de repasto ao bando de criminosos, ante os cadaveres dos maridos.

Era o banditismo aberto.

A 6 de setembro, Mattos Costa embarca com os seus soldados e 2 sargentos, alem do medico Sylla Teixeira e alguns civis. Em Nova Galicia, encontram já, apavorados, alguns fugitivos e, mais adeante, um homem fez signal de que os jagunços estavam perto, em

(407) Demerval Peixoto — Op. Cit.

numero de 600, todos armados. O comboio segue e chega a uma distancia de 3 kilometros da Estação de São João. Ahi, desce Mattos Costa, com 40 soldados, e determina que o trem o siga vagarosamente, enquanto a pequena patrulha marcha pela linha. Repentinamente, inicia-se forte tiroteio. E' a surpresa do jagunço. De todos os lados partem os projectis. A fuzilaria é infernal e não esmorece um só instante. Mattos Costa, com os seus valentes, bate-se com ardor. Quando procuram refugio no trem, este havia recuado, a principio vagarosamente e depois em corrida desabalada, apezar dos protestos do medico, que não desejava abandonar o seu commandante no meio da lucta desigual, com a horda de fanaticos e malfeitores.

O fim de Mattos Costa não se soube. Quando vio que a resistencia não era possivel, deu ordem aos seus commandados para que procurassem salvar-se. Alguns foram recolhidos, dias mais tarde, por um trem de soccorro, famintos e exhaustos. A noticia do massacre de São João causa verdadeiro panico em União da Vitoria e a cidade se despovôa.

Marcham, a 7 e a 8, dois comboios para recolher os fugitivos e procurar os cadaveres dos infelizes companheiros do mallogrado official, que haviam sido picados a facção. A 11, um morador da localidade encontrou o cadaver de Mattos Costa e os dos dois sargentos seus commandados, trespassados de balas. O caboclo piedoso que buscou os despojos deste official era o mesmo que lhe prevenira da proximidade dos jagunços: — Generoso da Silva.

A Porto União, chegam reforços de tropas, do Timbó, de Ponta Grossa, de Curityba. Mas a tragedia estava consummada.

Já estava nomeado o chefe da grande expedição que collocaria fim á lucta, o General Setembrino de Carvalho, quando se deu o sacrificio de Mattos Costa e seus companheiros. Poucos dias depois começaram a chegar a União da Victoria as primeiras forças que constituiriam aquella expedição.

Antes, porém, que se organisassem os serviços de guerra, atacariam ainda os bandoleiros a fazenda Santa Leocadia, á margem esquerda do Iguassú, matando o seu proprietario, Cel. Arthur de Paula. (408)

(408) Cléto da Silva — Apontamentos Historicos sobre União da Victoria.

IX

A GUERRA DOS FANATICOS

(*continuação*)

A guerra dos fanaticos durava já bastante tempo e vinha custando sacrificio de vidas caras á Nação. A impressão geral era de que o Governo não conseguiria dominar a rebeldia sertaneja e as noticias dos successivos desastres faziam com que os soldados marchassem para a campanha com o animo já abatido de quem fosse ao encontro de morte certa e horrivel. Numerosos officiaes, valentes e briosos, haviam perecido na campanha ingloria e as forças estacionadas no Paraná e em Santa Catharina já estavam sobremaneira cançadas, pois se empenhavam na lucta desde os seus primordios. Os Estados do Paraná e Santa Catharina acharam-se impotentes para o seu debelamento e, com o fim de facilitar a acção do Governo Federal, concordaram em solicitar a intervenção federal, baseados no Artigo 6.º da Constituição. (409) Já en-

(409) Art. 6.º da Constituição Federal:

O Governo não poderá intervir em negocios peculiares aos Estados, salvo:
.... 3.º para restabelecer a ordem e a tranquillidade nos Estados, á requisição dos respectivos Governos”.

tão não se cogitava, nos dois Estados, em attribuir á questão de limites a campanha que se desenvolvia assustadoramente por todo o sertão e que agora ameaçava não só a margem da linha sul da São Paulo-Rio Grande, como também a linha São Francisco, extendendo a sua acção a Canoinhas, Itahyopolis e Rio Negro.

O erro até então havido fôra o de se não convencer o Governo de que o movimento fanatico era intenso e generalizado, entregando o seu debelamento a pequenos contingentes, as mais das vezes mal succedidos, apesar da bravura dos soldados e da capacidade dos officiaes, devido á insufficiencia dos proprios recursos, tendo de abandonar o campo da lucta toda a vez que um revez coroaava os seus esforços. O sertão era grande demais e acolhia no recesso das florestas e nas quebradas das serras o fanatico que, batido aqui e ali, se reunia em novos agrupamentos e novos quadros santos, cada vez mais convencido da santidade da sua causa e da fraqueza do Governo. "O resultado de semelhante orientação foi provêr os insurrectos de munições e armas de guerra" (410), nos reencontros em que sahiram com vantagens sobre os militares, dando-lhes assim meios de resistencia futura e animo para o proseguimento da lucta.

A guerra já durava tres annos e mistér se fazia uma acção energica para reprimir o cangaço.

Em fins de agosto de 1914, o General Setembrino de Carvalho foi nomeado Commandante da Região Militar que se compunha dos dois Estados e chefe das forças em operações de guerra no Contestado.



(410) Relatorio do Gal. Setembrino de Carvalho.

Os bandoleiros disseminavam-se, agora, por toda a zona, de Itahyopolis á linha sul da São Paulo-Rio Grande, agrupados em aldeamentos varios e sob commandos differentes. Bandidos da zona e de outras procedencias se enganjavam nas hostes fanaticas. Os chefes se multiplicavam por todos os sectores, apresentando, cada qual, motivos varios para justificar a tomada de armas contra o governo. Alguns, como Euzebio, Alves Rocha, Elias de Moraes eram fanaticos e conservavam as virgens que se communicavam com os Monges. Aleixo Gonçalves, Bonifacio Papudo, diziam-se perseguidos das autoridades. Antonio Tavares, ex-Promotor Publico de Canoinhas, que tambem fundou o seu reducto, dizia combater em pról da execução das sentenças favoraveis a Santa Catharina. Henrique Volland, vulgo Allemãozinho, Venuto Bahiano, e outros, não apresentavam qualquer motivo. Estavam, entretanto, na lucta, da qual lhes provinham, certamente, lucros. Outros chefes ainda serão referidos no decorrer da narrativa. Todos os que davam ordens, todavia, faziam-no em nome do Sr. José Maria, pois o elemento combatente era, sobretudo, o fanatico. Os assaltos, as pilhagens, os assassinios eram ordenados pelos differentes chefes, mas os fanaticos os executavam em nome do Monge morto no Irany.

A zona limitrophé com o Paraná viveu então em constante sobresalto. Aleixo, em fins de agosto, penetrou em Papanduva; Volland attingio Itahyopolis e ameaçou Rio Negro; Bonifacio Papudo passou a hostilizar Canoinhas, chegando a sua audacia ao ponto de fazel-o quando um milhar de soldados guarnecia esta villa. Os reductos se multiplicavam com os chefes. Carneirinho, outro chefe, estava no da Piedade; Salvador Vieira, no Timbózinho; Ignacio Vieira, no Ta-

quarinzal; Ignacio e Gregorio Lima, no Timbó e no Tamanduá. E em Curitybanos, numa garganta quasi inexpugnavel, formava-se o de Santa Maria, onde os fanaticos voltavam ás suas praticas religiosas, reorganizavam os *Doze Pares de França*, arranjavam a Virgem Maria Rosa e onde chefes como Francisco Alonso e Adeodato mantinham uma ferrea disciplina, a ponto de mandarem passar pelas armas quem se desavinha com elles (geralmente por causa de partilhas de saques) como aconteceu com o celebre bandoleiro Venuto.

*

Em correrias pelo sertão, de Lages a Canoinhas, de Papanduva ao Rio Caçador, grupos de duzentos e trezentos bandoleiros assaltavam as fazendas e os vilarejos, matando, incendiando e saqueando. Perseguidos, tomavam invariavelmente o caminho do reducto de Santa Maria, onde apresentariam depois a derradeira e desesperada resistencia. Desta maneira, extenso era o terreno da lucta, quando assumio o commando da Região o General Setembrino de Carvalho. Tendo procurado comprehender as causas da guerra e penetrado fundo na questão, o General Setembrino manteve alem de tudo uma orientação elevada, procurando chamar á razão os elementos transviados. A sua primeira idéa foi impôr a paz pelo exgotamento dos recursos dos jagunços, estabelecendo um cerco completo da area da guerra e exercendo intensa vigilancia, afim de evitar a passagem de recursos bellicos para os bandoleiros. Por toda a região conflagrada fez distribuir, fartamente, appellos para que depuzessem os fanaticos as armas. Infelizmente, tão nobres propositos não abalaram o animo sertanejo e mistér foi dar inicio á

phase decisiva da campanha, organizando o cerco e destruindo os ajuntamentos perigosos.

Removidas as primeiras difficuldades, quaes fossem a falta de tropas, de officiaes, o estabelecimento de armazens de campanha, para o aprovisionamento das forças, e o de hospitaes, para o rapido soccorro dos feridos, o Commandante da Região dispôz as tropas de maneira a formâr um quadrado que incluia toda a região, distribuindo-as nas quatro linhas sob os commandos dos Coroneis Onofre Ribeiro (ao norte), Eduardo Socrates (a oeste), Julio Cezar da Silva, (a leste) e Estillac Leal (ao sul). A esse tempo, já haviam chegado a União da Victoria os aviadores Ricardo Kirk e Darioli, com 4 aparelhos, afim de auxiliar a expedição, no reconhecimento dos reductos. Infelizmente, antes que pudessem prestar o-esperado auxilio, em fevereiro de 1915, Kirk tombava, perecendo tragicamente.

Antes da acção conjuncta de todas as tropas (411), a columna do norte foi por algum tempo chamada

(411) Quando se julgaram completos os preparativos para a acção conjuncta das tropas, era a seguinte a distribuição das mesmas:

Linha norte: 56.º B. C. (Major F. Medeiros), 12.º B. C. (Major Faria), 6.º B. C. (major Gameiro), 14.º R. C., um esquadrão (Capm. Itacoatiara), 1 secção de artilharia de montanha (Tte. Alzir); 1 companhia de Engenharia, 1 pelotão de trem, civis de Pedro Ruivo e dos irmãos Pacheco, bem como os commandado pelo Cel. Fabricio Vieira;

Linha Oeste: 51º B. C., com 1 secção de metralhadoras, 16.º de I (Cpm. Adalberto de Menezes), 14º B. I. (Capm. Celso Sarmento), 57.º B. C. (Tte. Cel. Cassiano Assis, depois Capm. Nestor Passos), contingente do 8.º R. (Capm. Cataldi) dito do 11.º R., 1 esquadrão do 9.º R. C., 120 soldados do 5.º R. I., algumas secções de metralhadoras nos batalhões de Caçadores;

Linha sul: 54.º B. C. (Major Valgas Neves) e 58.º B. C. (Cel. Estillac) e um destacamento de cavallaria (Major

“Columna Movel” e teve varios encontros com os jagunços. Em todas as linhas, aliás, os fanaticos começaram a hostilizar as tropas, numa tentativa de rompimento do cerco, sendo apenas um tanto poupada a linha de oeste.

Na linha norte, cuja concentração era em Canoinhas, os jagunços passaram a realizar arremetidas nocturnas com irritante frequencia. Bonifacio Papudo era o organizador dos assaltos e tinha o grosso da sua gente na baixada do Rio Paciencia; mais para leste, estavam Tavares e Allemãozinho, nos contrafortes da serra do Itajahy; e na serra dos Vieiras, Aleixo interceptava a passagem para os reductos do Tamanduá, Caçador e Santa Maria, impondo severa disciplina á sua gente, indo os castigos impostos do *rabo de tatú* ao fuzilamento. A Columna Movel pretendeu attingir Colonia Vieira mas não passou alem de Salceiro, que occupou depois de pequena resistencia dos fanaticos. Posteriormente recuou, não só devido ao serio ataque dos bandoleiros que cercaram por cincoenta minutos o acampamento de vivissimo fogo, como tambem em vista de um manifesto que a officialidade fez chegar ás mãos do commandante da columna, demonstrando o sacrificio inutil da occupação de Colonia. (412) Recolhida a Canoinhas soffreu os ataques continuados

Leovigildo de Paiva) policiaes catharinenses e depois os civis de Fabricio Vieira;

Linha Leste: 28.º, 29.º, 30.º Bts. do 10.º R. I., 43.º B. 1 bateria de artilharia, Policia do Paraná e civis do Cel. Bley Netto.

(Demerval Peixoto — Op. Cit. — Notas obtidas de Herculano de Assumpção — Op. cit.).

(412) Demerval Peixoto — Op. cit.

dos jagunços, todas as noites, quasi, até que o Capitão Tertuliano Potyguara, que havia pedido a sua incorporação nas forças que operavam no Contestado, chegando ali, rebelou-se contra a situação e, commandando um ataque ao reducto da Piedade, proximo, destruiu-o e incendiou-o. Já então se dedicavam os bandoleiros a praticas horrorosas, taes como o empalamento dos pobres soldados que pilhavam. Continuando a sua acção, em janeiro de 1915, estendeu-se mais alem e, cumprindo ordens, atacou a columna do norte os reductos de Santo Antonio e Timbózinho, destruindo na sua passagem varios pequenos reductos secundarios disseminados como guardas-avangadas pelo caminho. O assalto dirigido com segurança foi coroado de pleno exito, soffrendo os jagunços perdas sensiveis, debandando em seguida.

A oeste, a séde da columna era União da Victoria, onde a mesma foi baptizada de Columna Bailarina pela frequencia das reuniões dansantes. (413) Poucas vezes, como já se disse, se apresentaram ali os fanaticos. O 51.º Batalhão acampara em São João e, em dezembro, um grupo de fanaticos chegou até perto do acampamento. Um ataque jagunço foi dirigido por Alonso sobre a Colonia do Rio das Antas, registrando-se as mesmas scenas de morte e saque que caracterizavam a acção bandoleira, embora os moradores do local houvessem repellido com vantagem os assaltantes. Devendo guarnecer toda a linha de União da Victoria a Marcelino Ramos, muitos pontos desta zona ficaram desguarnecidos e, posteriormente, muitas unidades foram tiradas della para reforçar outras li-

(413) Demerval Peixoto — Op. cit.

nhas. Assim, o 51.º e o 57.º Batalhões, que passaram para a linha sul, o 16.º para o norte e o 14.º também para o sul, por ocasião do ataque a Santa Maria. (414)



A leste, a linha se estenderia da cidade de Rio Negro por Itahyopolis, Papanduva, Serra do Espigão, Serra do Mirador, passando por Lageadinho, Encruzilhada, Corisco (Santa Cecilia) e Curitybanos, ou de Itahyopolis ao Rio do Sul, por Moema. Em Iracema ficára o 43.º de Infantaria; o 28.º Batalhão de Caçadores em Itahyopolis e na Estiva; o 30.º em Moema e a Policia do Paraná em Papanduva. Quartel em Rio Negro. Posteriormente, a linha toda deslocou-se, apertando o sitio, indo localizar-se o grosso da columna em Colonia Vieira.

Papanduva era também um dos lugares escolhidos pelos jagunços para frequentes ataques. Tinham elles, em toda esta linha de leste, chefes reputados: Tavares, Allemãozinho, Aleixo, Josephino e Marcello.

Justamente por esta epoca, fins de 1914, deu-se uma troca de correspondencia entre Antonio Tavares e o Major Taurino de Rezende, parecendo, por momentos, viaveis as negociações em torno de uma deposição de armas pela gente do ex-Promotor de Canoi-

(414) Pela primeira organização dada pelo Gal. Setembrino as linhas a oeste deveriam ficar constituídas por União da Victoria, com o 5.º B. C., Legrú, com o mesmo corpo, São João, com o 14.º B. Calmon, com o 53.º B. C., Caçador, com o 16.º B. Herval e Ponte sobre o Uruguay com o 57.º B.; ao norte, Rio Negro, com o 28.º, Canoinhas com o 29.º, Barreiros com o 56.º, Poço Preto com o 30.º :— (Demerval Peixoto — Op. cit. Vol. II).

nhas. Uma entrevista mesmo chegou a se realizar entre o militar e o caudilho. Mas, resultaram infructíferas as tentativas, em virtude das exigencias de Tavares que, entre outras, queria ver resolvido o litigio entre Paraná e Santa Catharina, com a execução das sentenças. Passaram-se, assim, os ultimos mezes de 1914 e iniciou-se o anno de 1915, em que se verificaria a acção decisiva das tropas. Setembrino havia estado em Rio Negro e Itahyopolis, inspecionando os trabalhos, visitou Canoinhas e finalmente se installou em União da Victoria, afim de pessoalmente dirigir a acção conjuncta das forças.

Afinal, quando já se approximava o momento decisivo da acção, ante a demonstração de força feita, Tavares abandonou o seu reducto e conseguiu fugir.

Duzentos jagunços entregam ás forças de leste as suas armas. Aleixo, por sua vez, dissolve o seu acampamento em Colonia Vieira, rumando para Santa Maria. Assim desimpedida a linha, a columna do Coronel Julio Cezar poude concentrar-se em Papanduva e em janeiro marchar para Colonia Vieira, afim de desalojar os bandoleiros dos seus principaes reductos, que eram, ahí, em numero de dois. O ajuntamento de Marcello foi tomado de surpresa em fevereiro, perdendo os jagunços 80 homens entre mortos e feridos e 113 feitos prisioneiros. O de Josephino não poude ser tomado de surpresa, mas foi tambem occupado pela columna, apezar da resistencia offerecida.

*

Ao sul, a acção dos bandoleiros se fizéra sentir nos Municipios de Lages e Curitybanos. Esta villa foi assaltada a 26 de setembro de 1914, sendo commandados

os jagunços por Agostinho Saraiva Perez, vulgo Castelhana, é por outros chefes conhecidos: Paulino Pereira, Chico Ventura e os irmãos Sampaio. Não poudella offerecer resistencia aos bandoleiros que a invadiram aos gritos, vivando João e José Maria e dando *murras* ao Cel. Albuquerque. As autoridades tiveram que fugir, apressadas, ante o ataque.

Pouco depois, as principaes edificações da villa ardião ao fogo ateadado pelos assaltantes, sendo os archivos espalhados pelas ruas. Os poucos moradores que ficaram na localidade soffreram vexames do bando.

Um assalto premeditado a Corisco não se realizou.

Em Lages, a população sentia-se ameaçada pela horda. A Policia Catharinense tinha um contingente neste municipio que tambem se via assolado pela ousadia de Castelhana, que conseguiu dominar Restinga Secca, Canôas e Capão Alto. Campo Bello foi incendiado. Finalmente, em Capão Alto, a Policia de Santa Catharina conseguiu bater o grupo, sem todavia poder dispersal-o. Para a cidade serrana seguiu, então, um contingente do 54.º Batalhão de Caçadores, sob o comando do Capitão Vieira da Rosa. Em successivos *raids* conseguiu este expellir do Municipio os fanaticos, tendo Castelhana sido morto num encontro.

O 58.º Batalhão de Caçadores, destacado do Rio, depois de penosa viagem conseguiu attingir Curitybanos, tendo passado por Blumenau, Rio do Sul e Trombudo. Installou-se naquella villa, então, o quartel da linha sul. O contingente de cavallaria solicitado, a mando do Major Leovigildo Paiva, estacionou em Campos Novos e depois avançou para o norte a reunir-se á tropa restante. Os piquetes de cavallaria realizaram tambem algumas batidas e tiveram algumas escaramuças com os jagunços nos Campos da Guarda Mór e das

Perdizes. A' aproximação dos soldados do 58.º, os fanaticos que infestavam Curitybanos e operavam nas suas proximidades passaram para as margens do rio das Correntes, atacando fazendas localizadas nas suas proximidades.

*

O cerco foi assim ficando cada vez mais apertado, em torno dos ultimos baluartes fanaticos. O campo de acção ia-se restringindo cada vez mais e os bandoleiros aninhavam-se no fundo do valle de Santa Maria, onde apresentariam desesperada resistencia.

Todavia, os propositos humanitarios do Gal. Setembrino não haviam ainda desaparecido e as esperanças reviveram, por algum tempo, de se pôr fim á lucta sem sacrificio de vidas. Novos appellos foram feitos e asseguradas garantias de vida e de bom acolhimento aos que se dispuzessem a depôr as armas. Com a quêda ou entrega do reducto de Tavares, com a apresentação de Allemãozinho ás autoridades, seguindo logo de Bonifacio Papudó e de Carneirinho, pareceu que as probabilidades de paz haviam augmentado.

Em Canoinhas, 243 familias se apresentaram, sahidas dos reductos; em Lages, a Valgas Neves, 528 pessoas procuraram o amparo das tropas, deixando os aldeamentos. (415) Em outras zonas, igualmente, os fanaticos expontaneamente se apresentaram aos officiaes do Exercito, sendo recebidos com brandura, e o Governo do Estado começou a providenciar para que os nucleos agricolas recebessem os sertanejos. Entretanto, lógo se aperceberam as autoridades de que, como em

(415) Demerval Peixoto, Op. cit. Vol. II.

Canudos, a maioria dos que se apresentavam eram elementos imprestáveis para a lucta, velhos, invalidos, mulheres e creanças. Repetia-se a expertise jagunça. O elemento fanatico alijava a carga pesada dos imprestáveis, o peso morto dos acampamentos, entregando-a á benevolencia da tropa, enquanto os elementos validos e combativos se concentravam para a derradeira resistencia.

*

Santa Maria foi a cidade santa do sertão, em que os ultimos fanaticos esperavam ver resuscitar os Monges João e José Maria, para conduzil-os, depois do desbaratamento das forças do Governo, ao imperio prometido.

A nova Jerusalem fôra fundada no meio da' matta, no fundo do valle, cercada de desfiladeiros e precipicios e foi considerada pelos fanaticos, devido aos seus recursos de defesa natural, inexpugnável. Para o norte o aldeamento principal se desdobrava em pequenos aldeamentos, sub-reductos, collocados como guardas avançadas. Pelo sul, uma unica estrada dava entrada ao reducto, serpenteando pelo valle, debruada de precipicios e de grotas profundas.

Cinco mil fanaticos habitavam-na, abrigando-se em uma infinidade de casebres e, fôra as guardas que guarneciam a estrada e os desfiladeiros, alem dos postos avançados, viviam os demais entregues ás suas praticas religiosas e aos misteres do culto. Ao centro da aldeia levantava-se a igreja. Commandava agora a turba o terrivel Adeodato — Joaquim Adeodato, ou Adeodato Manoel de Ramos — valente e feroz, cercado de outros chefes que haviam para elle perdido a

notoriedade. A sua autoridade era grande. O bandoleiro era temido e obedecido sem discussão. Confiava elle no exito da sua gente, certo de desbaratar mais uma vez a *fraqueza* do governo.

*

A columna sul, a 7 de fevereiro de 1915, marchou ao encontro dos fanaticos de Santa Maria, desdobrando-se em tres grupos e, a 8, já entrava em contacto com elles, trocando as primeiras balas. Avançando sempre, debaixo de crepitante fogo inimigo, o grupo da esquerda proseguio numa custosa marcha, vencendo as asperezas do terreno, apesar das baixas que soffria.

Não obstante julgarem os commandantes dos 57.º e 58.º Batalhões de Caçadores, que haviam procedido a um reconhecimento, insuperaveis as difficuldades do terreno, não querem os militares abandonar aquelle que haviam ganho com tantas baixas. Prosegue o tiroteio e a fuzilaria fanatica não descansa um só instante. Varios officiaes caem mortos, outros feridos e apenas tres se mantêm á frente da tropa, Nestor Passos, Estevam Lins e Souza Brito, dos quaes os dois primeiros já apresentavam leves ferimentos. (416)

O Coronel Estillac Leal, commandante da columna sul, que pessoalmente dirigia o ataque, em vista das baixas, das difficuldades da serra e do adeantado da hora, não desejando sujeitar a tropa ás hostilidades dos fanaticos durante uma noite inteira, determinou a retirada para o lugar Tapera Granemann. O destacamento da direita, commandado pelo Major Cyriaco, soffreu tambem neste dia serios revezes, perdendo en-

tre os mortos um official e, estando numa posição insustentavel, recolheu-se tambem á Tapera, quando o Cel. Estillac já havia dado esta ordem de recuar. As perdas totaes desse dia foram de 70 homens, entre mortos e feridos, o que bem demonstra a furia do ataque.

Depois deste primeiro encontro, a Columna sul estacionou na Tapera Granemann, sem todavia ficar inactiva. Varios reconhecimentos foram feitos e a cavallaria teve o ensejo de prestar optimos serviços. A columna foi então reforçada por um grupo de artilharia de montanha e a ella já estava prestando inestimavel auxilio o Coronel Fabricio Vieira, velho guerreiro da região, que possuia um grupo de civis perfeitamente disciplinados. Esta gente de Fabricio Vieira, á qual presta um dos chronistas da campanha merecida homenagem, (417) havia tomado a denominação de *59.º de Caçadores*. (417-A)

*

Em março, o Commandante da columna sul inicia o seu segundo ataque ao reduto santo. A artilharia foi collocada em lugar de difficil acesso, mas nada pode realizar de util, pois canhões e munições estavam já em máo estado (418). Foi substituida por um obuz que, por tres horas, procurou preparar o campo para a acção da infantaria. Conta o chronista da expedição que os fanaticos se conservavam despreoccupados, pois a artilharia não funcionara com exito e não lhes causava damno. Havia grande actividade no re-

(417) Herculano de Assumpção — Idem.

(417-A) E' sabido que os batalhões de Caçadores do Exercito iam apenas até o numero 58.

(418) Herculano de Assumpção — Idem.

ducto e a igreja era o ponto de convergencia da turba. Para ella se dirigia um grande numero de fieis. Dali a momentos, uma procissão sae da pequenina igreja com grande acompanhamento. Justamente neste instante o obuz havia sido assestado. A scena que se passa, então, é indescriptivel, pelo horror. Ao primeiro tiro, o chão se enche de cadaveres e o pateo do reducto transborda de fugitivos. A procissão se recolhe ás pressas e os fieis procuram refugio dentro do pequenino templo. E o obuz continua a semear pavor e morte. Já agora respondem os jagunços. O ponto mais visado é o em que está a artilharia. Alguns casebres do aldeamento já estão em fogo e o crepitar das balas repete-se pelas quebradas da serra, no echo amplificador do secco rumor. O obuz finalmente é retirado da sua posição, pois a jagunçada obstinava-se em atacar o ponto em que estava a peça. Fabricio Vieira, com seus homens, opera um reconhecimento e é recebido á bala em todos os pontos, partindo os projecteis de dentro das grotas e do fundo das mattas. Os jagunços, conhecedores do terreno, operavam neste momento um envolvimento da columna com o intuito de massacral-a á noite, que se approximava. A columna retrocede.

*

Fabricio Vieira procura então o Coronel Estillac Leal e com a sinceridade rude do sertanejo faz-lhe ver a impossibilidade de a columna attingir o reducto pelo caminho do sul, defendido como estava elle pela natureza. A propria estrada que dava entrada ao aldeamento era de facil defesa: uma duzia de homens, habilmente dissimulados, conteria um batalhão por mais

bravos que fossem os seus soldados. E pede permissão para ir a União da Victoria, declarar de viva voz ao General Setembrino o que vira e o que pensava. Aliás, esta opinião de Fabricio Vieira já havia muito fôra expendida pelo allemão Walter Schmidt, agrimensor, e grande conhecedor da região, que fôra incorporada á columna sul como cartographo.

*

Dias depois, reunia o General Setembrino de Carvalho os chefes das quatro columnas no seu Quartel General. Ficou combinado um ataque simultaneo, que realizariam as tres columnas, do nôrte, do sul e de leste, ficando a quarta, de oeste, de vigilancia para não deixar passar qualquer bando fugitivo do reducto para a outra margem da Estrada de Ferro.

Estabelecidas as bases do ataque, recolheram-se os chefes ás respectivas tropas e iniciaram os preparativos para o assalto.

Ao sul, demoraram-se os trabalhos de limpeza da matta, abertura de picadas e outros preparativos do terreno, afim de poder melhor hostilizar o inimigo. Estes trabalhos, realizados pelos militares e pelos componentes civis do 59.^o Batalhão, foram feitos sob as balas jagunças, sendo por vezes necessaria a intervenção da tropa para garantir os trabalhadores.

Ao norte, preparou-se uma columna de 600 homens, cujo commando foi entregue ao Capitão Tertuliano Potyguara e a leste uma outra que com a primeira deveria fazer junção na localidade de Chico Mello, donde partiriam sobre Santa Maria.

*

A 31 de março, os obuzes da columna sul iniciam a sua acção, castigando severamente o reducto. A infantaria, disposta na matta, combate os jagunços com vigor. O destacamento de leste attinge o ponto combinado para a reunião com a tropa do norte. Mas Potyguara não chegára ali, com a sua columna.

A marcha desta columna então torna-se epica.

Potyguara inflecte e toma o rumo do Tamanduá e procura chegar a Santa Maria sem o reforço da columna de leste, que ainda o esperava em Chico Mello. Vencendo 114 kilometros, por caminhos invios, afastando todos os obstaculos, destroçando ajuntamentos e batendo galhardamente 400 homens que o esperavam no Timbó Grande, Potyguara em marcha forçada rumo para o sul. A moral da sua tropa é esplendida e, conservando-a, com valentia e arrojo atira-se sobre os jagunços. O entrevero é formidavel. Aos facões matutos oppõe as suas baionetas e carregando fortemente toma o reducto de Aleixo, já no valle de Santa Maria, a 2 de abril. Incendiados 902 casebres e uma igreja do reducto, bivaca dentro delle para um descanso rapidissimo, pois no dia seguinte reenceta a sua marcha, hostilizando e hostilizado. A's 15 horas, de 3 de abril, está sobre o aldeamento de Santa Maria, que não resiste ao vigor do seu ataque e cae.

Os caboclos, entretanto, espalham-se pelo matto e Potyguara vio-se sitiado. A noite que passa dentro do reducto é pavorosa, pois os jagunços conservaram vivo fogo contra a força do bravo capitão. Os facões brilham em torno do Hospital de sangue installado dentro do reducto, perto da igreja, defendendo valentemente os soldados a sua posição. Vendo-se cercado, com grande numero de feridos e mortos, na possibili-

dade de pagar muito caro a sua ousadia. pois tambem não podia retomar caminho de volta, o Capitão Potyguara escreve um bilhete ao Coronel Estillac:

“Estou aqui neste inferno, depois de 10 dias de marchas horrorosas, sendo 8 de combate dia e noite, peço-te que avances com a maxima urgencia afim de me auxiliar no resto da nossa espinhosa missão. Tenho grande numero de feridos e já tenho enterrado officiaes e praças. Espero-te com urgencia afim de não perder mais gente, pois estou com a tropa em preparativo de ataque. Calculo hoje em uns 80 ou 100 jagunços pois temos mortos uns 358 e feridos em grande numero, ficando todos os reductos reduzidos a cinzas. Espero-te hoje sem falta, embora á noite, pois ella é melhor para se viajar. Recado do amigo Potyguara”. (419).

Em verdade, a força do Capitão Potyguara, que com tanta bravura se portára, estava exausta. Os viveres rareavam e a munição que possuia era apenas de tres a cinco cartuchos por homem. (420).

Em poucos instantes, prepara-se a columna sul para o ataque e penetra na matta, disposta a todo o sacrificio para bater o inimigo que se postava, com duzentos homens, na chamada *guarda do Quadro*, especie de destacamento avançado na entrada sul de Santa Maria, defendendo o desfiladeiro. Mas, com surpresa, esta guarda não estava mais no local, pois se movimentára para hostilizar, com os demais jagunços, a força da columna norte que se achava no reducto. Apenas, de dentro do matto, cerrado tiroteio partia contra a força do Cel. Estillac. Ás 15 e meia horas, entravam as forças do sul no reducto, fazendo a junção com a gente de Potyguara.

(419) Idem.

(420) Idem.

O entusiasmo da tropa é grande. Os vivas se repetem, os bravos se abraçam. Apenas o jagunço, emboscado, atirava ainda, em supremo desespero.

*

E o incendio começou a destruir a ultima cidade santa.

Os fanaticos accusavam grande numero de baixas e não puderam mais oppôr ao fogo das metralhadoras a sua fuzilaria, dispersando-se então. (421).

Era, todavia, impossivel a sua perseguição dentro da floresta.

Potyguara teve 61 mortos na sua columna, elevando-se o numero de feridos a 81.

*

De Santa Maria como dos outros reductos nada mais restava. Estava finda a guerra dos fanaticos.

O escoamento das tropas fez-se aos poucos e iniciou-se a phase puramente policial, para impedir novos ajuntamentos. Forças do Exercito e da Policia dos dois Estados do Paraná e Santa Catharina foram distribuidas pela região e iniciaram a dispersão dos pequenos grupos remanescentes, já exgotados e impotentes. Custou a campanha aos cofres da Nação a importancia de 2.999:849\$745. — (422) O que custou em vidas uteis e prestimosas não tem conta. Sacrificou

(421) Calcula-se que tenham soffrido 600 baixas entre homens e mulheres. (Herculano de Assumpção — Op. cit.).

(422) Cléto da Silva — Apontamentos Historicos sobre União da Victoria.

ali o Exército um sem numero de bravos, bem como as Policias de Santa Catharina e Paraná.

Quanto á infeliz população sertaneja, fanatizada e opprimida, ignorante e abandonada, caro pagou a sua bellicosidade e o numero das suas victimas jamais será sabido.

*

Os chefes jagunços haviam desaparecido. Muitos encontraram a morte nos combates. Outros deixaram a zona, procurando outras paragens. O ultimo chefe de prestigio, Adeodato, foi preso e conduzido para a Cadeia de Florianopolis, onde, mais tarde, ao tentar fugir, foi morto a tiros.

Dispostos os sertanejos, depois da sua guerra, a aceitar a tutela do Governo, aos chefes militares apresentaram-se muitas familias e aquelles procuraram dar-lhes melhor destino. (423).

*

Em 1916, a zona toda poderia considerar-se pacificada. Restavam lucto e cinzas. E o exemplo terrivel, que já déra Canudos, aos responsaveis pelos destinos da nacionalidade.

(423) A Vieira da Rosa, Capitão do Exército (hoje General reformado) apresentaram-se 1.143 fanaticos; Euclydes de Castro, da Policia Catharinense, capturou mais de 1.300. — Herculano de Assumpção — Op. cit.

X

ULTIMAS CAMPANHAS

Das ultimas campanhas, de 1922, 1923, 1926 e 1930, apenas esta ultima determinou um movimento geral, que interessou a quasi totalidade das populações do Estado. As demais circumscreveram-se a limitadas zonas, passando sob a quasi indiferença do povo catharinense.

*

Em 1922, o capitão reformado do Exercito Antonio Bastos Paes Leme, com 40 homens armados, atacou o quartel de uma companhia isolada da Força Publica do Estado, acantonada em Porto União.

Ao commandante da referida companhia foi enderegado um *ultimatum* para que se rendesse com a sua força, deixando o armamento e a munição de que dispunha no referido quartel, onde os revoltosos tomariam conta dos mesmos.

Tendo o dito commandante respondido á intimação accitando a lucta (424), foi o quartel tiroteado por hora e meia, na madrugada de 22 de abril. No mesmo

(424) Mensagem Presidencial de 1922.

dia tomavam os rebeldes conta da Estação Ferroviaria, cujo agente solicitou garantias ao Governo. A acção conjuncta dos Chefes de Policia dos Estados de Santa Catharina e Paraná não chegou a se fazer sentir, no emprego das medidas coercitivas combinadas, pois á tarde do mesmo dia, por intervenção dos moradores das cidades visinhas, Porto da União e União da Victoria, (425) dispersou-se o grupo revolucionario, não logrando assim maior repercussão o movimento.

*

Em 1923, com a revolução havida no Rio Grande do Sul, muita gente immigrou installando-se na região serrana. Pouco tempo depois o Cel. Elizario Paim, commandante de um corpo de provisórios rio-grandenses, passou a fronteira catharinense, organizando um acampamento nas proximidades do Irany.

Tomando conhecimento do occorrido, o Governo do Estado, que havia dado ordens para desarmar todos os grupos revolucionarios que demandassem o Estado, não poderia consentir que uma força armada, embora do governo legal de outro Estado, penetrasse em territorio que havia acolhido tantos fugitivos. Determinou, então, a partida de duas companhias da Força Publica para o local. Mas o Cel. Paim já havia levantado o seu acampamento, de retorno ao Rio Grande. Como os *passos* sobre o Uruguay estavam todos vigiados pelos revoltosos, dirigio-se a tropa para o Municipio de Campos Novos, afim de transpor o *passo* do Pelotas. Seguido sempre pela Força Publica do Estado, a pe-

(425) Cléto da Silva — Apontamentos Historicos sobre União da Victoria.

quena distancia, conseguiu o Cel. Paim voltar ao seu Estado sem qualquer embaraço. (426)

*

Em 1924, com a revolução em São Paulo, para este Estado seguiram as forças do Exército aquarteladas em Santa Catharina: — os 13.º e 14.º Batalhões de Caçadores, que têm a sua séde respectivamente em Joinville e na Capital, e a 9.ª Companhia de Metralhadoras Pesadas, com séde em Blumenau. A Força Publica creou o seu 2.º Batalhão, que seguiu sob o commando do Major Lopes Vieira para São Paulo e, no Contestado, o Cel. Passos Maia reuniu um batalhão, de 500 provisórios, denominado “Marechal Bormann”.

Por esse tempo, o Cel. Fabricio Vieira declarou-se favoravel aos revolucionarios, atacando a fazenda de Virgilio Antunes, com a sua gente, dirigindo-se dahi (Campos Novos) para Campo Bello (Lages). Para esta ultima cidade foi então enviada uma companhia do 14.º B. C. de Florianopolis, commandada pelo Major Valgas Neves, ao mesmo tempo que, com o assentimento do Governo estadual, o Cel. Firmino Paim Filho penetrou no Estado, afim de perseguir o pequeno grupo revolucionario. Ante as forças que foram em sua perseguição, o grupo revolucionario dispersou-se. Tempos depois, o extremo occidental do Estado foi atravessado pela columna Prestes, que marchou de Mondahy (Porto Feliz) para Barracão, seguido pelas forças do Cel. Claudino Nunes e pelas do Cel. Paim. (427).

(426) Mensagem Presidencial de 1923.

(427) Mensagem Presidencial de 1925.

*

Maior embaraço causaram as forças de Leonel Rocha, que invadiram o Estado, em novembro de 1926. Entrando pelo Pepery-Guassú, vindo da Argentina, a 5 daquelle mez, Leonel Rocha chegou a Mondahy a 7, tomando rumo de Palmas, no Paraná, atravez do Municipio de Chapecó. Com a sua columna já bastante augmentada, a 1.º de dezembro, voltava ao Estado, attingindo successivamente Ouro Verde, Curitybanos, Campos Novos, Lages e São Joaquim, occupando a villa deste nome em dezembro, a 24, sempre perseguida pelas tropas do Cel. Eliziario Paim. Em Campos Novos, quando pretendia penetrar na villa, foi repellido em combate verificado a 12, tendo algumas baixas nas suas forças. No Municipio de São Joaquim feriu-se um combate, no morro do Cedro, sendo a columna Leonel desbaratada e tendo deixado em poder dos legaes armamento, munição e cavallada. Nesta occasião foram presos varios officiaes revolucionarios, que foram transportados para Florianopolis e depois para a Capital da Republica.

Leonel Rocha pretendeu ainda, com o resto da sua força, attingir Bom Retiro, no que foi obstado por um contingente da Força Publica do Estado, tomando então rumo da fronteira argentina, exilando-se novamente.

Tomaram parte nesta campanha, de reduzidas consequencias, contingentes do 13.º, 14.º Batalhões de Caçadores, do 5.º Regimento de Infantaria, de Curityba, a 9.ª Companhia de Metralhadoras, a Força Publica Catharinense e o 2.º Batalhão da Policia Paulista. (428)

*

Depois destes pequenos surtos revolucionarios, como já se disse, sem maior repercussão na vida do Estado, interessando reduzido numero de populações e não encontrando echo na vida do Estado, feriu-se em 1930 a revolução que modificaria o ambiente politico do paiz.

A campanha politica que antecedeu a revolução de 1930 foi preparada pelo chefe alliancista Dr. Nereu Ramos e seus partidarios, que conseguiram obter significativa votação nas eleições de março.

O ambiente era de apprehensões, como em todo o paiz, mas, em verdade, não se acreditava em Santa Catharina na victoria de um movimento revolucionario. Ascendera, não fazia muito, ao posto de Governador o deputado Fulvio Aducci, que fôra Secretario Geral do Estado no governo Felipe Schmidt. A atmospheria em torno do novo Governador era de sympathica expectativa, si bem que os anseios por uma éra de regeneração politica fossem geraes.

Mas, temia-se uma revolução. Em todas as que se verificaram no sul do Brasil, e que interessaram o Estado, este, até então, havia sido victima não só dos desregramentos das tropas (como em 1839 e 1893, sendo que desta se guardava ainda triste recordação) como ainda das subseqüentes perseguições politicas originarias de incontida paixão partidaria de alguns elementos.

A noticia da invasão do Estado por tres columnas vindas do sul, dois dias depois da explosão do movimento no Rio Grande, deixou apprehensiva a popula-

ção. Com effeito, a 5 de outubro davam entrada em terras catharinenses as primeiras columnas. Pelo centro, em direcção a Porto-União, fortes contingentes subiam pela via ferrea, tendo prendido o pequeno destacamento da Força Publica ali localizado. Em Lages, uma outra columna sob o commando dos Ceis. Aristiliano Ramos e Octacilio Fernandes engrossava, ao mesmo tempo que uma tereceira força, commandada pelo Major Camillo Diogo e Capitão Trifino Correia, attingia Araranguá, pondo-se em marcha pelo litoral. No dia 4, em Porto União, revoltara-se o 13.º Batalhão de Caçadores, tendo como chefes do movimento o Capitão Caldas Braga e os Ttes. Silvino Castor da Nobrega e o Dr. Paula Soares, medico militar, sendo então presos o commandante daquella unidade e varios officiaes do mesmo corpo, dois da policia catharinense e alguns politicos. Na mesma noite foi constituido um comité revolucionario que tomou a si a direcção da cidade.

A 6 de outubro, chegava a Porto União o General Miguel Costa, procedente do sul, recebendo grandes ovações populares, e passa, então, em revista as tropas, constituidas do 13.º Batalhão e de voluntarios patriotas.

Nesse mesmo dia, seguia já para Vallões o primeiro contingente revolucionario, composto de voluntarios commandados por José Augusto Gumy, e, no dia seguinte, chegava áquella cidade o 5.º batalhão de Engenharia, que se occupava na construcção da estrada de rodagem de São João a Barracão.

O 13.º Batalhão de Caçadores movimentou-se com destino á linha São Francisco.

Ao mesmo tempo que intenso movimento de tropas se verificava em Porto União, com destino á fron-

teira paulista, chegava a Florianopolis o General Nepomuceno Costa, nomeado commandante da 5.^a Região Militar e das forças legaes. Tendo o Paraná inteiro adherido ao movimento revolucionario, no primeiro momento da lucta, e installado logo governo revolucionario, na sua Capital, não poude o Gal. Nepomuceno Costa dirigir-se para a séde da Região, em Curityba, attingindo então Florianopolis, onde já foi encontrar uma divisão de torpedeiras commandadas pelo Almirante Belfort de Mattos. Tratou o mesmo General de organizar a resistencia e destacou uma columna, que tomou o nome de destacamento Noël, composta de uma companhia do 14.^o Batalhão de Caçadores, uma de Fuzileiros Navaes e outra da Força Publica, para guarnecer Joinville. A 9 de outubro, chegou ao seu destino este destacamento, sendo enviado para as estradas que dão entrada na cidade. Pela Estrada da Serra, de São Bento, vinha descendo já uma columna revoltosa, commandada pelo Capitão Milton Loyola, com a qual o destacamento legal engajou combate na tarde de 10, fazendo recuar a columna revolucionaria até o Km. 29 da referida estrada. Ao mesmo tempo, o 13.^o B. C. procurava ganhar a cidade pela estrada de rodagem que liga Joinville a Jaraguá, por ter sido damnificada a ponte da Estrada de Ferro.

Em a noite de 10, no lugar denominado Baumer, entroncamento de tres estradas, ferio-se o combate entre aquelle Batalhão e forças da Policia e do Corpo de Fuzileiros Navaes, tendo estas recuado para Joinville, depois do encontro.

Temendo ver cortada a sua retaguarda, a força do 14.^o B. C. recua tambem, tendo os destacamentos revolucionarios se aproximado cautelosamente da cidade. Pela Estrada de Ferro, que então já dava livre

transito, chegou o grosso da força, que logo tomou conta do quartel do 13.º e se distribuiu pela cidade. Houve pequenos tiroteios nas ruas da cidade, dos quaes resultaram alguns feridos e dois mortos. Occupada a cidade e abandonada a mesma pelas autoridades legaes, entendimento entre os militares revolucionarios e seus camaradas deu como resultado a adhesão á causa do contingente do 14.º B. C. Andavam ainda espalhados pela cidade os fuzileiros navaes, que ignoravam a tomada da praça. Afim de evitar combates inuteis, empenharam-se então em procural-os, sendo que numa das praças da cidade, por um mal entendido, verificou-se um tiroteio do qual sahiram mortos alguns soldados do dito Corpo e do 13.º B. C., alem de regular numero de feridos. Na tarde de 11, Joinville estava inteiramente pacificada, os feridos recolhidos aos Hospitaes e os elementos que não quizeram adherir, presos no quartel do 13.º B. C., donde foram posteriormente removidos para Curityba. Um destroyer que estacionava em São Francisco, levando foragidos de Joinville, levantou ferros e dirigio-se para o porto da Capital.

Pela São Paulo-Rio Grande era grande a movimentação das forças em todas as linhas.

Para a fronteira paulista innumerous trens conduziam forças do Exercito e provisórias, vindas do Rio Grande, que atravessavam o Estado sem qualquer obstaculo. De Jaraguá dirige-se para Blumenau uma columna que, a 13, installava naquella cidade o primeiro Governo Revolucionario do Estado, entregue ao Cel. Arnold Marques Mancebo.

Ao sul, a columna revolucionaria continuava marchando, inscrevendo no seu effectivo regular numero de patriotas e grande numero de desoccupados que encontravam assim emprego de momento, aliás como em

todas as linhas em que se organizavam batalhões patrióticos, desta ou daquela côr partidaria, no Estado.

O Gal. Nepomuceno, quasi sem forças, continuava em Florianopolis. Mandára guarnecer a garganta da Serra de Annitapolis e tambem destacar forças do 14.º B. C. para Tijucas, mas estas logo seguiram os seus companheiros, que em Joinville se haviam alliado ás forças revolucionarias.

Na garganta de Annitapolis ferio-se um serio combate, depois de uma fracassada tentativa de desembarque em Imbituba, pelas forças legaes, onde tambem se combateu. Ali, forças civis e milicianos da Força Publica, commandadas por Romão Mira Araujo, da Policia Catharinense, e pelo Cel. Caetano Costa, offereceram resistencia á vanguarda revolucionaria, cedendo por fim. Ia assim a legalidade perdendo terreno, fracassando as resistencias de Joinville e de Annitapolis, alem do desembarque em Imbituba, para conter o avanço revoltoso. O Estado estava virtualmente em mãos dos revoltosos. Desguarneciam-se já alguns pontos, para a ida das tropas para outras frentes, porque não poderia mais o governo legal recuperar o terreno perdido. De Joinville partio o 13.º, ficando a cidade entregue a uma guarda municipal, depois de rapido estacionamento de um batalhão patriótico do Paraná, composto de moços estudantes e empregados no commercio.

De Blumenau partiram tambem os contingentes.

Restava, assim, Florianopolis.

Retiradas as taboas do leito da Ponte Hercilio Luz, guarnecida a sua cabeceira do lado da Ilha por uma bateria de artilharia de costa e por reduzidos ele-

mentos da Força Publica, alem dos reservistas convocados, a velha cidade de Dias Velho era o ultimo baluarte da legalidade no Estado, resistindo á pressão das forças revolucionarias já acampadas no Sapé, no continente fronteiro.

E resistio até que o Presidente Washington Luis fosse levado para o forte de Copacabana. Foi-lhe a ultima cidade fiel, só se entregando quando não mais existia a legalidade, victoriosa a revolução em todo o paiz.

A esquadilha de torpedeiras, todas as tardes, bombardeava com as suas granadas as tropas revolucionarias estacionadas no Estreito. Pouco ou nenhum mal lhes fizeram, mas innumerous foram os predios do vilarejo damnificados pela metralha.

A 16 de outubro, o Sr. Getulio Vargas chegava a Porto-União, seguindo no mesmo dia para Ponta Grossa, no Paraná.

*

Oswaldo Aranha, quando já era quasi certa a victoria revolucionaria, telegraphou ao Presidente Aducci, pondo-o ao corrente da situação do paiz, inteiramente dominado pelas forças revolucionarias, querendo com isto evitar a continuação de uma resistencia que poderia vir a custar o sacrificio de innumerous vidas. O Governador catharinense, entretanto, respondeu que não deixaria o Governo emquanto tivesse recursos para resistir.

A 23, chegava ainda a Florianopolis uma força de patriotas, ao que se diz, elemento recolhido dentre os

pióres do Rio de Janeiro, para o proseguimento da resistencia.

A 24, chegava a noticia da deposição do Presidente Washington Luis.

Verifica-se o natural reboiço destas occasiões. O Gal. Nepomuceno Costa ainda pretendeu resistir, mas á inutilidade deste reforço se oppõem Fulvio Aducci, Adolpho Konder e o Cel. Lopes Vieira (429), commandante da Policia Estadual. Começam então os preparativos para a retirada. Ao Palacio, é chamado o General reformado Acastro de Campos, que já havia assumido, em substituição ao General Nepomuceno, o commando da Região, para que assumisse tambem o cargo de Governador, até que os revolucionarios tomassem conta do mesmo. Insiste o Gal. Acastro pela permanencia do Governador Aducci, garantindo que seria respeitado pelos que chegariam como representantes do governo revolucionario. Mas nada convence o Governador de Santa Catharina e dá-se então a transmissão da posse, compondo-se uma Junta Provisoria formada dos Generaes Acastro de Campos e Octavio Valgas Neves e Capitão de Mar e Guerra Henrique Melchiades Cavalcanti (430).

Horas mais tarde, partia para a Capital do paiz o navio que conduzia as autoridades catharimenses que o novo regimen viéra depôr, comboiado pela divisão de torpedeiras, que tambem déra por finda a sua missão.

Foi restabelecido o leito da ponte e as tropas revolucionarias occuparam Florianopolis, tendo assumi-

(429) Mimoso Roiz — A derrocada dos Konder.

(430) Album do Centenario da Força Publica de Santa Catharina (1935).

do o Governo o General Ptolomeu de Assis Brasil, mais tarde nomeado Interventor Federal no Estado.

* * *

Povo generoso, bom e trabalhador, pacifico e timido, o catharinense, que viveu todas estas paginas que integram a Historia da Patria, espera confiante a grandeza da sua terra, dentro da communhão brasileira, com o animo feliz dos que trabalham por ella, vivem e soffrem com ella, amando-a, servindo-a; honrando-a.

* * *

CONSULTAS E REFERENCIAS

A

- ADOLF RINGWALD — Das Gebiet des Ex-Contestado
- ADOLPHO KONDER — Mensagens Presidenciaes de 1927 e 1928
- ALCIDES LIMA — Historia Popular do Rio Grande do Sul.
- ALFREDO DE CARVALHO — Uma visita a S. Catharina em 1803-1804 — in Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Catharina.
- ALTINO FLORES E ARY TOLENTINO — Anuario Barriga-Verde, 1921.
- ANGELO DOURADO — Voluntarios do Martyrio.
- ANNITA GARIBALDI — Garibaldi na America.
- AURELIO PORTO — Laguna, conferencia.
- AYRES CAZAL (PE.) — A Provincia de Santa Catharina, in Chorographia Brasilica (Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Catharina).

B

- BAPTISTA PEREIRA — Vultos e Episodios do Brasil.
- BASILIO MAGALHÃES — Expansão Geographica do Brasil Colonial.
- Os Bandeirantes em S. Catharina, in Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Catharina.

- BORGES FORTES (Gal.) — A frota de João de Magalhães, in
Rev. Do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul.
— Povoamento Inicial do Rio Grande, idem
BULCÃO VIANNA — Mensagem Presidencial, 1926.

C

- C. DE MELLO LEITÃO — Visitantes do Primeiro Imperio.
CARLOS PEREIRA — Um capitulo da expansão bandeirante,
in Annaes do Museu Paulista, Tomo IV.
— As viagens de Christovam Jacques, in *Razão de S.*
Francisco, abril de 1922.
CLÉTO DA SIVA — Apontamentos Historicos sobre União da
Victoria.
— O Accordo Paraná-Santa Catharina ou O Contestado
deante das Carabinas.
CRISPIM MIRA — Terra Catharinense.
— Confraternização Republicana.
— Tres pontos de Historia Catharinense, in *Republica*.

D

- DAVID CARNEIRO — O Cerco da Lapa e os seus heróes.
DEMÉIVAL PEIXOTO — A Campanha do Contestado.

E

- EDUARDO SCHWARTZ — O Municipio de Joinville.
EPAMINONDAS VILLALBA — A Revolta da Armada.
E. ROQUETTE PINTO — Rondonia.
ERICH SCHILD — Die Kolonie Porto Feliz.
EUCLYDES DA CUNHA — Sertões.

F

- FERREIRA DA SILVA — Fritz Muller.
— O Dr. Blumenau.
— O Pe. Jaccobs.
— Colonização do Valle do Itajahy.
FULVIO ADUCCI — O Carvão Nacional.

G

- GAMA ROSA — A Republica Juliana — O Combate da Laguna, in Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Catharina.
 GERMANO HASSLÖCHER — A verdade sobre a Revolução.

H

- HASDRUBAL BELLEGARD — A nossa navegação fuvial, in Cincoentenario da E. de Ferro do Paraná.
 HENRIQUE BOITEUX (Alm.) — Elogio do Cons. Manoel José de Souza França.
 — José Henriques, in Rev. Catharinense.
 — José de Jesus, idem.
 — São Francisco em 1503, in Rev. Catharinense.
 — Historia Catharinense — Episodios — in Rev. Catharinense.
 — Annita Garibaldi, a heroína brasileira, idem.
 — Republica Catharinense — Documentos do Archivo pessoal, in Rev. Catharinense.
 — Reminiscencia Historica, in *Republica*.
 HENRIQUE CARLOS BOITEUX (Cel.) — Nova Trento.
 HENRIQUE FONTES — Manoel Manso de Avelar, in Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Catharina.
 HERACLYTO C. RIBEIRO — Hercilio Luz, discurso.
 — Memoria sobre o Municipio de Joinville.
 HERCILIO LUZ — Mensagens Presidenciaes de 1920, 1921 e 1923.
 HERCULANO T. DE ASSUMPÇÃO — A Campanha do Contestado.
 HERMANN VON IHERING — A Ilha dos Patos in *Republica*.

J

- JACINTHO A. DE MATTOS — Colonização do Estado de S. Catharina.
 JACOMO VICENZI — Uma viagem a S. Catharina em 1902.
 JAYME VIEIRA E JUVENTINO LINHARES — Anuario de Itajahy.

- J. E. GARCEZ PALHA — A Republica Juliana — Entrada da esquadra na villa da Laguna, in Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Catharina.
- J. F. DE ALMEIDA PRADO — Primeiros Povoadores do Brasil.
- JOSÉ ARTHUR BOITEUX — Santa Catharina nos Tempos d'El Rei, Nosso Senhor.
- Diccionario Historico e Geographico do E. S. Catharina
 - A Imprensa Catharinense.
 - Notas Historicas, Informações sobre a pretensão de Salvador Correia de Sá e Benevides, Rev. Catharinense.
 - Arcas de um barriga-verde
 - Partidos Politicos em S. Catharina.
 - Antonio Menezes de Vasconcellos Drummond em S. Catharina.
- JOSÉ BERNARDINO BORMANN (Gal.) — Dias Fratricidas.
- JOSÉ BONIFACIO CALDEIRA DE ANDRADE — Memorias. A Rep. Catharinense e o Municipio de São José, in Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Catharina.
- JOSÉ DEEKE — Erste Anfänge der Kolonization in S. Catharina.
- Die Intensivere Deutsche Kolonization in S. Catharina.
- JOSÉ GONÇALVES DOS SANTOS SILVA — As leis em conflicto com o direito de occupação e conquista ou a Provincia de S. Catharina em seos confins com a Provincia do Paraná.
- JOSÉ JOHANNY — A Republica Catharinense, in Rev. Catharinense.
- JOAQUIM GOMES DE OLIVEIRA PAIVA — Noticia Geral da Provincia de S. Catharina.
- JOAQUIM THIAGO DA FONSECA — Almanach de Santa Catharina, 1910.

L

- LAERCIO CALDEIRA — Voluntarios da Patria.
- LUCAS A. BOITEUX — Os Captivos de Caboto, in *Republica*, julho 1920.
- Matrona Varonil, idem, setembro 1920.
 - As cebolas do merceeiro, setembro de 1920

- A primeira entrada, agosto de 1920
 - Os Patriarchas dos Carijós, Rev. Trim. I. H. Geogr. S. Cath.
 - Sebastião Caboto, idem.
 - João Dias de Solis, idem.
 - A pesca da baleia, idem.
 - Notas para a Historia Catharinense.
 - Pequena Historia Catharinense.
 - Historia de Santa Catharina, resumo didactico.
- LUIGI MARZANO (Pe.) — Coloni e Missionari italiani nelle foreste del Brasile.
- LUIZ GUALBERTO — Denominação de Santa Catharina, in *Republica*, julho 1920.

M

- MANOEL DA SILVA MAFRA — Exposição historico-juridica
- MANOEL JOAQUIM DE ALMEIDA COELHO — Memoria Historica da Prov. de S. Catharina.
- Memoria historica do Extincto Regimento de Infantaria de Linha da Prov. de Santa Catharina.
- MANOEL DO NASCIMENTO DA FONSECA GALVÃO — Apontamentos Historicos sobre a Laguna.
- MARCOS KONDER — O Municipio de Itajahy.
- O dia do colono.
 - Pequena Patria.
 - Lauro Muller, discurso.
- MIMOSO ROIZ — A derrocada dos Konder.

N

- NORBERTO BACHMANN — Da influencia reciproca das linguas portugueza e allemã.

O

- OLIVEIRA VIANNA — Populações Meridionaes do Brasil.
- Evolução do Povo Brasileiro.
- OTHON D'EÇA — ...Aos Hespanhóes confinantes.

P

- PANDIÁ CALOGERAS — Formação Historica do Brasil.
 PAULO JOSÉ MIGUEL DE BRITO — Memoria Política sobre a Capitania de Santa Catharina.
 PEDRO CALMON — Historia da Civilização Brasileira.
 — Espirito da Sociedade Colonial.
 PEREIRA E OLIVEIRA — Mensagens Presidenciaes (1924 e 1925)

R

- RAULINO HORN — Mensagem Presidencial, 1922.
 ROCHA POMBO — Historia do Brasil.
 RODOLPHO BAPTISTA DE ARAUJO — Notas Historicas, in Rev. Catharinense.
 ROMARIO MARTINS — Documentos comprobatorios dos direitos do Paraná.
 R. SOUTHEY — Historia do Brasil.

S

- SAINT-HILAIRE (A.) — Viagem ao Paraná, trad. de David Carneiro.
 — Viagem a S. Catharina, trad. de Carlos C. Pereira.
 SETEMBRINO DE CARVALHO — Relatorio sobre a Campanha do Contestado.

T

- TOBIAS BECKER — Os farrapos em Santa Catharina, in Rev. Catharinense.

V

- VIRGILIO VARZEA — Santa Catharina — A Ilha.
 — Governadores e Presidentes — O Mal. Soares de Andréa, Barão de Caçapava, in Rev. Trim. do I. Hist. e Geogr. S. Cath.
 — Garibaldi e sua acção no Brasil, idem.

VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO — Resumo Historico da Prov. de S. Catharina, in Rev. Catharinense.

W

WALFRIDO PILOTTO — A tragedia do Km. 65.

WENCESLAU ESCOBAR — Apontamentos para a historia da Revolução de 1893.

WOLFGANG AMMON — Chronica de S. Bento, trad. de Elly Herkenhoff.

SEM DESIGNAÇÃO DE AUTOR

Notas de Um Revoltoso.

Republica Catharinense, Documentos para a sua Historia, in Rev. Catharinense.

O fim da Republica Catharinense, in Rev. Catharinense.
Almanach da Força Publica de Santa Catharina (publ. official).

Conclusões approvadas pelo Congresso das Municipalidades (publ. official).

Santa Catharina, Inquerito Economico (publ. official).
Colonização do Sahy — Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. S. Catharina.

Historia da Revolta de 6 de setembro — publicada no "Commercio de S. Paulo.

Santa Catharina no Passado — Rev. Trim. do Inst. e Geogr. de S. Catharina.

DEPOIMENTOS PESSOAES

Contra-Almirante Francisco Agostinho de Souza e Mello.

Dr. Ulysses Alves Gerson da Costa.

Cel. Cid Gonzaga.

★ Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Graphica da "Revista dos Tribunaes", á Rua Xavier de Toledo, 72, São Paulo — Brasil, para a Companhia Editora Nacional, Rua dos Gusmões, 118, em junho de 1937.



Ilust. O bispo Fr. Fernando Trejo y Sanabria

Retrato existente en el Salón de Grados

*(Oferta do Reitor da Universidade de
Cordoba Dr. S. Novillo Corvalán)*

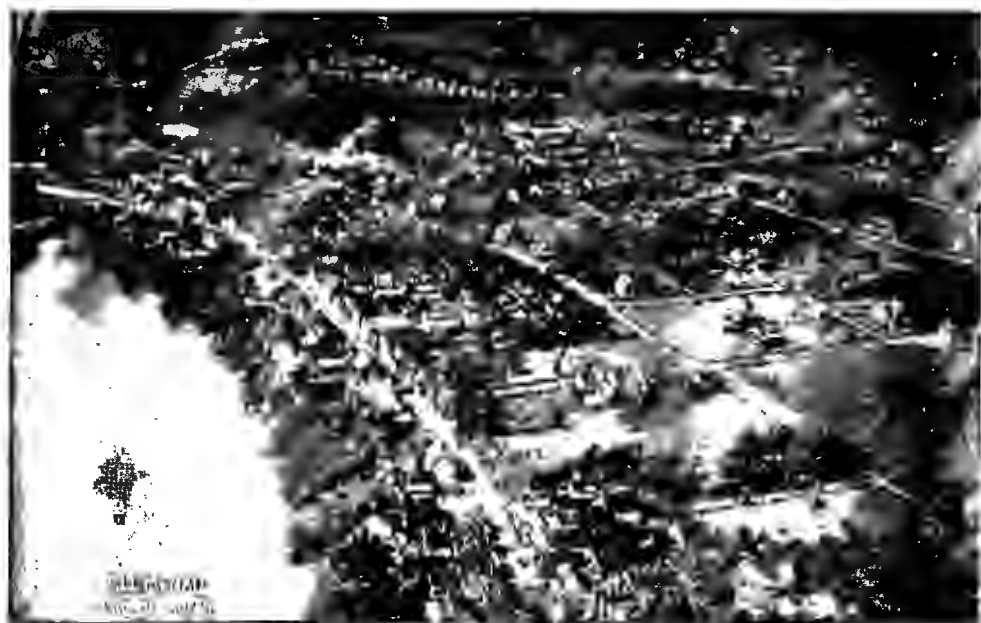


Hermann Blumenau, na época em que
chegou ao Brasil.

*(Do livro de J. Ferreira da
Silva — "O Dr. Blumenau")*



São Francisco



Blumenau



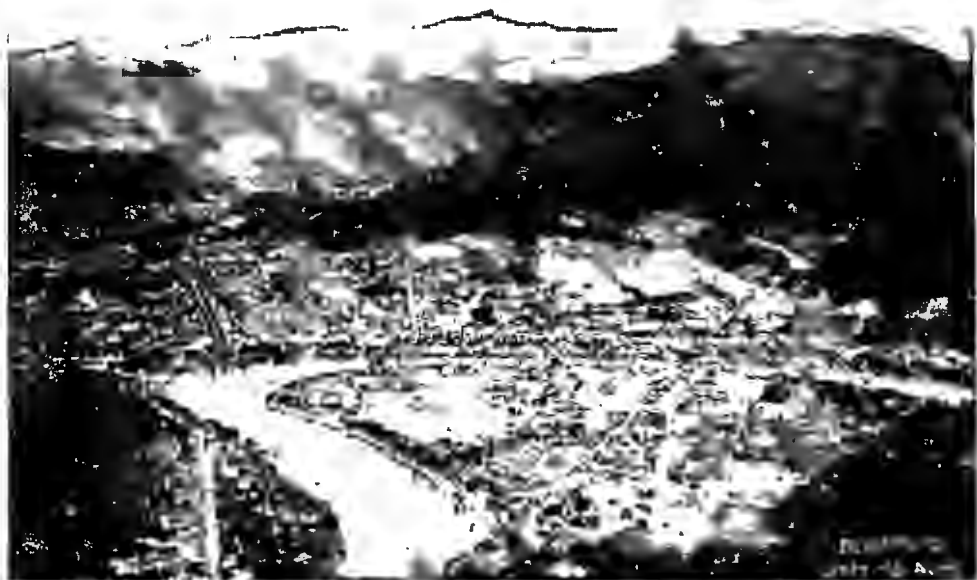
São Bento



Mafra



Sto. João Maria, o Monge



Bluménau